Associação Brasileira de Orientação Profissional e de Carreira

TEORIA DA CONSTRUÇÃO DE CARREIRA:

RETRATOS DE VIDA DE APEGO, ADAPTABILIDADE E IDENTIDADE

Mark L. Savickas

Tradução

Cláudia Sampaio Corrêa da Silva

Maria Célia Pacheco Lassance

Maria Eduarda Duarte

Apoio

Editoração

David Raksa Pradel

Mariana de Vaz Ambrósio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Savickas, Mark L.
Teoria da construção de carreira [livro eletrônico] : retratos de vida de apego, adaptabilidade e identidade / Mark L. Savickas ; [tradução Cláudia Sampaio Corrêa da Silva, Maria Célia Pacheco Lassance, Maria Eduarda Duarte]. -- Porto Alegre, RS : Ed. do Autor, 2023.
PDF

Título original: Career construction theory
ISBN 978-65-00-79983-5

1. Carreira profissional - Desenvolvido 2. Orientação profissional 3. Profissões - Desenvolvimento 4. Projeto de vida 5. Psicologia I. Título.

23-171554 CDD-158.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Orientação profissional : Psicologia aplicada 158.6

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Dedicatória

Este livro é dedicado ao professor Alan P. Bell (1932 – 2002) que inspirou o estudo e me ensinou a usar seu método de retrato da vida nele. Um clínico astuto e professor célebre, o Dr. Bell foi professor emérito de Aconselhamento e Psicologia Educacional na Universidade de Indiana, onde também atuou por 12 anos como psicólogo pesquisador sênior e vice-presidente do Alfred C. Kinsey Institute for Sex Research. Em 1981, publicou o estudo inovador do Kinsey Institute sugerindo que a orientação sexual entre pessoas do mesmo sexo é uma predisposição com base biológica e não influenciada por experiências traumáticas durante a infância. Mil entrevistas com duração de cinco horas o levaram a essa conclusão e, no devido tempo, o levaram a desenvolver a técnica de retrato da vida baseada em entrevistas em profundidade, quase clínicas, que permitem aos pesquisadores ver não apenas as árvores mas também suas raízes.

Tomei conhecimento do trabalho do professor Bell (1969, 1970) lendo sua tese de doutorado e as publicações que se seguiram sobre a importância dos modelos no desenvolvimento vocacional. Sua pesquisa influenciou fortemente meu pensamento sobre a construção de carreira. Passei a acreditar que a escolha de um modelo é a primeira decisão de carreira de um indivíduo.

Anos depois, encontrei o professor Bell, que me ensinou seu método de retratos da vida e como aplicá-lo às quatro biografias deste livro. Os retratos de vidas do professor Bell como obras de arte me influenciaram na adoção da expressão "life design" para denotar diálogos de construção de carreira nos quais os orientadores ajudam os clientes a construir seu próprio retrato de vida. Continuo grato ao professor Bell pelos importantes conselhos e feedback sobre os rascunhos dos capítulos que descreviam os primeiros anos nos retratos de vida dos participantes.

Finalmente, admiro e respeito os quatro homens que corajosamente compartilharam suas histórias de carreira. Durante décadas, suas biografias serviram como meu laboratório de aprendizagem. Eles me ensinaram como transformar o sofrimento passivo em domínio ativo, me apresentaram o papel fundamental dos esquemas de apego, me mostraram como usar técnicas projetivas no aconselhamento da construção de carreira e muito mais. E, é claro, sou eternamente grato pelo amor e apoio de minha esposa, Mary Ann Savickas, que ofereceu insights e incentivo durante as décadas em que escrevi e revisei repetidamente este livro.

Mark L. Savickas

Índice

INTRODUÇÃO 13
CAPÍTULO UM: Teoria da Construção de Carreira 15
CAPÍTULO DOIS: Métodos de estudo de caso da Construção de Carreira 57
CAPÍTULO TRÊS: O impulso de um Desbravador 70
CAPÍTULO QUATRO: As obrigações de um Guardião 112
CAPÍTULO CINCO: As aventuras de um Buscador 161
CAPÍTULO SEIS: A inquietação de um Andarilho 203
CAPÍTULO SETE: Uma Perspectiva Conjunta dos Estudos de Caso 248
REFERÊNCIAS 271
Anexo A 286
Anexo B 292
Glossário de termos-chave 296

Apresentação da tradução

Sete capítulos, uma introdução, dois anexos e um glossário de termos-chave, e a dedicatória com que Mark Savickas abre este notável livro, tudo foi traduzido para a língua portuguesa, ou melhor, quase tudo, porque é impossível traduzir "a alma" de uma obra que foi escrita e re-escrita durante décadas, que procura em cada palavra, em cada frase o aprimorar da escrita e a seriedade e rigor com que apresenta o estudo longitudinal das carreiras de quatro indíviduos desde a nona série até à aposentadoria. E o leitor poderá perguntar se valeu a pena este imenso e difícil trabalho que é agora apresentado. Julgo que sim. Também, porque, na versão original, este é um dos livros mais significativos dos últimos vinte anos escritos do dominio das carreiras; trata-se de um livro dedicado à descoberta e disseminação do conhecimento no domínio do aconselhamento; é uma obra que eleva o Indivíduo e a necessidade de entender a natureza das escolhas que ele enfrenta (afinal, uma escolha é sempre uma escolha); uma peça de ciência que realça a responsabilidade partilhada e aumenta a capacidade individual da nossa própria compreensão e daquilo que nos rodeia; trata-se de um livro que salienta que o indivíduo deve ser considerado não como um sujeito passivo, mas sim como um participante activo no processo; e, muito importante, universaliza a oportunidade de formação em aconselhamneto (a par com o manual e os anexos); um livro que tem "no meio do coração" o discurso, seja ele escrito ou falado. Mas não são as palavras, ou as histórias, mas sim a actividade de gerar e disseminar o conhecimento; é um livro escrito por Mark Savickas, onde perpassa na dedicatória e no comentário final o seu genuíno poder de fazer e de confortar, e as palavras iniciais e finais deste livro mostram-nos, claramente, que afinal, todos os finais também são começos e vice-versa.

De um outro lado, aparentemente fora dos contornos do trabalho de traduzir, mas, seguramente, dentro da dimensão da divulgação do trabalho científico para falantes do português e pouco literatos em língua inglesa é também relevante esta tradução.

Tudo começou pela grande genorosidade de Mark Savickas: tudo, mas tudo, foi trabalho realizado sem quaisquer interesses comerciais ou económicos para todos, mas todos, os envolvidos na tradução, na edição e na publicação *on line*, sob os auspícios da ABOP, que o fizeram, quase que diria como forma de reconhecimento: Mark Savickas acedeu de imediato "patrocinar" a tradução, abrindo todos os cami-

nhos para a construção desta obra agora mais disponível, e sem quaisquer custos. Deve-se-lhe uma palavra de agradecimento. A outra palavra de agradecimento tem que ser para a ABOP, para a direção cessante e para a actual, que de imediato disponibilizaram o *site* para a divulgação da obra. E, sem palavras para se conseguir agradecer, fica o reconhecimento pelo trabalho "gigante" de tradução realizado pela Maria Célia Lassance e pela Cláudia Sampaio: atrevo-me a afirmar que esta tradução só poderia ser feita por muito poucos, ou melhor, só poderia ser feita por ambas: profundas conhecedoras da obra de Mark Savickas, entendidas na ciência da psicologia, envolvidas na "arte" do aconselhamento e nas teorias de construção, Maria Célia Lassance e Cláudia Sampaio passam a ser, também elas, autoras da própria construção deste livro: julgo que todos os que vão consultar, ler ou estudar este trabalho lhes devem uma palavra de agradecimento e de reconhecimento.

Pela minha parte, admito publicamente o seguinte: esta foi uma das tarefas mais gratificantes de revisão que fiz ao longo da minha carreira, uma tarefa que me ensinou o verdadeiro significado de diálogos, aquela relação dialógica entre o agente e o autor, a perspectiva de nos colocarmos no lugar do Outro e aprender; ao longo de dois longos anos de tradução e aperfeiçoamento, quer do ponto de vista técnico-cientifico, quer do outro lado da procura de adequação aos contextos e conceitos utilizados em falantes da nossa língua, e, por que não!, das risadas que fomos dando, desbravando semelhanças e diferenças fossem elas semânticas, fonéticas, de significado, enfim... espero que o leitor se divirta tanto e aprenda tanto com este trabalho quanto nós o fizemos.

Também o leitor pode discordar de algumas traduções adoptadas, e está no seu direito. Poderá ser crítíco e até contundente na avaliação global ou especifica, e está no seu direito. Mas, é certo, não terá o direito de não entender o quão grande foi este exercício de humildade, o imenso "trabalho interior", intangível e autocontrolado, que foi necessário na investigação eterna da verdade na tradução, mesmo sabendo que ela é transitória; enfim, a solidão do tradutor e da sua liberdade, na procura da congruência enquanto modelo.

Desde o Capítulo 1, a Apresentação da Teoria de Construção de Carreira, que abre caminho para a problemática dos Métodos de estudo de caso da Construção de Carreira (cap. 2), permitindo assim o fundamental enquadramento teórico e metodológico para a compreensão e análise dos Retratos de vida de quatro

"contadores das suas histórias de carreira", para depois chegar à "cereja no topo do bolo" com a perspectiva colectiva e abrangente dos casos apresentados. Em todo o processo de tradução se foi atentando ao estilo, rigor e acutilância do autor, com o respeito devido. Casos houve em que não foi possível seguir "à letra" as expressões ou fraseamentos, e, nesses casos, as tradutoras optaram por redigir notas de rodapé explicativas.

E julgo que nada melhor para terminar esta apresentação da tradução do que "usurpar" a escrita final de Mark Savickas (no original, p. 268): "Encorajo os leitores que preferem uma visão diferente das carreiras a analisar os retratos da perspectiva de teoremas e conceitos diferentes. Considerar os retratos de vida de múltiplas perspectivas pode levar a um melhor entendimento de várias teorias de carreira e suas interrelações".

Esta tradução foi feita também com este propósito.

Maria Eduarda Duarte

Lisboa, 8 de Março 2023

INTRODUÇÃO

A Teoria da Construção de Carreira explica os processos interpretativos e interpessoais pelos quais os indivíduos organizam suas disposições comportamentais, impõem direção ao seu comportamento vocacional e dão sentido ao seu desenvolvimento vocacional. O objetivo deste livro é apresentar uma exposição atualizada da teoria e demonstrar sua aplicação em um estudo longitudinal das carreiras de quatro homens. Utiliza-se os estudos de caso para fins expositivos e didáticos; não para validar, mas para ilustrar, explicar e demonstrar teoremas na Teoria da Construção de Carreira.

O primeiro capítulo apresenta uma explicação definitiva da teoria. Além de expor a teoria em termos de três premissas e quarenta e cinco proposições, o primeiro capítulo explica a metateoria fundamental da teoria. O restante do livro relata os resultados de um estudo de caso múltiplo concentrado em como quatro homens construíram suas carreiras desde o nono ano até a aposentadoria. No segundo capítulo, exponho a base racional para o estudo, juntamente com seus métodos e materiais.

Cada um dos quatro capítulos seguintes apresenta um estudo de caso que examina a autoconstrução e a construção de carreira de um participante a partir da perspectiva da Teoria da Construção de Carreira. O relato dos quatro estudos de caso começa cada um com um "retrato de vida" que relata um esboço de personagem de um participante, baseando-se em suas próprias declarações para ilustração sempre que apropriado. Após cada retrato de vida, a segunda metade do capítulo considera a construção da carreira do participante a partir das perspectivas de sua experiência como ator social que se auto-organiza, agente motivado que se autorregula e autor autobiográfico que se autoconcebe (cf., McAdams, 2013).

Ao ler os estudos de caso da perspectiva da Teoria da Construção de Carreira, reconheça como o participante usou seu (a) *esquema de apego* para organizar e manter uma *disposição de personalidade*; (b) *esquema de autorregulação* para orientar uma *estratégia de adaptabilidade* para estabelecer e perseguir metas; e (c) *esquema reflexivo* para conceber *uma identidade vocacional* e compor uma história de carreira.

No primeiro estudo de caso, o esquema de apego seguro de Robert e a orientação extrovertida e de aceitação de normas para relacionamentos e regras, o dispuseram a se concentrar nas necessidades de desenvolvimento e autorrealização. Ele usou um esquema motivacional híbrido focado em metas de promoção e prevenção para regular uma estratégia de adaptação integrativa que, no devido tempo, moldou um esquema reflexivo autônomo (cf., Archer, 2012) e uma estratégia de identidade vocacional como Desbravador (cf., Josselson, 2017). No segundo estudo de caso, o esquema de apego ansioso-ambivalente de William e a orientação introvertida e de aceitação de normas para relacionamentos e regras o dispuseram a se concentrar nas necessidades de segurança e proteção. Ele usou um esquema motivacional focado na prevenção para regular uma estratégia de defesa adaptativa que, no devido tempo, moldou um esquema reflexivo comunicativo e uma estratégia de identidade vocacional como Guardião. No terceiro estudo de caso, o esquema de apego ansioso-evitativo de Paul e a orientação extrovertida e questionadora de normas para relacionamentos e regras o dispuseram a se concentrar no movimento e na aventura. Ele usou um esquema motivacional focado na promoção para regular uma estratégia de ajustamento defensivo que, no devido tempo, moldou um esquema meta-reflexivo e uma estratégia de identidade vocacional como Buscador. E no quarto estudo de caso, o esquema de apego desorganizado de Fred e a orientação introvertida e de questionamento de normas para relacionamentos e regras o dispuseram a permanecer desengajado e desanimado. Sua falta de foco motivacional produziu dificuldades de autorregulação e adaptabilidade que, no devido tempo, moldaram um esquema reflexivo fragmentado e uma identidade vocacional difusa como Andarilho.

No capítulo final, trago uma perspectiva coletiva dos quatro casos para revisitar os conceitos e teoremas da Teoria da Construção de Carreira. Considerei a coleção de quatro estudos de caso como um grupo para entender melhor a trajetória de carreira que cada participante representou e para refinar a interpretação dos processos de construção de carreira e padrões construídos. Uma lista de referências aparece após o capítulo final, seguida do Anexo A que resume as premissas e proposições da Teoria da Construção de Carreira e o Anexo B que descreve os inventários e testes psicométricos utilizados no estudo. O livro termina com um glossário de termos-chave.

CAPÍTULO UM

Teoria da Construção de Carreira

A Teoria da Construção de Careira explica os processos interpretativos e interpessoais por meio dos quais os indivíduos se organizam, impõem direcionamento ao seu comportamento vocacional e dão sentido às suas carreiras. De acordo com a teoria, os indivíduos constroem carreiras por meio da adaptação à vida social. Como agentes que atuam no e sobre o mundo, gerenciam sua motivação e se posicionam como atores sociais em atividades no papel de trabalhador* que correspondem às suas características profissionais e implementam seus autoconceitos vocacionais. Respondendo às mudanças ocasionadas pelo enfrentamento das tarefas de desenvolvimento vocacional, transições profissionais e problemas laborais, os indivíduos reflexivamente modelam e repetidamente elaboram uma história de carreira sobre suas vidas de trabalho, isto é, uma narrativa com um enredo profissional que descreve o que aconteceu e um tema de carreira que explica por que aconteceu. A cada transição, os indivíduos elaboram e revisam a história ao reposicionarem-se em uma nova atividade no papel de trabalhador.

A Teoria da Construção de Carreira (TCC; Savickas, 2002, 2013) apresenta um conjunto conectado de termos e afirmações que constituem um modo de pensar e falar sobre carreiras no século XXI. A TCC sistematiza, de maneira formal e funcional, o conhecimento sobre como os indivíduos constroem a si mesmos e as suas carreiras em contextos culturais e sociais. Para tanto, a TCC concebe as vidas de trabalho utilizando uma epistemologia construcionista social, reconhecendo que uma teoria é tanto sobre o pesquisador quanto sobre o tópico. A visão do construcionismo social do self-como-processo garante a definição de carreira como portadora de significado pessoal que define e estrutura eventos significativos em uma vida de trabalho, não como um caminho padronizado em uma organização. A partir desta perspectiva, a carreira torna-se uma história que as pessoas contam sobre suas vidas de trabalho, ao invés da escalada através de posições organizacionais em um emprego ao longo de toda a vida. Essa compreensão socialmente construída de self e carreira serve à posição epistêmica que coloca a metateoria da TCC entre as outras teorias de carreira.

---

* *"work roles" no original.*

Metateoria da Construção de Carreira

A TCC incorpora conhecimento existente sobre carreiras e seu desenvolvimento utilizando o método indutivo (Locke, 2007). A teoria funciona como um repertório interpretativo que organiza um conjunto de termos interrelacionados e ideias coerentes acerca do tema carreira. Como uma" integração empírica" (Underwood, 1957, p.290) de conhecimento existente, a TCC requer um esquema teorético explícito para estreitar o delineamento do domínio, identificar achados relevantes e apontar relações não percebidas. Para atingir esta coerência, a TCC situa, avalia e interpreta a pesquisa e a reflexão acerca do comportamento vocacional e seu desenvolvimento dentro de uma metateoria que explica a arquitetura da TCC em si mesma, daí o prefixo "meta" – uma teoria sobre uma teoria. A matriz metateórica da TCC representa uma seleção de casos especiais e não um modelo metateórico geral. A metateoria fornece uma fundamentação e um enquadramento abrangente que tanto sustenta quanto restringe a teoria.

A metateoria da TCC aborda duas questões básicas a que a teoria deve responder sobre o fenômeno da construção de carreira: Quais são os conceitos utilizados para compreender o fenômeno? E como estes conceitos funcionam e se modificam? O modelo conceitual da TCC identifica o conteúdo que constitui a construção de carreira, enquanto seu modelo de processo explica as operações mentais que organizam, operam e mantêm a construção de carreira. Tanto o modelo conceitual quanto o de processo concentram-se no self como um construto psicológico. A partir de uma perspectiva epistêmica do construcionismo, a metateoria toma o self como um conceito fundamental nas ciências sociais e do comportamento (Leary & Tangney, 2003). A TCC define o self não como uma entidade, mas como um processo mental que permite que as pessoas considerem a si mesmas como um objeto de atenção e pensem conscientemente sobre suas características, motivações e experiências à medida em que o "Eu" observa o "Mim" (James, 1982; Taylor, 1989). Os processos mentais do self evoluem em atividade à medida que o "conhecedor" internaliza os elementos "conhecidos" do mundo externo, incluindo símbolos culturais, linguagem e práticas. Por meio da conduta social, os processos mentais produzem o conteúdo que opera no self psicológico, ou seja, o material disponível para aprendizagem e desenvolvimento na sociedade (Vigotsky, 1978).

O princípio fundamental da metateoria da TCC afirma que a adaptação é a principal motivação na vida social dos indivíduos. A adaptação normalmente se move em direção aos objetivos gerais de superar adversidades e aumentar a mestria (Angyal, 1965). Mestria não é uma meta imediata, como terminar um livro, mas sim um objetivo de vida pelo qual os indivíduos se esforçam continuamente, mas que nunca estará totalmente concluído. O real conteúdo das motivações específicas na adaptação à carreira é determinado pela necessidade de mestria dos indivíduos e pelos requisitos do contexto que os estabelece. Claro que nem todo objetivo surge da necessidade de mestria ou da pressão do contexto, alguns objetivos são baseados em requisitos fisiológicos ou são perseguidos por seu próprio valor.

Para situar, articular e integrar os processos e produtos que favorecem a adaptação, a metateoria da TCC utiliza duas estruturas metateóricas existentes, baseando seu modelo de processo no *Living Systems Framework** de Ford (1987) e baseando seu modelo conceitual nos dois modos fundamentais de percepção e adaptação sociais de Bakan (1966). A metateoria da TCC interrelaciona estes dois modelos utilizando o enquadramento abrangente dos selves psicológicos de McAdams (1995).

Modelo de processo da metateoria

O modelo de processo da metateoria adota *a Living Systems Framework* (LSF) de Donald Ford para explicar como os processos de construção de carreira da TCC se formam, funcionam e se modificam. A metateoria da LSF foi aplicada inicialmente para articular várias teorias psicológicas (Ford & Ford, 1987), incluindo teorias que se concentravam em desenvolvimento (D.H. Ford & Lerner, 1992), motivação (M.E. Ford, 1992), comportamento vocacional (Vondracek, Ford & Porfeli, 2014) e orientação profissional (Vondracek & Ford, 2019a; Vondracek, Porfeli & Ford, 2019). A LSF aplicada no modelo de processo da TCC concentra-se na construção de carreira, ou seja, os processos mentais que orientam, produzem e dão sentido aos padrões e caminhos vocacionais das pessoas. Ao compreender como os indivíduos constroem suas características, motivações e experiências, a TCC destaca as funções de processamento de informação de auto-organização,

* *N. T. Trata-se de um quadro conceitual que procura compreender a organização, o funcionamento e o desenvolvimento das pessoas. Para um aprofundamento do modelo ver Ford, D. Herbert (1994). Humans as self-constructing Living systems (2ª ed.). State College, PA: Ideals.*

autorregulação e autoconcepção. Estes três processos autopoiéticos de construção do self permitem que os indivíduos lidem com incertezas e desafios de carreira, ao tentarem transformar problemas em oportunidades. Ao se defrontarem com situações novas, o ímpeto de adaptação ativa estes processos de autoconstrução de organização, regulação e concepção, para elaborar e revisar padrões vocacionais, planos profissionais e temas de carreira existentes.

Auto-organização envolve os processos mentais pelos quais os indivíduos seletivamente tornam-se conscientes, diferenciam-se e interrelacionam seus conhecimentos, competências, crenças e experiências para formar repertórios esquemáticos e estratégicos de conteúdo semelhante em contextos semelhantes (Vondracek, & Ford, 2019b). Estes repertórios auto-organizados de percepções, disposições e comportamentos fornecem uma base para a consistência do self, ou seja, a continuidade temporal nas características da personalidade vocacional do indivíduo e a regularidade das atividades nas diversas situações. A auto-organização inclui os processos de tomada de consciência de si e autoavaliação. A tomada de consciência de si permite que o indivíduo se observe e se reconheça como distinto do entorno e dos outros. Quando focalizam a atenção em si mesmos, os indivíduos conscientemente constroem suas próprias características, sentimentos, motivações e desejos, assim como formam seus autoconceitos. As autopercepções resultantes representam uma verdade subjetivamente construída, que pode ser fatual ou ficcional. A autoavaliação permite que as pessoas comparem suas características pessoais aos ideais internos e seus comportamentos aos padrões externos. Além de facilitar a formação de autoconceitos, os processos de auto-organização são instrumentais na produção de repertórios prototípicos que caracterizam os tipos vocacionais de Holland (1997) ou o que Ford denominou Padrões de Atividade de Episódios Comportamentais (Behavior Episode Activity Patterns) generalizados (Ford, 1987).

Autorregulação significa controle do self pelo self. Envolve os processos de autodirecionamento no estabelecimento de metas, autogerenciamento na condução do próprio comportamento e automonitoramento na avaliação de progresso. À medida em que a autorregulação se desenvolve, os indivíduos tornam-se cada vez mais capazes de assumir a responsabilidade primária para escolher, planejar, implementar e avaliar suas próprias experiências. Entretanto, "capaz" não significa que necessariamente se tornem cada vez mais autodeterminados e direcionados

para o interior. Eles ainda podem permitir que familiares e outras pessoas definam seus objetivos e monitorem suas ações. Em qualquer caso, os processos de autorregulação produzem estratégias de tomada de decisão, bem como o conteúdo dos valores, interesses e objetivos com os quais os indivíduos identificam caminhos, fazem planos, implementam estratégias e avaliam resultados.

Autoconcepção significa uma composição de representações simbólicas para dar sentido a si mesmo, aos papéis sociais e ao mundo. Envolve autorrepresentação para examinar pensamentos e sentimentos internos, e autocoerência para considerar o que eles significam. A autorrepresentação fornece significado simbólico que dá forma e substância às percepções, ideias e emoções. A autocoerência integra estes pensamentos e sentimentos para tornar as próprias experiências e ambições mais compreensíveis. A autoconcepção pode compor as narrativas da identidade autobiográfica. Essas narrativas da identidade, ou histórias sobre o self em papéis sociais específicos, criam significado e produzem insights sobre os propósitos de vida e temas de carreira.

A maturação e arborização dos neurônios no espessamento e afinamento cortical são funcionalmente importantes para melhorar a capacidade para os processos de autoconstrução (Fandakova, Selmeczy, Leckey, Grimm, Wendelken & Ghetti, 2017). Estes processos neurológicos previsíveis juntamente com as experiências de vida dão suporte ao desenvolvimento cognitivo e sofisticação crescente do pensamento.

Modelo de conteúdo da metateoria

A Metateoria da Construção de Carreira trata dos padrões funcionais de conteúdos produzidos pelos processos de autoconstrução separadamente dos processos em si. No decorrer do tempo, e por meio do uso repetido em determinado domínio, os processos mentais de organização, regulação e concepção formam estruturas relativamente autossustentáveis para categorizar informações e julgar situações. Estes esquemas se formam à medida em que os indivíduos reconhecem semelhanças entre as sucessivas experiências e as organizam em uma estrutura mental (Bartlett, 1932; Kelly, 1955). Os esquemas cognitivos, então, tornam-se modos habituais de processamento mental que servem como padrões conceituais generalizados para simplificar e interpretar informações complexas. Os indivíduos elaboram e revisam seus esquemas ao longo do tempo, por meio de feedback de desempenho. Como

uma maneira de pensar sobre uma dada situação que se assemelha a experiências anteriores, os indivíduos utilizam um esquema relevante ou uma interpretação anterior para focar a atenção, moldar a percepção, absorver informações novas ou fazer julgamentos. Quanto mais importantes forem as experiências anteriores para a pessoa, mais acessível será o esquema para uma situação análoga presente. Por exemplo, um esquema para pai pode ser uma teoria implícita prontamente acessível para lidar com figuras de autoridade mais tarde na vida.

Além de julgar situações sociais, as interpretações a partir do esquema cognitivo psicológico levam os indivíduos a construir estratégias de desempenho psicossocial que os conduzem em contextos particulares e papéis específicos. Assim, os esquemas fornecem uma base para a consistência através de diferentes períodos e situações que representa a personalidade, a motivação e a identidade do indivíduo. Com o tempo e a experiência, os indivíduos elaboram e revisam suas estratégias de desempenho autoconstruídas com base no feedback e nas necessidades que devem ser satisfeitas. A TCC considera as estratégias de desempenho como psicossociais, uma vez que combinam aspectos psicológicos (pensamento) e sociais (comportamento) que direcionam o funcionamento em sociedade. Na TCC, as três principais estratégias psicossociais para o funcionamento social são as disposições, a adaptabilidade e a identidade – cada uma das quais será descrita mais adiante nesse capítulo.

O modelo conceitual na metateoria da TCC postula que tanto os conteúdos dos esquemas cognitivos quanto das estratégias de desempenho são produzidos pela interação entre duas formas básicas de julgamento e adaptação ao mundo social (cf., Blatt & Levy, 2003). Os metaconceitos de agência e comunhão denotam "as duas modalidades fundamentais na existência das formas de vida" (Bakan, 1966, pp.114-115) na medida em que interagem com seus contextos. O metaconceito de agência refere-se a estar à frente de outras pessoas (Hogan, 1983), o que se pode manifestar através de motivações tais como autonomia, realização, poder e dominância. A passividade é o polo oposto de agência. O metaconceito de comunhão refere-se a conviver com outras pessoas (Hogan, 1983), manifestado através de motivos como afiliação, cooperação, nutrição e cuidado. A alienação é o polo oposto da comunhão. As modalidades adaptativas fundamentais de agência para destacar-se dos outros e de comunhão para integrar-se com os outros não estão em oposição; pode-se valorizar ambas, nenhuma, ou uma delas e não a outra. Assim, a matriz conceitual

da metateoria cruza as coordenadas da agência e comunhão em um espaço bidimensional. A Figura 1 exibe os quatro quadrantes resultantes na matriz conceitual. Um quadrante representa agência e comunhão, enquanto o quadrante diagonal representa passividade e alienação. Os dois quadrantes ambivalentes representam agência com alienação ou passividade com comunhão.

Figura 1. Matriz Conceitual metateórica de Agência e Comunhão

Este enquadramento metateórico fornece um modelo heurístico para reconhecer os esquemas cognitivos e estratégias de desempenho posteriormente desenvolvidos e empregados pelo self psicológico, cada um dos quais considerados como emergentes da matriz fundamental da individuação pela agência e integração pela comunhão. Os esquemas e estratégias específicos servem como "modelos de possibilidades", termo cunhado por Josselson (2017, p.22) para denotar narrativas dominantes com as quais os psicólogos podem compreender uma vida em desenvolvimento. Os modelos de esquemas e estratégias da TCC são adaptados de modelos pré-existentes e teorias de médio alcance bem estabelecidas, com escopo limitado, que explicam um conjunto de fenômenos e não a partir de uma grande teoria que explica todos os fenômenos (Locke, 2007). Como modelos de possibilidades, os

esquemas e estratégias da TCC chamam a atenção para e auxiliam na análise dos processos e conteúdos da construção de carreira.

Enquadramento do self para modelos metateóricos

Os modelos de processo e conteúdo na metateoria da TCC são interrelacionados e coordenados utilizando a abordagem abrangente de McAdams (2013) de três selves psicológicos diferentes. Aplicar este enquadramento abrangente sistematiza os processos de autoconstrução e os padrões construídos em relação a um self psicológico como (a) um ator social que exibe características distintas ao desempenhar atividades no papel de trabalhador, (b) um agente motivado que lança mão de necessidades internas para impor uma direção ao comportamento vocacional, e (c) um autor autobiográfico que dá sentido a histórias de carreira ao reconhecer temas que esclarecem o propósito e demonstram continuidade. Na TCC, os três processos autoconstrutivos de organizar, regular e conceber alinham-se *primariamente* com os esquemas cognitivos e as estratégias de desempenho que caracterizam cada um dos selves psicológicos. Por volta dos 18 meses, os indivíduos começam a organizar o self psicológico como um ator social, com habilidades intelectuais e características pessoais prontamente reconhecidas pelos outros em termos de reputação. Aqui, a auto-organização assume a liderança, ainda que a autorregulação e a autoconcepção ocorram, mas em formas menos elaboradas. No final da infância, a autorregulação acerca-se mais da auto-organização, quando o ator social se torna um agente motivado, que regula os objetivos educacionais-vocacionais e planeja projetos para alcançá-los. Em comparação com as características pessoais que descrevem o ator social, as motivações explicam o comportamento do ator. Durante o final da adolescência e adultez emergente, a autoconcepção toma um lugar semelhante à auto-organização e à autorregulação para produzir e manter o autor autobiográfico que compõe uma história de carreira com crescente clareza, coerência e continuidade.

Dentro de cada um dos três selves psicológicos do enquadramento de McAdams (2013), a TCC conceitua o comportamento vocacional em dois "modelos de possibilidades", a partir de teorias de médio alcance relacionadas, porém diferentes. Cada uma das três dimensões de ator, agente e autor é caracterizada por dois modelos; uma faceta dessa dimensão é o esquema cognitivo e a outra a

estratégia de desempenho. Inicialmente, a TCC vê a carreira do ator social por meio do modelo de quatro *esquemas de apego* (Bowlby, 1982). Em seguida, a TCC compreende a personalidade do ator social relacionando os quatro esquemas de apego a um modelo de quatro *estratégias disposicionais* (Gough, 1990). O termo "disposição" refere-se a características únicas e individuais internas de uma pessoa, que produzem, iniciam e orientam formas consistentes de comportamento social (Allport, 1961). Na TCC, disposição denota uma preparação, um estado de prontidão ou uma tendência a agir de uma maneira específica. Para a dimensão do agente motivado que se autorregula, a TCC utiliza quatro esquemas motivacionais de *foco regulatório* (Higgins, 1997), que moldam o conteúdo de motivações como necessidades, interesses e valores do ator social, bem como estratégias de desempenho para adaptação a tarefas de desenvolvimento, transições profissionais e problemas laborais (Savickas, 2005). Para a dimensão do autor autobiográfico que se autoconcebe, a TCC relaciona os quatro quadrantes da matriz metateórica a quatro *esquemas reflexivos* para criar narrativas de carreira (Archer, 2012), relacionados a quatro estratégias para desempenhar a identidade vocacional (Marcia, 1980; Berzonsky, 1989; Josselson, 1996). A Figura 2 apresenta um resumo dos processos de autoconstrução e do conteúdo autoconstruído em cada uma das dimensões do self psicológico.

Figura 2. Processos e Conteúdo da autoconstrução

Lider no processo de auto-construção	Conteúdo do esquema cognitivo	Conteúdo da estratégia de desempenho
Auto-organização Ator	Apego	Disposição
Autorregulação Agente	Foco motivacional	Adaptabilidade
Autoconcepção Autor	Reflexividade	Identidade

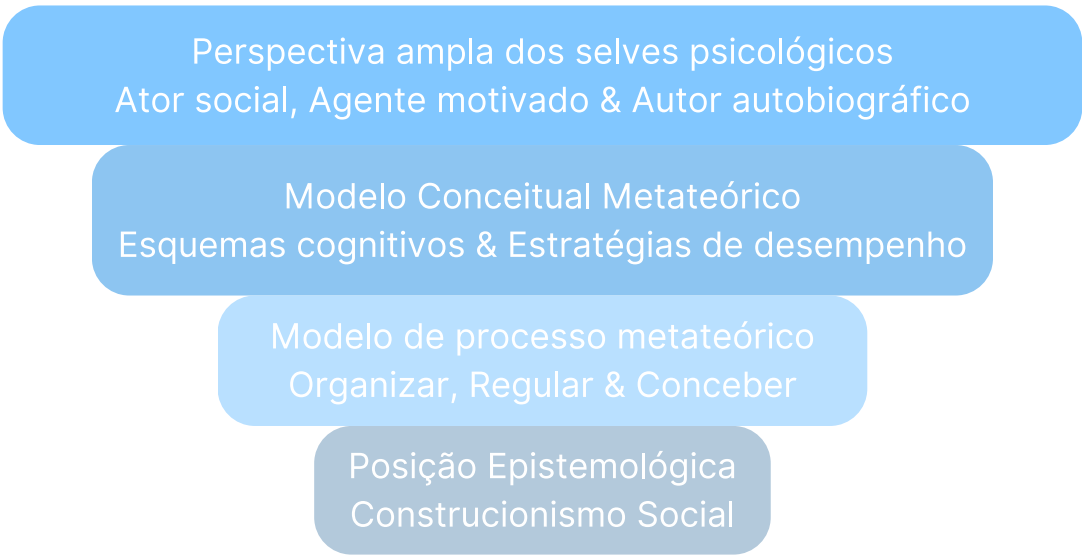
A matriz fundamental estipula que as facetas dos esquemas cognitivos e das estratégias de desempenho em cada dimensão do self psicológico como ator, agente e autor não constituem explicações concorrentes ou alternativas, mas cada uma oferece uma perspectiva complementar, a partir da qual se considera processos, produtos e padrões de carreira. Cada um destes três pares de esquemas e estratégias para compreender o comportamento vocacional e a construção de carreira emergem da matriz fundamental e surgem como uma consequência natural do

seu predecessor, que é pensado para prenunciar o que pode vir a seguir no curso de uma carreira, sugerindo relações funcionais entre as dimensões do self psicológico. A estrutura estável e o poder analítico fornecidos por esta matriz metateórica permitem que profissionais e pesquisadores apreendam o surgimento sequencial, a interação recíproca e a continuidade dos esquemas e estratégias da construção de carreira ao longo da vida. Visualizar as carreiras a partir dos modelos de esquemas e estratégias interrelacionadas pela matriz motivacional de agência e comunhão possibilita uma compreensão mais profunda e completa da complexidade e unidade dos indivíduos e sua continuidade através do tempo.

É claro que analisar as vidas das pessoas em termos de quatro caminhos possíveis simplifica biografias complexas e minimiza a individualidade em demasia. O modo como as pessoas agem nas situações e pensam sobre si mesmas em relação ao mundo social pode mudar ao longo da vida, especialmente em resposta a transformações nas circunstâncias, contextos e experiências. Os indivíduos não seguem, necessariamente, uma trajetória particular em sincronia; podem ocorrer reviravoltas quando migram para um caminho diferente que altera a trajetória de suas carreiras e sua jornada pela vida. A rotação no modelo da TCC de esquemas cognitivos e estratégias de desempenho resulta na visualização de uma miríade de padrões de carreira produzida por infinitas variações no projeto de vida. Embora, para uma grande parte dos indivíduos, as lentes do modelo caleidoscópico não precisem ser giradas da sua posição original na matriz básica. Assim, o plano deste livro é apresentar quatro estudos de caso que ilustram trajetórias estáveis de construção de carreira, sem rotação nos modelos conceituais posteriores. Este enquadramento fixo de histórias de vida permite que os leitores observem a trajetória de cada participante enquanto eles se movem ao longo de um dos quatro caminhos principais mapeados pela matriz fundamental de individuação com agência e integração comunal.

Em resumo, a ilustração na Figura 3 exibe a arquitetura unificadora da metateoria explícita da TCC. Profissionais e pesquisadores poderão utilizar a metateoria para entender a TCC como uma ferramenta para focar o pensamento e esclarecer problemas complexos.

Figura 3 – Arquitetura metateórica da TCC



Proposições da TCC

Uma teoria é um conjunto confiável de princípios analíticos ou afirmações sobre fenômenos, que servem para guiar a observação, prover informação para compreensão e fornecer explicações. Ao elaborar a TCC, o comportamento vocacional e seu desenvolvimento foi conceitualizado a partir de proposições descritivas com base em pesquisas existentes, fazendo da TCC uma integração de conclusões empíricas e não uma teoria prescritiva. As proposições da TCC estão situadas de acordo com a estrutura geral dos selves psicológicos de McAdams (2013). A seguir, cada premissa está elaborada como proposições da TCC (identificadas por um número em itálico), que descrevem, concisa e sistematicamente, conclusões baseadas em pesquisa e reflexão prévias. As 45 proposições aparecem no Apêndice B. O primeiro grupo de proposições trata de como um indivíduo enquanto ator social utiliza processos de auto-organização para, de forma seletiva, criar e manter características, capacidades e interações que eventualmente moldam uma trajetória de carreira. Esta seção é seguida por proposições que tratam de como um indivíduo, enquanto agente motivado, direciona e controla o comportamento educacional-vocacional através dos processos de autorregulação que moldam percepções, sentimentos e ações na busca de objetivos. O terceiro grupo de proposições trata de como um indivíduo enquanto autor autobiográfico molda uma identidade e compõe uma história de carreira por meio dos processos de autoconcepção. Cada proposição é explicada em mais ou menos detalhes e ilustrada nos quatro capítulos subsequentes,

cada um apresentando um estudo de caso para exemplificar cada uma das quatro trajetórias principais pressupostas pela TCC.

O ator social que se auto-organiza

Premissa A: *Os indivíduos co-constroem um self psicológico como ator social no seio da família ao organizar um esquema de apego e uma estratégia disposicional.*

Um conceito central em todas as teorias de carreira é que a congruência, ou o ajuste entre a pessoa e o ambiente, influencia na adaptação a um contexto. A primeira situação na qual os indivíduos devem se posicionar é dentro das suas famílias. As pessoas nascem em meio a diálogos aos quais aprendem a responder e a contribuir. A partir do segundo ano de vida, os indivíduos organizam e elaboram um self psicológico enquanto ator na trama familiar. Um senso de self emerge por meio dos processos de auto-organização nos quais uma criança começa a moldar-se em relação aos outros no lar. A família nos ensina quem somos. Nas palavras de um antigo cliente, "O lar é onde me tornei eu". A TCC considera tanto o como um indivíduo aprende a se ajustar à família como um ator social, quanto o como as famílias preparam as crianças para desempenhar papéis sociais, incluindo o papel de trabalho. Através dos processos da socialização primária – tais como construção de gênero, padrões de relacionamento e valores familiares – os pais preparam as suas crianças para os papéis sociais, lançam-nas em trajetórias de vida e guiam seu movimento inicial no mundo. À medida em que as crianças se inserem na sociedade, levam adiante estas estratégias de vida, que influenciam, profundamente, a trajetória de suas carreiras. No devido tempo, os papéis sociais oferecidos pela sociedade e suas instituições estruturam o contexto e a sequência de eventos que os indivíduos desempenham e experimentam durante a vida. As oportunidades para desempenhar atividades de trabalho percebidas pelos indivíduos são co-construídas por forças sociais na família e condicionadas por instituições sociais na comunidade, bem como pelo ímpeto impulsionado por escolhas e ações anteriores *(Proposição 1)*.

Os indivíduos aprendem a atuar como atores sociais na trama familiar ao introjetar influências parentais e coordenar suas emoções e intenções com as de seus pais, que servem de guias para movimentar-se no mundo social *(Proposição 2)*. O modo como os indivíduos se vinculam a seus pais e como seus pais se vinculam com eles ao prover nutrição e segurança, co-constrói o ator social e influencia a construção

de carreira. A TCC vê como o ator que se auto-organiza desenvolve um esquema de apego e uma estratégia disposicional a partir dos elementos metadimensionais de agência e comunhão, desta vez, como manifestados nos dois modelos de médio alcance de esquemas de apego (Bowlby, 1982) e disposições de personalidade (Gough, 1987).

Esquema de apego

Para encontrar seu lugar na família e desenvolver características pessoais, os indivíduos utilizam processos de auto-organização para pertencer aos discursos culturais e categorias sociais a eles disponíveis – tais como gênero, raça, etnia, classe social e ordem de nascimento. Por meio da interação com os pais, as crianças co-constroem um modelo de funcionamento para compreender a si mesmas, outras pessoas e o mundo (Bowlby, 1982). No devido tempo, estes modelos de funcionamento interno formam um esquema de apego, ou seja, uma organização geralmente consistente de representações mentais que serve como uma forma primária de pensar o mundo social bem como um roteiro para interações interpessoais e satisfação de necessidades nas atividades no papel de trabalhor (*Proposição 3*). Ao longo da vida, os indivíduos utilizam seus esquemas de apego como modelos heurísticos para guiar relações interpessoais, focar a atenção, interpretar eventos e gerar expectativas (*Proposição 4*).

O uso repetido de um esquema de apego gera necessidades psicológicas, algumas das quais são satisfeitas através de atividades no papel de trabalhador. No seu trabalho, os indivíduos utilizam o esquema de apego formado na família como um sistema interpretativo para administrar tanto a satisfação das necessidades quanto as interações interpessoais. A abordagem básica de apego aos pais produz uma estratégia para ir adiante na vida, que influencia significativamente seus planos de carreira, padrões e trajetórias. Assim, a TCC propõe que o funcionamento familiar de um indivíduo antecipa seu funcionamento profissional. Como afirmam MacGregor e Cochran (1988), "ao trabalhar, uma pessoa reedita a trama de sua família de origem" (p.138). Assim, o esquema de apego molda como os indivíduos veem as interações com os seus colegas e supervisores, bem como influencia a percepção da cultura organizacional.

Com base nos diferentes modelos de trabalho subjacentes do self e dos outros, construídos a partir do relacionamento com os pais, as pessoas apresentam diferentes esquemas de apego. Idealmente, apego seguro das crianças com os pais fornece segurança e suporte, o que as auxilia a lidar com perigos percebidos e emoções perturbadoras. Infelizmente, algumas crianças experimentam relacionamentos inseguros com seus cuidadores. Bowlby (1982) delineou um modelo de quatro esquemas de apego prototípicos e estratégias relacionais associadas com base em duas formas de insegurança: *ansiedade* por abandono e *evitação* de intimidade. Estas duas coordenadas se cruzam para formular esquemas de apego que se alinham com as coordenadas conceituais básicas de agência e comunhão.

Os quatro diferentes esquemas de apego no modelo são descritos como *seguro*, *ansioso-ambivalente*, *ansioso-evitativo* e *desorganizado*. Baixa ansiedade associada a baixa evitação caracteriza o esquema de apego seguro, por meio do qual os indivíduos veem a si mesmos e aos outros como positivos, levando a facilidade e conforto, tanto com intimidade, quanto com autonomia. Alta ansiedade associada a baixa evitação caracteriza um esquema de apego ansioso-ambivalente, por meio do qual os indivíduos veem a si mesmos como negativos e às outras pessoas como positivas, levando à preocupação com uma intimidade marcada por baixa autonomia. Alta evitação associada a baixa ansiedade caracteriza o esquema de apego ansioso-evitativo, por meio do qual os indivíduos veem a si mesmos como positivos e aos outros como negativos, levando a uma contradependência que valoriza a autonomia e resiste à proximidade e à intimidade. Alta evitação associada a alta ansiedade caracteriza um esquema de apego desorganizado, por meio do qual uma visão negativa de ambos, de si e dos outros, causa uma desorientação caracterizada por medo de e pelo desconforto nas interações sociais. Os indivíduos podem ser descritos, sob uma perspectiva das diferenças individuais, como operando primariamente a partir de um dos esquemas de apego; ainda que possam construir relacionamentos de apego diferentes com indivíduos em particular. E, é claro, nem todos os indivíduos se ajustam em apenas um quadrante, pois podem operar a partir de uma variedade de posições dentro de um quadrante ou no cruzamento de quadrantes.

Estratégia disposicional

A partir de seus esquemas de apego, os indivíduos formam estratégias disposicionais para desempenhar papeis sociais, incluindo o papel de trabalhador (*Proposição 5*). Também desenvolvem reputações de traços à medida em que outras pessoas reconhecem suas estratégias de desempenho ou a maneira usual de se relacionarem com as outras pessoas e com as normas culturais. A TCC vê o self enquanto ator nos contextos sociais a partir do modelo de disposições de personalidade de Gough (1987), isto é, as tendências gerais de comportamento social de um indivíduo. O modelo de possibilidades de Gough está bem alinhado com as coordenadas conceituais básicas de agência e comunhão (p.e., Trapnell & Paulhus, 2011). A perspectiva de disposições de personalidade de Gough (1987) utiliza duas dimensões de estrutura de personalidade de ordem superior para, de forma ampla, classificar os indivíduos em uma dentre quatro disposições. Na tipologia cúbica de personalidade de Gough, os dois modos básicos de funcionamento envolvem relacionamento com outras pessoas e a resposta à regulação normativa. Hogan (1982) -- que trabalhou com Gough no Instituto de Avaliação e Pesquisa da Personalidade na Universidade da Califórnia, Berkley – utilizou os termos sociabilidade e conformidade para denotar estas duas dimensões básicas na teoria socioanalítica da personalidade. Gough referiu-se ao primeiro vetor como uma orientação interpessoal em direção a relacionamentos com outras pessoas (cf., agência). Seus dois polos são um foco externo extrovertido na ação versus um foco interno introvertido na vida interior. Gough referiu-se ao segundo vetor como orientação ao ajustamento social (cf., comunhão). Seus dois polos são a aceitação que favorece as normas sociais versus a dúvida que questiona as normas sociais. Ao utilizar estas duas dimensões de estrutura de personalidade de nível superior, os indivíduos podem ser, de forma ampla, classificados em um dos quatro tipos, cada um deles contendo características disposicionais distintas (Domino & Domino, 2006; Gough, 1987, 1990).

Gough referiu-se à disposição extrovertida e que aceita as normas como uma orientação Alpha para relacionamentos e normas. Os indivíduos que exibem esta tendência combinam uma orientação extrovertida para com as outras pessoas e ação orientada para aceitação de padrões sociais e valores convencionais. Indivíduos com disposição e estilo de vida Alpha podem ver a si mesmos como ambiciosos, ativos, produtivos e socialmente competentes. As outras pessoas tendem a vê-los

como dominadores, empreendedores, confiantes, falantes, intrépidos e encorajadores. No trabalho, Alphas, no seu melhor, podem ser líderes; no seu pior, podem ser manipuladores e oportunistas.

Gough referiu-se à disposição introvertida e de aceitação das normas como uma orientação Beta para relacionamentos e normas. Os indivíduos que exibem esta tendência combinam uma orientação introvertida para com os outros e com a experiência interpessoal, com uma orientação de aceitação das normas para com padrões sociais e valores convencionais. Eles se parecem com os Alphas quanto ao respeito às regras, mas são mais reservados e menos ativos. Os indivíduos com uma disposição Beta normalmente nutrem as outras pessoas e, frequentemente, colocam as necessidades dos outros à frente das suas próprias. Sendo muito bons em adiar gratificações, frequentemente vivem sem aventura. Podem ver a si mesmos como éticos, metódicos, conscienciosos, confiáveis, modestos, perseverantes e responsáveis. As outras pessoas podem vê-los como cautelosos, reservados, inibidos, conformistas e submissos. No trabalho, os Betas, no seu melhor, podem ser conscienciosos e éticos; no seu pior, podem ser rigidamente conformistas e viver em negação de suas próprias necessidades.

Gough referiu-se à disposição extrovertida e questionadora das normas como uma orientação Gamma para relacionamentos e regras. Os indivíduos que exibem esta tendência combinam uma orientação extrovertida para com os outros e ações, enquanto questionam regras, normas sociais e valores convencionais. Podem ver a si mesmos como inovadores, diretos, versáteis e inteligentes. As outras pessoas podem vê-los como aventureiros, impulsivos, obstinados, inconformados e rápidos para perceber imperfeições e absurdos nos aspectos da vida diária. No trabalho, os Gamma, no seu melhor, podem ser vistos como criativos na produção de novas ideias, produtos ou serviços; no seu pior, podem ser vistos como intolerantes, perturbadores, rebeldes e autoindulgentes.

Gough referiu-se à disposição introvertida e questionadora das normas como uma orientação Delta para com os relacionamentos e regras. Os indivíduos que exibem esta tendência combinam uma orientação introvertida para com as outras pessoas e ações, enquanto questionam regras, normas sociais e valores convencionais. Percebem as coisas de forma diferente das outras pessoas, mas mantêm seus pensamentos e falta de significado pessoal em sigilo. Podem ver a si mesmos como

tímidos, quietos, retraídos, invisíveis, distraídos e preocupados. As outras pessoas podem vê-los como acanhados, defensivos e passivos. No trabalho, os Deltas, no seu melhor, podem ser imaginativos e criativos; no seu pior, podem estar imersos em conflitos internos, distantes das outras pessoas e propensos a se desorganizarem.

A TCC vê as estratégias disposicionais como fluindo da nascente dos esquemas de apego: Alphas a partir da fonte do esquema de apego seguro, Betas a partir do esquema de apego ansioso-ambivalente, Gammas a partir do esquema de apego ansioso-evitativo e Deltas a partir do esquema de apego desorganizado. Os esquemas de apego e as estratégias disposicionais condicionam a maneira pela qual os indivíduos buscam satisfazer suas necessidades básicas emocionais, sociais e de carreira (*Proposição 6*). A Figura 4 exibe o modelo do ator social da TCC, com cada tipo constituído pelo pareamento de um esquema de apego com uma estratégia disposicional, ambos ligados à matriz conceitual metateórica de agência e comunhão.

Figura 4. Padrões de esquemas de apego e estratégias de personalidade

Modelos*

Como parte da autoconstrução durante a primeira infância, os indivíduos começam a olhar para os discursos culturais para identificar modelos que exibam características e comportamentos que poderiam ser úteis na resolução de seus problemas de crescimento e para atender suas necessidades psicológicas (*Proposição 7*). Os indivíduos, então, modelam sua autoconstrução e maneiras de se considerar com base nessas características e comportamentos admirados. A identificação como um processo central da autoconstrução ocorre quando um indivíduo imita comportamentos e incorpora as características dos modelos como uma parte permanente do self (*Proposição 8*). A escolha dos modelos é a primeira escolha de carreira porque imitar um modelo na fantasia e brincadeira, no devido tempo, mobiliza interesses e atividades que, através de repetição e ensaio, desenvolvem habilidades e preferências vocacionais (*Proposição 9*). Em contraste com a autoridade parental como guia, os modelos representam o desejo de se tornar e enfrentar o futuro. Guias são assimilados como influências introjetadas, enquanto os modelos são *assumidos* como identificações incorporadas. Enquanto os indivíduos introjetam os guias como um todo, eles assimilam fragmentos de identidade a partir de vários modelos. Começando no final da adolescência, os indivíduos utilizam processos de autoconcepção para integrar estas influências intactas e identificações parciais em uma identidade psicossocial unificada e coesa. Cada indivíduo deixa a primeira infância com um esquema de apego para ver relacionamentos interpessoais, uma estratégia disposicional para desempenhar papéis sociais e modelos que mostram como lidar com preocupações e questões não resolvidas (*Proposição 10*).

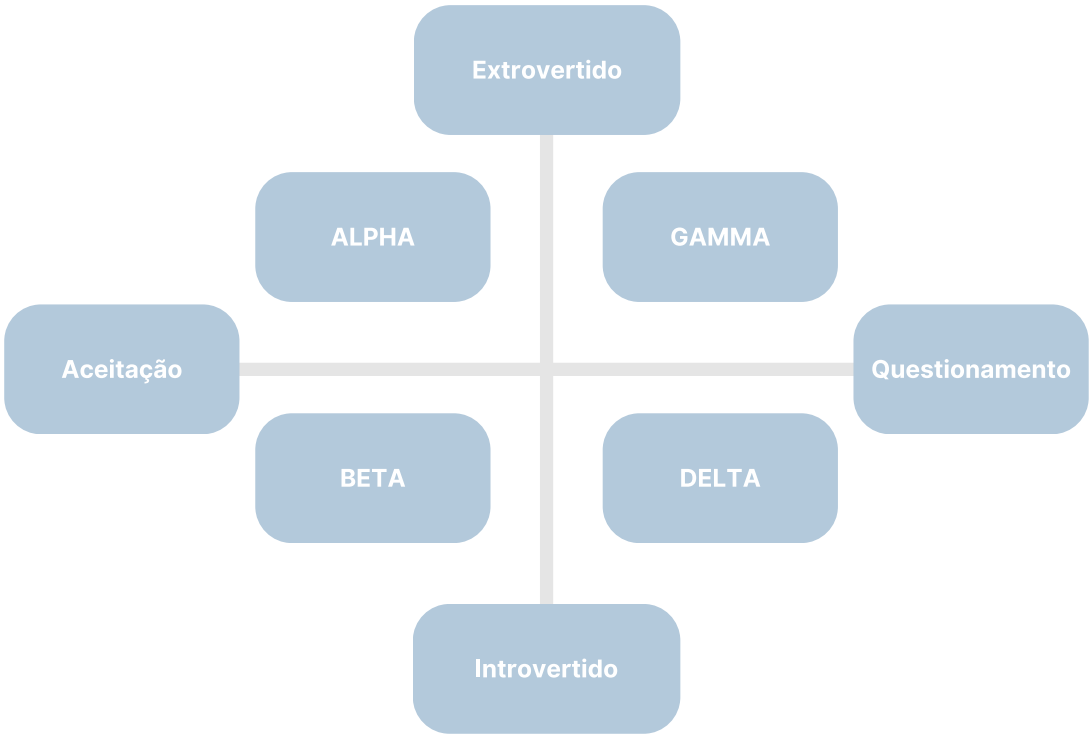
Atores sociais formam as características e estilos interpessoais centrais ao ensaiar repetidamente seus esquemas de apego e estratégias disposicionais com os pais e irmãos e ao imitar os modelos. Na pesquisa e na prática, os orientadores podem compreender um indivíduo enquanto ator social perguntando sobre guias e modelos. Os guias de um indivíduo sugerem o modelo de trabalho no seu esquema de apego. Para aprender sobre os guias, os profissionais devem solicitar aos indivíduos três palavras que melhor descrevam sua mãe e três que melhor descrevam seu pai. Os modelos dos indivíduos sugerem características pessoais que eles assumiram.

---

* *"role models" no original*

Para investigar sobre a autoconstrução como ator social, o procedimento mais simples é solicitar aos indivíduos que identifiquem três modelos de quando eram crianças e, então, descrever as características de cada um. Os descritores podem ser organizados sendo classificados nas dimensões de sociabilidade e conformidade (Hogan, 1983) ou orientação interpessoal e ajustamento social (Gough, 1987), como ilustrado na Figura 5.

Figura 5. Mapeamento das características pessoais nas coordenadas traçadas por Hogan (1997) e Gough (1997)



O agente motivado que se autorregula

Premissa B: *Mais tarde na infância, os indivíduos começam a funcionar com mais frequência como agentes motivados que direcionam suas próprias vidas para posições congruentes na sociedade por meio de autorregulação, ou seja, os processos pelos quais os indivíduos adaptam suas percepções, sentimentos e ações na busca de um objetivo.*

O self enquanto ator social faz perguntas como "Qual é o meu personagem?" e "Como devo me comportar?" Durante a infância, os indivíduos elaboram de forma

mais completa suas autoconcepções ao incrementar a utilização de uma segunda dimensão no domínio dos selves psicológicos para colocar novas questões como "Qual a minha relação com o mundo?" e "O que devo fazer a partir de agora?" O self como um agente ativo em sua própria vida torna-se responsável por posicionar o indivíduo como um ator social na vizinhança, na escola e na sociedade. A busca de objetivos, valores e interesses nestes contextos pelo agente que se autorregula pode ser compreendida como esforços emitidos pelo ator social em mover-se deliberadamente de uma posição no presente para posições futuras imaginadas (*Proposição 11*). Para mover-se para uma posição atualmente desejada, o agente deve selecionar e buscar intencionalmente os efeitos desejados através de um curso de ação proposital (Tiedeman & Field, 1961). Ao avaliar a adequação de possíveis posições, a TCC se concentra nos três construtos motivacionais de necessidades, interesses e valores (*Proposição 12*). As *necessidades* consistem no que falta aos indivíduos e no que eles acreditam que precisam para sentirem-se seguros. As *necessidades* impulsionam o comportamento, levando a pessoa na direção de determinadas satisfações. Os *valores* são metas e objetivos desejáveis, presentes no ambiente, que satisfazem as necessidades. Os *Interesses* denotam um esforço adaptativo complexo para utilizar o ambiente para satisfazer necessidades e realizar valores (Savickas, 2014). Enquanto valores representam objetivos, interesses dizem respeito aos objetos e atividades através dos quais os objetivos são alcançados (Super & Bohn, 1970). A representação simbólica de um interesse geralmente é expressa por um estímulo que evoca atenção e ação (p.e., "Eu gosto de livros").

No que diz respeito a formar e perseguir objetivos, o self como agente adota um esquema persistente de autorregulação que enfoca a motivação e molda estratégias de adaptação (*Proposição 13*). A TCC considera como o self enquanto agente estabelece metas, faz planos e executa ações com propósito, novamente, a partir das coordenadas conceituais de agência e comunhão, agora manifestados nos dois modelos de médio alcance de foco regulatório (Higgins, 1997) e adaptação de carreira (Savickas, 2005).

Esquema de foco motivacional

O esquema de foco motivacional representa inclinações para atingir os resultados desejados. As crianças aprendem a conviver no mundo através da autorregulação de seus sentimentos e ações com base em contingências de recompensas na regulação social fornecida pelos pais (Higgins, 1998), especialmente em resposta às suas necessidades de nutrição e segurança (*Proposição 14*). A regulação social que enfatiza nutrição promove nas crianças um esquema de autorregulação focado em metas educacionais-vocacionais que promovem realizações que visam a conquista, recompensa e progresso. Em contraste, a regulação social que enfatiza segurança promove nas crianças um esquema de autorregulação focado em metas educacionais-vocacionais que previnem problemas ao sustentar responsabilidade, estabilidade e segurança. Os dois focos diferem porque um esquema de promoção joga para ganhar, enquanto o esquema de prevenção joga para não perder. Em termos mais simples, o foco na promoção direciona o comportamento para o que a pessoa quer fazer e para o crescimento pessoal, enquanto o foco na prevenção direciona o comportamento para o que a pessoa deveria fazer e para longe de fracasso e prejuízos psicológicos. Uma vez que os focos em promoção e prevenção constituem dimensões independentes (Higgins, 1997; Johnson & Chang, 2008), o esquema de autorregulação de uma pessoa pode exibir altos níveis em um foco, ambos ou nenhum.

É claro que pais saudáveis facilitam aos seus filhos um esquema de autorregulação que equilibra promoção e prevenção das suas metas vocacionais; outros pais produzem em seus filhos um dos esquemas de promoção ou prevenção; e pais problemáticos criam filhos com dificuldades de autorregulação. Os indivíduos com esquema de apego seguro e uma disposição Alpha tendem a combinar níveis altos de foco tanto em promoção quanto em prevenção; indivíduos com esquema de apego ansioso-ambivalente e disposição Beta tendem a combinar baixo nível de foco em promoção e alto nível de foco em prevenção; indivíduos com esquema de apego ansioso-evitativo e disposição Gamma tendem a combinar alto nível de foco em promoção e baixo nível de foco em prevenção; e indivíduos com esquema de apego desorganizado e disposição Delta tendem a mostrar baixos níveis de foco tanto em promoção quanto em prevenção, resultando em desmotivação e dificuldades de autorregulação.

Estratégias de adaptação de carreira

Esquemas de autorregulação, sejam eles focados em promoção ou prevenção, direcionam como as pessoas se adaptam às tarefas de desenvolvimento vocacional, transições profissionais e problemas laborais que envolvem escolher ou alcançar seus objetivos de carreira (*Proposição 15*). *Tarefas de desenvolvimento* significam uma série de expectativas sociais ao longo da vida acerca da preparação para e da inserção no trabalho. Um conceito frequentemente invocado quando se considera as tarefas de desenvolvimento é a maturidade vocacional, linguisticamente definida como o grau de desenvolvimento vocacional de uma pessoa e operacionalmente definida como a comparação entre as tarefas evolutivas enfrentadas e aquelas esperadas com base na idade cronológica (*Proposição 16*). *Transições profissionais* são mudanças de trabalho, empregadores ou campo profissional. *Problemas laborais* incluem dificuldades, perturbação ou dificuldade no emprego e podem agravar-se para traumas laborais, quando o emprego é desestabilizado por eventos pessoais ou socioeconômicos tais como doenças, lesões, fechamento de fábricas e demissões em massa, ou redesenho do trabalho e automação. Quando os indivíduos encontram um desses tipos de mudança de carreira, devem se adaptar. A necessidade de adaptação ativa a autorregulação, isto é, a capacidade de alterar as respostas para mudar a si mesmo ou alguma coisa na situação, a fim de implementar um plano ou alcançar um objetivo (*Proposição 17*). A TCC inclui um modelo sequencial de adaptação autorregulada. A sequência destaca as características de personalidade de prontidão adaptativa, as capacidades psicossociais dos recursos da adaptabilidade, os comportamentos de respostas adaptativas e as consequências dos resultados da adaptação (*Proposição 18*).

Prontidão adaptativa. A sequência de autorregulação da adaptação à carreira inicia com a prontidão adaptativa que significa a disposição e a prontidão para mudança ao enfrentar os desafios das tarefas de desenvolvimento, transições profissionais e problemas laborais. A prontidão adaptativa funciona como um filtro através do qual os agentes motivados interpretam o ambiente. Significa uma inclinação proativa para ativar os processos de autorregulação e iniciar a ação quando as atitudes e atividades previamente aprendidas não puderem prontamente orientar mudanças de carreira, desafios ou mesmo incerteza. Estas condições perturbadoras usualmente trazem tensão, ansiedade e comportamento difuso até que surja uma

nova solução. Como um construto global, adaptatividade de carreira envolve uma mistura composta de várias características de personalidade e motivações específicas, incluindo proatividade, conscienciosidade e abertura. Dada a prontidão adaptativa, para ser bem-sucedida, a pessoa também precisa possuir os recursos necessários para produzir as consequências desejadas ou evitar consequências indesejadas.

Recursos da adaptabilidade. Estimulados pela prontidão adaptativa, os recursos da autorregulação entram em campo nos momentos de transição. A TCC define estes recursos da adaptabilidade como capacidades psicossociais para resolver problemas desconhecidos, complexos e mal definidos apresentados por condições desestabilizadoras. Como uma metacompetência, a adaptabilidade de carreira inclui quatro capacidades transacionais que auxiliam na avaliação das trajetórias de metas em contextos mutantes: preocupação, controle, curiosidade e confiança. *Preocupação* significa a extensão na qual o indivíduo está orientado para o futuro e inclinado a antecipar e a preparar-se para mudanças na carreira. *Controle* significa a extensão na qual o indivíduo assume a responsabilidade pela construção da sua carreira. *Curiosidade* significa a extensão na qual um indivíduo tende a imaginar selves possíveis, explorar oportunidades e obter informações. *Confiança* significa a extensão na qual um indivíduo confia na sua habilidade de tomar decisões de carreira viáveis e resolver problemas para alcançar metas profissionais. Confiança de carreira dá suporte à persistência em alcançar aspirações e à antecipação do sucesso apesar dos obstáculos. Ao utilizar estes quatro recursos psicossociais, um indivíduo adaptável é visto como: (a) preocupado com o futuro profissional, (b) tendo controle da modelagem do seu futuro profissional, (c) demonstrando curiosidade em explorar selves possíveis e cenários futuros, e (d) demonstrando confiança em perseguir suas aspirações.

A configuração e a força dos recursos da adaptabilidade desenvolvidos pelos indivíduos moldam as suas respostas a mudanças e desafios de carreira. Por exemplo, com recursos de preocupação e curiosidade bem desenvolvidos, mas não de controle e confiança, os indivíduos basicamente apenas olham à frente para se preparar para projetos escolhidos por outros. Comparativamente, indivíduos com controle e confiança bem desenvolvidos, mas sem preocupação e curiosidade, basicamente começam a olhar ao redor apenas quando chega a hora de uma mudança. Eles costumam dizer: "Eu não vou me preocupar com a escolha de uma ocupação até

que termine a escola" ou "Eu vou pensar nisto quando me aposentar". Indivíduos com recursos limitados de adaptabilidade vivem no presente. Em relação ao futuro, não olham à frente ou ao redor, apenas buscam proteger-se.

Respostas adaptativas. Com ou sem recursos de adaptabilidade, em algum momento os indivíduos fazem transições utilizando respostas adaptativas que, na melhor das hipóteses, são moldadas pelos recursos de adaptabilidade de preocupação, controle, curiosidade e confiança, bem como por fortes crenças de autoeficácia acerca de suas habilidades para executar as respostas. As reais respostas adaptativas em si, são comportamentos específicos que desempenham um papel na categoria geral de grandes ações destinadas a fazer a ponte nas transições. Por exemplo, visitar um site de informação profissional é uma pequena ação que contribui para uma ação maior denominada exploração. Na TCC, as quatro ações adaptativas importantes são antecipar, explorar, decidir e resolver problemas. Os indivíduos podem se adaptar de forma mais eficaz ao antecipar ou olhar à frente para uma nova transição, explorar ou olhar ao redor para novas opções e oportunidades, decidir após encontrar opções preferidas, e examinar e resolver problemas que enfrenta ao assumir um compromisso estável com um novo projeto por um determinado período. Emitir comportamentos específicos que realizam as grandes ações de antecipar, explorar, decidir e resolver, geralmente resulta em adaptação a circunstâncias mutantes e rupturas desagradáveis.

Resultados da adaptação. Resultados da adaptação à carreira significam os resultados das respostas adaptativas, alcançando, na melhor das hipóteses, um novo equilíbrio ou ajuste entre o indivíduo e o ambiente. O modelo de adaptação da Construção de Carreira avalia os resultados da adaptação como integrativos, de ajustamento ou mal adaptativos (Shaffer, 1936; Haan, 1977). O *coping integrativo*, orientado para a realidade, tanto resolve um problema quanto reduz tensão e ansiedade, levando o indivíduo a uma maior estabilidade em um nível mais alto de organização, envolvendo, possivelmente, desenvolvimento transformador. Às vezes, os indivíduos não conseguem responder completamente a um problema desconcertante, por isto, ajustam-se reduzindo as emoções negativas. O *ajustamento defensivo*, que distorce a realidade, não resolve o problema, mas reduz a tensão e a ansiedade. Muitas vezes, as respostas de ajustamento persistem porque a redução da ansiedade as reforça. Embora as emoções negativas sejam temporariamente

dissipadas, ansiedade e tensão eventualmente retornam porque o problema em si não foi resolvido. No entanto, ajustamento defensivo pode produzir uma pequena mudança adicional. As respostas de ajustamento são frequentemente moldadas por preocupação e curiosidade ou por controle e confiança, mas não por todos os quatro recursos da adaptabilidade. A terceira categoria de respostas não é integrativa, nem ajustada. A fragmentação mal adaptativa não resolve o problema, nem reduz ansiedade e tensão porque é guiada por pensamentos e sentimentos idiossincráticos que não correspondem à realidade nem alteram o atual estado de coisas. A utilização crônica das respostas mal adaptativas pode produzir erros repetidos, dificuldades pessoais, isolamento social ou reações emocionais desreguladas, tais como medo e desmoralização.

Como exemplo de resultados da adaptação, considere-se as possíveis consequências de respostas de decisão. O coping integrativo pode resultar em decisividade, a defesa ajustada pode resultar em indecisão, e a fragmentação mal adaptativa pode resultar em indecisividade. Como um segundo exemplo, considere os possíveis resultados de adaptação para a exploração. O coping integrativo pode resultar em informação estratégica sobre metas de longo prazo e meios táticos recolhidos tanto de fontes internas como externas. A defesa ajustada pode resultar em informação tática sobre passos menores e prazos mais curtos recolhidos principalmente a partir de fontes internas, sendo utilizadas poucas fontes externas. A fragmentação mal adaptativa pode resultar em falta de informação básica e opiniões irrealistas.

A Figura 6 exibe o modelo de agentes motivados da TCC, sendo cada um dos tipos constituído pelo pareamento de um esquema motivacional com uma estratégia adaptativa, ambos emergentes da matriz metateórica de agência e comunhão. Na Figura 6, o quadrante denominado "Integrativo" representa o equilíbrio entre os desejos da promoção e os deveres da prevenção, combinados com preocupação sobre o futuro bem desenvolvida, controle para adiar gratificação, curiosidade sobre opções e confiança na implementação de planos. Ao se confrontarem com decisões de carreira, os indivíduos com este padrão de motivação olham à frente e ao redor para realizar escolhas educacionais e vocacionais adequadas. O quadrante denominado "Disfuncional" representa desmotivação com recursos limitados de adaptabilidade. Indivíduos que demonstram uma vida desmotivada no presente, com pouca noção de futuro. Quando confrontados com decisões de carreira,

apenas procuram não se machucar, ao invés de olhar à frente e ao redor em busca de opções possíveis. O quadrante denominado "Ajustamento olhando à frente" representa um foco preventivo com recursos de adaptabilidade de preocupação e curiosidade concentrados em exploração em profundidade de uma escolha imposta por outrem, sem olhar ao redor para identificar uma alternativa de escolha feita por si mesmo. O quadrante denominado "Ajustamento olhando ao redor" representa um foco de promoção com mínimo olhar à frente em relação ao futuro. Os indivíduos com este padrão motivacional esperam que os problemas surjam e, então, olham ao redor em busca de soluções. O pareamento conceitual de preocupação com curiosidade para olhar à frente e controle com confiança para olhar ao redor emergiu empiricamente a partir da pesquisa centrada na pessoa e perfis de escores da Career Adapt-Abilities Scale * (Escala de Adaptabilidade de Carreira) (Savickas & Porfeli, 2012), e não a partir de um racional teórico pré-existente.

Figura 6. Padrões de Esquemas Motivacionais e Estratégias de Adaptação

* *a Career Adapt-Abilities Scale – CAAS, foi traduzida, validada e administrada em estudantes e trabalhadores adultos em 11 países, incluindo Portugal e Brasil. Para maior informação, consultar Journal of Vocational Behavior, 80, 2012. Uma segunda versão brasileira – Escala de Adaptabilidade de Carreira - foi publicada em 2015 http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902015000100009&lng=pt&nrm=iso).*

Atividades no papel de trabalhador

Como agentes que dirigem a própria vida por meio de esquemas motivacionais e estratégias de adaptação, os indivíduos implementam seus autoconceitos construindo atividades de sua preferência ou selecionando atividades no papel de trabalhador para perseguir seus objetivos de carreira (*Proposição 19*). As preferências por atividades no papel de trabalhador se desenvolvem através da interação entre aptidões herdadas, constituição física, oportunidades para observar e desempenhar vários papéis e da avaliação da extensão em que os resultados do desempenho de papéis encontram aprovação dos pares e supervisores (*Proposição 20*). A seleção e ingresso em um papel envolve síntese e compromisso entre fatores individuais e sociais. Isto evolui a partir de desempenho de papel e aprendizagem por feedback, mesmo que o papel seja desempenhado na fantasia, numa entrevista de aconselhamento ou em situações reais como hobbies, aulas, clubes, trabalho de meio período e empregos de níveis iniciais. Os primeiros espaços para a construção de nichos sociais são os hobbies e as especializações acadêmicas. Para a maioria das pessoas, uma profissão acaba se tornando um nicho social primário e uma estratégia para a sobrevivência econômica. As profissões fornecem um papel central, ainda que para alguns indivíduos este foco seja periférico, incidental ou mesmo inexistente. Então, outros papéis como estudante, pai ou mãe, dono de casa, de lazer e cidadão podem estar no centro (Super, 1990) (*Proposição 21*).

As preferências pessoais para organizar estes papéis de vida e oportunidades para ingressar em profissões estão profundamente ancoradas nas práticas sociais que engajam os indivíduos e os colocam em posições sociais desiguais. A variedade de oportunidades de um indivíduo e as escolhas possíveis podem estar limitadas por vieses sociais e sistemas ideológicos difíceis de evitar. Estas fronteiras e distorções podem tanto preceder como ultrapassar um indivíduo. Assim, a capacidade de um indivíduo para escolher livremente não é completa; cada pessoa deve lidar com condições que não escolheu para a sua vida. Algumas pessoas lutam contra as restrições para realizar para si próprias, e talvez para os outros, a melhor escolha possível e o projeto de vida mais importante. Outras pessoas "sorriem e aguentam", enquanto esperam pacientemente que as coisas mudem a seu favor. E outras pessoas, ainda, podem mudar dramaticamente as suas condições de vida, mudando para outro contexto, que pode ser uma cidade, um estado ou mesmo um país diferente.

Como os atores sociais diferem em características vocacionais e em oportunidades sociais, eles se inserem em ambientes profissionais diferentes, a que Holland (1997) denominou ambientes RIASEC (*Proposição 22*). Cada profissão requer um padrão diferente de características vocacionais, com tolerância ampla o suficiente para permitir uma variedade considerável de indivíduos em cada profissão. As pessoas estão qualificadas para uma variedade de profissões com base na combinação entre suas habilidades e interesses vocacionais com os requisitos e recompensas profissionais (*Proposição 23*). A escolha e o ingresso em um papel envolvem síntese e compromisso entre fatores individuais e sociais (*Proposição 24*). O *sucesso profissional*, geralmente, depende da extensão em que as habilidades e as ações do indivíduo vão ao encontro dos requisitos das atividades no papel de trabalhador (*Proposição 25*). A *satisfação no trabalho* depende do estabelecimento em uma profissão, uma situação de trabalho, e um modo de vida no qual se possa desempenhar o tipo de papel que o crescimento e as experiências exploratórias levaram o indivíduo a considerar como adequadas para satisfazer necessidades, atingir valores e expressar interesses (*Proposição 26*). O *padrão de carreira* de um indivíduo – isto é, o nível profissional atingido e a sequência, frequência e duração dos empregos – é geralmente determinado pelo nível socioeconômico dos pais e de sua educação, habilidades, personalidade, autoconceitos e adaptabilidade de carreira na relação com as oportunidades presentes na sociedade (*Proposição 27*). O padrão objetivo de carreira está descrito no currículo, enquanto a carreira subjetiva é a história que os indivíduos contam sobre sua vida profissional. A história de carreira é composta pelo autor autobiográfico que concebe a si mesmo.

O Autor Autobiográfico que concebe a si mesmo

Premissa C: *Atores sociais que buscam objetivos podem deliberar como um autor autobiográfico para conceber uma identidade vocacional e compor uma história de carreira que imponha continuidade e coerência a suas ações ao longo do tempo.*

Quando as crianças conseguem desempenhar processos de autoconcepção, os processos de auto-organização e autorregulação tomam a frente na sua autoconstrução. Durante o final da adolescência e na adultez emergente, a autoconcepção vem à tona para criar uma história de carreira e legitimar uma identidade vocacional. Para tanto, o "Eu" subjetivo delibera sobre o "Mim" objetivo para ser o autor de uma

história de carreira sobre o self como um ator social e um agente motivado (*Proposição 28*). Ao organizar identificações com modelos e sintetizar experiências em uma narrativa unificada, os indivíduos compõem uma história de carreira sobre suas vidas profissionais, que, seletivamente, se apropria e reconstrói experiências passadas em uma história sobre o "Mim" com coerência entre autodefinições, consistência entre as situações e estabilidade ao longo do tempo. Com o processo de autoconcepção de compor uma história de carreira, os indivíduos afirmam uma *identidade vocacional* que apresenta um argumento que justifica escolhas vocacionais ao relacionar seu mundo interno privado ao mundo externo público (*Proposição 29*).

As histórias de carreira giram em torno da identidade vocacional à medida que os indivíduos explicam como se desenvolveram, a maneira pela qual atualmente se conduzem como atores sociais e onde se posicionam na sociedade como agentes motivados. Uma história de carreira permite ao seu autor que se engaje em raciocínio autobiográfico para esclarecer crenças e valores, avaliar posições sociais, formular metas e projetos e se comprometer com relacionamentos e papéis que posicionam o indivíduo na sociedade. Esse *posicionamento de carreira*, seja na imaginação ou na realidade, coloca uma identidade vocacional em uma determinada profissão, ou seja, o self em uma atividade no papel de trabalhador (*Proposição 30*). A TCC vê o autor autobiográfico que se autoconcebe através da matriz metateórica de agência e comunhão, desta vez como manifestada em esquemas reflexivos e estratégias identitárias vocacionais.

Esquemas reflexivos

Quando tarefas de desenvolvimento, transições profissionais e problemas laborais obstruem rotinas e comportamentos habituais, os autores autobiográficos que se autoconcebem deliberam sobre suas histórias de carreira pensando sobre quem são em relação ao que mais importa para eles e sobre o que querem tornar-se nos seus contextos sociais. Por meio do intercâmbio entre disposições pessoais subjetivas e posições sociais objetivas, os indivíduos analisam sua conduta, moldam suas estratégias de vida e orientam a ação (Archer, 2012). A TCC utiliza o termo *biograficidade* para denotar o uso de esquemas reflexivos para conceber identidades vocacionais e compor narrativas de carreira em um "processo de duas

etapas" (Stedmon & Dallos, 2009, p.5) de reflexão retrospectiva e reflexividade prospectiva (*Proposição 31*).

Reflexão envolve um reconhecimento mais receptivo das experiências passadas, ao passo que a reflexividade envolve uma concepção mais ativa do futuro. A reflexão concentra a atenção em memórias, experiências e cognições para trazer o passado para o presente e aumentar a autoconsciência. Em comparação, a reflexividade pondera sobre as reflexões e estende o presente ao futuro. Assim, a reflexividade é um processo cognitivo de segunda ordem, definido como um diálogo interno no qual os indivíduos utilizam o conhecimento das reflexões de primeira ordem para definir e delinear projetos futuros. Como explicou o filósofo alemão Odo Marquard (2001, p.66), "o futuro necessita do passado". Da mesma maneira, a saída da reflexividade necessita da entrada de reflexões anteriores. Em suma, os diálogos internos que constituem a biograficidade permitem aos indivíduos (a) compreender o self em relação aos contextos sociais, (b) reconhecer padrões nas narrativas autobiográficas, (c) definir e executar projetos à luz das circunstâncias sociais objetivas, e (d) guiar a ação condicionando respostas a situações sociais particulares. A TCC vê a biograficidade como um meio pelo qual os indivíduos mediam o efeito dos sistemas sociais e das estruturas culturais na sua agência pessoal e nos cursos de ação, especificamente em relação às ocupações que buscam, mantêm ou abandonam (*Proposição 32*).

Autores autobiográficos diferem em seus esquemas reflexivos na deliberação sobre o projeto de vida e a construção de carreira (*Proposição 33*). A TCC propõe que os esquemas de apego e motivacionais dos indivíduos desempenham um papel central na estruturação das suas deliberações reflexivas acerca das situações vocacionais e nas dissonâncias ou rupturas na carreira. Com base em entrevistas biográficas sobre experiências de vida e histórias de trabalho, Archer (2012) concebeu uma tipologia de diferenças individuais em esquemas reflexivos que distingue quatro modalidades. A TCC aplica estas modalidades possíveis para compreender como os indivíduos compõem identidades vocacionais e criam narrativas de carreira. Cada modalidade coincide com um padrão diferente de socialização familiar e estilo parental em relação a como estabelecer metas e comprometer-se com projetos. Famílias mais saudáveis oferecem às suas crianças as melhores oportunidades para, eventualmente, assumirem o controle de suas próprias vidas. Archer (2012) classifi-

cou os quatro esquemas de deliberação reflexiva como autônomo, comunicativo, meta-reflexivo e fragmentado.

A *reflexividade autônoma* (cf. agência e comunhão altas) envolve diálogos internos autocontidos que levam diretamente à ação, sem necessidade de validação dos pais ou outras pessoas. Archer (2012) utilizou o termo *independentes* para descrever os indivíduos propensos a utilizar a reflexividade autônoma porque criam seus próprios caminhos, após deliberação intencional, autocontida e instrumental. Os indivíduos que rotineiramente se engajam em reflexividade autônoma podem apresentar um esquema de apego seguro, uma vez que dirigem independentemente a sua própria ação sem a necessidade de validação por outros indivíduos. Seguem as orientações dos pais apenas na medida em que as suas imposições coincidem com os caminhos escolhidos por eles próprios. Indivíduos independentes, com reflexividade autônoma não tentam reproduzir os projetos dos seus pais nem seu estilo de vida. Em vez disso, estabelecem suas próprias metas, enquanto "pensam e agem" (Archer, 2003, p.7).

A *reflexividade comunicativa* (cf. agência baixa e comunhão alta) envolve diálogos internos que levam à ação apenas após concluídos e confirmados pelos pais ou outros significativos. Archer (2012) utilizou o termo *identificadores* para descrever os indivíduos propensos a utilizar a reflexividade comunicativa porque, sem explorar alternativas, comprometem-se com projetos de vida escolhidos por seus pais para eles. Os indivíduos que rotineiramente se engajam em reflexividade comunicativa podem apresentar um esquema de apego ansioso-ambivalente. Buscam replicar o estilo de vida familiar e reproduzir o status quo. Guiados pela tradição familiar, estabelecem prioridades claras, mas seus projetos raramente excedem os limites do seu contexto familiar. Como parte da reflexividade comunicativa, recorrem a outras pessoas significativas no seu ambiente imediato para falar sobre as coisas e responder às suas perguntas. Focados no consenso, "eles pensam e falam" (Archer, 2003, p.7).

A *meta-reflexividade* (cf. agência alta e comunhão baixa) envolve diálogos internos nos quais os indivíduos questionam constantemente seus próprios pensamentos e criticam o estilo de vida dos pais. Indivíduos que rotineiramente se engajam em meta-reflexividade costumam criticar e se desvencilhar dos valores parentais, o que intensifica o estresse pessoal e a desorientação social. Archer denominou

esta modalidade de reflexividade de "meta" para denotar o automonitoramento ou pensamento sobre como a pessoa pensa. Essa autora caracterizou os indivíduos propensos a utilizar a meta-reflexividade como *desvinculados* porque encontram falhas nas escolhas de vida dos seus pais e, por isso, concebem para si próprios formas de vida muito diferentes. O termo desvinculado sugere que estes indivíduos podem ter sido fisicamente desligados dos seus pais em tenra idade ou ter-se dissociado mentalmente do modo de vida dos seus pais. Libertos das linhas orientadoras dos pais, buscam o seu lugar na sociedade, procurando sistemas socioculturais de crenças, bem como experimentando diferentes estilos de vida. Preocupados consigo mesmos e perseguindo com determinação os seus próprios interesses, frequentemente consideram empregos e relações muito insatisfatórios. Em resposta a contextos e relacionamentos que não recompensam, seguem buscando por novos empregos e estilos de vida. Focados em valores, "eles pensam e pensam" (Archer, 2003, p.7).

Reflexividade fragmentada (cf. agência e comunhão baixas) Indivíduos que se engajam rotineiramente em reflexividade fragmentada podem se sentir rejeitados pelos pais e, subsequentemente, limitar sua participação em relacionamentos interpessoais e atividades de trabalho. Archer (2012) utilizou o termo *rejeitadores* para descrever os indivíduos propensos a utilizar reflexividade fragmentada porque renunciam à sua família de origem. Distanciam-se da sua família por acreditarem que seus pais causaram seus problemas. Na falta de modelagem e orientação parental, permanecem confusos. Em vez de projetar suas vidas e dirigir suas ações, suas deliberações internas intensificam a desorientação cognitiva e causam sofrimento emocional. Sofrem intensa ansiedade, uma vez que apenas respondem passivamente a circunstâncias fora do seu controle. Focados na sobrevivência diária, "eles pensam e falam consigo mesmos" (Archer, 2003, p.7).

Estratégias identitárias

A autoria reflexiva produz identidade, isto é, uma narrativa sobre o self em um papel social. Os indivíduos possuem múltiplas identidades, cada uma delas correspondendo a um papel social em particular que desempenham. Por exemplo, uma identidade vocacional conta a história de um indivíduo em uma atividade no papel de trabalhador. As narrativas identitárias unificam as experiências do indivíduo em um papel social específico para construir um quadro coerente e confiável para criar significado e lidar com deslocamento, ruptura ou dissonância. A narrativa

identitária eleva a autoconsciência de e fornece uma orientação consistente para o desempenho do papel. Na TCC, a identidade vocacional organiza uma estratégia psicossocial para o desempenho da atividade no papel de trabalhador. Uma identidade vocacional é bem-sucedida como uma estratégia de desempenho no grau em que se está consciente dela e os outros a validam.

Ver as diferentes modalidades de reflexividade em termos de estratégias de vida para lidar com preocupações de carreira, leva diretamente a tipologias de formação e funcionamento da identidade vocacional. Os quatro esquemas reflexivos distintos produzem quatro diferentes estratégias para formar uma identidade vocacional e lidar com preocupações de carreira (*Proposição 34*). A TCC vê as estratégias identitárias vocacionais e as narrativas de carreira a partir de modelos de possibilidades denominadas de status de identidade (Marcia, 1980), funcionamento identitário (Josselson, 1996) e estilo identitário (Berzonsky, 1989). O trabalho seminal de Erik Erikson (1968) sobre identidade psicossocial foi reconceituado por Marcia (1980) como uma tipologia de quatro status de identidade formada por dois eixos, exploração e comprometimento. Marcia os denominou de *identidade estabelecida* (cf. agência e comunhão altas), *outorgada* (cf. agência baixa, comunhão alta), *moratória* (cf. agência alta, comunhão baixa), e *difusa* (cf. agência e comunhão baixas). Josselson (1996) renomeou os quatro status para enfatizar o que os indivíduos fazem e não o que são. Ela os denominou Desbravadores, Guardiões, Buscadores e Andarilhos*. Berzonsky (1989) concentrou-se nos processos de formação da identidade mais do que nos status. Explicou que estes quatro status resultam de três estratégias de formação de identidade, pelas quais as pessoas formam, mantêm e revisam suas identidades psicossociais: informacional, normativa e evitativa.

Os indivíduos *estabelecem* uma identidade vocacional ao se comprometerem com metas selecionadas para si próprios, após explorar alternativas. Indivíduos com esquema de apego seguro tendem a utilizar o *estilo informacional* (Berzonsky, 1989), no qual reúnem e avaliam ativamente informações relevantes antes de comprometer-se com uma escolha profissional. Esse estilo informacional de construção de carreira geralmente inclui atitudes de planejamento do futuro, ampla exploração das opções, uma base rica de conhecimento acerca das alternativas preferidas e competências de tomada de decisão bem desenvolvidas. Com uma

* *No original, respectivamente: Pathmakers, Guardians, Searchers, Drifters.*

separação saudável dos pais, os indivíduos integram as identificações com modelos em uma identidade coesa e estável e, então, fazem escolhas ajustadas e viáveis para implementar esta identidade vocacional em papéis profissionais. Uma vez que os indivíduos com estilo informacional selecionam metas educacionais e vocacionais, normalmente estabelecem um curso de ação, trabalham persistentemente na direção de suas metas e utilizam coping focado no problema para enfrentar os desafios que encontram ao longo do caminho. Josselson (1992) denominou os indivíduos com identidade estabelecida de Desbravadores porque estes indivíduos deslocam-se por cursos de vida autodeterminados.

Indivíduos que vivem identidades vocacionais *outorgadas* comprometem-se com metas de carreira escolhidas sem um período de exploração que afrouxe os laços com as certezas e convicções da infância. Indivíduos com esquema de apego ansioso-ambivalente tendem a utilizar o *estilo normativo* (Berzonsky, 1989) no qual aceitam padrões e receitas prescritas por outros significativos ao fazer as suas escolhas. Muitas vezes estão bastante ansiosos e engajados em relacionamentos tipo perseguição-e-fuga com seus pais. Embora possam ter dificuldades para se diferenciar dos cuidadores, sua habilidade para explorar e relatar sentimentos de apego seguro é limitada. Esse estilo normativo para assumir compromissos profissionais surge de uma preocupação em atender prescrições e expectativas parentais, como forma de preservar uma identificação como parte da família. Indivíduos que utilizam o estilo normativo frequentemente seguem um curso de ação sem investigar alternativas profissionais que possam desagradar os outros significativos. Ao invés de explorar o self e a situação no processo de assunção de compromissos, sucumbem a pressões externas e se protegem de ameaças externas, aderindo às prescrições profissionais familiares. As identidades vocacionais que formam têm coerência e continuidade, mas estas características são produzidas por forças externas que moldam e estabilizam seus compromissos para delimitar preferências profissionais.

Um estilo normativo por si só não é problemático; pode conduzir a uma identidade interdependente definida por relacionamentos com os outros mais do que por atributos individuais. Indivíduos que exibem identidades interdependentes foram definidos como socialmente orientados (Kegan, 1994) e favoráveis às normas (Gough, 1990). Josselson (1996) referiu-se a eles como Guardiões porque priorizam a conexão com os outros e preservam o que já foi. Os problemas surgem quando os

indivíduos adotam um estilo normativo em resposta a outros poderosos, que vigorosamente restringem as opções profissionais. Pressão familiar excessiva para seguir um rumo de carreira pré-estabelecido pode levar o indivíduo a inibir a exploração e a renunciar a comportamentos de escolha, atrasando ou prejudicando, assim, os seus próprios esforços adaptativos. Assim, a característica distintiva que faz com que um estilo normativo produza uma identidade outorgada, parece ser a qualidade do relacionamento com os pais. Um estilo normativo combinado com relações familiares saudáveis pode refletir em um padrão interdependente de construção de carreira, no qual o indivíduo escolhe livremente o bem coletivo da família como critério da escolha de carreira. Em contraste, um estilo normativo combinado com uma incapacidade para resolver problemas de relacionamento com os pais, leva a tomada de decisão dependente, identidade vocacional outorgada e construção de carreira limitada.

Indivíduos que vivem em *moratória* evitam compromissos e exigem liberdade para continuar explorando. Indivíduos com esquema de apego ansioso-evitativo tendem a utilizar um estilo evitativo (Berzonsky, 1989) no qual as circunstâncias e situações determinam suas escolhas. Num esforço para ignorar problemas e escolhas o máximo possível, adotam um estilo evitativo que envolve demora, procrastinação e indecisão. Indivíduos que utilizam o estilo evitativo preferem coping focado na emoção e, geralmente, carecem de modelos. Quando a situação não faz a escolha por eles, recorrem ao coping focado na emoção. O estilo evitativo surge de percepções negativas em relação aos pais. Josselson (1996) referiu-se aos indivíduos que vivem em moratória como Buscadores porque é o que eles estão fazendo.

Indivíduos com identidade difusa não exploram nem se comprometem com valores ou papéis vocacionais que definem a identidade. Com um esquema de apego desorganizado, pouco fazem para processar a organização self-ambiente e podem ficar sem um esquema com relação ao funcionamento da identidade. Mantêm-se irreflexivos e demonstram pouca capacidade de autodefinição e comprometimento com valores, metas ou relacionamentos. Sem compromissos ideológicos nem direção profissional, suas histórias de trabalho são geralmente instáveis, desarticuladas e controladas externamente. Berzonsky (1989) não lhes atribuiu um estilo de identidade único, sugerindo que também utilizam o estilo evitativo de formação de identidade. Sendo desorientados e desorganizados, experimentam uma dolorosa

sensação de incoerência, bem como uma sensação crônica de vazio. De acordo com Kernberg (1978), podem apresentar superficialidade, força de ego fraca, controle de impulsos pobre, e baixa tolerância à ansiedade. Josselson (1996) referiu-se aos indivíduos com identidade difusa como Andarilhos para enfatizar que o que eles estão fazendo é apenas desistir à medida que aceitam as coisas como elas chegam.

Os esquemas reflexivos delineados por Archer (2013) foram associados às estratégias identitárias em uma análise de histórias de carreira por Domecka e Mrozowicki (2013) que caracterizaram quatro padrões de carreira com pares distintos de esquemas e estratégias. Estes autores afirmaram que o uso de um esquema reflexivo autônomo tende a moldar uma estratégia identitária *de integração para construir* uma carreira; um esquema reflexivo comunicativo tende a moldar uma estratégia identitária de *introjeção para ancorar* uma carreira; um esquema meta-reflexivo tende a moldar uma estratégia identitária de *construção para criar uma carreira colcha de retalhos*; e, finalmente, um esquema reflexivo fragmentado tende a moldar uma estratégia identitária de desistir de um trabalho sem saída.

A Figura 7 exibe o modelo da TCC das narrativas de carreira dos autores autobiográficos, em que cada quadrante é constituído pelo pareamento de um esquema reflexivo com uma estratégia de formação e funcionamento de identidade vocacional, ambos emergentes da matriz fundamental metateórica de agência e comunhão.

Figura 7. Padrões de Modalidades reflexivas e Funcionamento identitário nos gêneros de histórias de carreira

Criando uma história de carreira

No final da adolescência, os indivíduos começam a dar sentido às suas vidas de trabalho ao conceber uma identidade vocacional e compor uma história de carreira com um enredo profissional e um tema de carreira (Proposição 35). Em sua forma mais simples, uma história de carreira coloca a série de posições profissionais ao longo de uma linha temporal (Proposição 36). Nessa forma sucinta, os eventos, como uma sequência do que aconteceu do princípio ao fim pode ser registrado como um *curriculum vitae*. Histórias de carreira mais elaboradas adicionam um enredo profissional aos eventos para criar um todo significativo que conecta posições e eventos explicitando causa e efeito (Proposição 37). Além de adicionar um enredo profissional que explica o que aconteceu, os indivíduos podem interpretar a razão pela qual as coisas aconteceram, investindo a trama explícita com um significado a partir de um tema de vida implícito (Csikszentmihalyi & Beattie, 1979). Um tema de vida designa autorrepresentações de necessidades, sentimentos, motivações e

estruturas de metas amplas de que uma pessoa não está, a princípio, totalmente consciente e nem é capaz de comunicar plenamente.

A padronização temática do enredo profissional realiza plenamente uma história de carreira ao acrescentar um motivo dominante para explicar por que as coisas aconteceram, especificar os meios para satisfazer as necessidades, destacar padrões recorrentes do comportamento vocacional e roteirizar cenas futuras *(Proposição 38)*. Considerar o enredo profissional à luz de um tema, tipicamente identifica e interpreta padrões previsíveis de eventos e experiências que parecem recorrentes ao longo do enredo profissional, favorecendo, assim, continuidade e coerência ao enredo profissional. O acúmulo de incidentes e insights em um tema abstrato também torna o enredo mais denso e amplifica significados mais amplos que podem esclarecer as escolhas e que podem ser feitas ao se avançar na história.

Pesquisadores e profissionais interrogam histórias sobre seus temas utilizando várias abordagens da literatura crítica, incluindo a mítica (Junguiana), psicanalítica (Freudiana), estrutural (sistêmica), pós-estrutural (desconstrução), Marxista (econômica) e feminista (cultural). Cada uma destas abordagens para compreender histórias e identificar temas, contém expectativas e princípios de organização preconcebidos. A estrutura da TCC para organizar as histórias biográficas de um indivíduo e identificar temas de carreira é chamado de *paradigma narrativo*. "Narrativa" significa uma história e "paradigma" significa um padrão. Assim, o termo "paradigma narrativo" designa a perspectiva da TCC a partir da qual apreender padrões temáticos em uma história de carreira.

O padrão geral delineado pela estrutura do paradigma narrativo envolve passagem do passivo para o ativo *(Proposição 39)*. A TCC sugere que os pesquisadores e orientadores formulem temas de carreira rastreando como um indivíduo utiliza o trabalho para passar do sofrimento passivo para o domínio ativo, impulsionado pelo que Freud (1920) denominou de compulsão à repetição. O desenvolvimento ocorre e os padrões surgem à medida que as pessoas organizam suas histórias de carreira em torno de questões temáticas que as preocupam e soluções que as ocupam. Estes temas geralmente se originam na infância e adolescência por meio de situações inacabadas, tensões ou conflitos que os indivíduos enfrentam e se esforçam para dominar. A necessidade de repetidamente dominar estas questões e preocupações

em níveis mais elevados de estabilidade influencia as escolhas de carreira, atividades no papel de trabalhador e as interações com supervisores e colegas de trabalho.

A TCC define os temas de carreira de uma pessoa como uma instância individual do paradigma narrativo. Como princípio abstrato, "transformar sofrimento passivo em domínio ativo" representa impulso latente nas pessoas em geral, algo que está sempre presente nas carreiras individuais, mas apenas visível quando se manifesta na adaptação a circunstâncias mutantes como tarefas de desenvolvimento vocacional, transições profissionais ou problemas laborais. Diante destas novas situações, o impulso para a mestria emerge prontamente e pode conduzir o como adaptar-se às mudanças no papel que provocam sua manifestação transformando tensão em intenção e preocupação em profissão*. Cada nova situação de carreira oferece mais uma oportunidade para os indivíduos abordarem questões e tensões recorrentes utilizando-se das atividades de trabalho para avançar a história na direção de mais completude e maior totalidade. Os temas de carreira dos indivíduos tornam-se mais explícitos através de sua repetição, à medida em que as experiências se acumulam durante a vida adulta.

Rastrear as motivações atuais nos contextos contemporâneos que remontam a tensões antecedentes e necessidades não satisfeitas durante a infância e a adolescência, geralmente realiza um tema de vida ou uma linha direta que proporciona a continuidade e a coerência necessárias para a formação e funcionamento da identidade vocacional. Expor um tema narrativo de uma história de carreira preserva o passado no presente ao ancorar o aqui-e-agora no lá-e-então, bem como expressa uma identidade vocacional ao elucidar como a pessoa permanece idêntica a si mesma a despeito das diversas experiências. Assim, os temas no presente são retrospectivos; é a motivação para a mestria que pode ser prospectiva na extensão e elaboração de um tema. A TCC não atribui causalidade aos temas, mas os temas representam tentativas de unificar experiências passadas com coerência e continuidade. Nesse sentido, a TCC afirma que as motivações atuais de carreira são funcionalmente autônomas de causas arcaicas (Allport, 1937). Como a continuidade temática fornece análises históricas em vez de impulsionar funcionalidades históricas, orientadores e pesquisadores devem sempre lembrar que o contexto atual do indivíduo é mais significativo em moldar as motivações presentes e sua expressão.

---

* *no original o autor utiliza a expressão "preoccupation in occupation".*

Da perspectiva do positivismo lógico e não de uma epistemologia do construcionismo social, Holland (1966) definiu um tema de carreira como "um conjunto complexo de atributos pessoais" (p.10) resultante da resolução das múltiplas e interrelacionadas experiências e influências de pais, escola, amigos, classe social, comunidade, hierarquia de escolhas anteriores e oportunidade (cf., Holland, 1966, p.12). O modelo RIASEC de tipos de personalidade vocacional de Holland identificou o tema essencial de uma história de carreira em uma palavra; por exemplo, Realista ou Social. A TCC propõe que cada tema RIASEC pode ser elaborado com motivos que seguem o paradigma narrativo de dominar ativamente o que foi passivamente suportado. Por exemplo, uma criança medrosa pode transformar-se em um adulto corajoso – não é preciso ser corajoso a menos que tenha sentido medo. Cada um dos temas RIASEC de Holland envolve um conjunto de motivos dominantes (cf., McAdams, 2008), incluindo, por exemplo, da fraqueza à força (Realista), da ignorância ao conhecimento (Investigativo), da repressão à liberdade (Artístico), do desamparo para a ajuda (Social), de pobre a rico (Empreendedor) e do caos à ordem (Convencional). McAdams (2008) identificou um importante conjunto de padrões de motivos "redentores" em biografias que podem entrelaçar-se com cada um dos temas de carreira: o motivo de restabelecimento da doença à saúde; o motivo de desenvolvimento da imaturidade à maturidade; e o motivo religioso do imoral ao moral. Ainda que os temas em uma história de carreira possam ser tipificados como refletindo um padrão geral como descrito por Holland (1997) ou McAdams (2008), as pessoas constroem temas únicos e complexos nas suas narrativas de carreira.

Embora identidades vocacionais tornem-se cada vez mais estáveis e as histórias de carreira tornem-se mais coerentes a partir do final da adolescência, proporcionando alguma continuidade na escolha e ajustamento, enredos profissionais e temas de carreira evoluem e podem mudar com o tempo e a experiência à medida em que as situações em que as pessoas vivem e trabalham mudam *(Proposição 40)*. Em resposta às mudanças e desafios provocados pelas tarefas de desenvolvimento, transições profissionais e problemas laborais, os autores autobiográficos redefinem os enredos profissionais e ampliam ou retificam os temas de carreira para redirecionar ou revisar suas histórias de carreira de forma a reintegrar o self, revitalizar a identidade vocacional e reconstruir atividades no papel de trabalhador *(Proposição 41)*. Uma história elaborada ou revisada com vistas a direcionar a transição para uma nova cena, episódio ou

capítulo em uma carreira tanto é *construída pela* pessoa quanto *construtora de* comportamento futuro (*Proposição 42*). Recontar as narrativas empodera os indivíduos como agentes motivados para realizarem escolhas e adaptarem-se a contextos de carreira e situações profissionais mutantes (*Proposição 43*).

Promovendo a construção de carreira pelo ator, agente e autor

Conforme descrito nesse capítulo, a TCC apresenta um conjunto de princípios com a finalidade de explicar e predizer diversos fenômenos interrelacionados acerca do comportamento vocacional e seu desenvolvimento. A teoria é acompanhada por um discurso sobre aconselhamento que se concentra no comportamento vocacional, esforços profissionais e explicações de carreira relativas a tarefas evolutivas vocacionais, transições profissionais e problemas laborais (Savickas, 2019). Utiliza-se o termo "discurso de aconselhamento" ao invés de "teoria de aconselhamento" para indicar um foco no conhecimento baseado na prática e nos resultados observáveis, e não mensuração, predição e experimentação. Como um discurso disciplinar, o Aconselhamento para a Construção de Carreira (ACC) fornece uma linguagem e definições para se falar e escrever sobre práticas em carreira, paradigmas para pensar sobre questões dos clientes e métodos para encorajar clientes a resolverem suas preocupações.

O ACC difere das duas principais intervenções do século XX, denominadas orientação vocacional (Parsons, 1909) que combina os atores sociais com grupos profissionais com os quais se assemelham, e educação para a carreira (Super, 1954) que ensina aos agentes motivados as estratégias de adaptabilidade e respostas adaptativas para lidar com tarefas de desenvolvimento e transições profissionais (Savickas, 2015a). Em nítido contraste com a orientação vocacional e a educação para a carreira, os diálogos da construção de carreira enfocam a singularidade do indivíduo para estimular os autores autobiográficos a reflexivamente transformarem seus temas de carreira e ampliarem seus enredos profissionais ao identificar contextos compatíveis, roteiros possíveis e cenários futuros (*Proposição 44*). Assim, o ACC objetiva levar os clientes da reflexão envolvida na orientação vocacional para a reflexividade que os capacite a reconstruir suas histórias de carreira e, de forma mais intencional, utilizar as atividades no papel de trabalhador para elaborar seus temas de vida. O discurso do ACC propõe que orientação vocacional e educação para a carreira

fomentam reflexão retrospectiva, na qual a perspectiva atual da pessoa leva a uma pequena mudança de primeira ordem; ao passo que os diálogos de construção de carreira estimulam a reflexividade prospectiva a partir de novas perspectivas que levam a mudanças transformativas de segunda ordem (Fraser & Solovey, 2007) (*Proposição 45*). Um livro-texto (Savickas, 2019) e um manual de intervenção (Savickas, 2015b) fornecem mais informações sobre o modelo, métodos e materiais da ACC.

Conclusão

A Teoria da Construção de Carreira apresenta um conjunto conectado de termos e afirmações que constituem uma forma de pensar e falar sobre carreiras no século XXI. O Apêndice A lista as três premissas e as 45 proposições que constituem a teoria. Estas sistematizam, de maneira formal e funcional, o conhecimento sobre como os indivíduos se fazem e constroem suas carreiras em contextos culturais e sociais. Em especial, a teoria explica os processos interpretativos e interpessoais através dos quais os indivíduos se organizam, impõem direção ao seu comportamento vocacional e dão sentido às suas carreiras. Como agentes que atuam no e sobre o mundo, os indivíduos lidam com sua motivação e se posicionam como atores sociais em atividades no papel de trabalhador que correspondem às suas características profissionais e implementam seus autoconceitos vocacionais. Em resposta às mudanças ocasionadas pelas tarefas de desenvolvimento vocacional, transições profissionais e problemas laborais, os indivíduos reflexivamente revisam suas histórias de carreira ao se reposicionarem em novas atividades no papel de trabalhador. Seguindo esta introdução à Teoria da Construção de Carreira, o próximo capítulo descreve os métodos e materiais utilizados em um estudo de casos múltiplos que examinou e explicou a teoria na vida profissional de quatro homens.

CAPÍTULO DOIS

Métodos de estudo de caso da Construção de Carreira

A pesquisa de estudo de casos múltiplos relatada aqui investigou o modelo da Construção de Carreira, uma teoria do comportamento e desenvolvimento vocacional (Savickas, 2002, 2013). Os estudos de caso de quatro indivíduos ilustram como os processos e produtos de apego auto-organizador, adaptabilidade autorreguladora e identidade autoconcebida contribuem para a construção de carreira. Os casos também destacam o princípio básico da teoria da construção de carreira, a saber, que a formação de interesses e a implementação de escolhas emergem da transformação das preocupações em profissões*, uma transformação que permite aos indivíduos dominar ativamente o que antes sofreram passivamente. A compreensão desse princípio básico de construção de carreira foi possível com o uso de um projeto de pesquisa prospectivo que revelou como as preocupações formadas no início da vida levaram, na idade adulta, a escolhas profissionais e ajustamentos no trabalho. As histórias de vida apresentadas neste livro retratam claramente como a trajetória de desenvolvimento do sintoma à força desempenha um grande papel na formação de vidas e na construção de carreiras.

Ao ver as vidas dos participantes a partir da perspectiva da Teoria da Construção de Carreira, meu objetivo foi usar os estudos de caso para fins expositivos e didáticos; não para validar, mas para ilustrar, explicar e demonstrar teoremas na Teoria da Construção de Carreira. Além disso, esperava inferir novas hipóteses a partir de estudos de caso se eles trouxessem exceções ou discrepâncias a algum teorema que, de outra forma, fosse bem suportado.

A importância dos Estudos de Caso

Embora as teorias de carreira compreendam o comportamento vocacional utilizando conceitos gerais, nenhuma compreensão real das carreiras é possível sem o conhecimento de casos específicos. Se assumirmos que tanto o abstrato quanto o concreto são importantes para o avanço da ciência das carreiras, então, segue-se que os estudos de caso, que obtêm sua validade a partir de particularidades, devem ser usados rotineiramente na pesquisa vocacional. Infelizmente, a maioria

das pesquisas em psicologia vocacional avalia sistematicamente os pensamentos e comportamentos de indivíduos com métodos quantitativos que desmembram artificialmente os participantes e resultam no estudo de variáveis, não de indivíduos. Os métodos quantitativos conceituam os indivíduos como uma constelação de características sociológicas e psicológicas distintas que podem ser significativamente relacionadas a uma ampla variedade de comportamentos vocacionais. Os resultados de tais estudos relatam coeficientes de correlação entre duas variáveis; por exemplo, autoeficácia e interesses ou adaptabilidade e identidade. Apesar de coeficientes de correlação geralmente baixos a moderados entre as variáveis, os investigadores geralmente ficam satisfeitos com os resultados, desde que as correlações sejam estatisticamente significativas. Os pesquisadores tendem a evitar discutir a significância dos resultados e a ignorar a variância não explicada pelas correlações.

Apesar dessas limitações, os estudos que quantificam as diferenças individuais têm sido extremamente úteis no fornecimento de dados normativos sobre grupos de indivíduos e na construção de inventários para medir como os indivíduos se comparam aos grupos normativos. No entanto, a atenção aos participantes individuais como conjuntos únicos de características sociais e psicológicas, cuja soma não pode possivelmente explicar as respostas particulares dos indivíduos aos seus ambientes, é perdida em favor de uma consideração quase exclusiva destas variáveis. Foi essa limitação que levou Henry Murray (1938) a insistir que as pessoas fossem estudadas como um todo.

A importância de estudar os próprios indivíduos ao invés de variáveis de diferenças individuais foi articulada pela primeira vez por Stern (1911) em seu livro clássico intitulado *Fundamentos Metodológicos de Psicologia Diferencial*. Stern distinguiu entre *o foco nas diferenças individuais* no estudo quantitativo dos atributos dos indivíduos e o *foco na individualidade* no estudo qualitativo dos próprios indivíduos. Para Stern (1911), estudos quantitativos resultam em conhecimento de indivíduo nenhum. Como Lamiell (2003) afirmou posteriormente, as variáveis de diferenças individuais são diferenças, não pessoas. Em comparação, os métodos qualitativos aplicados em estudos de caso concentram-se nos indivíduos como um todo, ao invés de nas variáveis como partes. Como um método qualitativo, os estudos de caso representam uma abordagem igualmente importante para investigar carreiras e testar teorias. Quando conduzidos com precisão e rigor,

os estudos de caso acrescentam uma contraparte complementar importante, e não apenas uma adição suplementar, ao estudo da significância estatística das diferenças entre as médias dos grupos. A atenção sistemática ao comportamento e à vida psicológica dos indivíduos pode iluminar as diferenças de grupo que foram encontradas ou ajudar a explicar a falta de descobertas significativas. Além disso, os estudos de caso podem ser muito mais frutíferos do que as abordagens atuariais ao introduzir modificações em uma estrutura conceitual. Nos estudos de caso da construção de carreira aqui apresentados, foram utilizadas entrevistas narrativas para produzir retratos de indivíduos estudados como um todo.

Retratos de vida

A composição de retratos de vida é uma abordagem metodológica qualitativa para construir uma narrativa escrita que descreve, interpreta e analisa um fenômeno – como a carreira - com base em observações sistemáticas, entrevistas e outros dados (Lawrence-Lightfoot & Hoffman Davis, 1997). Os retratos narrativos no presente livro capturam as experiências de carreira de cada participante de uma forma a contar uma história verossímil e coerente sem impor uma falsa consistência. Nos retratos de vida, busquei registrar as perspectivas e experiências dos participantes para documentar suas vidas e carreiras nos contextos social e cultural. Os retratos surgiram a partir de diálogos com os participantes que determinaram a forma do discurso. As transcrições das entrevistas foram transformadas em retratos que incorporaram as duas formas de narrativas definidas por Stalker (2009). As narrativas de primeira ordem ou ontológicas colocam os participantes na posição dominante enquanto contam sua história de vida. Tendo o privilégio e a responsabilidade de recontar as histórias dos participantes, tentei o melhor para respeitar suas intenções ao contar suas histórias. Consequentemente, os retratos, no presente livro, incluem muitas citações literais que documentam como os participantes expressaram as experiências chave de vida. As narrativas de segunda ordem ou epistemológicas colocam os pesquisadores em uma posição dominante, pois transmitem uma história que desejam contar sobre uma ordem social particular, neste caso, a carreira. Seguindo o conselho de Eudora Welty (1998), não ouvi uma história, escutei uma história como formada pelos construtos específicos, questões relevantes e dimensões teóricas por trás das minhas perguntas. Combinar narrativas ontológicas e epistemológicas me

permitiu compor retratos ricos e convincentes da construção de carreira em um determinado lugar e tempo.

Cada um dos quatro estudos de caso neste volume começa com um "retrato de vida" que reconta um esboço do personagem do participante, utilizando suas próprias declarações para ilustração, sempre que apropriado. Os retratos de vida evitam o diagnóstico e a análise interpretativa; em vez disso, apresentam, de forma relativamente completa e sem comentários, relatos das vidas e carreiras dos participantes. Separar um retrato de vida de sua análise interpretativa subsequente e de dados psicométricos, permite que leitores e pesquisadores apliquem seu modelo conceitual preferido para compreender o comportamento vocacional e o ajustamento ao trabalho. Acredito que coisas importantes podem ser aprendidas com cada caso e, em conjunto, podem levar a uma melhor compreensão de qualquer teoria de carreira. Para tanto, os acadêmicos podem demonstrar teorias de carreira para alunos de pós-graduação usando os retratos de vida como estudos de caso, seja por meio de palestras didáticas ou aprendizagem por descoberta.

Enquanto minha primeira perspectiva ao escrever os retratos de vida tenha sido apresentar biografias *intrinsecamente interessantes*, eu tinha um segundo objetivo de ver os casos de uma perspectiva *instrumental*, de generalizar para além do caso em si. A partir dessa perspectiva extrínseca, busquei ilustrar e examinar o quão bem a Teoria da Construção de Carreira poderia compreender as carreiras individuais. Cada retrato de vida forneceu um exemplo empírico de construção de carreira ao longo do curso de vida. Conectar as especificidades de um caso aos conceitos e teoremas da Teoria da Construção de Carreira ajudou a entender algo mais geral à medida que eu explorava e questionava a teoria. Após a apresentação de cada retrato de vida, eu apresento as minhas análises e interpretações do retrato, acompanhadas dos dados psicométricos. Assim, a segunda metade de cada capítulo considera os processos de construção da carreira de auto-organização, autorregulação e autoconcepção dos participantes. Seguindo o enquadramento de identidade de McAdams (2013), então examinei as construções de carreira no retrato de vida de cada participante através das lentes das relações interpessoais e disposições pessoais como um ator social, do foco regulatório e recursos de adaptabilidade como um agente motivado, e da deliberação reflexiva e composição de identidade como um autor autobiográfico.

No capítulo final, considero o conjunto dos quatro estudos de caso instrumentais para entender melhor o tipo de carreira que cada participante representou e para ampliar a interpretação da construção de carreira e do comportamento vocacional. Essa perspectiva *coletiva* sobre os casos buscou extrair temas dos casos e examinar teoremas da Teoria da Construção de Carreira. Tomadas em conjunto, as perspectivas intrínseca, instrumental e coletiva sobre os casos (Stake, 1994) maximizaram as contribuições deste projeto.

Metodologia

Os participantes

Antecipar o grande investimento de tempo e energia necessário para conduzir os estudos de caso exigiu uma seleção cuidadosa dos participantes para inclusão no estudo. Idade, etnia, sexo e contexto cultural foram mantidos constantes dado o pequeno número de participantes que poderiam ser razoavelmente incluídos. Os participantes selecionados eram todos caucasianos, do sexo masculino, no nono ano. Por um lado, isto era uma vantagem ao facilitar as comparações dos casos em função dos conceitos teóricos. Por outro lado, era uma desvantagem ao impedir uma exploração mais profunda de como a cultura, o gênero e a etnia influenciam a construção da carreira.

Foram estudados oito meninos cujos perfis de desenvolvimento vocacional indicavam conceitos diferentes na teoria de carreira. Os participantes variaram sistematicamente em como lidavam com as tarefas de desenvolvimento vocacional durante o estágio inicial de exploração de carreira. Dois meninos demonstravam atitudes e competências maduras, dois meninos expressavam expectativas irrealistas, dois meninos experimentavam indecisão e dois meninos mostravam indiferença. Pensou-se que cada par de estudos de caso selecionados para estudo intensivo poderia eventualmente representar diferentes trajetórias de construção de carreira e, assim, levar a um melhor entendimento dos construtos teóricos que representavam, podendo até gerar novas hipóteses sobre esse construto. No devido tempo, decidi que quatro dos oito participantes tinham biografias que melhor esclareciam as quatro principais trajetórias do curso de vida na Teoria da Construção de Carreira. Enquanto os quatro casos restantes eram intrinsecamente interessantes e contavam histórias de vida únicas, apenas um caso de cada um dos pares de casos

complementares foi necessário para ilustrar a TCC. Apresentar os quatro outros casos reforçaria conceitos e conclusões, mas ao preço de alongar o manuscrito com duplicação e redundância.

Juntos, os quatro casos no presente livro cobrem as quatro principais trajetórias de curso de vida na construção de carreira. A ordem de apresentação dos estudos de caso seguiu o contínuo de estilos de apego de seguro a desorganizado (Ainsworth & Bowlby, 1991). O primeiro caso apresentado mostra o apego seguro; o segundo caso ilustra o apego ansioso-ambivalente; o terceiro caso representa apego ansioso-evitativo; e o quarto caso ilustra o apego desorganizado. Engajei-me em uma quantidade mínima de comparação explícita dos casos à medida em que eram introduzidos, tendo como base as comparações implícitas evocadas pelo continuum de apresentação. Espero até o capítulo final para fazer algumas observações e generalizações de uma perspectiva coletiva sobre os estudos de caso múltiplos (Stake, 1994).

Procedimentos

As entrevistas foram realizadas e quatro retratos de vida foram escritos sob a ótica da Teoria da Construção de Carreira (Savickas, 2002, 2013), com o objetivo de utilizar os estudos de caso para fins expositivos e didáticos para ilustrar, explicar e demonstrar conceitos e teoremas dessa teoria. Dentro dessa estrutura de organização, o objetivo era fazer com que os participantes, tanto quanto possível, falassem por si mesmos ao descrever momentos e questões importantes em suas vidas e carreiras. Para tanto, os tópicos das entrevistas foram "narrativizados" (Holloway & Jefferson, 2000) como questões ao convidar os participantes a contarem histórias detalhadas sobre processos, experiências e relacionamentos interpessoais relacionados às suas carreiras. Por exemplo, em vez de perguntar "Quem foram pessoas importantes para você naquela época da sua vida?" a pergunta tornava-se um convite para "Conte-me sobre as pessoas importantes para você na sua vida naquela época". Depois, ao transformar os dados da entrevista em retratos de vida, não apenas editei as suas declarações, mas selecionei material de várias centenas de páginas de textos escritos para enfatizar pontos de minha própria escolha. Portanto, os leitores devem considerar esta advertência - a abordagem neste estudo não foi totalmente ateórica, nem fundamentada. Se as entrevistas e anotações fossem conduzidas por um pesquisador com uma inclinação teórica diferente, certamente haveria diferen-

ças sistemáticas na maneira como as informações foram selecionadas, solicitadas, organizadas, interpretadas e relatadas.

Período das entrevistas

A escolha de quando entrevistar os participantes é um exemplo de escolha influenciada pela teoria e não pelos próprios participantes. Utilizar o modelo de Super (1957) de estágios de carreira e tarefas de desenvolvimento como a estrutura geral para a investigação funcionou para destacar os pontos de inflexão fundamentais no desenvolvimento vocacional dos participantes. Esses períodos previsíveis de transição orientaram a seleção das idades em que os participantes foram entrevistados. Assim, os cinco estágios da carreira de crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e desengajamento tiveram seu principal valor na decisão inicial de quando entrevistar os participantes, bem como na organização posterior em uma forma plausível do material do caso relativo à escolha vocacional e adaptação ao trabalho. Essa forma possibilitou uma visão mais clara da dialética do desenvolvimento, focalizando especialmente em como as descontinuidades previsíveis na adaptação estimulam novas atividades e produzem novos resultados. O presente estudo abordou as tarefas de desenvolvimento em cada um dos cinco estágios de carreira de Super (1957) em mais ou menos detalhes. Crescimento foi representado apenas na medida em que foi visto em retrospectiva pelos participantes e relatado por seus pais. Exploração, estabelecimento e gerenciamento foram documentados em grande detalhamento. Desaceleração, Planejamento da aposentadoria e Vida na aposentadoria foram descritos na medida em que cada indivíduo se engajou nessas tarefas. Na conclusão deste projeto, alguns participantes estavam apenas começando a desacelerar, enquanto outros estavam aposentados há vários anos.

Coleta de dados

Cada participante foi entrevistado pela primeira vez quando estava no nono ano (14-15 anos de idade). Ao todo, foram quatro entrevistas abordando, em cada uma, os temas de atividades de lazer, vivências escolares, relações familiares e planos de carreira. Cada entrevista durou uma hora. Devida atenção foi dada aos determinantes sociais e ao contexto cultural, incluindo expectativas familiares, problemas escolares, relacionamentos entre os pais e interações com mãe, pai, irmãos e pares. Esses determinantes foram destacados porque as preocupações pessoais são formadas e mantidas na matriz interpessoal da família e, a seguir, elaboradas no contexto social

mais amplo da vizinhança e da escola. Embora a maioria das perguntas indagasse sobre eventos contemporâneos, várias eram direcionadas a obter relatos de experiências no estágio de crescimento. Esses dados retrospectivos foram importantes para a compreensão da infância como um período de aprendizado durante o qual cada participante delineou as bases de um projeto para sua vida. Como um todo, os dados da entrevista fornecem uma oportunidade para considerar a evolução do self, primeiro como um ator social e depois como um agente motivado.

As entrevistas com os pais de cada menino foram conduzidas em suas casas enquanto os meninos estavam no nono ano. Os antecedentes dos pais também foram explorados, e considerou-se a sua influência na vida daqueles que podem, à primeira vista, parecer tão distantes deles. As entrevistas dos pais revelaram as características e a qualidade dessas relações altamente significativas. As contribuições dos pais para a autoimagem do jovem e seu estilo interpessoal como ator no palco social foram evidentes ao longo do estudo.

Além das entrevistas, cada participante completou uma bateria de testes de aptidões, avaliações de interesses e inventários de personalidade enquanto estava no nono ano. Os instrumentos da bateria de avaliação foram selecionados tanto para medir parâmetros da pessoa que não são tão bem avaliados na entrevista quanto para fornecer dados quantitativos para comparar as respostas de um participante com aquelas fornecidas por vários grupos normativos.* O conjunto de medidas incluiu o *Differential Aptitude Tests*, *Kuder Preference Record-Vocational Form CH*, *Nelson-Denny Reading Test*, *Otis Quick-Score Intelligence Test*, *Rotter Incomplete Sentence Blank* com a adição de 17 itens destinados a obter respostas relativas ao trabalho, *Strong Vocational Interest Blank-Revised*, *Test of Mechanical Comprehension*, *Thematic Apperception Test*, and *Work Values Inventory*. Cada uma das medidas psicométricas e projetivas usadas no estudo são descritas no final deste livro no Apêndice B.

Em seguida, os participantes foram entrevistados em profundidade três anos depois, quando estavam no último ano do ensino médio (17-18 anos de idade). Eles novamente completaram o *Rotter Incomplete Sentence Blank*, o *Thematic Apperception Test*, e o *Work Values Inventory*. Em seguida, foram acompanhados aos 21 anos, quando responderam a perguntas sobre suas carreiras. Eles foram

* *As tradutoras optaram por não traduzir o nome dos testes e inventários.*

entrevistados novamente aos 25 anos, ou sete anos depois do ensino médio. Foram contatados brevemente a cada dois anos, e, então, entrevistados extensivamente aos 35 anos. Mais uma vez, eles completaram o *Rotter Incomplete Sentence Blank*, o *Thematic Apperception Test*, e o *Work Values Inventory*.

Aos 38 anos, cada participante foi entrevistado por cerca de quatro horas. A entrevista semiestruturada tratou de uma ampla gama de experiências, desde a infância até a idade adulta, na tentativa de determinar como tinha sido a vida para eles; relacionamentos que foram importantes para eles; objetivos que surgiram com o tempo; momentos significativos da vida e planos para o futuro. Além da entrevista, os participantes preencheram *o Minnesota Multiphasic Personality Inventory*-2 e o *Dynamic Personality Inventory*. Os participantes foram entrevistados, a seguir, quando tinham 50 anos de idade, foram entrevistados em profundidade pela última vez aos 54 anos e contatados pela última vez aos 59 anos.

Na entrevista final, cada homem foi lembrado do que havia relatado anteriormente sobre si mesmo. A intenção era de atualização, geralmente por várias horas e, ocasionalmente, seguido por uma conversa com a sua esposa. Cada um dos homens foi convidado a revisar as decisões que haviam tomado; descrever as experiências que acreditavam ter definido suas vidas; discutir o que eles apreciaram, do que se arrependeram e se ressentiram; identificar as pessoas significativas em suas vidas; traçar o curso de sua saúde física e mental; descrever suas rotinas diárias; relatar quaisquer mudanças significativas em suas atitudes ou prioridades; explicar o que eles esperavam dali para frente; discutir quaisquer desafios ou oportunidades especiais que eles antecipavam; revelar suas dúvidas e medos acerca do futuro; considerar o que eles fariam de diferente se tivessem uma vida para viver novamente; e compartilhar o conselho que dariam a outras pessoas sobre como viver a vida. No final, as transcrições das entrevistas, os escores dos testes e inventários, as respostas às técnicas projetivas, as classificações nos índices de adaptabilidade de carreira, e os julgamentos feitos de comportamentos vocacionais, todos forneceram o tipo de informação necessária para descrever completamente o estilo de funcionamento de cada participante e para uma compreensão completa de sua carreira.

A composição dos retratos de vida

Ao longo de cada entrevista, os participantes foram incentivados a contar suas histórias à sua maneira. Alguma compreensão de seu ser pode ser adquirida a partir de como eles compuseram suas histórias e organizaram seu relato. Assim, ao se descrever o retrato de vida de cada participante, são apresentadas abundantes amostras das afirmações do próprio indivíduo, destacadas em itálico, para que o leitor possa observar as palavras que os participantes escolheram para criar sua personagem, bem como o cenário em que aquela personagem estava. Depois que um primeiro rascunho do retrato de vida foi escrito, cada participante revisou o material para corrigir quaisquer impressões errôneas e revisar o retrato de forma a que se sentisse satisfeito. Cada participante também foi solicitado a fazer as alterações necessárias para se assegurar de que não seria reconhecido por outras pessoas e que nenhuma das informações seria prejudicial para ele ou sua família. As instruções dadas por cada participante para fazer exclusões, correções e revisões foram escrupulosamente executadas. O participante, então, novamente deu permissão para usar o material. Os dados psicométricos não foram modificados porque não incluíam informações de identificação.

As identidades dos participantes foram e permanecem um segredo. Os retratos apresentam histórias de vida nas quais foram feitas mudanças para proteger a identidade dos participantes. Quando necessário, para ocultar a identidade de um participante, foram criados substitutos simbolicamente equivalentes para aspectos da identidade e de circunstâncias de vida do participante. Em seus retratos de vida, o disfarce é profundo, identificável apenas pelos participantes. Os disfarces seriam revelados ao explicar precisamente como foram feitos. Sem entrar em detalhes grandes e despropositados, basta afirmar que foram modificados os fatos identificáveis, mas não foram alterados os elementos básicos de ancoragem nem as verdades mais amplas. A substância dos retratos de vida permanece confiável e precisa. Em suma, os fatos objetivos que revelam as identidades dos participantes podem ter sido alterados, mas os retratos de vida transmitem a verdade narrativa que permanece fiel à história de vida do participante. Qualquer leitor que acredite reconhecer um dos participantes estará, com certeza, enganado.

Ao compor os retratos de vida, permaneci sensível às linhas éticas, legais e morais entre fatos e invenções (Sperry, Hartshorne, & Watts, 2010). Não há exageros nem falsificações por causa da história, nem da teoria. Nada, mesmo mínimo ou

sem importância, foi inventado para aumentar a credibilidade ou a confiabilidade. Claro, os leitores podem questionar a veracidade dos retratos de vida. Em resposta a tais preocupações, Menkel-Meadow (2000) sugeriu que os leitores aceitem três suposições. Em primeiro lugar, aceite que o autor compôs os retratos de vida de maneira ética e eficaz. Em segundo lugar, suponha que você pode gerar ideias úteis e generalizáveis a partir dos retratos da vida. E, finalmente, acredite que você pode aprender algo mais ou algo diferente com retratos de vida mais do que com teoremas abstratos ou pesquisa empírica. Então, o que pode ser aprendido que é "mais ou diferente"? Bem, ler um retrato de vida pode confirmar o que você já sabe e aumentar a consciência sobre um princípio geral. Ou pode desafiar algum princípio que você preza, encorajando-o a reinterpretá-lo e ampliar a sua perspectiva. Uma leitura atenta pode sugerir inadequações em uma teoria atual e iluminar alguns conceitos abstratos com instanciações concretas. E, finalmente, os estudos de caso podem sugerir alguns caminhos novos de investigação. Convido você, como leitor, a interrogar as histórias para saber o que você pode aprender com elas sobre a Teoria da Construção de Carreira, bem como sobre sua própria teoria favorita.

Análises

Cada análise de caso inclui as medidas nomotéticas das diferenças individuais, bem como as avaliações idiográficas da individualidade. Depois de apresentar cada retrato de vida, identifiquei características da personalidade disposicional e, em seguida, rastreei sua expressão em papéis de trabalho e na construção de carreira. Para auxiliar na identificação das características da personalidade, utilizei inventários psicométricos e técnicas projetivas. Para auxiliar na identificação de temas de carreira, utilizei testes de habilidades, inventários de interesses e avaliações de valores. No capítulo final, utilizei cada um dos quatro casos para explorar as premissas básicas da Teoria da Construção de Carreira. Além disso, descrevi como cada um dos quatro participantes organizou sua vida em torno de um problema que o preocupava e de soluções que o ocuparam. Também considerei a eficácia de uma técnica para revelar temas de carreira, nomeadamente desenhando uma linha de construção da carreira a partir de memórias da infância, passando por modelos da adolescência até profissões da vida adulta. Desse modo, tracei a trajetória de

como cada participante relacionava seu mundo interno com o externo - primeiro na brincadeira, depois nos hobbies e, finalmente, no trabalho.

Conclusão

Sou profundamente grato aos quatro homens que corajosa e corretamente compartilharam suas histórias de vida para o avanço da teoria e da prática em carreira. À medida que os participantes narram suas próprias histórias, concentram-se em como suas percepções de si próprios e dos outros revelam conflitos e ajustamentos que, às vezes, se modificaram, mas que mais frequentemente persistiram ao longo do tempo. O contínuo processo de escolhas, motivado por demandas internas e externas, juntamente com suas consequências vocacionais será revisto. Irei rastrear como as fantasias se transformam em aspirações altamente provisórias e, em seguida, em objetivos ocupacionais mais realistas. Discutirei como os papéis são testados e, em seguida, modificados ou rejeitados inteiramente como inadequados para funcionamento futuro. A dialética da atividade e feedback, que inaugura formas de novas síntese e em constante evolução, será examinada. Descreverei os esforços que trouxeram sucesso e satisfação ou fracasso e frustração, e como essas experiências formam a base de novas decisões e esforços adicionais. Exemplos relacionados às proposições teóricas serão identificados e suas inter-relações esclarecidas. E, finalmente, vários aspectos da própria história do indivíduo serão ainda mais esclarecidos pelos resultados dos testes e suas mudanças ao longo do tempo. No final, espero que esses retratos de vida esclareçam como os processos e conteúdos de autoconstrução de (a) esquemas de apego auto-organizados e estratégias disposicionais dos atores sociais, (b) esquemas motivacionais autorreguladores e estratégias de adaptação de agentes motivados e (c) esquemas de reflexividade e estratégias de identidade autobiográficas de autores que se autoconcebem contribuem para a construção da carreira, bem como fornecem exemplos claros de como os indivíduos podem usar o trabalho para resolver ativamente problemas no crescimento e no funcionamento eficaz na vida adulta.

Cada um dos quatro capítulos a seguir apresenta um estudo de caso que ilustra a trajetória estável de construção de carreira de um participante, sem rotação de modelos conceituais posteriores. Este enquadramento estável de histórias de vida permite que os leitores vejam a trajetória de cada participante à medida

que se movem ao longo de uma das quatro principais vias mapeadas pela matriz fundamental de individuação com agência e integração comunitária. A Figura 8 na página seguinte exibe as quatro principais trajetórias de esquemas e estratégias de construção de carreira percorridas por cada um dos participantes, conforme descrito nos quatro capítulos seguintes.

Figura 8. Quatro principais trajetórias de esquemas e estratégias de construção da carreira

Capítulo 3 Trajetória de Robert	Cap 4 Trajetória de William	Cap 5 Trajetória de Paul	Cap 6 Trajetória de Fred
Seguro	Ansioso-Ambivalente	Ansioso-Evitativo	Desorganizado
Alpha	Beta	Gamma	Delta
Promoção + Prevenção	Prevenção	Promoção	Desmotivação
Coping Integrativo	Ajustado Olhar à frente	Ajustado Olhar ao redor	Maladaptativo Fragmentado
Autônomo	Comunicativo	Meta-	Fraturado
Desbravador	Guardião	Buscador	Andarilho

CAPÍTULO TRÊS

O IMPULSO DE UM DESBRAVADOR

Três processos entrelaçados para a construção da carreira são o esquema de apego e as estratégias disposicionais de personalidade do ator social, o esquema regulatório e a estratégia de adaptabilidade do agente motivado, e o esquema reflexivo e a estratégia de identidade do autor autobiográfico. Ao ler este capítulo da perspectiva da Teoria de Construção de Carreira, reconheça como o *esquema de apego seguro* de Robert o habilitou, como ator social, a organizar e manter as estratégias de uma *disposição de personalidade* extrovertida e que aceita as normas. Como um agente motivado que combinou o esquema de promoção e prevenção para definir e perseguir metas de autorrealização, ele fez escolhas vocacionais e ajustes de trabalho com *estratégias de adaptação integrativa*. Como um autor autobiográfico, Robert deliberou com um esquema autônomo para conceber a *identidade vocacional de um Desbravador* e compor uma história de carreira coerente. Agora considere os detalhes de como a carreira congruente de Robert Coyne começou com antecedentes de satisfação familiar e terminou com consequente sucesso, satisfação e estabilidade.

PARTE I

Retrato da vida de Robert Coyne: A criança é o pai do homem

Embora Robert seja um próspero executivo, muito respeitado por seus colegas na comunidade, seus funcionários e seus muitos amigos e conhecidos, isso seria difícil de dizer por sua aparência. Agora com 60 e poucos anos, não há nada nele que cheire a pompa, nada sobre suas roupas ou sua postura ou aqueles pequenos gestos reveladores que falam muito sobre o que pensamos que nosso status nos dá direito, nada que sugira que ele pode se destacar de outros. O sucesso lhe cai bem, e talvez sua facilidade com isto seja responsável por suas realizações. Provavelmente também ajuda o fato de seu trabalho ser uma extensão de quem ele é como ser humano, inteiramente congruente com suas necessidades e interesses mais profundos, e que o tempo que dedica a ele parece ilimitado. Embora uma

visão superficial da quantidade de tempo e energia que ele dedica à sua profissão possa levar o observador casual a concluir que Robert é um *workaholic*, o ingrediente essencial dessa síndrome está marcadamente ausente. Aqui não há nenhum homem desesperado. Não encontramos nele nenhum indício da insegurança que move outros que apenas aparentemente se parecem com ele em sua preocupação com o trabalho. Seus sucessos não vieram às custas de outros. Seu orgulho não foi conquistado pela humilhação de outros. Seu senso de valor não deriva da competição implacável com aqueles que seriam seus rivais. Não há demônios internos para serem projetados e contra os quais lutar no ambiente de trabalho. Em paz consigo mesmo, Robert permaneceu ao longo dos anos em grande paz com aqueles com quem faz negócios e, no final do dia de trabalho, pode dormir o sono daqueles que não fizeram mal a ninguém durante as horas de vigília.

Família

A identidade vocacional e a carreira de Robert manifestam os valores e ensinamentos de seus pais. Sua mãe, Mary, não se lembrava de seu local de nascimento na Irlanda, mas nunca se esqueceria de como era viver e trabalhar em um solo não muito diferente do pequeno terreno em que haviam trabalhado seus pais imigrantes e seus pais e avós antes deles. A agricultura, seja na Irlanda ou em Ohio, envolve as mesmas tarefas árduas, a mesma resignação com o trabalho duro sem reclamar e a capacidade de ser grato por ter sobrevivido mais uma temporada. Depois de terminar o sétimo ano, com mais educação do que a mãe ou o pai, Mary teve de ficar em casa para ajudar no campo e na casa, além de aumentar a escassa renda de seus pais com o trabalho doméstico para famílias prósperas. Ela ganhava 25 centavos por hora trabalhando com as mãos e os joelhos para limpar o chão. Para seus pais, era sempre trabalhar e trazer dinheiro para casa.

Não havia tempo para frivolidades; bailes e até festas de aniversário estavam fora de questão. Os encontros com meninos eram malvistos e supervisionados de maneira desanimadora. Aulas de piano eram consideradas um luxo inútil por uma mãe que nunca aprendeu a fazer nada além do trabalho agrícola, mas Mary desafiou essa prescrição em particular indo para a casa de uma amiga, onde aprendeu as notas e várias escalas, e realmente aprendeu a tocar piano. Frustrada com as duras restrições de seus pais e profundamente ciente de um potencial para algo maior e melhor do que lhe era permitido, Mary escapou dessas circunstâncias particulares

da única maneira que pôde. Aos 19 anos, ela se casou com um homem de origem quase idêntica.

O pai de Robert, Patrick, era filho de imigrantes irlandeses cuja fazenda não poderia fornecer os meios para que ele continuasse seus estudos além do sétimo ano. Patrick queria ser engenheiro ferroviário, mas seus pais não consentiram porque precisavam dele na fazenda. Ele continuou trabalhando na fazenda até que, no início de seu casamento, alugou sua própria fazenda por um tempo e depois, a pedido de Mary, foi trabalhar em uma oficina mecânica. Depois de quatorze anos, durante os quais sua esposa teve que voltar a fazer serviços domésticos para colocar os filhos na escola, ele ouviu falar de um emprego com melhor remuneração em uma fábrica de móveis e decidiu aceitá-lo. Ele passou o resto da vida de trabalho como montador de móveis, até o fechamento da fábrica, que deixou 200 funcionários desempregados. Durante seus 14 anos fazendo móveis, Patrick nunca estabeleceu uma posição segura nem uma rotina estável. Ele foi despedido várias vezes, por até seis meses seguidos, quando as vendas de móveis diminuíam. Patrick trabalhava por turnos, o que o impedia de passar tanto tempo com a família quanto gostaria. Embora ele ganhasse o suficiente para permitir que Mary trabalhasse apenas meio período, ela frequentemente desacreditava na montagem de móveis como um ofício e na fábrica como um lugar onde Patrick poderia aprender algo novo. Mesmo assim, ele gostava de seu trabalho. Tendo pouca educação e vivendo em uma comunidade sem muito trabalho para funcionários semiqualificados, Patrick tinha poucas opções. Durante uma entrevista, ele disse muitas vezes que falou a seu filho que ele nunca iria muito longe a menos que tivesse uma educação e que não deveria abandonar a escola da maneira como ele fez. Embora dificilmente fosse capaz de ajudar o filho a entender as coisas na escola ou ajudar nos trabalhos escolares, Patrick manteve sua influência. Anos depois, seu filho o considerou forte e severo. Robert lembrou-se de que seu pai falava com autoridade e sua palavra era lei no que dizia respeito a Robert. Se ele dissesse a Robert para fazer algo, ele o fazia.

Era Patrick quem decidia para onde a família fazia suas viagens ocasionais de automóvel. Decidiu que Robert frequentaria a escola paroquial, onde as freiras professoras não exigiriam menos de seu filho do que ele mesmo. Sempre muito trabalhador, esperava o mesmo do filho e não lhe permitia perder tempo. O dever de casa precisava ser feito antes de qualquer outra coisa. No entanto, ele era mais do

que um supervisor. Em seu tempo livre, Patrick trabalhava com o filho no jardim da família. Embora tivesse 45 anos quando Robert nasceu, Patrick sempre se interessou pelos hobbies do filho. Além do incentivo, ele tinha poucos comentários específicos a oferecer sobre as atividades acadêmicas do filho ou planos educacionais futuros, e não tinha como pagar as mensalidades da faculdade para Robert. No entanto, seu relacionamento afetuoso e o exemplo de um homem que tenta o seu melhor contra as adversidades fizeram do pai de Robert uma figura significativa na vida de seu filho, responsável em grande parte pelo que Robert acabaria se tornando.

Talvez ainda mais influente foi a mãe de Robert, com 43 anos quando ele nasceu, e já era mãe de dois filhos crescidos. Robert se lembrava dela como uma pessoa muito trabalhadora, sempre limpando e cozinhando. Quando ela não estava trabalhando em casa, onde passar o aspirador o fazia dormir, levava seu filho para trabalhos de limpeza em que, à medida que ele crescia, ela o fazia ajudá-la em tudo o que ele pudesse fazer. No nono ano, Robert descreveu sua mãe como uma pessoa tão boa quanto você gostaria que qualquer um fosse. Aos 35 anos, ele relatou,

> *Ela era uma boa mãe. Ela me amava, se interessava por mim, cuidava bem de mim. Na verdade, se houvesse uma palavra que eu usaria para descrevê-la seria "carinhosa". Ela se importava com meus sentimentos, se eu estava feliz ou não, se estava gostando ou não da escola. Ela queria que eu progredisse, tivesse coisas que ela nunca teve.*

Ao contrário de Patrick, Mary discutiu os planos educacionais e vocacionais de Robert com ele e até tentou sem sucesso ajudá-lo com o dever de casa, o tempo todo alertando-o para não ser como seu pai ou irmão mais velho. Ficava dizendo a ele para tentar ir o mais longe que pudesse. Seu relacionamento caloroso e muito próximo foi acompanhado por seu exemplo de pessoa cuja gentileza e sociabilidade conquistaram muitos amigos.

Quaisquer que fossem as habilidades sociais e os interesses de Mary, eles provavelmente se tornaram ainda mais evidentes para um filho com quem o pai tímido não falava muito, e ficava em casa a maior parte do tempo. Ela incentivou Robert a ir a bailes, praticar esportes e trabalhar em empregos de meio período. Ela ansiava que ele experimentasse uma liberdade de que ela nunca desfrutou, bem como que realizasse um potencial que ela acreditava estar inexplorado em si mesma. Ela agia como um amortecedor entre ele e seu pai, que havia se conformado mais facilmente

com as limitações da vida e estava mais preocupado em preservar o pouco que fora dado a ele. Enquanto o pai de Robert se certificava de que todas as luzes fossem apagadas e a porta da geladeira fechada, sua mãe estava decidida a que seu filho tivesse um conjunto de enciclopédias, embora ela dificilmente pudesse pagá-las.

Uma pessoa na família que poderia fazer mais do que desejar uma educação a Robert era sua irmã Julie. Ela se formou no colégio antes de Robert nascer e, quando ele tinha quatro anos, ela se casou com um graduado na faculdade e se mudou para longe da família. Quando Robert estava no sétimo ano, Julie e o marido se mudaram de volta para a cidade, comprando uma casa no mesmo quarteirão que a de seus pais. Durante esses anos, Julie trabalhou como contadora e analista de custos em uma empresa de manufatura. À noite, ela ajudava Robert com seu dever de casa. Ela estava familiarizada com todas as matérias que ele estava estudando e *sentava-se comigo por algumas horas para me ajudar*. Ela era muito meticulosa e nunca se apressava. Robert acha que ela foi em grande parte responsável por estabelecer seu padrão de *tentar fazer um trabalho melhor do que a média em qualquer coisa que eu fizesse*. Ele também passou a compartilhar o interesse dela pelos detalhes e *que tudo fosse muito exato*.

O irmão mais velho de Robert desempenhou um papel diferente, mas também importante. Robert tinha apenas três anos quando Gary deixou o ensino médio para ingressar no exército. Robert ainda se lembra do dia em que Gary partiu para ir ao centro de alistamento. Durante os quatro anos em que serviu na ativa, Gary manteve contato com seu irmão mais novo por meio de cartas e fotos. Após seu retorno, Gary se casou e começou a trabalhar como encanador e, quando despedido, como motorista de caminhão. Gary visitava regularmente a casa, embora morasse em outro lugar com sua nova esposa. Robert sentia que Gary se preocupava com ele e estava especialmente interessado em suas atividades esportivas. A satisfação de Robert com seu irmão mais velho foi apoiada ainda por outras imagens dele na época. Quando criança, Robert via Gary como um trabalhador que não ficava à toa se algo tinha que ser feito. Além disso, ele se fez sozinho, ninguém o impulsionou. Robert também considerava Gary justo. Só mais tarde Robert chegou a ter opiniões bem diferentes sobre um irmão mais velho que, depois de matar muitos soldados no Vietnã, nunca foi exatamente o mesmo que conheceu na infância.

Robert tem boas recordações daqueles primeiros anos. Ele se lembra da casa muito modesta em que moravam, da sala da frente onde seu pai se sentava em sua cadeira estofada e lia o jornal, da cozinha onde sua mãe cozinhava e assava em um fogão antigo, do quarto de seus pais com uma foto de Jesus rodeado por palmeiras pendurado na parede, de seu próprio quarto com uma grande caixa de brinquedos e, também, uma estatueta da Virgem Maria. Ele se lembra de se sentir bastante próximo de seus pais. Eles falavam com ele sobre acontecimentos gerais e raramente, ou nunca, o deixavam sozinho. Comer biscoitos e sopa com sua mãe ao meio-dia é apenas uma das muitas boas recordações que ele tem daquela época, prejudicada apenas por uma sensação de que seus pais tiveram que trabalhar muito por muito pouco em troca. Mais tarde na vida, ele comentou que *as coisas nunca foram dadas a eles*. Eles trabalharam duro e ganharam pouco por isso. *Eles nunca tiveram muito*.

Crescimento de carreira

Robert fez a transição de casa para a escola paroquial facilmente. O rosário que ele e seus pais rezavam em casa era o mesmo. Suas professoras, marcantes em seus hábitos negros, exigiam o mesmo respeito que seu pai sempre exigira dele. Ele encontrou maneiras de ser útil para as freiras como sempre fora para sua mãe. Ele se encarregou de administrar o leite e arrecadar o dinheiro, certificando-se de prestar contas de tudo. Ele ajudava a decorar a sala de aula na época do Natal e para eventos especiais fazia cartazes e arrumava as cadeiras no auditório.

Robert obtinha notas excelentes. Além disso, prosperou na atmosfera competitiva, onde se você fizesse algo excelente, ganhava um prêmio ou tinha seu nome escrito no quadro de avisos. Embora seus pais ocasionalmente ficassem descontentes com uma nota menos do que excelente e perguntassem se a irmã mais velha de Robert poderia ajudá-lo, eles estavam felizes com o desempenho do filho. Além de agradar seus pais com ótimos boletins, ele gozava do respeito de seus colegas de classe. Ele tinha muitos amigos com quem jogava futebol americano depois da escola ou os convidava para jantar em casa. Mais tarde, ganhou admiração por seu desempenho na quadra de basquete e também no campo de beisebol. Os esportes eram a sua forma de ser competitivo. Se ele estivesse atrás no início do jogo, ele se esforçaria para recuperar a posição.

Exploração de carreira

Robert entrou na escola bem-preparado. Os oito anos que passou na escola paroquial proporcionaram-lhe uma série de experiências de sucesso. Embora seus pais não tivessem sido capazes de ajudá-lo com o dever de casa, ele acreditava que mesmo isso tendia a torná-lo mais independente academicamente do que ele poderia ser se fosse de outra forma. Além disso, sempre houve interesse da mãe pelo seu desempenho escolar e, posteriormente, a ajuda que a irmã e o cunhado estavam dispostos a dar quando ele precisava. Seu nome aparecia regularmente no quadro de honra da escola, demonstrando que ele se destacava. Rodeado por amigos que o admiravam como pessoa e, também, por sua habilidade atlética, Robert poderia esperar mais satisfação nos contatos que faria e nas atividades que realizaria durante os anos de ensino médio. Se Robert acreditasse ter feito algo, ninguém familiarizado com suas circunstâncias na época questionaria sua conclusão.

Os anos de ensino médio de Robert, no entanto, acabaram sendo bastante diferentes do que ele ou outros poderiam ter previsto. Primeiro, ele descobriu que, em comparação com a escola paroquial, a escola secundária pública tinha uma atmosfera e um clima de sala de aula totalmente diferentes. Faltava disciplina e os professores eram menos atenciosos do que as vigilantes freiras. *Os alunos podiam fazer bagunça se quisessem*. Embora Robert nunca faltasse às aulas e não fosse problema para seus professores, ele gastava pouco tempo com seus deveres escolares, envolvendo-se muito mais com esportes e vida social. O resultado foram apenas notas medianas, impossibilitando qualquer inscrição no quadro de honra. Suas notas medianas mal o mantiveram no terço superior de sua turma. Mais do que qualquer outra coisa, ele gostava de jogar beisebol e basquete, divertir-se com os amigos e servir como tesoureiro em sua sala de aula. Apesar de seus envolvimentos extracurriculares custarem-lhe as notas a que sempre estivera acostumado, quando calouro ainda tinha boas notas em álgebra e desenho mecânico. No último ano, ele continuou a se dar bem em ciências e matemática. Ele ansiava por frequentar uma escola de engenharia, onde se prepararia para uma carreira em engenharia elétrica ou civil.

Embora seus pais não pudessem economizar para a educação universitária do filho, um fato que de certa forma atrapalhava a visão de futuro de Robert, ele estava razoavelmente confiante de que poderia ganhar uma bolsa de estudos com base em suas notas e talvez até em sua habilidade atlética. Essa confiança durou pouco,

no entanto. Suas notas relativamente baixas, resultado de seu afastamento gradual das atividades acadêmicas durante os anos de ensino médio, não o qualificaram para entrar na universidade. A explicação para a mudança nas circunstâncias de Robert durante seus anos de ensino médio não era nenhum mistério para ele. Aos 40 anos, ele lembrou:

> *Meu maior problema era com minha própria casa. Meu irmão e sua esposa se separaram, deixando minha mãe para cuidar de seus três filhos e sua esposa. Ela estava muito velha para entender as crianças, embora tentasse. Ela simplesmente não conseguia lidar com isso. Eu ajudava a ser babá de vez em quando, fazia muitas compras para a casa e muitas vezes pegava as crianças na escola com o carro da família, mas nada adiantava muito. Com sete pessoas na casa, havia todo tipo de barulho e confusão. Estávamos tão lotados que tínhamos que comer em turnos. Toda a atmosfera mudou. Meus pais estavam sobrecarregados de problemas com os quais não podiam lidar. Isso mudou minha opinião sobre meu irmão. Eu simplesmente não conseguia aceitar sua atitude de "Eu não me importo" e o fato de que ele estava saindo com outras mulheres em vez de ajudar em casa.*

Com sua família em alvoroço, incapaz de estudar neste novo ambiente, chateado por sua incapacidade de melhorar uma situação criada por outra pessoa, preocupado com seus pais e desiludido com um irmão mais velho a quem sempre respeitou, Robert lidou com a crise por meio de retirada. Como não aguentou, saiu de casa. Durante seu último ano do ensino médio, ele quase nunca ia para casa, preferindo ficar com amigos ou na casa de sua irmã.

A agitação em casa teria um grande efeito em seu futuro. Se as coisas tivessem sido diferentes, talvez ele tivesse tentado menos se perder nas atividades esportivas, embora Robert atribuísse isso mais à sua percepção cada vez maior de que seus pais não estariam em posição de ajudá-lo a pagar a faculdade, independentemente de suas realizações acadêmicas. Talvez sua irmã, se não estivesse preocupada em ajudar a mãe com as crianças, teria mais tempo para cuidar de seu trabalho acadêmico como fazia no passado. Talvez o conforto que ele sempre sentira em seu relacionamento com os pais tornasse menos necessário envolver-se tão profundamente com uma namorada a ponto de colocar esse relacionamento antes de tudo, exceto de suas

atividades atléticas. Talvez ainda mais incapacitante foi a preocupação que ele tinha sobre a situação de seus pais, especialmente sua mãe, e o fato de que havia tão pouco que ele podia fazer para remediar a situação. Ele simplesmente não entendia o que estava acontecendo. Ele sentia que deveria fazer algo, mas não sabia o que fazer.

O clímax daqueles anos dolorosos veio muito mais tarde, cinco anos depois de Robert sair do ensino médio. Numa manhã de sábado, ele soube que sua mãe, que na época sofria de depressão, morrera de derrame. Ele lamentou profundamente não a ter visitado mais durante o ano anterior. A morte de sua mãe foi seguida primeiro pela morte de seu pai e depois pela morte de seu irmão. Essas experiências, todas no mesmo ano, deixaram uma impressão indelével que o arrasou. No entanto, Robert caracteristicamente ainda poderia encontrar um recurso redentor para essas tragédias, assim como ele fez com relação à incapacidade de seus pais em ajudá-lo na escola, o que o fez perceber que *você tem que estar por conta própria*. Sempre teve a compreensão de que nada seria entregue a ele em uma bandeja de prata e que o desafio de sua vida consistiria em superar obstáculos inevitáveis e que o sucesso poderia ser medido pela extensão em que ele havia saído de trás para ser vitorioso.

Depois de se formar no ensino médio, ele conseguiu se inscrever em um programa de pré-engenharia na faculdade comunitária local, onde, novamente, havia mais liberdade do que ele gostaria, porque o corpo docente nunca o pressionava. Ele tirou boas notas durante os três primeiros semestres do programa de Associate Degree*, mas não se formou. Os esportes eram uma prioridade e, mais importante ainda, ele se apaixonou. Em vez de ir para a aula de cálculo no final da tarde, ele e sua futura esposa costumavam passear ou fazer um piquenique. Apesar da falta de frequência às aulas, fez e passou no exame final de cálculo, apenas para ser informado de que a sua frequência era insuficiente para uma nota de aprovação, sem a qual não conseguiria obter o diploma. Ele queria muito continuar com a engenharia, como seu tio fizera há muitos anos, então essa reviravolta o deprimiu. Ele culpou ninguém além de si mesmo, sentindo que havia desapontado seus pais, irmã e cunhado. Foi um verdadeiro choque para eles. O que ele não compartilhou com eles foi a ideia de como as coisas poderiam ter sido diferentes se a vida em

* *Associate degree é um diploma de graduação concedido após um curso de estudos pós-secundários com duração de dois a três anos. É um nível de qualificação acima do diploma do ensino médio e abaixo do bacharelado.*

casa tivesse permanecido tranquila durante seus anos de ensino médio e as altas aspirações de seus pais para ele fossem apoiadas por recursos financeiros.

Estabelecimento de carreira

Pensando que poderia economizar dinheiro suficiente para prosseguir na faculdade de engenharia, Robert arrumou um emprego como escriturário de folha de pagamento de uma pequena empresa. Ele soube tarde demais que, com base em suas notas altas em desenho mecânico na faculdade comunitária local, uma empresa de prestígio havia lhe oferecido um emprego em desenho mecânico. Por acaso, ele recebeu a carta três semanas depois de ter sido enviada e, quando se apresentou para o trabalho, sua posição já havia sido preenchida por outra pessoa. Sem se intimidar com essa nova decepção, Robert permaneceu em seu posto de escriturário de folha de pagamento e candidatou-se em outro lugar para cargos de desenhista, sem sucesso. Foi nessa época que ele ficou noivo de sua futura esposa e decidiu que todo dinheiro que pudesse economizar com seu trabalho mal remunerado iria para seu futuro lar, não para estudos posteriores. Exceto por seu baixo salário, ele não estava descontente com a vida como escriturário de folha de pagamento, onde sua atenção aos detalhes, sua necessidade de fazer as coisas com precisão e sua disposição para trabalhar mais do que o necessário o ajudavam. Ele era curioso sobre todos os aspectos das operações de seu departamento e, em dois anos, recebeu responsabilidades adicionais, um trabalho mais desafiador a fazer e aumentos salariais regulares, embora modestos. Ele e sua noiva economizaram dinheiro suficiente para se casar, e o trabalho noturno de meio período de Robert como auditor em um hotel local mais do que compensou o dinheiro que sua esposa não ganhou mais depois de ser despedida de seu emprego em uma loja de departamentos. Por quase dois anos, a vida de Robert permaneceu inalterada, pois ele se sentia preso em uma rotina e apenas sobrevivia.

Robert não estava satisfeito com seu pagamento e ficou ainda mais desencantado ao saber que outros funcionários, com status mais elevado e muito mais antiguidade, dificilmente ganhavam mais. Também via poucas chances de promoção, acreditando que não conseguiria uma promoção a menos que alguém morresse. Um auditor conhecido de Robert descreveu seu trabalho para ele, sugerindo que, em última análise, ele fornece oportunidades para um indivíduo chegar a posições de nível superior no mundo da contabilidade. Com esse incentivo e de seu sogro,

Robert começou a estudar contabilidade. Nos sete anos seguintes, ele trabalhou durante o dia e completou seu curso de contabilidade à noite. Dois anos depois de iniciar seus estudos de contabilidade, ele conseguiu uma posição em tempo integral como gerente de contas, que pagava muito mais do que ele ganhava como escriturário de folha de pagamento. Aos 25 anos, Robert relatou que estava fazendo algo substancial, aprendendo algo novo a cada dia e concluindo projetos desafiadores. Ele gostava especialmente da segurança que seu novo emprego proporcionava.

> *Segurança significa muito para mim. A segurança é uma das coisas mais importantes, porque lhe dá a chance de planejar o seu futuro. Gosto de planejar com antecedência e saber que amanhã terei muito mais.*

Ao longo dos anos, Robert trabalhou tão arduamente quanto qualquer um de seus colegas, senão ainda mais, atribuindo seu sucesso não apenas à crença de longa data de que o esforço real é sempre recompensado, mas também ao *controller* a quem ele se reportava. Da mesma maneira que em casa, onde a palavra de seu pai era lei, e na escola paroquial, onde a infração a qualquer regra era sempre punida, Robert prosperou sob um mentor exigente que lhe ensinou como as coisas funcionam. Sob sua tutela, Robert se tornou a estrela em ascensão do departamento. Ressaltando a importância de *ter um objetivo e sempre olhando para o campo à frente*, o trabalho de Robert e a forma como era realizado impressionaram os diversos executivos com os quais entrou em contato. A única coisa de que não gostava em sua agenda exigente de trabalho e estudo era o fato de que raramente ficava em casa e, com o nascimento do filho, suas ausências se tornaram cada vez mais intoleráveis. Embora tivesse se tornado um assistente de *controller*, supervisionando muitos funcionários, ele começou a pensar em termos de uma posição como contador que lhe permitisse a oportunidade de ampliar o escopo de seus interesses e atividades que iam muito além da manipulação de números financeiros. Ele procurou uma nova posição com oportunidade de crescer. Como era de se esperar, recebeu várias ofertas de emprego antes mesmo de concluir seu treinamento como contador; ainda assim, Robert esperou até que o trabalho certo aparecesse. E foi o que aconteceu - a vice-presidência de uma pequena empresa de contabilidade em outro estado.

> *Quando entrevistado aos 35 anos, Robert estava lá há cinco anos muito agradáveis:*
>
> *O presidente raramente me diz o que fazer e respeita minhas opiniões. Frequentemente um cliente importante liga, e quando a secretária pergunta com quem ele gostaria de falar, o presidente ou eu, a pessoa dirá que não importa. Estou realmente aguardando pela presidência quando ele se aposentar.*

Embora gostasse das decisões que deveria tomar após uma consideração cuidadosa de todos os fatos envolvidos, Robert apreciou ainda mais a oportunidade que seu trabalho lhe deu de ajudar as pessoas e contribuir para o bem-estar de toda a comunidade. Seria difícil discordar da avaliação que ele fez de sua situação.

> *Eu poderia ficar nesta empresa pelo resto da minha vida e continuar a progredir, tanto monetária quanto socialmente. Eu sou objetivo. Nunca faço um julgamento precipitado. Provavelmente é por isso que tomei tão poucas decisões ruins de negócios. No escritório, eles me chamam de "Sr. Legal". Outro dia, minha secretária disse que se o lugar estivesse pegando fogo, eu calmamente sairia e procuraria um extintor de incêndio e o apagaria.*

Outro trunfo era seu interesse genuíno pelas pessoas:

> *Seja qual for a situação, procuro ajudar as pessoas. Vou dar caronas e parar para ajudar as pessoas com pneus furados. No escritório, converso com os clientes em seu próprio nível e me coloco à disposição deles, independentemente do tamanho de sua conta.*

Com 40 e poucos anos, o trabalho de Robert, como vice-presidente de uma bem-sucedida empresa de contabilidade, permitiu-lhe desfrutar da casa que ele e sua esposa compraram por um preço modesto, remodelando-a e redecorando-a ao longo dos anos com sua renda crescente. Estas melhorias incluíram a adição de uma grande sala, um deck externo e um ateliê de cerâmica onde sua esposa poderia transformar o barro em objetos de cerâmica e esculturas. Ele estava orgulhoso do trabalho artístico de sua esposa e da maneira como ela decorou sua casa com ele. Os dois jogavam tênis com frequência, gostavam de nadar e praticavam ioga. Robert estava especialmente satisfeito com seu filho de dez anos, que acabara de ganhar

a faixa amarela no caratê, fazia aulas de piano e recebia amigos em sua casa. Ele passava um bom tempo com seu filho e estava tão interessado nas coisas que seu filho fazia quanto em sua atividade de trabalho. Esta última incluía sua posição acima mencionada, um trampolim para a presidência de uma organização em expansão e, com ela, um assento no Conselho de Administração que não menosprezou sua relativa juventude, mas, ao contrário, apreciou o respeito que ele conquistou na comunidade, onde atuou como curador da faculdade local e no comitê consultivo de uma instituição de caridade local. Embora Robert usasse muito de seu tempo para meditar sobre o que o dia exigiria dele e o que ainda precisava ser feito, ele não podia deixar de saborear a distância que havia percorrido. Suas roupas conservadoras, seus modos dignos, as posições de responsabilidade de que desfrutava e seu estilo de vida como um todo, tornariam difícil para uma pessoa desinformada adivinhar a natureza das origens de Robert.

Gerenciamento de carreira

Aos 42 anos, Robert se tornou presidente da empresa. Durante a década seguinte, ele expandiu muito os serviços da empresa e por duas vezes mudou a empresa para um prédio maior. Mesmo assinando novos contratos com empresas maiores, sua empresa continuou a realizar contabilidade para pequenas empresas e a preparar declarações de impostos para pessoas físicas. Sob a liderança de Robert, a receita anual da empresa aumentou dez vezes. Seu sucesso atraiu ofertas tentadoras de instituições financeiras altamente prósperas. Ele foi escolhido para representar sua associação estadual de contabilidade em uma reunião realizada no outro lado do mundo com a presença de vários líderes mundiais. Mais perto de casa, ele foi homenageado como Cidadão do Ano. Embora a lista de honras e realizações possa ser muito extensa, esses não foram os principais critérios pelos quais Robert mediu o sucesso. Em vez disso, ele acreditava que é a bondade com que as pessoas vivem suas vidas e a maneira como se relacionam que determinam a qualidade de vida. Embora certamente haja elementos estratégicos no que Robert enfatizou ao longo de sua vida, a importância que ele atribuiu ao serviço vai muito além da perspectiva de fama e fortuna pessoal. Isto permeou seus encontros humanos em relacionamentos marcados principalmente pelo respeito mútuo.

Aqueles que frequentavam o ambiente interpessoal de Robert não eram estranhos a essas características. Parecia que nenhum funcionário deixaria de ficar

impressionado com sua acessibilidade e com seu interesse em fazer com que seus funcionários se sentissem valiosos.

> *Eu digo olá a todos os funcionários. Eu os conheço pelo nome. Não teríamos crescido e nos tornado tão bem-sucedidos sem sermos sensíveis às necessidades de nosso pessoal e ao modo como interagimos uns com os outros. Estou constantemente indo a diferentes reuniões. Eu vou às reuniões da gerência. Eu vou a reuniões de funcionários. Posso estar ou não na agenda. Não importa. Temos 48 funcionários, e qualquer um deles pode me ligar direto, sem passar pela minha secretária. É esse tipo de coisa que provavelmente explica nossa falta de rotatividade. Alguns dos meus porteiros me chamam apenas de Bob.*

O mesmo espírito permeou seu relacionamento com o conselho de administração da empresa.

> *Eles não são apenas meus chefes, são meus amigos. Posso ligar para qualquer um deles durante o dia, se eles estiverem na cidade ou no local de trabalho, e dizer: "Que tal isso?" ou "Preciso de uma aprovação rápida para isso, podemos conversar sobre isso? Você pode descer?" Eles são todos dispostos a conversar comigo.*

Era a mesma coisa com seus clientes:

> *Vou aos locais de trabalho das pessoas e converso com elas. Eles adoram isso. Eu quero ver como é o negócio. Eu quero ver como eles lidam com as coisas. As coisas estão desarrumadas ou bem-organizadas? Você conhece seu contador. Você conhece seu controller. É na base do primeiro nome. A maioria das pessoas me chama de Bob.*

De volta ao prédio de escritórios, ele também teve o cuidado de não parecer distante. Em vez de um escritório no último andar, de onde pudesse apreciar a vista da cobertura e talvez impressionar seus visitantes com um sinal inconfundível de seu status, Robert estava localizado no terceiro andar. Outros executivos perguntaram por que ele não pegou o último andar. Disse-lhes que não queria ficar no último andar porque seus clientes poderiam reagir negativamente se ele reivindicasse os privilégios que outros de sua posição exigem. Não foi isso que o fez ser bem-suce-

dido. Ele explicou que, mesmo quando jogava tênis ou raquetball com clientes, nunca jogava durante o dia.

> *Não quero que pensem em mim como o executivo estereotipado que está no campo de golfe durante o dia, que está distante, que não pode ser incomodado, que diz: "Vou me encontrar com você quando for conveniente para mim." Além disso, nenhum grande negócio é fechado no campo de golfe!*

As preocupações com sua imagem podem ser encontradas aqui também:

> *Eu nunca teria um Cadillac. Você não precisa andar por aí em um Cadillac. Eu dirijo um carro da empresa, um Buick. Serve! Tenho colegas de vários lugares com quem cresci na contabilidade que são o que chamo de "homens grandes do campus". Posso ligar para eles, mas eles não responderão até que seja conveniente para eles. Eles têm suas Mercedes. Suas carteiras estão cheias de notas de $ 100. Eles usam correntes de ouro. Às vezes, um de seus clientes me diz: "Fulano está usando tanto ouro que mal consegue ficar direito em pé!"*

A principal mensagem de Robert, que não passava despercebida por seus funcionários, era que o cliente merece o respeito da empresa, nunca deve ser tratado de maneira improvisada e deve ser servido além do dever e muito além do que é habitual entre seus concorrentes:

> *O serviço faz toda a diferença. Seja qual for o tamanho da conta, o tempo de resposta deve ser o mesmo. É importante que respondamos imediatamente a eles. Eu digo ao meu pessoal, mesmo se estivermos ocupados, ligue de volta para todos de quem você tem uma mensagem para ligar, mesmo que sejam seis horas e eles não estejam lá. Deixe uma mensagem na secretária eletrônica. Ou, se você pegá-los, eles podem dizer: "São seis horas. O que você ainda está fazendo no escritório?" Isso é serviço! E é isso que distingue uma empresa da outra. São as pequenas coisas que os clientes lembram. É por isso que temos clientes mais duradouros do que nossos concorrentes. Eles podem entrar em contato comigo ou com Ann ou Shirley.*
>
> *Digo ao meu pessoal que você deve tratar as pessoas com respeito. Tenho um vice-presidente que adora ser o maioral e menosprezar as mulheres. O fato é que metade dos meus con-*

> *tadores são mulheres. Elas ofuscaram de longe os homens, e eu os deixo saber disso. Elas estão mais na bola, mais orientadas para o cliente. Elas querem fazer o que é certo. Este sujeito de quem estou falando poderia muito bem ter sido meu sucessor, mas nunca vai acontecer. Nós o confrontamos e ele mudou um pouco de tom, mas não vai mudar seus sentimentos íntimos, então ele perdeu a chance.*

Aos 59 anos, Robert enfatizou a importância da inteligência emocional para quem está em uma posição de autoridade, não importa o setor. Os melhores líderes são aqueles que são capazes de empatia para com os outros, sejam eles altamente dotados do que quer que seja medido por um teste de QI típico. Aqueles com inteligência emocional, provavelmente a força de Robert, são capazes de se dar bem com aqueles que estão acima e abaixo deles, promovendo um ambiente interpessoal no qual o feedback construtivo pode ser dado livremente e inspirando nos outros o compromisso com seus objetivos comuns. Suas relações com outras pessoas, no trabalho e em qualquer lugar, são marcadas por respeito e consideração mútuos que são a base de qualquer empresa próspera.

Em todas as esferas de sua vida, encontramos Robert cuidando do bem-estar dos outros e apontando como eles são importantes para ele. Para ele, o contador é alguém que está disposto a ouvir o seu problema, não alguém que lida com as pessoas com base em alguma fórmula ou política preto-no-branco. Uma inovação especial dele foi o programa de estágio na empresa para estudantes de contabilidade da faculdade local. Havia o patrocínio da empresa para uma partida anual de golfe para beneficiar uma instituição de caridade local. Havia o capital inicial que a empresa deu para um projeto para cidadãos da terceira idade. Segundo Robert, o serviço se tornou uma arte perdida, mas nunca para ele. Suas promessas sempre foram cumpridas. Sua palavra pode ser considerada. Ele afirmou que, no final do dia, sua principal gratificação consistia em ter ajudado alguém genuinamente.

Parece que pouca coisa mudou desde seus anos de colégio, quando seus colegas apreciavam sua amizade. Outra coisa que não mudou muito foi a competitividade de Robert, uma vantagem para qualquer pessoa em seu campo específico. Ele odeia ser o segundo em qualquer coisa. *Se ele for derrotado em um jogo, ele apenas se esforçará mais no próximo jogo*. Sua posição atual envolve competição com outras empresas de contabilidade, e ele pode apontar com orgulho

o aumento nos lucros de sua empresa durante o tempo em que está lá. Tentando entender sua competitividade e necessidade de se destacar, ele pensa que pode ter a ver com o fato de que

> *Meus pais passaram por muitas dificuldades, tinham tão pouco dinheiro, e estou tentando alcançar algo mais elevado, para provar algo a mim mesmo e talvez a eles também. Gostaria de me tornar uma autoridade em contabilidade, para ajudar os outros, para ensinar a eles algumas das coisas que aprendi ao longo dos anos.*

Além de qualquer expertise em contabilidade que ele certamente poderia compartilhar, mais do que qualquer outra coisa, ele gostaria que os outros soubessem e agissem de acordo com uma frase gravada por três décadas de experiência pessoal:

> *Primeiro você tem que perceber suas limitações, sejam elas quais forem. Então você tem que tentar melhorá-las. Se você fizer isso, você terminará à frente no jogo.*

O estilo de Robert na condução dos negócios é congruente com quem ele é profundamente, e provavelmente começou na companhia de uma mãe profundamente carinhosa e de um pai encorajador. Ele continua um homem satisfeito com a forma como se conduziu no domínio do trabalho, onde seus interesses e motivações dificilmente se distinguem do resto de suas experiências de vida. Ele seguiu um curso constante. Ele tem sido um guardião fiel. Não é de admirar que ele conclua, *acho que a maioria dos meus sonhos foi realizada. Às vezes fico até pasmo comigo mesmo*. Como deveria estar.

PARTE II

O retrato da vida de Robert Coyne conta uma história complexa moldada por múltiplas influências e forças. Na segunda metade deste capítulo, vê-se o retrato de dois pontos de vista diferentes, primeiro da perspectiva dos processos e conteúdo da autoconstrução e, em seguida, da perspectiva dos processos e conteúdo da construção de carreira.

Autoconstrução

Como Robert construiu um self de que gostava? Aborda-se essa questão sobre a autoconstrução - ou como ele moldou quem era e o que se tornou - examinando o processo e o conteúdo de sua autoconstrução (Bruner, 2001). Para os propósitos aqui, os *processos de autoconstrução*, compreendidos de forma ampla, referem-se a *como* Robert se moldou como ator social, agente motivado e autor autobiográfico. Em comparação, o *conteúdo da autoconstrução*, compreendido de forma ampla, refere-se a *quem* Robert se tornou em termos de características e motivos pessoais duradouros. Antes de avaliar a personalidade e a reputação de Robert, vamos primeiro considerar os processos que ele usou para se constituir.

Processos de Autoconstrução

Três processos entrelaçados para a autoconstrução são a auto-organização do ator social, a autorregulação do agente motivado e a autoconcepção do autor autobiográfico. Como uma prévia, o esquema de apego seguro de Robert e a orientação extrovertida e de aceitação das normas para relacionamentos e regras o inclinaram a se concentrar nas necessidades de desenvolvimento e autorrealização, combinando estratégias de promoção e prevenção para adaptação integrativa que, no devido tempo, sustentaram um esquema reflexivo autônomo e a identidade vocacional de um Desbravador.

Ator Social. Muitos psicólogos proeminentes (p.e., Bowlby, 1969, 1973; Maslow, 1955) concluíram que as pessoas têm uma série de necessidades fundamentais, incluindo aquelas relativas ao crescimento e desenvolvimento, bem como aquelas relativas à segurança e proteção. Bebês e crianças obtêm a nutrição e a segurança necessárias para atender a essas necessidades, estabelecendo relacionamentos com pais que os apoiam, encorajam, protegem e defendem (Brockner & Higgins, 2001). Robert teve a sorte de ter uma família que satisfazia suas necessidades de apego tanto de nutrição quanto de segurança, promovendo o que permaneceria na idade adulta como um padrão de relacionamento no qual ele estava seguro tanto de sua independência com agência quanto de associações cooperativas.

Talvez o termo que melhor se aplique a Robert seja "nutrição"*. Sua família deu a ele o que ele precisava para ter sucesso na vida. Robert dá o que obteve; trata

---

* *"nurture" no original.*

os outros como foi tratado. Seus pais eram estimulantes e autoritários, exercendo um grau moderado de controle. Robert se sentia especialmente próximo de seus pais, que se interessavam por ele e por suas atividades. Ele descreveu sua mãe como *atenciosa* e *muito encorajadora*. Ele tinha um relacionamento caloroso com o pai, a quem chamava de *guia*. Ele se sentia próximo de uma irmã mais velha que era muito disponível e de um irmão mais velho que se *preocupava* com ele. Em suma, Robert experimentou relacionamentos de apego seguro com pais que forneciam nutrição e segurança, com os benefícios subsequentes de alta autoestima, relacionamentos íntimos gratificantes, forte apoio social e habilidades de comunicação eficazes. Tendo sido abraçado por uma família amorosa, Robert, como adulto, sabia como abraçar os outros quando eles precisavam.

A teoria do apego foi difundida por alguns teóricos como uma ampla teoria da organização da personalidade e estrutura intrapsíquica (Shaver & Mikulincer, 2002). O esquema de apego seguro que Robert experimentou em suas interações familiares moldou sua disposição psicossocial e sua estratégia de desempenho como ator social. Durante a infância, o apego seguro de Robert permitiu que ele começasse a desenvolver uma estrutura de personalidade e uma estratégia de desempenho bem integradas. No modelo cúbico de disposições de personalidade de Gough (1990), Robert se assemelha ao tipo Alpha por ser extrovertido na orientação interpessoal e por aceitar normas sociais e valores culturais. Ele exemplifica a caracterização da disposição Alpha como ambiciosa, produtiva, orientada para objetivos, focada na tarefa, bem organizada, enérgica e dominante (Domino & Domino, 2006; Gough, 1987). Robert geralmente exibia equilíbrio social e lidava de maneira eficaz com a frustração. Funcionando em um alto nível de integração, ele foi capaz, como presidente da empresa, de realizar plenamente seu potencial para funções de liderança e gerenciamento.

Agente Motivado. O esquema de apego seguro de Robert apoiou o desenvolvimento de um forte esquema de autorregulação e uma estratégia que lhe permitiu, à medida que amadurecia, direcionar seu próprio pensamento, emoções e comportamento tanto para objetivos de promoção quanto de prevenção. Embora todas as pessoas se preocupem várias vezes com as estratégias de promoção e prevenção, a maioria das pessoas mostra predileção por uma ou por outra. No entanto, como os focos de promoção e prevenção são conceitualizados como

modos ortogonais e não opostos de autorregulação (Higgins, 1997), é possível que um indivíduo tenha simultaneamente um alto foco em promoção e seja altamente focado em prevenção (Florack, Keller, & Palcu, 2013). Robert é um desses "híbridos" de promoção-prevenção, que exibe focos regulatórios duplos compostos de selves positivos e negativos (Grant & Higgins, 2013). Criado por pais amorosos, ele desenvolveu este foco regulatório híbrido combinando a estratégia de promoção de sua mãe com a estratégia de prevenção de seu pai. Esse duplo foco orientou seu progresso de forma segura, combinação que contribuiu para seu alto desempenho (Kurman & Hui, 2011). As realizações notáveis de Robert e o sucesso repetido em diversos contextos coincidem com a explicação de Oyserman e Markus (1990) de como altos níveis de funcionamento podem ser facilitados pela inter-relação de um self possível positivo que alguém gostaria de se tornar com um self possível negativo que teme tornar-se. Robert concebeu um self possível positivo específico que também incluía um esboço do que se poderia fazer para evitar um self possível negativo. O temido self possível de se tornar como seu pai foi motivacionalmente benéfico como uma representação negativa do que poderia acontecer se Robert não atingisse o estado desejado.

A abordagem de Robert de buscar progresso de forma cautelosa contribuiu para seu alto desempenho. Quando o contexto de Robert gerava incerteza ou evocava a necessidade de tomar uma decisão de carreira, isto ativava o foco híbrido de Robert no desafio e na ameaça, enquanto ele considerava o que poderia ganhar e perder. A preferência habitual de Robert em criar metas e fazer escolhas de carreira integrou efetivamente sua independência com agência e interdependência comunal em uma generatividade que foi produtiva e compassiva. Por um lado, ele "se destacou" ao se concentrar em objetivos por ele escolhidos, que representassem suas aspirações de quem ele gostaria de ser e de como gostaria de se comportar. Por outro lado, ele "se encaixou" por meio de sua disposição de aceitar as regras e empatia pelos outros. Era uma competitividade orientada para o crescimento pessoal real e avanço como parte de uma comunidade, não para uma fachada de sucesso às custas dos outros.

Com um foco regulatório híbrido, Robert desenvolveu recursos gerais que facilitaram a adaptação integrativa. Ele olhou para frente e olhou à volta. Em particular, ele desenvolveu os recursos de adaptabilidade de carreira que poderia empregar para melhorar as circunstâncias de sua carreira. Quando confrontado

com uma tarefa de desenvolvimento vocacional ou uma transição ocupacional, o foco regulatório e a prontidão adaptativa de Robert o motivavam a lançar mão de recursos de adaptabilidade de carreira e dar respostas integrativas. A prontidão adaptativa de Robert para formar seus objetivos por ele escolhidos envolveu todos os quatro recursos de adaptabilidade destacados na teoria da construção de carreira (Savickas, 2013). Sobre *preocupação*, Robert explicou que sempre olhou para frente e era um planejador. Ele estava esperançoso e via a vida de uma perspectiva futura de longo prazo. Demonstrou *controle* sendo ponderado e consciencioso ao assumir a responsabilidade por seu próprio futuro e se concentrar no que queria fazer. Robert demonstrou *curiosidade* ao se engajar na exploração em amplitude, já que estava aberto a muitas possibilidades e buscava potenciais alternativas que se encaixassem em seus valores, objetivos e crenças. Então, no devido tempo, ele prosseguiu com exploração em profundidade, reunindo informações pertinentes e conversando com outras pessoas bem-informadas para avaliar melhor suas alternativas. Assim que Robert se comprometia com uma meta ocupacional, ele esperava ter sucesso e fazia planos que executava com confiança, resolvendo problemas ao longo do caminho com eficiência. Ele perseguiu avidamente seus objetivos, mas permaneceu flexível e com mente aberta.

Autor autobiográfico. O foco regulatório de Robert na construção de metas e uma estratégia de adaptação para atingir essas metas foi aprimorado por sua reflexividade autônoma ao conceber uma identidade vocacional e compor uma narrativa de carreira. Quando confrontado com mudanças e escolhas, Robert se preparou para agir envolvendo-se em ponderação proposital, autocontida e instrumental. Embora ele tenha ouvido os conselhos dados por seu pai e mentores, ele não necessariamente agiu de acordo com eles. Em vez disso, Robert definiu e perseguiu implacavelmente objetivos por ele escolhidos depois de reunir informações relevantes, aprender coisas novas sobre si mesmo, avaliar essas informações, tomar decisões e conceber planos. Sua deliberação reflexiva levou diretamente à ação, sem a necessidade de validação pelos pais ou outras pessoas. Ao mesmo tempo, Robert permaneceu aberto a novas ideias e alerta a oportunidades para implementar sua identidade e revisar sua história de carreira. Ele sabia quem ele era e, ainda mais importante, como ele se tornou assim. Os objetivos de Robert deram direção à sua vida e forneceram visão de longo prazo e motivação de curto prazo. Desta forma,

Robert alcançou uma identidade vocacional clara, estável e coerente, condizente com a carreira do Desbravador que ele se tornou. Como Robert afirmou, *você tem que olhar para o campo e planejar com antecedência ... Eu sempre fui um planejador.*

Conteúdo da autoconstrução

Estabelecer metas e persegui-las com ímpeto implacável sempre foram duas das características marcantes de Robert. Em seu método de ensino de atuação, Stanislavsky (1924) enfatizou que cada personagem em uma peça tem um objetivo geral que condiciona todo o seu comportamento ao longo da peça. Este objetivo maior une todos os aspectos do papel, produzindo uma identidade integrada e intencional (Levin & Levin, 1992). O objetivo principal é, de certo modo, o modus vivendi ou o arranjo que se desenvolve com a vida. As três primeiras recordações de Robert mostram claramente seu modus vivendi. A primeira recordação revela seu autoconceito, a segunda recordação precoce explica suas convicções sobre a vida e a terceira recordação precoce resume como ele organizou as duas para se concentrarem em um objetivo principal e, assim, compor o motivo central de sua a vida. As três primeiras recordações explicam como Robert se concebeu, o que a vida significava para ele e como decidiu conduzir sua vida. Vamos ouvir o tema de vida de direcionamento de metas de Robert enquanto ele nos conta, na forma de parábolas pessoais, sobre seu autoconceito, convicções de vida e objetivos principais.

Direcionamento de objetivos. Em resposta ao *Rotter Incomplete Sentences Blank* (Rotter & Rafferty, (1950), durante o nono ano, Robert escreveu que "Minha maior ambição é construir coisas" e que "As pessoas pensam em mim como um menino que faz coisas." A primeira recordação de Robert, construindo um boneco de neve do lado de fora com meu irmão, revela seu autoconceito como um trabalhador esforçado que se envolve em projetos construtivos. A recordação também mostra seu conforto em trabalhar com um companheiro mais velho que serve como um reconfortante parceiro e mentor mais velho. Não há dúvidas de seu sucesso na construção do boneco de neve ou na expansão da sua empresa. O mínimo que se pode dizer sobre Robert é que ele sempre foi um trabalhador esforçado. Nunca esquecendo o exemplo da mãe, ele permaneceu fiel aos padrões dela. Como calouro no ensino médio, ao referir-se às tarefas domésticas, ele relatou que não há utilidade em nada fazer quando há coisas a serem feitas. Seu trabalho

permite que ele desconsidere os aspectos desfavoráveis de sua competitividade e se orgulhe de si mesmo em suas realizações materiais. Ao mesmo tempo, seu trabalho se tornou uma válvula de escape para aquela parte que o deixa mais feliz: seu interesse genuíno em trabalhar com pessoas.

A vida de Robert está repleta de relacionamentos humanos bem-sucedidos e gratificantes. Seu conforto com os outros, talvez a herança mais importante de sua infância, foi comprovado aos 40 anos em seu relatório do Minnesota Multiphasic Personality Inventory - 2 (MMPI-2; Butcher, Graham, Tellegen, & Kaemmer, 1989):

> *Essa pessoa desempenha um papel ativo e assertivo ao lidar com grupos. É provável que ele seja visto pelos outros como sociável, entusiasmado e extrovertido. Expressa autoconfiança, afabilidade e autoaceitação.*

Sua falta de conflito intrapsíquico e a consequente afirmação dos outros capacitaram-no a se envolver com o mundo com sucesso e a cumprir com pouca dificuldade as metas que estabeleceu para si mesmo.

À medida que Robert perseguia seus objetivos, como construir um boneco de neve, ele se beneficiava da orientação de parceiros mais velhos. Nunca houve um tempo em que Robert ficou sem pessoas para guiá-lo ao longo do caminho e torcer por ele. Ele tinha um relacionamento caloroso com seu pai. Embora Patrick dificilmente fosse um exemplo de ambição ou sucesso, Robert o via como um mestre gentil. Quando solicitado a descrever seu pai com uma palavra, Robert chamou Patrick de guia. A irmã de Robert provou ser o mesmo, a palavra que ele escolheu como mais adequada a ela foi disponível. Quando ela não estava mais em posição de desempenhar esse papel em sua vida, Robert ficou temporariamente consternado, senão imobilizado. Seu irmão mais velho cuidou dele e mostrou interesse até mesmo nos aspectos mais mundanos de sua vida. Quando calouro no ensino médio, Robert relatou que seu irmão era sociável como sua mãe. A mãe de Robert esperava que seu filho fosse muito mais longe do que ela, e ao longo de sua vida houve outros que esperavam o mesmo para ele - incluindo um tio que queria que ele se tornasse engenheiro, um cunhado que o incentivou a frequentar a faculdade e um sogro que o incentivou a fazer o exame C.P.A.* Na escola paroquial havia freiras

---

* *C.P.A (Certified Public Accountant) é uma certificação que atesta conhecimentos sobre área financeira.*

professoras que o encorajavam e o disciplinavam, e seus anos de colégio sem elas não foram tão bem-sucedidos. Assim, não é de se estranhar que tenha prosperado sob a tutela do controller da empresa, que não o deixava fazer bobagens, e na firma de contabilidade onde gozava do respeito de seu Presidente e, posteriormente, de seu Conselho de Administração. Robert precisava do apoio e do interesse dessas pessoas, bem como dos limites que elas impunham. Ele aproveitou todas as oportunidades que surgiram para provar que estavam certos.

A segunda recordação de Robert, um incidente que também ocorreu aos três anos, mostra sua convicção de que a vida é imprevisível:

> *Lembro-me muito vividamente de viajar, claro que eu não sabia para onde estava indo até mais tarde, entrando no carro, mas quando meu irmão entrou no serviço militar foi uma longa viagem. Lembro-me de ter viajado com minha mãe e meu pai. E ainda consigo lembrar de meu irmão indo para o centro de recrutamento, aonde quer que fosse. Lembro-me de me perguntar: para onde ele está indo?*

Nessa recordação, a vida de Robert é transformada abruptamente por forças poderosas além de sua compreensão. Enquanto ele é levado para o passeio, ele só pode se perguntar onde ele e sua família irão parar. Talvez seja por isso que ele tentou olhar à frente e antecipar problemas e fazer planos.

Essa crença de que uma viagem tranquila pode se tornar acidentada pode ter ficado profundamente marcada em sua história quando, no oitavo ano, a atmosfera familiar mudou de amena para tempestuosa. Da noite para o dia, o clima em sua casa tornou-se turbulento e caótico quando os filhos e a esposa de seu irmão se mudaram para sua casa. As três crianças criavam *confusão; nunca havia silêncio*. Robert se preocupava muito enquanto *tentava sobreviver em uma casa com todos estes problemas. Eu simplesmente não conseguia lidar com toda essa bagunça*. No terceiro ano do ensino médio, ao completar frases, ele escreveu que "Minha mente *se foi*" e "Minha carreira *está acabada*". Ele nunca falou sobre o caos com ninguém, nem com um orientador vocacional, nem com um padre. A sua solução foi *tentar ser um pouco mais adulto do que a minha idade. Eu agi como muito mais velho do que realmente era*. Essa mudança extraordinária no clima familiar foi um momento decisivo em sua

vida que, durante décadas, reverberou como um trovão, até que ele recriou em sua empresa o clima ameno de que desfrutara quando criança.

Robert repetiu sua convicção de que a vida é turbulenta em sua terceira recordação, mas, desta vez, ele adiciona uma proposta de solução, que se torna seu objetivo principal. Ele se lembra que, aos cinco anos de idade, *tínhamos uma calçada de paralelepípedos e eu me lembro de andar nesta superfície áspera e cair ocasionalmente ou com bastante frequência porque não era regular*. Implícito nessa história está o fato de que depois de cair ele se levanta e anda mais um pouco. Sua determinação em andar, apesar dos obstáculos que a vida pode apresentar, parece ser o objetivo central de Robert. Quando os paralelepípedos da vida o derrubavam, Robert tinha a coragem de se concentrar no que deveria ser feito a seguir. Como fazia no colégio, quando estava perdendo o jogo, ele se concentrava mais e se esforçava ainda mais. Ele se levantava, resolvia o problema e avançava. Robert não poderia escapar do caos, mas poderia conquistá-lo com aprendizado e trabalho árduo. Ele concluiu que precisava ficar por sua própria conta; nada seria entregue a ele em uma bandeja de prata. Ele acredita que o desafio da vida consiste em superar obstáculos inevitáveis. Seu sucesso pode ser medido pela extensão em que ele saiu de trás para se tornar vitorioso.

As três primeiras recordações de Robert podem ser usadas para declarar um silogismo que constitui a premissa principal sobre si mesmo, sua premissa secundária sobre a vida e sua conclusão ou objetivo principal:

> *Sou um trabalhador que precisa da validação de mentores que conhecem o plano de jogo.*
>
> *A vida o derruba, não importa quão bem você planeje ou quão duro você trabalhe.*
>
> *Portanto, eu continuo me recuperando e apenas trabalho mais duro para alcançar meus objetivos.*

Essas primeiras recordações, bem como os dados psicométricos de Robert, revelam um tema de vida por meio do qual seu comportamento pode ser compreendido. O motivo central da vida de Robert é a necessidade de superar obstáculos formidáveis. Suas origens humildes, as dificuldades que teve de enfrentar quando os filhos de seu irmão perturbaram seu mundo familiar, a morte repentina de sua

mãe e seu fracasso em obter um diploma universitário no campo de seu principal interesse ocupacional estavam entre uma série de indesejáveis eventos que poderiam ter sido sua ruína. Em vez disso, ele considerava contratempos de qualquer tipo apenas temporariamente lamentáveis, considerando-os oportunidades de provar que tinha o necessário para fazer o melhor. Limitações de qualquer tipo foram transformadas em desafios e, por fim, em experiências de vitória sobre o destino. Em resposta ao cartão 1 do *Thematic Apperception Test* (TAT; Murray, 1943), Robert, aos 40 anos, contou a história de um menino que enfrentava um problema e estava tentando descobrir como lidar com ele. Ele quer melhorar a situação, ter um desempenho no nível que se espera dele e fará o possível para alcançar esse objetivo. Embora esteja em uma situação temporária, o menino se recusa a desistir. Na verdade, sua dificuldade momentânea o torna ainda mais determinado a ter sucesso. Ele sempre esteve convencido de que as tragédias não precisam durar enquanto ele se concentra no problema. Sua desenvoltura é suficiente para jogar todas as cartas que a vida lhe deu.

Estabelecer metas e persegui-las implacavelmente sempre foi uma das características marcantes de Robert: *você tem que olhar à frente e planejar com antecedência ... Eu sempre fui um planejador*. Tendo descoberto o que realmente queria fazer, ele persistiu. Robert admirava um tio *que estabelecia metas para si mesmo e trabalhava para alcançá-las*. Como escriturário de folha de pagamento, ele ouviu atentamente um colega mais velho que o aconselhou a *conseguir um emprego como auditor, ficar com ele cinco ou seis anos enquanto concluísse seu treinamento e, em seguida, procurar uma empresa de C.P.A. com que eu achasse que poderia lidar e ir para lá, embora eu não fosse necessariamente o principal homem*.

Em um momento de profundo *insight*, Robert refletiu sobre sua própria identidade e explicou seu objetivo principal quando disse que *meus pais tiveram muito trabalho, tinham tão pouco dinheiro, e estou tentando alcançar algo maior, para provar algo a mim mesmo e talvez para eles também*. O interesse irreprimível de Robert é ser um guardião fiel de seus talentos, cumprir as expectativas de sua mãe em relação a ele e, na condução de sua vida, provar a si mesmo ser um legado parental que justificava plenamente sua fé neste, de outra

forma, vidas infrutíferas e malsucedidas. Por meio dele, seus pais finalmente superaram as limitações de sua herança.

Robert retratou claramente sua conquista de identidade e direcionamento a objetivos em sua resposta ao cartão 7BM do *TAT*. Robert disse que o herói está meditando sobre seu futuro, avaliando onde está e onde deseja estar. Embora ouça os conselhos do pai, ele não age de acordo com eles. Ele faz seus próprios planos e aceita a responsabilidade por suas decisões. Esta história é uma descrição bastante precisa de como Robert se experimentou no mundo. Ele nunca quis simplesmente ficar à deriva como seu pai e, embora sua necessidade de certeza e preferência pela rotina possam ter levado a uma cristalização prematura de pontos de vista e valores e a uma vida não definida por aventura, Robert claramente fez muito, senão a maior parte, do que a vida lhe ofereceu. Poucos se saíram tão bem.

Direcionamento para os objetivos. Um objetivo principal deve ser perseguido e o arranjo de um tema de vida deve ser reproduzido. O modo como perseguimos objetivos e reproduzimos o tema é denominado modus operandi ou, mais simplesmente, estilo de vida. O estilo de vida de Robert corresponde à descrição do que Mosak (1977, p. 184) chamou de *condutor*, ou seja, um homem em movimento que é quase contra-fóbico em seu comportamento ambicioso. Mas, é claro, Robert continua sendo o condutor, nunca sentindo a alienação do compulsivo, *workaholic*. Aos 40 anos, os escores de Robert nas dez escalas básicas do MMPI-2, todas dentro dos limites normais, atestam sua força de ego e excelente ajustamento. De acordo com o relatório descritivo do MMPI-2, *ele se descreve como uma pessoa competente e autoconfiante que assume muitas responsabilidades*. Ele é parcialmente impulsionado por tendências perfeccionistas. Lembrando que sua irmã sempre insistia que ele fizesse o melhor possível, no início da idade adulta Robert se descreveu como *tendo gosto de fazer um bom trabalho em tudo o que eu faço*. A descrição do MMPI-2 coincide com o que ele mesmo acredita ser muito verdadeiro a seu respeito: *tem uma visão um tanto perfeccionista de si mesmo*. Outra característica relacionada é sua forte competitividade.

Robert gostava da competição envolvida em suas atividades esportivas, mesmo com seus cinquenta e poucos anos, e ele encontra uma diversão semelhante no mundo dos negócios: *competição traz empolgação. Também serve como liberação dos meus sentimentos hostis*. Ao perseguir seu objetivo principal,

Robert se sente plenamente vivo porque a competitividade acrescenta excitação à sua vida e lhe oferece uma vazão socialmente aceitável para seus sentimentos hostis. O MMPI-2 sugere um custo potencial para o modo de ser de Robert no mundo: *sua competitividade, persuasão e agressividade podem fazer com que os outros o vejam como uma pessoa oportunista e manipuladora*. Seja ou não esse o caso, Robert fez um bom trabalho sublimando seus impulsos agressivos, numa tal extensão que talvez o tornasse quase totalmente inconsciente deles. Seus escores no *Dynamic Personality Inventory* (DPI; Grygier & Grygier, 1976) sugerem uma falta de percepção de sua própria agressividade e uma incapacidade de articulá-la em palavras. Suas respostas ao *Thematic Apperception Test* tendem a apoiar essa avaliação. No cartão 3BM *do TAT*, Robert viu um molho de chaves e não o revólver no chão. No cartão 13MF do *TAT*, não foi o herói, mas outra pessoa que matou a esposa do herói.

Seria difícil para Robert reconhecer a hostilidade absoluta em si mesmo e, embora o controle bem-sucedido de tais impulsos possa ser útil em seu mundo cotidiano, também pode ser responsável pela falta de espontaneidade e criatividade que tornou uma boa parte de sua vida mais maçante do que ele gostaria. Seus escores no *DPI* indicam uma restrição de ideias e imaginação, uma falta de criatividade que o torna menos completo do que deveria ser. O relatório do *MMPI*-2 o descreve como um *indivíduo rígido que é incapaz de reconhecer ou admitir que tem dificuldades pessoais porque vê o desajustamento como uma fraqueza psicológica e precisa ser visto como forte e invulnerável*. Em outro lugar, o relatório descreve Robert como uma pessoa *caracterizada por negação de preocupação e ansiedade*. Parece que as próprias defesas que ele usou com tanto sucesso para lidar com os vários problemas de sua vida custaram-lhe certo tipo de vitalidade e exuberância, que tornaria sua vida extremamente bem-sucedida ainda mais razoável.

Construção da carreira

No retrato de vida de Robert, podemos claramente ver o desenvolvimento de sua identidade vocacional e a implementação de suas escolhas educacionais e ocupacionais. O retrato de vida de Robert reafirma a validade das teorias de escolha de carreira estabelecidas que se concentram em variáveis intrapessoais, como interesses e talentos. Além disso, ao destacar o papel das variáveis interpessoais na formação

da identidade vocacional e na dinâmica do ajustamento pessoa-ambiente, o retrato de vida de Robert reafirma a importância das tentativas recentes de construir uma teoria relacional de desenvolvimento de carreira, enraizada na interação familiar, apego na infância, identificações adolescentes e outros relacionamentos humanos significativos. Nesta seção que se concentra na carreira de Robert, considera-se primeiro como os relacionamentos com outros significativos ajudaram Robert a construir sua carreira, escolhendo ocupações que expressassem seu tema de vida e trabalhando em organizações que se adequassem a seu estilo de vida.

Processo de construção da carreira

Os psicólogos que estão desenvolvendo teorias de carreira baseadas nos relacionamentos humanos geralmente enfatizam a família de origem, com seus apegos e laços interpessoais. Afinal, o ambiente familiar fornece o primeiro contexto para a carreira (Bradley & Mims, 1992). A família forma uma *gestalt* na qual as partes produzem um todo integrado com suas próprias características emergentes. A constelação familiar constitui o fundo interpessoal contra o qual a figura de um indivíduo pode ser reconhecida. Desta forma, a família de Robert prefigurou, ou sugeriu de antemão, sua disposição para a vida. Quando Robert nasceu, sua família já tinha uma história de 20 anos. Suas vidas em conjunto envolviam dois pais e dois irmãos com valores acordados, padrões praticados de interação e um projeto familiar. Assim que seus pais trouxeram Robert do hospital para casa, ele começou a se adaptar a essa situação social e a dar sentido à vida. Robert criou um lugar seguro para si mesmo ao aprender o que sua família exigia dele e como poderia agir dentre eles. Determinar como ele se encaixava e como se destacava permitiu a Robert entender sua constelação familiar, uma compreensão que ele usaria para moldar uma identidade vocacional e construir uma carreira. Ao revisar o retrato de vida de Robert de uma perspectiva de carreira, examinemos a origem de sua identidade vocacional e seus interesses ocupacionais a partir da perspectiva relacional oferecida pelos tipos parentais e pela posição na ordem de nascimento.

Influência dos pais. Ao rastrear as origens dos interesses ocupacionais e do tipo de personalidade vocacional de um cliente, Holland (1997) sabiamente recomendou que os orientadores se concentrassem em uma variável facilmente observada na família, ou seja, os tipos de personalidade dos pais. Holland (1997) teorizou que os pais reproduzem seus próprios tipos vocacionais em seus filhos. As

características pessoais compartilhadas pela mãe e pelo pai de Robert prescreviam os valores da família de Robert, ou seja, os padrões utilizados por ambos os pais para distinguir o que é importante. Os valores familiares representam as questões e metas importantes acordadas por ambos os pais. Os pais utilizam esses valores para descrever as realizações passadas da família, avaliar sua situação presente e orientar a família para o futuro. Como os pais concordam com eles, os valores familiares funcionam como imperativos que não podem ser ignorados pelos filhos. Esses valores envolvem as questões significativas às quais um recém-chegado deve reagir. Normalmente as crianças imitam os valores da família e, com o tempo, incorporam-nos ao self. Às vezes, as crianças se rebelam contra esses valores e incorporam o oposto ao seu self. Robert aprendeu a concordar e a incorporar três valores familiares primordiais. Em termos da tipologia de Holland (1997), Robert adotou, e pode ter superado, os valores convencional, realista e empreendedor de seus pais.

Os pais de Robert seguiam os valores convencionais. Nas palavras de Robert, os valores da família eram, em ordem de importância, não falte à missa de domingo, não perca tempo e faça primeiro o dever de casa. A família aceitava as normas sociais de comportamento e enfatizava a conduta responsável. Católicos devotos, os pais de Robert também valorizavam a ordem e a estrutura trazidas a suas vidas por conformidade, responsabilidade e trabalho árduo. Além de respeitar a autoridade, eles eram exatos, precisos e corretos. Como Robert certa vez explicou, *acho que minha família, meu pai e seu irmão, meu irmão, todos gostavam de coisas exatas. Eles são todos muito exigentes. Julie era muito exigente*. Ele lembra que Julie *era meticulosa e nunca se apressava*. A palavra do pai de Robert era lei e Robert aprendeu a confiar na orientação impositiva de Patrick. Por causa dessa experiência, Robert se sentia à vontade perto de pessoas com autoridade. Ele passou a valorizar a obediência às regras e a se conformar às normas sociais porque serviam como diretrizes tranquilizadoras. Sem regras claras e autoridade forte, situação que experimentou no colégio e na faculdade, Robert achava difícil renunciar a seus impulsos.

Da mensagem unificada de seus pais, Robert também absorveu valores *Realistas*. Eles o ensinaram a sublimar seus impulsos agressivos com trabalho árduo. Patrick não deixaria Robert perder tempo. O dever de casa precisava ser feito antes de qualquer outra coisa; depois, trabalhariam juntos no jardim da família. Todos os

sábados de manhã, Robert limpava seu quarto. Robert também descreveu sua mãe como uma *pessoa muito trabalhadora* e seu irmão como um *trabalhador esforçado*. Sua família valorizava o conhecimento prático e gostava de atividades que fossem específicas, ordenadas e sistemáticas, fossem essas atividades com máquinas ou números. Robert também era *Realista* ao seguir o exemplo de seus pais em ser genuíno e modesto, bem como em tratar as pessoas com respeito. Esse valor familiar mais tarde se manifestou no comprometimento de Robert com o atendimento ao cliente, prêmios por serviço comunitário e contribuições para os jovens e idosos de sua comunidade.

Os pais de Robert demonstraram valores *Empreendedores* quando insistiram que ele deveria progredir e realizar mais do que eles haviam conquistado em suas próprias vidas. Ambos os pais foram forçados pelos seus próprios pais a abandonar a escola após o sétimo ano. Por isso, nenhum dos pais de Robert puderam viver a vida que sonharam. Patrick nunca se tornou engenheiro ferroviário e Mary nunca concluiu o ensino médio. Eles esperavam que Robert fosse mais longe do que lhes foi permitido. *Minha mãe sempre me dizia para tentar ir o mais longe que pudesse*. Sua irmã o incentivou a *fazer um trabalho melhor do que a média em tudo o que eu faço*. Os pais de Robert enfatizaram que a educação e o trabalho árduo levam ao sucesso. Um objetivo da família era fazer com que Robert competisse e tivesse sucesso no mundo convencional, um mundo que praticamente os derrotou. Para isso, a família dotou Robert de uma atitude competitiva para acompanhar seus excelentes hábitos de trabalho e bom senso.

Como Robert se identificava intimamente com seus pais e admirava as freiras, ele tornou seus os valores compartilhados por eles. Esses valores estruturaram o cerne de seu tipo de personalidade vocacional: Convencional-Realista-Empreendedor (CRE). Traços convencionais de planejamento, persistência, obediência, ordem, cautela e conscienciosidade caracterizaram sua abordagem para ter sucesso no trabalho prático e Realista. Traços Empreendedores como competitividade, ambição, otimismo, entusiasmo e dominância dinamizaram a sua vida. Como empreendedor, entretanto, seu objetivo não era o engrandecimento pessoal; ele foi genuíno em sua generosidade modesta para com a comunidade. Ele usou sua posição e seu poder para enriquecer a comunidade, não de maneira criativa, mas convencional. Sua liderança benevolente para o benefício da comunidade tornou-se uma questão

de consciência para ele. Como sua mãe, ele também se tornaria tão bom quanto poderia ser - sociável, amigável, prestativo, gentil e responsável. Ele trabalhou muito para manifestar esses valores e implementar seu autoconceito em sua profissão, bem como por meio do serviço comunitário. Robert integrou suas três estratégias adaptativas predominantes para formar um tipo de personalidade vocacional (CRE) consistente e diferenciado com aspirações coerentes e preferências congruentes.

Influência dos irmãos. Além da influência dos pais, existem outros elementos facilmente observáveis na constelação familiar que também prefiguram o padrão de personalidade vocacional das crianças e influenciam seu estilo de trabalho. Um desses elementos, que foi estudado extensivamente por psicólogos de família, mas não por psicólogos vocacionais, envolve os irmãos. A ordem de nascimento, ou o lugar de alguém na sequência de filhos, constitui um importante elemento interpessoal da constelação familiar. Dois filhos não vivem exatamente na mesma família. Por exemplo, um filho primogênito não tem irmão ou irmã mais velhos, como o segundo filho tem. Por meio das interações entre irmãos, as crianças aprendem a conviver com outras pessoas. Crianças sem irmãos experimentam mais dificuldade em aprender a brigar e fazer as pazes, a cooperar e competir, e a liderar e seguir. Assim, os padrões de personalidade dos pais e a ordem de nascimento fornecem dois pontos de vista distintos, mas complementares, a partir dos quais se pode ver uma constelação familiar.

As interações de Robert com seus irmãos confirmaram e reforçaram o roteiro que ele aprendeu com seus pais. Quando Robert nasceu, sua irmã Julie tinha 18 anos e seu irmão Gary tinha 16. Dada sua posição na família, um orientador imediatamente se perguntaria se Robert foi um "erro", constituindo uma "segunda família" para seus pais, que estavam terminando a criação dos filhos. Felizmente, os pais de Robert não o trataram como um erro, mas, nas palavras de sua mãe, como uma completa surpresa. Pode ser apenas uma coincidência, mas vale a pena notar que, pelo resto da vida, Robert evitou surpresas *olhando à frente e planejando o futuro*. É claro que ser criado por quatro adultos também pode ter contribuído para a atenção planejada de Robert aos detalhes da vida. De seu ponto de vista, Robert provavelmente se sentia como um anão entre gigantes. Quando ele olhou em volta, viu não apenas dois pais, mas um segundo par de pais em sua irmã e irmão. Ainda assim, por ser pequeno entre quatro adultos grandes, Robert

certamente ocupou uma posição especial. Simultaneamente, ele era "o bebê" e um "filho único". Como não tinha outros filhos em casa com quem interagir, Robert era psicologicamente filho único. Mesmo assim, ele ainda desfrutava dos privilégios concedidos a um bebê. Para nossos propósitos aqui, usaremos a palavra "caçula" para definir a posição psicológica de Robert na família. Como o caçula, Robert recebeu tanto o amor reservado ao bebê da família quanto as altas expectativas de responsabilidade e realização transmitidas a um filho único. Esta mistura incomum de indulgência e disciplina, combinada com o incentivo de quatro adultos, muitas vezes prefigura uma personalidade vocacional caracterizada pelo charme (bebê) e prudência (único). Essa combinação potente de competitividade e cautela (cf., híbrido regulatório de promoção-prevenção) frequentemente impele as crianças mais novas a alcançarem altos cargos e tornarem-se líderes. Normalmente, suas posições ocupacionais envolvem ser o segundo no comando, mais frequentemente o diretor de operações em vez do diretor executivo (as crianças mais velhas são mais bem preparadas para ser o CEO). Quando os filhos mais novos são o CEO, normalmente estão em uma posição conservadora, como superintendente de escolas, oficial general das forças armadas ou presidente de uma faculdade ou instituição financeira. Eles então têm um forte conselho de diretores, ou outra autoridade superior, a quem podem consultar. Vamos comparar mais sistematicamente o retrato de vida de Robert com as previsões específicas feitas para ele pela literatura sobre a ordem de nascimento, a saber, que essa posição familiar o condicionará a se tornar realizador, maduro, sociável e cauteloso.

A posição de Robert como filho mais novo ofereceu ricas oportunidades. Como o caçula, Robert sempre manteve um relacionamento especial com seus pais, que não se distraíam criando outros filhos, até que o caos estourou com os três filhos de seu irmão. Assim, eles tiveram mais tempo para conversar e brincar, impor padrões elevados e recompensá-lo. Como parte desse contato intenso e ininterrupto, as ações de Robert receberam reforço imediato e consistente de seus pais. A atenção generosa e o incentivo exagerado que recebeu de sua mãe e irmã ajudaram a fazer de Robert um *condutor*, ou seja, uma criança que busca e alcança o sucesso desde cedo. Por exemplo, aos 25 anos ele já era um gerente. Como o caçula, ele nunca teve que olhar para trás; ele sempre poderia olhar à frente. Ele foi encorajado para o sucesso, estimulado em direção a isso. Sua mãe e irmã incutiram nele o desejo

de maximizar o talento e precipitar-se para profissões de maior prestígio social e "adulto". Ele aprendeu a competir e a se esforçar para se destacar. Em suma, durante seus primeiros anos em casa, Robert ensaiou um papel com status elevado, bem recompensado e com responsabilidades significativas. Esse tipo de ensaio levou Claudy (1984) a prever que um filho mais novo como Robert teria uma alta probabilidade de entrar em uma profissão cerebral, de colarinho branco.

Robert teve a cota usual de oportunidades especiais dadas a crianças mais jovens que vivem em um mundo de adultos. Seus pais o levavam em viagens e lhe proporcionavam experiências culturais, e seus irmãos mais velhos sempre o levavam a lugares. Além disso, Julie o ensinou a ter sucesso na escola e Gary o treinou para vencer no campo de jogo. Essas vantagens, porém, têm um custo. Com apenas modelos adultos em casa, Robert sentia uma grande pressão por um comportamento mais maduro, para sempre agir como mais velho do que sua idade. Desde cedo, ele aprendeu a ser obediente, culto e socialmente sensível. Ele ajudou as freiras como ajudava sua mãe. As freiras reconheceram sua maturidade. No oitavo ano, elas escolheram Robert para fazer os pedidos de leite e receber o dinheiro de todas as salas de aula. No ensino médio, ele serviu como tesoureiro da sua turma por três anos. Durante sua entrevista no terceiro ano do ensino médio, Robert afirmou que se sentia mais velho do que os outros alunos porque tinha experiências que as outras crianças não tinham. Robert até preferia se vestir e agir como mais velho do que sua idade cronológica. Por exemplo, em sua entrevista de 25 anos, Robert parecia e se vestia dez anos mais velho do que seus pares. Ele gostava de seu ambiente organizado, seu quarto limpo e seus relacionamentos claramente definidos. Toman (1970) poderia estar descrevendo Robert como o exemplo do filho mais novo que gosta de fatos seguros e conceitos rígidos, e odeia palavrões.

A orientação relacional de Robert de baixa afiliação e alta sociabilidade caracteriza os filhos caçulas. Como não tinha irmãos de sua idade, ele considerou Julie e Gary protótipos de relacionamentos entre pares com homens e mulheres. Em razão da diferença de idade, Robert passava muitas horas sozinho ao crescer. Ele preencheu seu tempo lendo livros, limpando seu quarto, brincando com modelos de trens e colecionando selos. Frequentemente, ele estudava com a mãe e a irmã, ou jogavam canastra ou Banco Imobiliário. Sua maturidade precoce provavelmente tornou mais difícil para ele a convivência com a turma e ficava mais confortável no

porão projetando seus trens. Normalmente, sua interação com os colegas envolvia o contexto estruturado de atividades esportivas competitivas, não apenas brincadeiras e bobagens. No ensino fundamental, aos sábados, Robert gostava de jogar beisebol, depois de limpar o quarto pela manhã. No ensino médio, ele adorava jogar basquete e beisebol depois da escola. Sua mãe não permitia que ele jogasse futebol porque temia que ele pudesse se machucar. Robert gostava de praticar esportes porque isso lhe permitia competir e treinar virando o jogo. Quando adulto, ele iria declarar que *eu sou um individualista*. No entanto, quando ele interagia com os colegas, ele demonstrava habilidades sociais calorosas.

Ao longo de sua vida, Robert buscou reafirmação de mentores mais velhos, como seu irmão e seu pai, de forma cada vez mais distante conforme ele crescia. Ele precisava da reafirmação dos mais velhos, uma característica comum entre os filhos mais novos. Quando seus professores do ensino fundamental forneceram essa estrutura e garantia, Robert ainda se destacou, mas quando seus professores do ensino médio e da faculdade o deixaram sozinho, ele se atrapalhou. Depois da faculdade, Robert encontrou no presidente de sua empresa o mentor masculino e a fonte de reafirmação de que precisava, um colega mais velho que não o deixava relaxar. Posteriormente, seu Conselho de Administração desempenhou esse papel. O padrão é claro: com segurança e estrutura, Robert triunfará. Afinal, ele construiu o boneco de neve com um mentor mais velho.

Conteúdo da construção da carreira

Tendo considerado as influências interpessoais no desenvolvimento do padrão de personalidade vocacional CRE de Robert, vamos ver como ele implementou sua personalidade por meio de escolhas educacionais e ocupacionais congruentes. À medida que o mundo de Robert se expandia para incluir a vizinhança, a escola e o local de trabalho, seu desafio era combinar seu padrão de personalidade vocacional CRE com posições adequadas, aquelas que forneceriam oportunidades de aprender, trabalhar duro e ter sucesso. Em termos de teoria de carreira, esse comportamento de correspondência ou de tomada de decisão busca o objetivo de um bom ajuste pessoa-ambiente, alternativamente referido como congruência (Holland, 1985), correspondência (Lofquist & Dawis, 1991) ou incorporação (Super, 1963). Em seu livro sobre aconselhamento de carreira, Lofquist e Dawis (1991) enfatizaram este ponto:

> Em seu desenvolvimento desde o nascimento até a maturidade física, eles [indivíduos] desenvolvem capacidades para responder a demandas ambientais e preferências pelas condições de estímulo para responder. Os indivíduos procuram reproduzir em um determinado ambiente as condições de estímulo de reforço positivo que experimentaram e evitar experiências negativas (p. 1).

Conforme observado no retrato de vida de Robert, seus pais o escolheram para buscar uma ocupação segura em um ambiente ordenado. Seus padrões de personalidade vocacional, juntamente com os valores familiares resultantes, clima familiar e diretrizes de orientação de gênero, todos condicionaram Robert a desenvolver uma identidade vocacional como um planejador e interesses vocacionais em atividades Convencionais, Realistas e Empreendedoras. Robert fez escolhas congruentes que implementaram seu autoconceito porque, como adolescente e jovem adulto, alcançou uma identidade clara e estável. Ele conhecia seus talentos, valores e interesses e continuou *olhando à frente* enquanto explorava o mundo do trabalho em busca de ocupações adequadas e viáveis. Bem cedo na infância, ele demonstrou adaptabilidade de carreira ao selecionar aspirações coerentes e hobbies adequados. Antes de recontar as aspirações e hobbies de Robert, consideremos a escolha de carreira mais fundamental que um indivíduo faz, isto é, a seleção de um modelo a seguir.

Modelo. As opiniões de uma criança sobre sua mãe e seu pai estabelecem as normas para os papéis sexuais masculino e feminino, ou o que os psicólogos Adlerianos chamam de linhas de orientação de gênero (Griffith & Powers, 1984). Como um menino que refletia sobre a vida de seus pais e irmãos, Robert pode ter concluído que nem os homens nem as mulheres alcançam seus sonhos. Os homens devem aceitar todos os empregos disponíveis; então, eles perdem temporária ou permanentemente esses empregos em função da guerra, negócios ruins ou fechamento de fábricas. Apesar dessas dificuldades, os homens devem ficar quietos, trabalhar duro e sustentar suas famílias. As mulheres podem ter um pouco mais de sucesso na vida. Elas podem até terminar a escola. Caso não, elas ainda aprenderão o que precisam saber porque são mais ambiciosas do que os homens que aceitam seu destino em silêncio.

A linha guia masculina traçada por seu pai, e seguida por seu irmão, provavelmente parecia o destino para Robert. A menos que ele fizesse algo a respeito,

provavelmente acabaria parecido com seu pai e irmão. As ideias sobre o que ele poderia exatamente fazer a respeito devem vir de modelos de comportamento. Outra pessoa, além de seu pai e irmão, teve que representar uma solução possível. Sua mãe ofereceu o irmão de seu marido como modelo para Robert. Ela instruiu Robert que seguisse o exemplo do tio que era engenheiro civil. Ele havia terminado sua educação na escola noturna e lutou muito para ter sucesso. Robert aprendeu a admirar esse tio favorito, que *definia metas e trabalhava para alcançá-las*. Robert ocasionalmente ia trabalhar com seu tio, que deixava Robert esboçar coisas simples, como um trabalho com dutos. Este tio tornou-se a "solução" proposta para os problemas experimentados por homens pouco ambiciosos, pois ele era preciso e direcionado a seus objetivos, tinha concluído o ensino médio, estudou engenharia na escola noturna, subiu na hierarquia e agora ganhava um bom salário em um emprego seguro. Em outras palavras, esse tio fez o que o irmão e o pai de Robert não haviam feito. Ao fazer isso, ele se tornou um modelo que mostrou a Robert como ativamente controlar o que seu pai e irmão haviam sofrido passivamente.

Interesses expressos. Quando criança, Robert selecionou hobbies congruentes, como colecionar selos, modelos de trens, jogos de cartas e jogos de tabuleiro. No início do ensino fundamental, Robert já havia concentrado suas aspirações ocupacionais; ele queria fazer *algo mecânico* ou *algo como contabilidade*. Os interesses pela engenharia seguiram seu modelo e os interesses por contabilidade seguiram a orientação de sua mãe, imitaram sua irmã e expressaram os valores familiares Convencionais. No nono ano, Robert refinou um pouco essas duas preferências. Ele disse, *eu gostaria de ser um empreiteiro ou construtor, algo assim*. Ou, *trabalhar com números - contabilidade, algo assim*. Um tempo depois, ele substituiu a construção por engenharia mecânica ou elétrica, porque envolve trabalho interno, enquanto a construção civil envolve trabalho externo. Em particular, ele queria ser um contador porque é mais *regular, mais seguro ou um engenheiro mecânico ou desenhista*. Profeticamente, ele acrescentou: *Mas se eu não conseguir fazer, poderia conseguir qualquer trabalho de que eu goste ou de que não goste por completo*.

Pesquisadores vocacionais com perspectiva psicodinâmica (Bordin, Nachmann & Segal, 1963) concluíram que contadores e engenheiros, as duas profissões que atraíam Robert, compartilham muitas semelhanças, incluindo uma forte identifica-

ção com seus pais. Essa linha de pesquisa mostrou que os engenheiros são ordeiros, desapaixonados e planejados. Preferem trabalhar com parâmetros bem definidos. Engenheiros também trabalham bem com figuras masculinas de autoridade e podem ser igualmente bem-sucedidos como seguidores ou líderes (Beall & Bordin, 1964). Segal e Szabo (1964) relataram que os contadores obedecem às normas sociais e têm atitudes positivas em relação aos pais e às pessoas em geral. Schlesinger (1963) relatou que engenheiros e contadores parecem ser responsáveis, conformistas, ordeiros e competitivos. A engenharia e a contabilidade parecem, de modo geral, se adequar à personalidade de Robert. No início do terceiro ano do ensino médio, entretanto, Robert decidiu-se por engenharia elétrica ou civil, porque essas ocupações envolvem detalhes precisos, conclusões definidas e fatos, mais do que teoria. Ele adorava as aulas de matemática. Planejou estudar desenho em uma faculdade comunitária e, em seguida, engenharia em uma universidade conveniente. Aos 25 anos, Robert escreveu em seu formulário de completar frases que "Eu sempre quis ser ... *um engenheiro*". No entanto, ele escreveu que "Minha maior ambição... *é conseguir um trabalho top de contabilidade*" e "Eu preciso... *de alguns anos para atingir um grande objetivo*."

Interesses inventariados. Os resultados da bateria de avaliação vocacional do nono ano de Robert refletem bem seus valores profissionais expressos, habilidades ocupacionais e interesses vocacionais. No nono ano, seu *Work Values Inventory* (WVI; Super, 1970) tinha um perfil moderadamente definido. Seu valor mais forte era referente a condições de trabalho -ele queria realizar um trabalho em condições agradáveis, não muito sujo, nem quente, nem frio. Sua preocupação com as condições de trabalho foi seguida de perto por dois valores extrínsecos: segurança e salário digno. Ele apresentou dois valores intrínsecos, a saber, o desejo de contribuir e de desenvolver novas ideias. No terceiro ano do ensino médio, Robert completou o *WVI* novamente. Esse perfil mudou significativamente em relação ao perfil do nono ano, uma mudança que refletiu o caos que ele experimentou em casa e um interesse crescente pela escola. Seu perfil de valores no último ano foi definido por um notável pico de segurança. Salários dignos e a criação de novas ideias permaneceram tão fortes quanto no nono ano, mas dois novos valores surgiram: estímulo intelectual (ou seja, resolver novos problemas) tornou-se seu segundo mais alto valor e realização (ou seja, trabalhar onde você pode ver os resultados e sentir uma sensação

de conquista), tanto quanto salários e criatividade. Aos 35 anos, Robert respondeu ao *WVI* pela terceira vez. Os resultados voltaram a um perfil menos definido, com a segurança e o estímulo intelectual (cf., regulação híbrida promoção-prevenção) permanecendo seus valores mais elevados, depois unidos pela independência de ser seu próprio patrão e de tomar decisões junto com a liberdade de escolher seu próprio estilo de vida enquanto não estivesse no trabalho.

Os valores de trabalho de Robert no ensino médio correspondem à sua intenção expressa de seguir uma carreira na engenharia ou contabilidade. Além disso, seu nível bem acima da média de inteligência fornecia a habilidade mental geral necessária para ter sucesso no treinamento para essas carreiras. Robert obteve o escore de 117 em um teste de habilidade mental (Otis & Lennon, 1967) e ficou no percentil 80 em um teste de raciocínio verbal (Bennett, Seashore e Wesman, 1966). Ele se formou no terço superior de sua classe, com uma média de 80%. Robert mostrou grande aptidão para raciocínio verbal e numérico, mas uma aptidão muito menor para raciocínio abstrato, o que seria útil em uma carreira de engenheiro. Isso não é surpreendente, pois Robert preferia conhecimentos práticos e *gostava de coisas definidas*.

Na *Kuder Preference Schedule - Vocational Form* CH (Kuder, 1956), respondida no nono ano, Robert mostrou um interesse preponderante em atividades computacionais e de escritório (ambas no percentil acima de 95) seguido por forte interesse em atividades mecânicas (percentil 77) e literárias (percentil 75). Em contraste, ele demonstrou pouco (percentil abaixo de 20) interesse em atividades ao ar livre, científicas e de serviço social. Em termos de RIASEC (Holland, 1997), o perfil de Robert mostrou fortes interesses *Convencionais* e *Realistas*, moderados interesses *Artísticos* e *Empreendedores* e fracos interesses *Investigativos* e *Sociais*. Seus interesses ocupacionais no *Strong Vocational Interest Blank - Revised* (Strong, Campbell, Berdie, & Clark, 1966), também realizado no nono ano, mostraram um padrão primário e três padrões secundários. Em particular, Robert teve uma pontuação muito semelhante a engenheiros e gerentes de produção; e semelhante ao presidente de uma empresa de manufatura, contador sênior, aviador, carpinteiro, tipógrafo e policial. Ele teve pontuações não similares com veterinário, professor, guia religioso, músico e vendedor.

A partir dessa avaliação vocacional, um orientador pode concluir que, ao se formar no ensino médio, Robert estaria procurando um emprego seguro que pagasse um salário digno e que oferecesse a ele o potencial de sentir um senso de domínio (mestria?) em usar sua mente para resolver problemas e enfrentar desafios. Esse trabalho deveria ser feito em um escritório com um ambiente agradável. O trabalho provavelmente deveria ser em contabilidade ou possivelmente em engenharia, e deveria ter um plano de carreira estruturado ao longo do qual seria possível passar de uma posição inicial para uma posição sênior. A posição não deveria envolver contato interpessoal direto do tipo exigido para vendas ou ensino, nem deveria exigir talento artístico.

Educação. Depois de se formar no ensino médio, Robert frequentou a faculdade comunitária. Ele estudou pré-engenharia por dois anos, mas não obteve um diploma de associado porque foi reprovado em sua última disciplina de matemática. Ele se recusou a fazer aquela disciplina novamente, cumprindo seu destino como um homem que não termina a escola. Esse momento decisivo em sua vida precisa ser examinado. Aos 25 anos, Robert explicou que o orgulho o impediu de retomar a disciplina de matemática: *Bem, eu era muito orgulhoso. Não me formei com minha turma e não queria voltar a estudar com pessoas de uma turma depois da minha*. Ele também explicou que seria inútil refazer a disciplina porque ele não tinha dinheiro para ir para uma universidade. Consequentemente, ele decidiu trabalhar em qualquer coisa que pudesse encontrar, *por cerca de um ano*, para economizar para a faculdade. No entanto, *as coisas mudaram* e, em vez disso, ele começou a economizar dinheiro para se casar. É claro que essas explicações fazem sentido, mas em um nível mais profundo devemos nos perguntar se Robert estava optando por sair da engenharia, com suas atividades de trabalho Investigativo-Realista-Empreendedor, para mudar para um ambiente ocupacional mais congruente. É verdade que as personalidades dos engenheiros e contadores têm muitas semelhanças; no entanto, existem duas diferenças que parecem relevantes para Robert. Os engenheiros usam princípios e leis abstratos para produzir produtos concretos (Beall & Bordin, 1964) e contadores gostam de limpeza (White, 1963). Robert preferia os fatos à teoria e o trabalho limpo e interno ao invés do trabalho sujo ao ar livre. Assim, a mudança da engenharia para a contabilidade melhorou a adequação de Robert ao contexto de trabalho.

Carreira Profissional. Os cargos iniciais de Robert como escriturário de folha de pagamento e auditor noturno se encaixaram melhor do que a engenharia jamais faria. Essas duas posições, ambas consideradas profissões Convencional-Realista-Empreendedor (Gottfredson & Holland, 1996, p. 262), eram completamente congruentes com seu padrão de interesse Convencional-Realista-Empreendedor. Para progredir, Robert estudou contabilidade. Essa mudança foi uma etapa necessária em seu plano de ataque para se destacar como um contador certificado. Quando fez sua grande mudança na carreira, começou como vice-presidente e depois se tornou presidente de uma empresa de contabilidade. O trabalho como executivo de contabilidade parece completamente congruente com o papel de Robert em sua família de origem. A posição implementa plenamente sua personalidade vocacional e exercita suas estratégias de coping mais relevantes.

Robert adora contabilidade porque exige que ele faça o que ele ensaiou quando criança. É uma extensão de seus primeiros trabalhos como cobrador de leite no ensino fundamental e tesoureiro da sala de aula no ensino médio. O ambiente de trabalho tem regras claras. Como ele disse aos 35 anos, *gosto de coisas preto no branco. Não gosto do meio da estrada. A contabilidade pública envolve fazer coisas definidas*. Quando ele visita um cliente, Robert, que limpava seu próprio quarto todos os sábados, olha para *ver se as coisas estão bagunçadas ou se estão arrumadas e limpas*. A contabilidade o recompensa por ponderar cuidadosamente antes de tomar decisões; uma de suas atividades favoritas é fazer análises financeiras, como Julie costumava fazer em seu trabalho. Robert rotineiramente deve fazer planos para sua empresa - *eu sempre fui um planejador*. E quando os planos não dão certo, ele consegue permanecer calmo no meio do caos, como fizeram sua mãe e seu pai. A contabilidade dá a ele a segurança no emprego que seu pai e irmão nunca alcançaram. Ao contrário de seu irmão, suas promessas são mantidas. A contabilidade também permite que ele ajude as pessoas e contribua para o bem-estar de sua comunidade. Como presidente da empresa, ele ensina a seus funcionários que *o serviço faz a diferença*. Como sua mãe lhe ensinou, eles também devem aprender a cuidar das outras pessoas, não apenas da empresa. Ele respeita todos os seus colegas de trabalho. Dado o vínculo que estabeleceu com sua mãe e Julie, não é surpreendente que ele deteste o sexismo e seja um defensor das colegas de trabalho e funcionárias. Metade de seus contadores são mulheres. Ele

orgulhosamente afirma que elas ofuscam os homens, talvez como sua mãe e irmã ofuscaram seu pai e irmão. Robert também se destaca porque continua disposto a trabalhar mais do que o necessário.

Dadas as experiências com a família, não é de admirar que Robert se misture com todos: seu Conselho Administrativo, colegas, funcionários e clientes. O Conselho Administrativo não é patrão; eles são amigos mais velhos que fornecem a reafirmação que seu pai e seu irmão uma vez lhe ofereceram. Sua mãe ficaria orgulhosa de ouvi-lo, aos 59 anos, dizer: *Há tantas coisas para aprender. Estou aprendendo coisas novas todos os dias*. Ele não está preso em uma rotina; ele continua curioso. *Gosto de diversidade, não sou especialista. Gosto de um pouco de tudo*. Acima de tudo, ele ainda adora competição, especialmente com outras empresas de contabilidade, e está genuinamente orgulhoso de como conduziu sua empresa para a excelência. Ser presidente de uma empresa de contabilidade leva Robert a realizar seu potencial e ser tudo o que pode ser, e a ser alguém de quem gosta.

Até hoje, a contabilidade continua a permitir que Robert persiga seu objetivo principal de *alcançar algo mais elevado, provar algo a mim mesmo e talvez a eles [seus pais]*. Em 2015, ele mais uma vez mudou sua empresa para um prédio maior. Seus funcionários e ele permanecem dedicados a fornecer serviços de qualidade e comprometidos com seu trabalho voluntário em muitas organizações sociais. Acima de tudo, Robert aprecia que seus funcionários o vejam como *um cara legal e genuíno*. Perto do fim de sua entrevista final, Robert foi convidado a refletir sobre o sucesso, a satisfação e a segurança que sua carreira congruente lhe rendeu. Em seguida, foi perguntado: *Que conselho você daria aos jovens*? Robert respondeu como se poderia imaginar: *O importante é ter um objetivo e olhar para a frente*. Talvez essa afirmação faça com que você também imagine um garotinho dirigindo pela calçada de paralelepípedos e olhando para frente para evitar ser jogado de sua bicicleta, com sua mãe sorrindo e acenando em aprovação enquanto olha pela janela.

CAPÍTULO QUATRO

As obrigações de um Guardião

O próximo retrato de vida ilustra em detalhes o que os pesquisadores aprenderam sobre a outorga de identidade. Os indivíduos moldam suas identidades construindo ativamente um ponto de vista coerente a partir do qual se concebem e compreendem o mundo. Uma vez formada, uma identidade se torna uma estratégia pessoal para se compreender e fazer escolhas. Por meio dessas funções, a identidade intermedia as relações entre o self e os papéis sociais. Geralmente, os adolescentes constroem suas identidades após uma crise de autodespertar que leva à exploração e experimentação como um meio de, eventualmente, se comprometerem com objetivos escolhidos por eles mesmos. No entanto, alguns adolescentes aceitam uma identidade outorgada comprometendo-se com os objetivos de seus pais para eles, renunciando à exploração de possíveis selves e à experimentação com potenciais preferências. Essa abordagem normativa da formação da identidade pode, na melhor das hipóteses, levar a uma abertura para escolhas que beneficiam a família e a comunidade ou, na pior das hipóteses, pode levar ao fim dos sonhos profissionais.

A característica distintiva que faz com que uma estratégia normativa produza uma exclusão de identidade parece ser a qualidade das relações com a família de origem. Uma estratégia normativa combinada com relações familiares saudáveis pode refletir um padrão interdependente de construção de carreira, no qual o bem coletivo da família se torna o critério para a escolha individual. Em contraste, os indivíduos com estratégias de identidade outorgadas mantêm-se firmes em seu compromisso com as premissas e valores da infância. Durante a adolescência, eles não exploram e repensam essas crenças com base em suas próprias perspectivas e experiências. Em vez disso, eles optam pela certeza e segurança, comprometendo-se com objetivos escolhidos sem um período de exploração que afrouxaria os laços com as convicções da infância. Eles encontram a certeza de que precisam ao seguir um curso estabelecido pelos pais. Essa exclusão da identidade geralmente resulta em uma personalidade plácida e altamente responsiva a feedback externo. Assim, adolescentes que aceitam identidades outorgadas tendem a fazer o que os pais esperam deles, buscar a aprovação social de suas famílias, supervalorizar as opiniões dos outros e a se preocupar com sua reputação (Marcia, 1980). Na escola, eles costumam ser diligentes, bem-comportados e respeitados por seus professores.

Indivíduos com identidades outorgadas geralmente crescem em famílias que restringem a autoexpressão e inibem a exploração. Essas famílias geralmente se concentram em tarefas e não em sentimentos, pois o pai domina a criança e a mãe desestimula a expressão emocional. Os pais exercem pressão e reforçam a conformidade aos valores familiares, e isso é percebido de forma positiva pelo adolescente. Em vez de expressar sentimentos fortes, positivos ou negativos, os membros dessas famílias anulam suas próprias preferências e evitam a ansiedade mantendo-se ocupados. Para evitar crises e solidificar a identidade outorgada, os adolescentes devem inibir seus próprios impulsos e se fechar a evidências desconfirmatórias. Assim, uma vez estabelecidos em um caminho restrito, os adolescentes, a maioria, mas não todos, vivem de acordo com suas identidades outorgadas.

Ao ler este capítulo da perspectiva da Teoria da Construção de Carreira, reconheça como o esquema de apego ansioso-ambivalente de William Garrod o levou, como ator social, a organizar e manter as estratégias de uma disposição de personalidade introvertida e que aceita as normas. Como um agente motivado que usa um esquema de prevenção para evitar decepcionar os outros e fazer o que deve fazer, William adaptou-se a situações vocacionais com estratégias de ajustamento defensivo. Como um autor autobiográfico, William deliberou usando um esquema de reflexividade comunicativa para conceber a identidade vocacional de um Guardião e compor uma história de carreira restrita. Ao ler o retrato de vida, observe também como a estratégia normativa de processamento de identidade usada por William difere da estratégia de processamento de identidade informacional usada por Robert Coyne, tema do capítulo anterior. Robert construiu sua identidade vocacional e se tornou "condutor", enquanto William aceitou uma identidade outorgada e tornou-se "conduzido". Agora considere os detalhes de como a construção da carreira restrita de William Garrod começou com antecedentes de obrigações familiares e terminou com o consequente sucesso e estabilidade prejudicados pelo descontentamento.

PARTE I

Retrato de vida de William Garrod
Os laços que unem

Durante as décadas de 1950 e 1960, não era incomum que os filhos compartilhassem da área de trabalho de seus pais. Circunstâncias e sentimentos combinados para produzir famílias multigeracionais de professores, médicos, advogados e soldados, além daqueles com uma empresa familiar -- fazenda ou fábrica -- para cuidar. Na década de 1970, passou-se a acreditar que os adolescentes deveriam desenvolver ambição por um trabalho que gostariam de ter. No entanto, muitos pais ainda esperavam que seus filhos tirassem proveito da clientela, do patrocínio ou dos contatos que eles próprios lutaram para estabelecer; no entanto, isso era uma esperança, não uma expectativa, de modo que, se um filho entrasse nos negócios do pai, seria uma escolha lisonjeira.

No entanto, algumas famílias ainda mantinham a tradição de que o filho mais velho deveria seguir o rastro do pai. No modelo da aldeia autossuficiente, o menino aprendiz do pai garantiria que qualquer serviço prestado pelo pai estaria disponível para a próxima geração de habitantes da cidade e, claro, o futuro do menino estaria garantido. Para um filho mais novo, poderia haver várias opções, dependendo de quais vizinhos não tinham seus próprios filhos para treinar, mas o filho mais velho certamente compartilharia a ocupação do pai. Essa tradição era especialmente forte entre famílias proeminentes em comunidades pequenas ou isoladas, onde a prática perdurou muito além de qualquer necessidade. Em tais famílias, a tradição poderia ser modificada de modo que, em vez de os pais designarem ao menino a ocupação de seu pai, prescreviam para ele algo mais grandioso, geralmente medicina ou direito. Ou, se a família fosse próspera, os pais poderiam falar sobre a escolha de uma carreira, mas tal escolha poderia soar para o menino como se fosse dentre alternativas desiguais, entre o trabalho do pai ou alguma ideia sua menor. Em ambos os casos, o menino inferia que uma vocação específica era esperada dele. William Garrod foi um desses jovens.

Família

Desde quando William conseguia se lembrar, havia uma intensidade reprimida no ar causada por um envolvimento total nos negócios da família, um moinho de farinha em uma pequena cidade do meio-oeste. Esse clima refletia o desejo ardente de sua família de expandir o moinho, que foi fundado pelo tataravô de William em 1880. O bisavô de William assumiu o moinho em 1903, seguido pelo avô de William

27 anos depois. O pai de William, Arthur, assumiu o controle em 1954, aos 25 anos, quando seu pai morreu repentinamente.

O próprio William pode não ter pensado muito sobre a história de sua família, mas não conseguiu escapar ou deixar de notar seu impacto. Era óbvio em seus pais e parentes. Isso ficou especialmente evidente no pai de William, Arthur, que muito jovem assumiu as rédeas dos negócios da família para sustentar sua mãe viúva e dois irmãos mais novos. O que Arthur lembrava de seu pai era que ele *era um empresário realizado e líder comunitário*. Após a morte de seu pai, a mãe de Arthur manteve seus objetivos e enfatizou a necessidade de uma boa educação e trabalho duro. Arthur cumpriu fielmente sua responsabilidade de realizá-los. Três anos depois de se formar na faculdade, ele administrava o moinho. Quase imediatamente, ele começou a fazer um M.B.A., indo para a cidade para as aulas depois de um dia inteiro no moinho. Nunca houve qualquer dúvida sobre onde estavam as prioridades de Arthur. A mãe de William relatou: *Quando ele estava estudando para seu M.B.A., eu não deixei Billy perturbá-lo*. Arthur também não teve muito tempo para ficar com sua família depois de terminar o M.B.A. Ele teve que expandir o moinho, além de servir em muitas funções como líder comunitário. Sua esposa organizava os recursos da família para poupar sua energia com essas atividades. À medida que Arthur alcançava maior prosperidade e respeito da comunidade, ele realizava o sonho de seus pais. Ele esperava o mesmo de seus próprios filhos, William e Charles: *quero ver meus filhos concluírem a educação e se tornarem cidadãos felizes e bem-sucedidos*.

O próprio William descreveu seu pai como carregando *muitos fardos em uma idade muito jovem; ele era o único suporte financeiro de sua família*. Claro, era um trabalho difícil para um jovem. Ele fez o que tinha que fazer e o fez muito bem. Mas ele parecia cansado todos os dias de sua vida ... um homem sob pressão.

A mãe de William, Eliza, por sua vez, também foi incentivada por seus pais a se destacar:

> *Para eles, eu era a pessoa mais inteligente do mundo e não os desapontaria se isso significasse trabalhar até tarde, o que fiz. Tive de trabalhar muito para obter o tipo de notas que agradariam aos meus pais.*

Na faculdade, Eliza se graduou em francês e inglês e foi eleita para Phi Beta Kappa.

> *Agora meu marido é minha carreira. Meu mundo é pequeno. Nove décimos do meu dia são com minha família. Pelo que posso ver, minha maior contribuição será produzir dois meninos excelentes.*

Embora muito ativa em organizações comunitárias, ela enfatizava seu papel como dona de casa e mãe.

> *Meus filhos são meus hobbies. Eu administro a casa, mantenho-a limpa, preparo alimentos nutritivos. Eu nunca fiz corpo-mole. Tento tornar a vida do meu marido confortável.*

Ao contrário do marido, Eliza estava sempre a serviço da família, atendendo o marido e os filhos, protegendo-os do mundo além dos portões. E como o seu marido, ela manteve o sonho de seus próprios pais.

> *Quando você me pergunta sobre o valor de uma educação, é quase como se você estivesse perguntando o que há de bom em Deus. A educação prepara a pessoa para a sociedade e para uma boa vida. A educação fará de Billy o homem que espero que ele se torne.*

As expectativas dos Garrods em relação aos filhos eram tão reais quanto as cortinas e os móveis formais da sala de estar. Elas não eram discutíveis. Eram máximas inquestionáveis, a base e a direção de sua vida juntos e de como seus filhos iriam prosperar. William e seu irmão Charles não teriam permissão para desperdiçar o que seu pai forneceu. Além disso, esperava-se que os meninos superassem o sucesso do pai, uma meta para a qual foram deliberadamente estimulados.

Crescimento de carreira

Quando William estava no nono ano, sua mãe relatou que:

> *Ele é uma criança doce, confiável, se dá excepcionalmente bem com as pessoas e nunca foi um valentão. Ele tem um coração e uma natureza maravilhosos, muito receptivos à bondade.*

Ela continuou a se lembrar de uma percepção proeminente dele:

> *Quando tinha três anos, sempre que tínhamos convidados em casa, ele sempre insistia para que saíssem com um presente. Ele queria dar a eles algo seu e de sua hospitalidade.*

Isso não quer dizer que ela estava totalmente satisfeita com seu filho:

> *Ele tem uma habilidade melhor do que a média, mas tende a ser preguiçoso. Eu gostaria que ele tivesse mais persistência, mais ambição.*

Quando questionada sobre como ela poderia explicar isso, ela respondeu: *Talvez eu o estimule demais. Talvez meus padrões sejam muito altos*. No entanto, ela viu um contraste intrigante: *Meu marido não tem um osso preguiçoso em seu corpo*. Essa era uma disparidade séria.

A chamada preguiça de William surgiu da presença de estímulo. Desde a infância, seus pais tentaram energizá-lo, para ter certeza de que ele teria um desempenho em nível ótimo. Progredindo além dos jogos de números do pai, William depois jogou xadrez com ele: *o pai nunca tiraria vantagem. Ele normalmente entregaria a partida*. Além dos jogos, Arthur incentivou a coleta de pedras preciosas, dando sua própria coleção de pedras semipreciosas a William e ajudando-o a aumentá-la. Enquanto economizava para o ensino superior de seu filho, Arthur também contou a William sobre bons livros para ler e exigia excelência em seus estudos.

> *Meu pai fica zangado se eu não fizer o melhor que puder nos trabalhos escolares. Ele não fica zangado com as pequenas coisas. Ele só quer que eu dê o meu melhor.*

E ele também havia começado a modelagem explícita de carreira, conforme relatado por Wil-liam:

> *Ele gosta que eu o ajude no escritório. Ele sempre me elogia pelo trabalho que faço. Às vezes, ele me leva com ele quando vai a convenções.*

A mãe de William combateu sua tendência letárgica não com atividades, mas com lembretes sutis, mas constantes, de que ela esperava muito dele.

> *Quando ele chega da escola, estou com ele; se ele precisar de mim, estou com ele; se ele precisar de ajuda com os trabalhos escolares, estou com ele. Ele nunca é deixado sozinho. Depen-*

> *de dele querer algo, e moveremos céu e terra para ver se ele o consegue.*

William sentia a atenção da mãe como uma insistência tácita. Ele sabia que ela esperava que ele tivesse sucesso e, quando o fez, ela não saiu de seu caminho para distribuir elogios; ele simplesmente fizera o que se esperava que uma pessoa com a sua formação fizesse. Ela tinha como certo que ele se comportaria como ela durante seus anos de formação.

> *Minha ambição de infância era fazer o que minha mãe e meu pai queriam que eu fizesse e ser tudo o que eles queriam que eu fosse. Eu voltava para casa e fazia meu dever de casa, depois esfregava o chão para que minha mãe não precisasse fazer isso.*

Como seria de se esperar, William achou o ensino fundamental enfadonho, em comparação com o estímulo em casa: *eu não gostava da rotina e da perda de tempo. Eu sabia ler, contar, somar e subtrair quando fui para o jardim da infância*. Mais preparado do que a maioria de seus colegas de classe, ele estava ansioso para participar, *mas chegou a um ponto em que os professores não me chamavam. Foi uma experiência frustrante*. Outra memória refletia sua infelicidade no ensino fundamental.

> *Eu costumava gritar o tempo todo se tivesse que ir para a escola. Fui o campeão em pular por cima por cerca por três ou quatro anos. Queria ficar em casa onde pudesse assistir televisão, pintar e trabalhar em meus fantoches.*

Mas sua mãe insistiu que ele fosse para a escola.

Os primeiros dias de William na escola também coincidiram com o nascimento de seu irmão, Charles. O quanto a preocupação de sua mãe com o novo bebê parecia ligada ao fato de ele ter sido mandado para a escola pode tê-lo perturbado. Além disso, logo haveria alguém além de seu pai para imitar, outra "estrela" na casa. Quando William tinha 14 anos, sua mãe descreveu Charles de nove anos como:

> *uma criança verdadeiramente incrível; muito, muito brilhante; ele gosta de trabalhar, nenhuma quantidade é difícil para ele, você nunca precisa dizer a ele para fazer isso; se ele tira 98, ele acha que deveria ter tirado 100. Charles é um menino adorável. Ele faltou um ano na escola. Ele é incrivelmente talentoso em todos os esportes. Ele é simplesmente uma criança*

> *maravilhosa, maravilhosa. Ele não tem a doçura que William tem, mas é um querido. Ele é um tipo mais ambicioso. Não há alturas que Charles não possa alcançar com sua habilidade e determinação.*

Ao entrar no ensino médio, William tinha logo atrás de si um irmão mais novo com realizações assustadoras.

Quando adulto, William fez uma referência passageira à parcialidade de seus pais em relação ao jovem Charles, mas negou que houvesse qualquer rivalidade entre eles: *Meus pais cuidaram para que ela nunca se desenvolvesse. Raramente havia competição entre nós*. Os dois meninos passavam muito tempo juntos, com William ensinando seu irmão mais novo a jogar bilhar e pingue-pongue, além de ajudá-lo a ganhar distintivos nos Escoteiros. Eles às vezes falavam sobre eventualmente trabalhar juntos, como sócios na fábrica de seu pai. William gostava de ser um irmão maior que podia ensinar, explicar e ajudar: *Charles teve um grande respeito por mim por muitos anos.* Na adolescência, Charles escolheu frequentar a mesma universidade que William havia frequentado e pediu seu conselho sobre quais cursos fazer, como as diferentes fraternidades eram e quais aspectos da vida no campus eram mais importantes. Já adulto, William falava de seu irmão com orgulho:

> *Estou feliz porque, como irmão mais velho, não tive que viver de acordo com seus padrões. Sempre fui um bom aluno; ele sempre foi um aluno sensacional - o primeiro da classe no ensino fundamental, o terceiro da classe na faculdade e o número um na pós-graduação. Ele era um jogador de golfe com uma performance excepcional, um grande jogador de bola, um indivíduo de ponta em todos os aspectos. A principal diferença entre nós era que ele realmente queria ser o Número Um, o que era mais fácil para ele ser do que para mim ser o Número Dez. Ele nunca teve que estudar tanto quanto eu.*

A insistência de William para o contraste, pode ter feito com que a excelência geral de seu irmão (acadêmica, social e atleticamente) tenha incitado nele a necessidade de avançar de uma maneira diferente, para estabelecer um conjunto diferente de critérios para medir as habilidades e o sucesso das pessoas. Quando adulto, ele comentou, *Charles nunca foi capaz de lidar com grande diversidade de tarefas*, o que significa que dirigir o moinho era mais exigente do que a posição

acadêmica de seu irmão como professor *em sua torre de marfim*. Charles era muito menos prático do que William. À luz dos valores de seus pais, seria difícil acreditar que Charles não fosse considerado o mais promissor dos dois, e seria muito surpreendente se William não estivesse dolorosamente ciente disso. Como o próprio William relatou, ele estava grato por seu lugar na ordem de nascimento, pelo fato de não ter que agir após as notáveis realizações de seu irmão. O que ele não relatou foi o tipo de energia necessária para evitar ser submerso por um navio que ameaçava alcançá-lo.

Exploração de carreira

O ensino médio não foi sucesso garantido para William como o ensino fundamental havia sido. Ciente de que precisava de boas notas para a faculdade, ficava infeliz sempre que parecia estar indo pior do que ele e seus pais pensavam que ele poderia. Começou a duvidar se tinha a habilidade a ele atribuída. Ao mesmo tempo, dedicou pouco esforço às matérias que achava chatas ou vocacionalmente irrelevantes: eu preferiria contabilidade ou datilografia a geografia e ciências. Estou interessado em assuntos que podem te ajudar.

Metas vocacionais eram frequentemente discutidas na família Garrod, sendo os valores e expectativas dos pais expressos direta e indiretamente. Durante todos os anos de escola, William se viu fazendo o que seu pai fazia. Aos 14 anos, William declarou:

> *Eu quero dirigir o moinho porque meu pai faz, e eu simplesmente gostaria de fazer isso. Tenho pensado nisso há dez anos. Depois da faculdade, vou trabalhar com meu pai para aprender como se faz. Acho que não estou tão interessado no lado da produção do negócio quanto no lado financeiro e contábil dele. Deixe Charles gerenciar os funcionários e as operações da fábrica; eu dirigirei o negócio.*

Seus pais apoiaram fortemente essas aspirações. O pai de William afirmou,

> *Gostaria que William seguisse minha linha de trabalho, assumisse o que eu faço. Embora uma profissão também esteja bem, se for o que ele quiser. No entanto, acho que ele pode se sair bem administrando o moinho. Um homem deve fazer o que deve fazer.*

E William estava totalmente ciente dos sentimentos de seus pais:

> *Meu pai quer que eu vá para o ramo de negócios porque esse é o campo dele. Ele construiu o moinho no qual posso entrar quando estiver pronto para isso. Ele está feliz com a ideia. Minha mãe também gosta da ideia.*

Ele até sabe como seria trabalhar para o pai:

> *Estar em seu escritório me deu a oportunidade de ver o que o trabalho envolve. Eu vi a maneira como ele trabalha e os clientes com quem negocia. Gosto de trabalhar com números, resolver problemas, calcular as despesas de diferentes projetos. É por isso que prefiro contabilidade a gestão; parece mais desafiador.*

Só fugazmente William pensou em fazer outra coisa. A mãe dele gostaria que um de seus filhos fosse médico, mas William se opôs, não poderia ver ninguém com dor. De passagem, ele pensara em ser músico ou artesão qualificado; ele queria um trabalho que fosse uma fonte de orgulho e satisfação para ele. Ele tinha certeza de que não gostaria de trabalhar para ninguém, a menos que isso proporcionasse uma boa chance de progresso. Na área do pai ele teria a satisfação de ter um bom escritório próprio, um bom número de clientes e o respeito de quem me conhece.

No último ano do ensino médio, William estava imerso em atividades extracurriculares. No escritório de seu pai, ele progrediu no processamento de contas a pagar e a receber, bem como em digitação e arquivamento. Na escola, fazia reportagem, fotografia e diagramação para o jornal dos alunos. Foi gerente de negócios do anuário e tesoureiro do clube de francês. Criou um clube de pedras preciosas. Tocou na banda da escola e na orquestra e ganhou um dinheiro extra com sua própria banda de jazz. Ganhou uma distinção escolar por manter as estatísticas das equipes esportivas: *Não saio para praticar esportes porque não seria bom nisso. Tudo o que sinto que posso fazer bem, tento fazer*. Na formatura, foi reconhecido por suas muitas realizações. Suas notas eram sofríveis, em termos de família Garrod: minha média é em torno de 90. Perdi a Sociedade de Honra por menos de um ponto percentual. Isso foi uma grande decepção para mim. Além disso, ele ganhava o equivalente ao salário de um gerente intermediário adulto a cada ano lidando com as pedras preciosas de sua coleção. Aos 25, ele lembrou-se deste período como agitado:

> *Eu estava sempre fazendo muito. Eu estava me esgotando. Foi o início de um padrão que segui durante a pós-graduação. Eu*

> *trabalhava por semanas e desmaiava durante um longo fim de semana porque simplesmente não conseguia me mover. Lá estava eu, tremendo, sem fôlego e com dores no peito. Mas eu recarregava as baterias e seguia novamente.*

Este não era mais um menino que precisava de estímulo.

William entendeu que ir para a faculdade era algo inevitável para ele, até mesmo uma responsabilidade. Aos 25 anos, ele explicou,

> *Fazer faculdade sempre foi esperado de mim. Venho de uma família em que todos os membros, exceto um, são graduados. Quando você é criado em uma família como esta ...*

Ele se candidatou a uma universidade da Ivy League:

> *Se o capricho tivesse permitido que a decisão fosse tomada, eu teria ido para a Universidade da Flórida. Mas com a vida social e o clima, eu provavelmente não teria trabalhado muito.*

A ideia de que a vida pode ser desfrutada, e não gasta apenas com um propósito sério, já se tornara estranha para ele. Apesar de suas boas notas, ele esperou ansiosamente até que sua admissão na prestigiosa faculdade de sua escolha fosse confirmada.

Seus anos de faculdade, semelhantes aos de sua carreira no ensino médio, foram prejudicados por sua relutância em estudar o máximo possível para obter as notas mais altas possíveis. Olhando para trás, ele comentou:

> *Não me dediquei totalmente aos estudos como deveria. Estava acima da média, mas não trabalhei muito. Da mesma forma na pós-graduação. Se eu tivesse passado mais tempo nos cursos, teria me saído muito melhor. Eu tinha um certo número de coisas que queria fazer. Isso significava sacrificar algo, e, para mim, foram as notas.*

Ficou aliviado por ter conseguido uma boa escola, *para que eu não tivesse que me provar de novo* e, como antes, trabalhei muito pouco em cursos obrigatórios fora de seus interesses. Continuou suas atividades no jornalismo, servindo como editor para o jornal da faculdade e, também, escrevendo histórias ocasionais para o jornal da cidade e para duas agências de notícias. Ingressou em uma fraternidade social, mas *não gostou da situação da fraternidade rah-rah. Eu era mais*

sério. Preferia a companhia de um amigo especial. Um novo prazer proporcionado pela faculdade foi *a liberdade de ir e vir, que eu nunca tive em casa. Na casa dos meus pais, sempre existiram horários e responsabilidades rígidos*. Ele aproveitou a chance de desenvolver autonomia, de realizar coisas sem seus pais sobre seus ombros.

William matriculou-se em um programa especial que, ao fazer disciplinas extras durante o ano acadêmico e os verões, proporcionaria um diploma de bacharel em três anos. Além da pesada carga horária que isso exigia, ele conseguiu um emprego como vendedor de seguros, continuou a expandir seu negócio de pedras preciosas para incluir gemas raras e valiosas e, a cada semana, dedicava muitas horas ao seu trabalho no jornal. William não achou o curso muito desafiador. Ele ficou especialmente desapontado na Escola de Negócios:

> *A escola simplesmente não correspondia aos padrões do resto da universidade. A maior parte do corpo docente não sabia ensinar. Gosto de ser um pouco pressionado, de forma a mostrar que meu pensamento não está completo. Eu sabia mais sobre as aplicações práticas do que eles estavam falando do que eles.*

Essa experiência pode tê-lo desencorajado, mas ele recebeu seu diploma em contabilidade e mudou-se para uma universidade melhor para obter um MBA. Como parte de seu programa de MBA e com a ajuda de seu pai, ele obteve um estágio de verão como Business Associate no Consumer Foods Division na sede corporativa de um grande fabricante de alimentos. Quando William se formou, aos 25 anos, a empresa o recrutou e ele se mudou para a Filadélfia em seu primeiro emprego. Embora as semanas de trabalho de 60 horas de William lhe deixassem pouco tempo para o lazer, ele gostava muito. Depois de três anos morando sozinho, ele se casou com uma garota de sua cidade natal e a trouxe para a Filadélfia. Ela encontrou um emprego como professora de inglês no ensino médio. Após um ano, ela engravidou do filho deles e tornou-se dona de casa em tempo integral.

Estabelecimento de carreira

Após completar quatro anos na empresa, William recebeu uma promoção significativa. Infelizmente, em sua nova posição, William se viu constantemente assediado por ordens conflitantes e designado para tarefas de que não gostava. Além disso, sentimentos ruins permeavam o escritório: *metade do escritório*

não falava com a outra metade. Em seus dois anos nesta posição, William ficou desencantado com a vida urbana na Filadélfia.

> *A cidade me venceu. É um buraco nojento e fedorento. Eu chegava em casa no final do dia exausto e tenso e não conseguia dormir depois de ir para a cama. Finalmente revi os créditos e os débitos da minha situação e descobri que as perdas eram maiores do que os ganhos.*

Cerca de seis anos após sair da escola, William mudou-se para casa com a esposa e o filho bebê para se juntar aos negócios do pai.

No primeiro ano em que voltou para casa, apesar das brigas com o pai e da baixa remuneração, a energia e a ambição de William transformaram o moinho. Expandiu o negócio atraindo novos clientes e adicionando equipamentos modernos e processos simplificados. Aumentou a produção anual e em quatro anos os lucros da empresa quase dobraram. Ele se sentiu satisfeito com seu sucesso. *Gosto de moldar coisas, estruturar coisas, fechar negócios. Exige criatividade. Eu ficaria entediado com um trabalho mais rotineiro.*

E ele ficou satisfeito por ter *um grande efeito na vida e no bem-estar na minha região*. O pai de William, fascinado por suas táticas, acabou dando-lhe rédea solta. Ele esperava que seu outro filho se juntasse a ele no moinho, mas quando sua aposentadoria se aproximou, ele teve que admitir que isso seria improvável, porque a essa altura Charles estava satisfeito em trabalhar como professor universitário. O dinamismo de William provavelmente tinha pouca semelhança com as noções de seu pai de como seria nessa fase de sua vida profissional, deixando-o relativamente passivo diante de uma realidade tão desconcertantemente diferente de seus sonhos. No entanto, depois que William assumiu o comando do negócio, seu pai manteve um escritório no moinho e ainda vinha todos os dias.

Claro, William se sentiu inquieto e declarou que era *um homem imóvel com um tigre pela cauda*. Ia para o escritório todos os dias da semana e ficava fora de casa a negócios na maioria das noites. Ele não sabia explicar adequadamente, aos 35 anos, por que se colocava em um ritmo tão exigente. Certamente, era a liberdade que importava mais do que dinheiro: *ser meu próprio patrão é mais importante para mim do que qualquer outra coisa*. Também não era a natureza de seu trabalho:

> *Não posso tomar decisões por mim mesmo. Ainda dependo do cliente, não posso sair daquele escritório quando quero. Tenho que usar meu tempo livre quando é mais conveniente para os outros. Estou constantemente sob pressão.*

William estava bem ciente de que sua vida estressante era perigosa. Pensava em sua própria mortalidade frágil quando um amigo próximo morreu. Ele considerou buscar um sócio. *Quando eu estava sufocando, apenas sufocando*! Ocasionalmente, passou por sua mente desistir do moinho, mas isso iria desapontar seus pais. Em vez disso, ele parecia desconfortavelmente resignado a continuar como era, mas:

> *Eu nunca descobri isso. Por que eu tenho isso em meu próprio corpo e especialmente em minha mente? Não estou a fim de conquistar o mundo. Eu só quero fazer um trabalho e ser reconhecido por ser capaz de fazer o trabalho. Ninguém nunca me fez correr. Acho que tenho a síndrome do filho mais velho, sempre no platô seguinte.*

Aos 35 anos, William parecia, em muitos aspectos, estar na meia-idade. Seu senso de si mesmo não tinha "devir"; ele era como era. Tinha pouca ideia de como jogar. Não aproveitava as férias como férias, mas apenas como descanso para lidar com sua exaustão. Aos 25 anos, ele se gabava de não precisar de diversão: *Não quero jogar fora o que Deus me deu. Quero aproveitar ao máximo as minhas habilidades. Não gosto de ver as pessoas se desperdiçando*. Aos 45 anos, ele jogava golfe e tênis, principalmente *para dar vazão à minha raiva*. Os prazeres mais simples também não tinham muito a oferecer a ele.

Gerenciamento de carreira

Aos 59 anos, William fez uma avaliação de suas circunstâncias.

> *Fui abençoado com a capacidade de ajudar a resolver problemas. A mesma habilidade tem sido um fardo. Nunca tive a oportunidade de curtir o que gosto porque tenho feito o que todo mundo quer ou espera que eu faça. Não sei por quê. Estou extenuado. Eu dei tudo que posso dar. Eu suportei todas as tensões emocionais e transtornos que posso suportar, e eu me conheço bem o suficiente para dizer agora, é isso! Me deixe em paz! Deixe-me fazer minhas coisas quieto.*

A dor e a tristeza desses comentários refletem a infelicidade de William com eventos que ele não podia prever ou controlar. Aos 48 anos, após 20 anos, seu casamento se desfez inesperadamente quando, praticamente sem nenhum aviso, sua esposa o deixou. Seu filho era um problema incômodo, rejeitando conselhos ou orientações, aparentemente à deriva. Sua filha era mais parecida com ele em caráter, embora muitas vezes antagônica a ele. Ele sentia que seu pai, agora morto, restringiu suas opções a um conjunto de obrigações, e se ressentia das exigências de sua mãe, então doente e dependente dele. Ele estava meio conscientemente com ciúme de seu irmão, um renomado professor de uma universidade de prestígio. Suas relações interpessoais tornaram-se marcadas principalmente por descontentamento e disputas. Uma imagem semelhante emergiu do que ele relatou sobre sua vida profissional. Estava repleto de funcionários e sócios investidores capazes de traí-lo ou arruiná-lo por sua incompetência. Estava repleto de clientes ingratos que o sufocavam com suas reclamações sobre ele. Para onde quer que olhasse, para si mesmo ou para aqueles cuja companhia deveria manter, ele encontrava conflito e nervosismo.

Já se foram os dias em que William sonhava em encontrar alegria e satisfação nos negócios com seu pai, a quem tanto imitava. Naquela época, ele podia deleitar-se com a perspectiva de receber a bênção especial do pai por se tornar o filho primogênito que agora ocupava o seu lugar, como a tradição determinava que fosse. Em algum lugar ao longo do caminho, o sonho esmoreceu; seu pai tornou-se cada vez menos uma linha orientadora segura, cada vez mais nada além de um proponente de obrigações. William passou a ver sua vida como formatada não por suas próprias decisões, mas pelas limitações do papel que sua família atribuiu a ele desde bebê. O pai de William morreu de ataque cardíaco aos 65 anos.

> *Depois que meu pai morreu, fiquei com seu patrimônio, o que representou outra responsabilidade para mim. Se eu tivesse que fazer tudo de novo, provavelmente não teria voltado aqui. Se eu tivesse ficado na Filadélfia. Eu teria uma vida mais emocionante em vez de uma tão comum. Não gostei do fato de me sentir na obrigação de voltar, e acho que sou o mais furioso com isso. Eu realmente não tive nenhuma ajuda de meu pai. Não há dúvida de que ele tirou vantagem irracional de mim.*

Enquanto isso, a mãe de William, em sua doença prolongada, parecia-lhe egoisticamente indiferente a ele, exceto como alguém que ela poderia manipular para seus próprios fins:

> *Depois do meu divórcio, ela morou comigo intermitentemente por cerca de três anos. Essa tem sido uma situação muito difícil. Nunca tive um bom relacionamento com minha mãe e não melhorou. Certa vez, tive uma namorada em casa e minha mãe disse a ela: "Por favor, deixe minha porta aberta, querida. Posso precisar de William durante a noite!" Esse tipo de coisa mostra como ela sempre foi egocêntrica e egoísta. Ela pode servir para outras pessoas, mas você pode ter certeza de que ela está sempre procurando um cobertor para cobri-la. Agora percebo o quanto não gosto de minha mãe. É impossível conviver com a sua personalidade.*

Algumas das principais questões e conflitos na vida e na personalidade de William foram fortemente inscritos em seu relacionamento materno. Ele não pode melhorar as circunstâncias físicas e emocionais de sua mãe. Seu desamparo manipulador e sua sensação de que ela não se preocupa com ele e suas próprias necessidades são tudo o que é necessário para alimentar sua convicção de que os outros estão querendo consumi-lo, esgotá-lo, e depois jogá-lo fora. Ela é o "outro" arquetípico a quem ele deve servir, não importa o custo para si mesmo e apesar de qualquer impulso contrário. As deficiências dela podem ser especialmente problemáticas para ele, exemplos dramáticos do quão vulnerável e frágil um ser humano realmente pode ser, e, talvez, o persigam com o aviso de sua própria mortalidade. Seu desamor por ela não deveria ser surpresa.

Todo mundo adquire uma série de convicções e técnicas para atravessar a infância; todos a deixam, mesmo na melhor das circunstâncias, com questões não resolvidas. Os resíduos de tudo isso compõem a bagagem emocional de uma pessoa, que determina a escolha conjugal e se manifesta com clareza na conduta conjugal. A concentração de William no domínio do trabalho afetou seu estilo conjugal:

> *Um dia Alice veio até mim e disse que não me amava mais e queria se separar. No nosso 20º aniversário de casamento, ela foi embora. Isso me atingiu realmente do nada. Não houve aviso prévio. Foi tudo muito doloroso. A melhor coisa que fiz foi tratá-la como um psiquiatra muito eminente me aconse-*

> *lhou - como você trata os mortos, com respeito e nada mais. Nossa comunicação é restrita a cartas. Acho que ela me via como muito poderoso, forte e dominador, e queria mais poder em nosso relacionamento. Eu não percebi isso. Acho que tenho sido mais direcionado para o trabalho do que para a família ao longo dos anos e simplesmente não estava ciente do que estava acontecendo.*

Embora ele tentasse controlar sua esposa como sua mãe o controlava, ele não conseguia controlar sua esposa como ele gerenciava o moinho. Conectar-se emocionalmente com um ente querido muito necessário, procurar entender e ser compreendido a portas fechadas, encontrar descanso e refresco nos braços e no coração de outra pessoa nunca estiveram no topo da lista de prioridades de William. A intimidade é complexa e às vezes desconcertante, ao passo que, no trabalho, tanto as realizações quanto as recompensas são visíveis. Por mais raro que seja, o verdadeiro sucesso no casamento requer uma profunda autocompreensão, bem como empatia para com o parceiro. É preciso saber ouvir, negociar e apreciar as diferenças entre os parceiros. Também requer uma boa quantidade de energia, para não mencionar o tempo que se passa juntos. Tensionado até a exaustão em seu trabalho, William não conseguiu suprir nenhum dos dois. Desconhecido de si mesmo, ele não tinha ideia de como descobrir as profundezas de sua esposa. Estava acostumado a estar no comando, assumir responsabilidades, resolver problemas, consertar coisas e depois passar para o próximo item de sua lista. Não pensava em consultoria ou compartilhamento de tarefas. Seu talento consistia em perceber rapidamente o que precisava ser feito e conceber soluções criativas, não em atender às necessidades emocionais de um parceiro. William trouxe o mesmo conjunto de talentos ímpares, bem como a ambivalência reconhecida, para seu relacionamento atual. Ele fala com lucidez sobre como ele e sua namorada diferem:

> *Não marco compromissos com antecedência, se puder evitá-los. Mantenho tudo fluido. Esse é meu estilo de vida. Dorothy, por outro lado, é muito organizada. Ela trabalha com um caderno e enlouquece com a minha espontaneidade. Somos diametralmente opostos em todas as categorias. Ela fala sobre as coisas, enquanto eu chego a uma conclusão muito rapidamente. Isso torna a comunicação muito difícil, principalmente para ela, que quer agradar o tempo todo. Ela quer processar tudo. É*

> *assim que ela consegue se conectar. Eu, por outro lado, vou diretamente de A a Z. Apenas estilos totalmente diferentes.*

Essas tensões iniciais foram exacerbadas ao longo do tempo, como fica evidente na narrativa de William:

> *Estou cansado de ser atormentado. Cansei-me de ser sempre colocado na posição de ter que fazer coisas para os outros. Foi a mesma coisa no meu casamento. Fico pensando, agora tenho outro conjunto de fardos, não prazeres. Uma das coisas que gosto em namorar é que quando se torna problemático, é adeus, Charlie. Isso é muito legal.*

Parcerias, conjugais ou não, não têm sido fáceis para William. Ao longo dos anos, elas lhe trouxeram problemas em seus negócios, em seus vários projetos de investimento e até mesmo em seu comércio de pedras preciosas. Houve um funcionário que, William declarou,

> *estava dizendo às pessoas que eu era incompetente, que ele fazia todo o trabalho no escritório e que só deveriam lidar com ele. Havia outro funcionário que administrava meu negócio de pedras preciosas muito mal, de maneira não criativa.*

Entre seus sócios em projetos empreendedores

> *houve um que roubou de mim, outro que era desagradável por ser desagradável e ainda outro que era diagnosticado, tão louco quanto um percevejo. Se eu tivesse que descrever minhas falhas na última década, seria que escolhi mal em termos de parceiros.*

Por toda parte ao redor de William, houve pessoas que o traíram, o abandonaram ou deixaram de lhe dar o apoio e a apreciação que ele esperava. Ele acreditava que foi deixado sozinho para cumprir responsabilidades incrivelmente pesadas. A morte de seu pai o enredou em várias demandas financeiras. Seu irmão Charles aproveitou as oportunidades de viajar e estar com sua família. Ele sugeriu que William também poderia criar essas oportunidades, mas William via em sua família uma sucessão de fardos restritivos. Após seu divórcio, ele teve que lidar sozinho com seu filho incorrigível. Então, mesmo com a namorada, ele não encontrou ninguém para confortar sua exaustão com adversários habituais com quem ele lutava sozinho. Recuando para sua casa silenciosa,

> *Vou brincar com minhas pedras preciosas sozinho, apenas movendo as peças, por uma hora. Eu fico longe das pessoas por causa da pressão que sinto, de se agarrarem em você.*

Uma das maneiras pelas quais ele tentou se assegurar de seu valor foi associando-se principalmente àqueles que ele considerava realizados e capazes, como ele. Quando ele era criança, poucos de seus colegas de escola correspondiam a esse padrão; então, como alternativa, ele cultivou elogios de seus professores. Seus amigos vieram de famílias como a sua, que conheceu por meio de seus pais. No ensino médio, raramente namorava, limitando-se às garotas que considerava terem uma inteligência como a sua. Na faculdade, procurava professores de renome nacional e gostava de se relacionar como colega com um ou dois que se falavam pelo primeiro nome com o governador. Ele se tornou amigo pessoal do presidente da Universidade com base em seu interesse comum em colecionar pedras preciosas. Na pós-graduação, tornou-se confidente do Reitor. Ficou encantado com seu primeiro empregador, que o trouxe para a empresa para fazer coisas importantes. Desprezava prontamente colegas ou clientes que considerava estúpidos ou preguiçosos: *Gosto de lidar com pessoas brilhantes e espertas*. Seu trato com pedras preciosas proporcionou-lhe entrada em círculos fechados de pessoas interessantes e bem-sucedidas: *aonde quer que eu vá, conheço pessoas importantes*. É reconfortante para ele ser reconhecido por aqueles que considera de elite. Na casa dos 30 anos, ele comentou: *Às vezes me pergunto se esta cidade é grande o suficiente para mim*. Obviamente, era motivo de orgulho para ele não ser um típico empresário de cidade pequena.

Ao longo de seus 30 e 40 anos, a vida profissional de William diversificou-se, de modo que, aos 50, abrangia três campos de importância aproximadamente igual, pelo menos em termos de atenção e energia que ele despendia em cada um deles. Seu negócio de pedras preciosas e o moinho o levaram a uma série de empreendimentos imobiliários, incluindo uma fábrica de batatas fritas que ele comprou. Em seu negócio imobiliário, ele enfrentou contratempos, frustrações, incertezas e desânimo. A fábrica de batatas fritas, a princípio uma brincadeira, embora ficasse em uma terra valiosa, tornou-se obsoleta:

> *Tornou-se uma verdadeira luta. O que eu pensei que seria uma alegria e um bom projeto, tornou-se um pesadelo. Deixou de*

> *ser um daqueles negócios muito "para cima" e passei a ter de me segurar na ponta dos dedos em termos de fluxo de caixa. Eu tenho alguns ativos, mas eles estão diminuindo a cada dia. Comprei uma fábrica e ela acabou me possuindo!*

Com quase 50 anos, o moinho de William sobrevive, mas não movimenta. Seu dispendioso acordo de divórcio, juntamente com grandes reveses no mercado imobiliário, o forçou a reduzir despesas pessoais.

> *Não foi muito divertido. Não tenho problemas para ganhar uma boa renda sem me matar. Mas meu trabalho é estressante, mais psicológico do que qualquer outra coisa. Envolve muito aperto de mãos com pessoas que sinto tirar vantagem de mim em todos os sentidos - emocionalmente, fisicamente e financeiramente. Tenho que segurar as pontas muito mais do que gostaria.*

Esses comentários indicam que William relaxou um pouco o ritmo, mas, nesse caso, a energia que ele economiza, investe em fechar negócios. O terreno ao redor de sua fábrica de batatas fritas acabou sendo dividido entre condomínios, mas não sem ele se preocupar consideravelmente com o resultado. Um projeto imobiliário fora do estado prometia um lucro excelente, mas teve que ser abortado devido a protestos na comunidade ao redor. Mais recentemente, ele obteve um bom lucro em sua própria cidade, criando um parque industrial de sucesso em uma propriedade que ele e dois sócios haviam comprado. No entanto, apesar da doçura dessa realização particular, o sabor predominante de seus empreendimentos comerciais continua sendo o da adrenalina.

> *Sempre assumi responsabilidades demais. Estou sempre tentando fazer malabarismos com bolas demais. Fui capaz de fazer isso com mais eficácia dez anos atrás do que agora. Minha paciência realmente se esgotou. Sempre digo que sou bom em crises, mas odeio ser testado com a frequência que pareço ser. Eu tenho muitos problemas. Eu cuido de mais de duas dúzias de questões por dia e tenho que encontrar soluções. Isso é o que eu faço para viver. Sempre fiz isso. Eu pego um lixo horrível e transformo em algo valioso. Eu sinto o processo como se estivesse chutando, gritando, num empurra-empurra, e cada projeto parece ficar cada vez mais difícil à medida que os quadros e todas as pessoas com quem tenho que lidar ficam mais difíceis.*

O negócio de pedras preciosas de William *não é um trabalho real*; surgiu como se fosse um hobby, é divertido para ele e ganhou um dinheiro considerável com isso.

> *Às vezes, simplesmente desço e brinco com minhas pedras preciosas. Posso querer manter minhas mãos ocupadas e escrever algumas cartas ou escrever um artigo. Eventualmente, quero sair do negócio e apenas vender peças raras. Não quero mais vender um zilhão de pedras preciosas.*

Se há alguma área de sua vida na qual William se sente perfeitamente independente das reivindicações ou intrusões dos outros, é com sua coleção de pedras preciosas. Aqui ele pode trabalhar (ou brincar) sozinho, intrinsecamente satisfeito, não sendo responsável pelas reações de ninguém. Como um dos poucos refúgios de sua vida, ele lucrou mais do que apenas dinheiro: *eu realmente nunca penso sobre o que eu quero, mas se o fizesse, suponho que teria que dizer que a única coisa que realmente quero são minhas pedras preciosas, por mais louco que pareça*. Isso pode representar pelo menos um alinhamento embrionário com o conselho de seu irmão: *O que você quiser fazer, faça!*

No geral, porém, a vida de William parece ilustrar a convicção de que é preguiçoso, tolo e totalmente errado agir de acordo com os próprios sonhos. Ele ficou desconcertado quando seu filho mudou de curso, da faculdade de negócios para música:

> *Acho que ele é capaz de muito mais do que isso. Ele tende a ir para onde a água flui mais facilmente, em tudo o que faz. Considero isso um defeito importante de personalidade.*

Quanto a si mesmo,

> *Eu coloco antolhos, passo o pé esquerdo, o pé direito, o pé esquerdo, o pé direito e, um por um, termino todos os projetos da minha lista. Todos os dias eu dou outra volta ao volante, enquanto meu irmão continua dizendo: "O que você quiser fazer, faça!" Todo dia eu faço o que tenho de fazer. É a isso que realmente se resume.*

Ele atribui esse padrão de vida aos conselhos de sua mãe sobre dever. E ainda, uma semana depois que sua esposa o deixou,

> *Minha mãe disse: "Faça o que quiser, o que for bom para você. Se você quer namoradas, vá conseguir a namorada que quiser! "Não pude acreditar que saiu da sua boca! Apenas escutei e pensei: "Quem está dizendo isso?" Com ela sempre foi "Você tem uma obrigação". Essa é a palavra que mais odeio!*

Só o tempo dirá se William vai se aposentar cedo, o que, de acordo com as sentenças a completar, aos 25 anos, ele planejou secretamente fazer. Quando pensa em se aposentar, ele sonha em realizar uma fantasia cada vez mais recorrente: *talvez eu eventualmente saia daqui e me mude para uma praia. Eu gostaria de estar em uma praia. Acho que estou cansado*. No entanto, é de se perguntar o quão bem ele poderia se encaixar nessa fantasia. Conseguiria desfrutar da ociosidade? Talvez ele começasse tentando alugar guarda-sóis para outros frequentadores de praia e expandir para espreguiçadeiras e protetor solar, desde que o próprio clima não o traísse!

PARTE II

O retrato de vida de William Garrod conta uma história complexa moldada por múltiplas influências familiares e forças sociais. Na segunda metade deste capítulo, considero seu retrato de dois pontos de vista diferentes, primeiro da perspectiva dos processos e conteúdo de autoconstrução e, em seguida, da perspectiva dos processos e conteúdo de construção de carreira.

Autoconstrução

A impressão mais marcante de William foi a de um homem motivado, uma pessoa que devotou toda a sua energia ao mundo do trabalho, que foi levado por uma série de obrigações, cujos impulsos foram refreados por um senso de dever, e cuja vida havia se tornado cada vez menos alegre. O que pode explicar seu gasto incomum de energia, seu estado de ânimo durante a adolescência, quando deliberadamente não buscava descanso de uma lista interminável de atividades extracurriculares e que, segundo seu orientador escolar, ameaçavam destruí-lo? Como devemos entender o seu ritmo de vida na idade adulta jovem, quando ele periodicamente entrava em colapso de exaustão com as responsabilidades que assumia? A mesma questão surge com relação à idade adulta intermediária, durante a qual férias eram dificilmente tiradas e apenas como uma *cura* para seu cansaço. Na

verdade, ele se perguntava o que o motivava, mas não tão seriamente, de maneira que a conduta de sua vida tenha pouco mudado em relação ao que foi observado sobre ele há mais de quatro décadas.

Abordo essas questões sobre a autoconstrução - ou como William moldou quem ele era e o que se tornou - examinando o processo e o conteúdo de sua autoconstrução (Bruner, 2001). Para os meus propósitos aqui, *os processos de autoconstrução*, compreendidos de forma ampla, referem-se a como William se moldou como ator social, agente motivado e autor narrativo. Comparativamente, o conteúdo da autoconstrução, compreendido de forma ampla, refere-se a quem William se tornou em termos de características e motivos pessoais duradouros. Antes de avaliar a personalidade e reputação de William, vamos primeiro considerar os processos que ele usou para se constituir.

Processos de Autoconstrução

Três processos entrelaçados para a autoconstrução são a auto-organização do ator social, a autorregulação do agente motivado e a autoconcepção do autor autobiográfico. Como uma prévia, o estilo de apego ansioso-ambivalente de William e sua orientação introvertida e de aceitação de normas para relacionamentos e regras o inclinaram a focar nas necessidades de segurança e proteção usando uma estratégia de prevenção para defesa ajustada que, no devido tempo, moldou um esquema reflexivo comunicativo e uma estratégia de identidade vocacional de um Guardião.

Ator Social. A abordagem de William para a vida começou com um esquema de apego ansioso-ambivalente. A alta ansiedade associada a baixa evitação fez com que William fosse simultaneamente atraído e repelido pelas aspirações dos pais. Mesmo assim, William percebeu positivamente essa pressão e buscou reforço para se conformar aos valores familiares. As expectativas dos Garrods em relação a William não eram discutíveis. Eram máximas inquestionáveis, a base e a direção da vida da família em conjunto. Ele não conseguia se livrar das crenças e valores da infância, portanto, permaneceu sintonizado e firmemente amarrado ao que seus pais lhe diziam que deveria fazer. Seus objetivos sempre foram claros porque foram *arraigados pela minha família*. Ele fez o que seus pais esperavam dele, conforme explicou certa vez: *Minha ambição de infância era fazer o*

que minha mãe e meu pai queriam que eu fizesse e ser tudo o que eles queriam que eu fosse.

Temendo o abandono se ele se afastasse da visão de seus pais para ele, William tornou-se preocupado com seu relacionamento com eles. Além de buscar a aprovação dos pais, William supervalorizava as opiniões dos outros e se preocupava com sua reputação. Começando no ensino fundamental e até a pós-graduação, William conquistou o respeito de seus professores por ser diligente e bem-comportado. Mais tarde na vida, experimentou grande estresse produzido por um conflito entre o desejo de ser autônomo e a necessidade de agradar os outros. No final, tanto contido quanto limitado pela declaração impositiva de seus pais sobre quem ele deveria se tornar, William fez o que deveria fazer. Ignorou impulsos, fantasias e sentimentos que poderiam desafiar a certeza interior fornecida pela adesão a essa imposição.

Parece que o esquema de apego inseguro de William, de preocupação ansiosa-ambivalente, surgiu do relacionamento com uma mãe que era ao mesmo tempo protetora e exigente. Ela era o "outro" arquetípico a quem ele devia servir, não importando o custo para si mesmo e apesar de qualquer impulso contrário. Uma vez que suas próprias necessidades eram satisfeitas, ela atendeu William, mas atendeu às necessidades dele apenas em seus próprios termos. Mais tarde, William declarou que ela não se importava com ele e com suas necessidades. Ele afirmou que nunca gostou dela. Em seus primeiros anos, William imitou seu pai. Ele precisava de seu pai, mas Arthur estava trabalhando e indisponível para William. O papel principal de Arthur parece ter sido conectar William ao trabalho no moinho da família. William aprendeu com Arthur como se relacionar com os outros em termos de trabalho, não em termos de um relacionamento propriamente dito.

Juntos, os pais de William restringiram sua autoexploração. Eles se concentraram em tarefas, não em sentimentos, e desencorajaram a expressão emocional. William tentou reprimir suas emoções, mas ainda conseguia senti-las mesmo não lidando com elas (Fosha, 2003). William ignorou suas próprias preferências e se esforçou para acreditar que ele realmente era a pessoa que seus pais queriam que ele fosse.

Preocupado em manter a aprovação dos pais, William desenvolveu necessidades psicológicas de certeza e segurança e, então, imaginou um modelo para funcionamento do relacionamento pelo qual atenderia essas necessidades e reprimiria sua ansiedade. Esse modelo de trabalho e o ensaio repetido de suas estratégias

organizaram uma estrutura de personalidade e consolidaram características centrais que Gough (1987) chamou de disposição Beta. Isso significa que William combinou uma orientação introvertida para pessoas e experiência interpessoal com uma orientação de aceitação de normas em relação a regras e valores convencionais. Da mesma forma que Robert Coyne no capítulo anterior, William respeitou as regras. No entanto, sendo mais introvertido do que extrovertido, William era mais reservado e menos ativo do que Robert Coyne. Adequando-se perfeitamente à caracterização da disposição de personalidade Beta, William se via como ético, metódico, consciencioso, confiável, modesto, perseverante e responsável. William aprimorou essas características admiráveis por meio da interação com seus pais, mas o custo de se submeter às expectativas deles era uma conformidade em que lhe faltava firmeza e colocava as necessidades dos outros à frente das suas. Sendo tão bom em adiar gratificação e lidar com frustração, ele viveu sem aventura. Claro, sua conscienciosidade e consistência levaram outras pessoas a vê-lo como estável, previsível, cuidadoso, reservado, inibido, conformado e submisso. Como ator social, William desempenhou um papel que preservou a tradição familiar. Na melhor das hipóteses, ele se conhecia como um zelador cioso; na pior das hipóteses, ele se percebia como um conformista rígido que vivia na negação de suas próprias necessidades.

Agente Motivado. A interação de William com seus pais focou seus motivos de carreira em metas outorgadas voltadas para deveres, obrigações e responsabilidades que ele deveria cumprir, em vez de metas escolhidas por si mesmo voltadas para seus próprios ideais, desejos e aspirações (Higgins, 1997). Os pais de William, ao prescreverem uma meta profissional, continuamente enfatizavam a responsabilidade, a harmonia familiar e fazer o que se deve fazer. Consequentemente, por um senso de dever, William sentiu-se compelido a evitar decepcionar sua família e seguir a carreira que haviam traçado para ele. Como ele afirmou, *um homem deve fazer o que deve fazer*. William fez o que deveria fazer como uma forma de manter o status quo, evitando circunstâncias adversas, evitando resultados temidos e protegendo-se de danos psicológicos e fracassos ocupacionais (Carver & Scheier, 1998). William tipicamente abordou objetivos que alinhavam seu autoconceito real com um "autoconceito de dever" e padrões, em vez de um "autoconceito ideal" (Higgins, Roney, Crowe, & Hymes, 1994).

No final da infância, William começou a formar uma estratégia de adaptabilidade de carreira para lidar com as escolhas educacionais que enfrentaria ao se preparar para sua carreira. Consistente com seu estilo de apego preocupado, William acreditava que ele deveria evitar falhar nas oportunidades apresentadas por seu pai, afinal *a necessidade de um pai requer a ação de um filho*. Essa orientação de evitação levou Robert a um foco de prevenção na segurança, proteção e responsabilidade ao aceitar sua herança profissional e seguir um plano de carreira predestinado. Para não deixar de cumprir seus deveres e obrigações, William se concentrou vigilantemente no que deveria fazer, em vez de se concentrar avidamente no que queria fazer (Higgins, Roney, Crowe e Hymes, 1994). Ele jogou para não perder ao invés de para vencer.

Valorizando a segurança e a tradição, William adotou os objetivos e internalizou os padrões promulgados por seus pais sem examiná-los ou questioná-los. Ele se adaptou ao que estava disponível dentro das restrições impostas por obrigação, legado e dever (Grotevant, 1992). Na Teoria da Construção de Carreira (Savickas, 2013), adaptabilidade se refere a como os indivíduos selecionam metas, particularmente em termos de olhar para frente e ao redor. William não precisou olhar ao redor para explorar seu contexto em busca de opções possíveis; ele só precisava olhar para frente e planejar como atingir os objetivos traçados por sua família. Desenvolveu recursos de adaptabilidade, incluindo preocupação, controle, curiosidade e confiança, embora usasse esses recursos psicossociais de forma diferente de Robert Coyne, o participante do Capítulo 3. Em vez de usar esses recursos para explorar amplamente possíveis selves e opções profissionais, William implantou esses recursos para explorar em profundidade uma escolha profissional outorgada e ideias tiradas de outros significativos (Eryigit & Kerpelmann, 2011).

William conhecia seu propósito e focou sua ambição em objetivos que ele cristalizou sem explorar alternativas. Dadas suas crenças sobre a obrigação, William estreitou seu foco para se concentrar nas alternativas que pareciam mais certeiras, mantinham o status quo, não decepcionariam seus pais e se ajustariam ao que sua família lhe ensinou que deveria fazer. Ele restringiu a exploração profissional a apenas investigar como administraria o moinho da família um dia. Sua preocupação com o futuro e o autocontrole disciplinado ao se preparar para ele, se concentravam em administrar o moinho e desenvolver a confiança de que poderia fazê-lo bem. Cedo

na vida, ele começou a desenvolver conscienciosamente as atitudes e habilidades que o manejo do moinho exigiria. Ao longo do caminho, ele foi decidido, comprometido, seguro e cuidadoso. Permanecendo vigilante em seu foco de prevenção, ele fechou-se para evidências desconfirmatórias e cursos de ação alternativos.

Autor autobiográfico. William evitou as tarefas de conceber uma identidade de autoria própria, optando, em vez disso, por respeitar as expectativas dos pais e se conformar às aspirações deles para si. William via sua identidade vocacional como formatada não por suas próprias decisões, mas pelas limitações do papel que sua família atribuiu a ele desde que era bebê. Os objetivos conferidos a William e o foco em prevenção para atingir esses objetivos o prepararam para adotar o que Berzonsky (1989) denominou um estilo normativo de processamento de questões relevantes para a identidade. O estilo de processamento normativo começa com o compromisso já assumido; o resultado da identidade foi prescrito, não escolhido. O estilo normativo de formação da identidade de William começou com uma identidade vocacional outorgada, isto é, um compromisso com objetivos escolhidos por outros. Baseada em um apego inseguro e preocupado com seus pais, a vida era uma obrigação, não uma oportunidade. A inculcação de objetivos, os perigos do mundo exterior e a segurança da família influenciaram fortemente William enquanto ele se decidia sobre a vida. A família controladora de William não permitia que ele fosse independente ou tomasse decisões. Ele não poderia explorar suas preferências, quanto mais fazer suas próprias escolhas. Seus pais fizeram as escolhas, e elas enfaticamente não eram negociáveis. A parte de William era ouvir com respeito, aceitar a identidade outorgada e comprometer-se com uma obrigação. William não explorou amplamente opções para sua carreira, o que pode ter afrouxado os laços com seu senso de certeza de infância e convicções sobre suas obrigações familiares. Em vez disso, ele formou sua identidade usando a exploração em profundidade das metas estabelecidas por seus pais. Ele fez compromissos e planos em vez de escolhas.

Ao longo da vida, William não se familiarizou consigo mesmo. Ele negou suas próprias ambições - talvez para música ou jornalismo - por medo de abandono. Experimentou a vida como uma série contínua de obrigações e crises que eram dolorosas e às vezes avassaladoras em intensidade. Por um tempo, William escapou do caldeirão da tradição familiar mudando-se por um emprego em uma cidade

distante. No entanto, em última análise, sua consciência o levou a voltar para casa. Afinal, *a necessidade de um pai exige a ação de um filho*.

Conteúdo da autoconstrução

Para cumprir suas obrigações, William criou uma armadura de personagem tecida a partir da de um padrão de comportamento nos negócios Tipo A e reforçada por uma repressão que convertia sentimentos em preocupações corporais.

Padrão de comportamento Tipo A. Parece bastante provável que estar ocupado ou exausto, ou ocupado e exausto juntos, serviu para impedir William de experimentar seus sentimentos e explorar suas opções por apenas um dia que fosse, constantemente muito ocupado e cansado para iniciar qualquer autoexploração. Na casa dos 30 anos, ele parecia a personalidade arquetípica do Tipo A, "... agressivamente envolvido em uma luta crônica e incessante para realizar mais e mais em cada vez menos tempo, e, se necessário, contra os esforços opostos de outras coisas ou pessoas" (Friedman & Rosenman, 1974, p. 67). Indivíduos que exibem um padrão de comportamento Tipo A geralmente têm empregos responsáveis, cumprem obrigações familiares e compromissos comunitários. Gostam de desafios, prazos e pressões, que raramente parecem provocar ansiedade ou depressão. Quando as pessoas que apresentam padrões de comportamento do Tipo A enfrentam problemas, geralmente apresentam sintomas físicos e dificuldade para dormir.

William parece ter adotado hábitos e atitudes de trabalho do Tipo A durante a infância, como forma de lidar com a perda de controle que experimentou em sua família (Glass, 1977; Mathews & Siegel, 1982). O vício em trabalho de William emergiu de um caldeirão de tradições familiares, tanto em termos de valores familiares quanto das experiências de seus pais. Parece que o mundo assustou sua mãe, de modo que ela posteriormente tentou proteger seus filhos como seus pais a haviam protegido. William relatou: *Ela não gostava que eu estivesse perto de grupos de crianças ou fosse na casa de muitas crianças, porque eu tinha tendência para gripes e ela era preocupada com doenças*. Aos 59 anos, ele afirmou,

> *Não há muitas pessoas com quem vou falar sobre meu estresse. Nunca me senti seguro e acho que meus pais sempre me disseram que é algo sobre o qual você deve ter muito cuidado*

> *em falar. Sai da sua boca e você perde o controle, e sempre acreditei nisso.*

Sua primeira lembrança precoce mostra William aceitando a responsabilidade quando as figuras parentais transmitem seus planos para ele. Ele se lembra de ter 2 anos e meio ou 3 anos

> *Jogando bola no meu quintal com meu avô e meu pai. Apenas balançando o taco. Os dois estão jogando a bola para mim. É a primeira coisa que consigo lembrar.*

Em sua segunda memória, William indica como os perigos do mundo exterior podem se intrometer na família:

> *Lembro-me com muita clareza, sentado em uma tarde de domingo na varanda com meus avós e meus pais. O rádio estava ligado, e teve esse choque, sabe, a notícia de que a garagem ao lado do moinho da família havia explodido, e meus pais virando pedra. . . pedra branca. Eu não sabia o que realmente significava, mas ainda me lembro de estar sentado na varanda ouvindo aquilo.*

Em sua terceira lembrança precoce, aos seis anos, o mundo exterior novamente trouxe problemas para a sala:

> *Lembro-me vividamente de nosso vizinho do lado entrar para anunciar que JFK havia sido morto e, em seguida, entrar em choque na sala de estar; mais na varanda.*

Entre as muitas explicações para o padrão de comportamento Tipo A de William estão as mensagens que ele recebia de seus pais: para se destacar, para seguir seus exemplos de realizações, para seguir adiante e para validar sua tradição sagrada de trabalho árduo e realizações notáveis. A insistência de seu pai nos valores da família certamente contribuiu para os esforços iniciais e constantes de William pelo sucesso. Os estímulos de sua mãe, junto com seu próprio exemplo de excelência acadêmica, não foram menos influentes. William afirmou que nenhum dos pais realmente ameaçou punição se ele não agisse de acordo com seus sonhos; ele sabia perfeitamente bem o que tinham em mente: *você não precisava perguntar. Você sabia o que era esperado de você*. A vida na casa dos Garrod era voltada

para o sério negócio da realização. Não havia tempo para bobagens; até mesmo jogos e conversas deveriam servir a um propósito construtivo.

Uma das histórias favoritas de William, que ele lia continuamente quando menino, era *"A pequena locomotiva"* *(Piper, 1930), sobre uma locomotiva *que carregou os brinquedos de Natal pela montanha quando a grande locomotiva não conseguiu*. Ele não tem certeza exatamente do significado que essa história tem para ele. Ele acha que pode ter algo a ver com a necessidade de provar a si mesmo e aos outros que tem o que é preciso para fazer as coisas por conta própria. Já no nono ano, William afirmou: *As coisas devem valer a pena. As atividades devem valer a pena. Eu me observo constantemente para ver se não estou fazendo o melhor que sou capaz.*

Muitas das coisas que William disse sobre si mesmo ao longo dos anos lançam alguma luz sobre como ele desenvolveu um ritmo de trabalho frenético. Primeiro, sua tendência de se esforçar demais não é nova. Durante a adolescência, ele teve o cuidado de ir para a cama cedo, preparando-se para as demandas do dia seguinte. Aos 25 anos, observou:

> *Quando eu tinha 13 anos, parecia que sempre tinha mais energia do que os outros, uma energia anormal, talvez incomum. Sempre aceitei mais do que podia suportar. Uma vez, o orientador disse a meus pais que tantas atividades seriam a minha morte, que eu me esgotaria. O ensino médio foi terrível. Sempre tive esse sentimento de que eu tinha que fazer isso, tinha que fazer. Eu me forço em muitas direções, reduzo o sono e os prazeres externos. Não vou fugir da minha responsabilidade. Não tirei férias, exceto quando tinha 13 anos. Não quero jogar fora o que Deus me deu. Quero aproveitar ao máximo as minhas habilidades. Não gosto de ver as pessoas se desperdiçando.*

Essas injunções familiares surgiram fortemente aos 25 anos, quando ele escreveu no *Rotter Incomplete Sentences Blank* (Rotter & Rafferty, 1960): *"Minha mente ... funciona melhor sob pressão." "Eu sou melhor quando ... sob pressão." "Às vezes eu ... desperdiço muito tempo." "O que me dói ... é o desperdício de esforço e habilidade."*

---

* *"The Little Engine That Could" no original.*

Aos 35 anos, William trabalhava durante a maior parte de suas horas de vigília, seis dias e meio e quatro noites por semana. Quando questionado sobre o que o faz se esforçar tanto, William respondeu com:

> *Eu não sei. Nunca soube por que sempre corri muito rápido e muito e fiz isso a vida toda. Nunca fui capaz de descobrir. Não há razão para eu correr do jeito que corro, exceto porque eu acho que quero. Mas acho que tem a ver com provar a si mesmo. Mas depois que você faz isso, vai para a próxima e se prova novamente. Acontece sempre que surge uma oportunidade.*

Quaisquer que sejam as razões para o ritmo frenético de William, seus resultados custaram-lhe mais do que ele gostaria. Seu estado de medo inclui escravidão a clientes a quem ele não pode *mandar empinar uma pipa*, ausência de amigos íntimos e um relacionamento conjugal que sempre fica em segundo plano em relação às suas outras responsabilidades. O fato de que ele tem estado muito ocupado para buscar trocas íntimas com outras pessoas pode ser exatamente o ponto. No ensino médio e na faculdade, ele quase não tinha amigos e, mais tarde, seus relacionamentos interpessoais foram satisfatórios apenas na medida em que ele pôde provar sua capacidade de persuasão e resolver problemas. Não havia troca mútua e nunca qualquer conforto, mas contatos altamente estruturados. Um *homem na correria* não tem tempo para brincar, não há espaço para pessoas que esperam mais dele. É um estilo de vida que inevitavelmente aumentou a solidão de William, contribuiu para o autoestranhamento e, finalmente, levou ao seu medo fundamental de que mal estivesse vivo. Enquanto estiver muito ocupado com muitas coisas, pode evitar relacionamentos íntimos com outras pessoas e prevenir um confronto genuíno consigo mesmo.

Aos 59 anos, William disse que seus objetivos sempre foram claros porque foram *arraigados pela minha família*. Outro filamento neste nó aparece quando, mais tarde nesta mesma entrevista, William foi questionado sobre alguma coisa de que se ressentiu durante a infância.

> *Fiquei ressentido com a quantidade de tempo que meu pai teve de trabalhar, e acho que essa é a minha reclamação consistente, que meu pai teve que trabalhar tantas horas, e me encontro na mesma posição, de modo que do que eu me ressentia então, infelizmente, estou eu mesmo envolvido.*

Durante a mesma entrevista, William comentou sobre a frase de efeito de seu irmão:

> *"Faça o que você quiser." A minha é "faça tudo o que você puder fazer". Ele fica me dizendo faça o que você quiser. Eu faço o que tenho que fazer e tento mais.*

Isso traz uma compreensão de seu objetivo principal na vida. Além de se mostrar competente e autônomo, William utiliza os negócios para se prender, a fim de cumprir sua obrigação. Como vimos, no entanto, uma parte importante de William foi sua determinação de nunca ser totalmente devotado a fazer o que seus pais queriam. Ele sempre lutou para manter um pequeno grau de autonomia. O conflito de William sobre seu desejo de ser autônomo e sua necessidade de agradar os outros e ser apreciado por eles causou-lhe grande estresse. Esse conflito ficou evidente ao longo de sua vida, a começar por suas relações com os pais. Embora estivesse inteiramente ciente de suas expectativas em relação a ele, acadêmica e profissionalmente, aos 14 anos ele não as endossava totalmente.

A resposta de William ao cartão 1 do *Thematic Apperception Test* (TAT; Morgan & Murray, 1943) pode revelar muito de como ele experienciou sua casa de origem. Aos 14 anos, ele viu um menino pressionado por seus pais para aceitar um desafio. Ele supôs que o "herói" acabaria por ceder às expectativas dos pais, mas com relutância. Talvez ele vá se acomodando, mas não trabalhe tanto quanto seus pais gostariam. Ele obedecerá, mas não gostará disso. De fato, William, aos 14 anos, não acusou seus pais de qualquer irregularidade na forma como foi criado, nem tentou explorar qualquer ressentimento que pudesse ter sobre isso. Ele acreditava que as circunstâncias que descreveu para o cartão 1 do TAT não eram as suas. Na maior parte do tempo, William parecia concordar com os desejos dos pais, mas nunca inteiramente. Apesar da preocupação com as notas, não estudou tanto quanto eles esperavam e, de fato, relatou que as notas não eram importantes para ele. Teve aulas de piano por 13 anos porque sua mãe queria, mas ele praticava apenas após muita insistência, preferindo tocar trompete e bateria em sua própria banda. Ao longo de sua vida escolar, ele mergulhou em atividades, embora isso às vezes desanimasse seus pais. Ele também não compartilhava das profundas convicções religiosas de seus pais e avós, mas quando adulto ia à igreja no domingo e nos dias santos. Repetidamente, encontramos William se equilibrando precariamente entre

a conformidade externa com o sistema de valores de seus pais e as exigências de integridade pessoal.

Mais do que qualquer outra coisa, William gostaria de ser, e de pensar em si mesmo como sendo, seu próprio dono. No entanto, ele precisa tanto realizar, e ser aclamado por isso, que seu trabalho o escravizou. Ele não pode repreender um cliente inoportuno; não pode nem mesmo se levantar de sua mesa e ir embora quando quiser. Aos 25 anos, ele reclamou:

> *Chego ao ponto em que a pressão de muitas fontes é muito grande. Às vezes, gostaria apenas de sair e me sentar. Então eu digo: "Tudo bem, você está sonhando; volte à realidade." Mas estou tentado a descobrir como seria, principalmente porque nunca fiz isso.*

Na meia-idade, William não admitia essa tentação tão livremente; ele poderia ter seus arrependimentos, mas não seria prático ser indulgente consigo mesmo.

Repressão. Embora William às vezes se pergunte sobre as razões de suas punições autoinfligidas, ele é muito defensivo para além do que apenas um olhar ocasional sobre quem ele é e o que ele quer dizer com a maneira como está vivendo sua vida. A este respeito, sua resposta aos 40 anos ao cartão 17BM do TAT pode ser muito reveladora. Referindo-se à figura acrobática do cartão, diz: *Não sei o que ele está olhando, o que está pensando eu não sei e o que está fazendo eu não sei*. William preferiria não saber muito sobre si mesmo, prefere permanecer sem contato com os aspectos mais profundos de si mesmo. Isso, junto com uma existência interpessoal relativamente monótona, resultou em um tédio que só podia ser aliviado momentaneamente por novos empreendimentos comerciais, pela excitação de novos desafios em um mundo que o recompensava mal o suficiente para sua abnegação. O estilo normativo e a identidade outorgada de William, além das interferências no seu ritmo, o levam a se fechar deliberadamente para o mundo.

As respostas de William a inventários estruturados de personalidade refletiram claramente seu caráter fechado. Seu *Minnesota Multiphasic Personality Inventory*-2 (MMPI-2; Butcher, Graham, Tellegen, & Kaemmer, 1989), feito aos 40 anos, mostrou pontuações dentro da faixa normal. Ainda assim, a configuração do perfil, definida por um V invertido nas três primeiras escalas, sugere que William permaneceu livre de sintomas psicológicos usando a repressão para lidar com a an-

siedade, evitar conflitos e enterrar dificuldades emocionais. Indivíduos que obtêm um perfil de "vale de conversão" no MMPI-2 geralmente têm uma visão racional dos problemas: podem estar deprimidos, mas não admitem, têm pouco insight e deslocam os problemas psicológicos para o funcionamento do corpo. Assim, o relato narrativo do MMPI-2 de William descreveu *uma falta de insight e dificuldades para estabelecer relações interpessoais*, referindo-se a *uma pessoa rígida que pode expressar sua ansiedade em comportamento compulsivo e ruminação*, e a alguém que está *cronicamente preocupado e tenso, mas, ao mesmo tempo, mostra uma negação extrema dos problemas emocionais*. William, aos 35 anos, disse:

> *Eu mantenho minhas emoções reprimidas. Eu tenho que sentar calmo e quieto e não ser emocional. Sob alta pressão, tremo e tenho tensão, dores no peito, falta de ar. Estou tenso, mas minha mente está sempre funcionando e não durmo bem.*

Ele tem praticado este estilo desde a infância: plácido por fora como a mãe e intenso por dentro como pai.

> *A mãe tentou manter tudo o mais silencioso possível. Mantenha os aborrecimentos no mínimo. Minha mãe era muito cautelosa. Meu pai era um bastião de silêncio... Não me lembro de nunca ter discordado de meu pai ou de minha mãe de forma alguma.*

Os escores de William nas escalas MMPI-2 também sugeriram que ele era provavelmente reservado e que era seguro, confiável e capaz de cumprir metas, apesar da falta de motivação interna e de sofrer depressão crônica. Ele parecia ser dominante, ambicioso, responsável, previdente, progressivo, consciencioso, tenso, alerta e não dado a autocrítica.

Os escores de William no *Dynamic Personality Inventory* (DPI; Grygier & Grygier, 1976), novamente todos na faixa normal, sugeriram persistência teimosa e apegada, associada com satisfação consciente com atenção e admiração, necessidade de liberdade de movimento e desejo de independência emocional como uma reação contra as necessidades de dependência. O perfil do DPI também indicou tendência para planejar, gerenciar e organizar. Esses escores no inventário, como um conjunto, pareciam estar de acordo com a imagem de William como um adulto isolado de si mesmo pelas restrições da obrigação que seus pais impunham a ele.

Em muitos aspectos, William pareceu envelhecer muito cedo. Seu esforço constante exigia que renunciasse a sentimentos e fantasias que pudessem ameaçar a busca de seus objetivos, embora durante a maior parte de sua vida profissional esses objetivos tivessem pouco significado real para ele. Aos 35 anos, ele listou seus bens: *uma boa casa, bons amigos, boas afiliações e o fato de eu ser muito respeitado*. Mas, à medida que envelhecia, parecia se arrepender do preço que pagara por essas coisas. Aos 59 anos, William permanecia preso a um modo de vida que, embora ameace literalmente destruí-lo, é suficientemente viável para que ele não precise examinar muito de perto algumas de suas consequências desfavoráveis. Ele pode continuar a ver sua vida cheia de pressão como inevitável para um homem com seus dons e posição, negar qualquer inveja daqueles sem tais encargos e imaginar apenas ocasionalmente como seria escapar de uma existência circunscrita pelo dever e preocupação. Quando questionado sobre qual inscrição poderia ser mais apropriadamente colocada em sua lápide, ele respondeu: "*Aqui está o homem que prefere colecionar pedras preciosas a mulheres.*" *Veja, se você adicionar uma pedra à sua coleção, não terá problemas, mas se adicionar uma mulher, poderá ter grandes problemas.*

Construção de carreira

Desde sua primeira entrevista, William exemplificou um padrão de carreira estável (Super, 1957), mas foi em uma profissão escolhida para ele. Ele não escolheu nada, não decidiu nada. No seu caso, a estabilidade veio de se vincular a obrigações em detrimento da autoexpressão. O retrato de vida de William fornece uma visão incomumente clara do que pode acontecer quando alguém aceita uma identidade outorgada e uma carreira atribuída. Nesta seção, examino como um estilo normativo de construção de carreira e identidade vocacional outorgada moldou tanto o processo quanto o conteúdo da construção de carreira de William.

Processo da construção de carreira

A escolha profissional deve resultar de uma "cadeia de decisões" (Ginz-berg, Ginsburg, Axelrad e Herma, 1951) em que as escolhas e experiências passadas moldam as escolhas presentes. Mas, em vez de uma cadeia de decisões, William forjou uma cadeia de planos. Seus pais fizeram a escolha e a atribuíram a ele. Ele se comprometeu com a escolha deles antes de ter os recursos emocionais e intelectuais

para decidir por si mesmo. Planejou sua vida para cumprir a obrigação imposta pelos pais. Para preservar seu compromisso, aprendeu a manter seus próprios impulsos profundamente sepultados. Em termos da teoria de carreira, William apresentou pseudo-cristalização (Ginzberg et al., 1951), ou o que a literatura da psicologia do desenvolvimento chama identidade outorgada (Marcia, 1980). Ou seja, ele enrijeceu numa época da vida em que ainda deveria ser flexível, curioso e indefinido o suficiente para explorar e experimentar.

William internalizou a convicção de seus pais de que é *um dever valorizar o que você tem*. Além disso, aprendeu a não questionar esse dever: *não posso aceitar aqueles que se desviam de sua educação*. Ele relatou que nunca se permitiu dizer: *Bem, eu não gosto disso, não vou fazer isso*. Crianças outorgadas veem seus pais como aceitadores, envolvidos e centrados nela. O conforto e a segurança que isso oferece foram chamados de "halo de exclusão". William claramente adotou o "halo de exclusão" para descrever sua educação como unicamente benéfica. Quando solicitado, aos 14 anos, para falar sobre sua reação ao pai, William disse:

> *Ele fica bravo se eu não fizer o melhor que puder. Ele quer que eu faça o melhor que puder e não brinque. Ele fica zangado se eu estou pegando leve e não dando o meu melhor. Ele está fazendo a coisa certa - me fazendo trabalhar. Vou adquirir o hábito.*

Em suas entrevistas anteriores, William falou muito bem de seus pais. Aos 25 anos, ele disse,

> *Ambos querem que eu faça a mesma coisa. O moinho era esperado de mim. Nunca pensei em não fazer isso. O moinho me dá a proteção e o pano de fundo que desejo. Não vai ser tirado de mim.*

Durante a faculdade, a proximidade com meus pais mudou, mas o respeito não diminuiu. Vi que poderia fazer as coisas por conta própria, o que sempre foi importante para mim, e acho que por isso fiz tantas atividades. Quando decidiu voltar para casa, para ficar à disposição de seu pai, declarou: *A necessidade de um pai exige a ação de um filho*. Mas a auréola

acabou desaparecendo. Aos 59 anos, William relatou estar muito zangado *porque minha mãe e meu pai se aproveitaram de mim de forma despropositada*.

Em suas entrevistas, William sempre se referia à sua carreira como uma obrigação. Aos 35 anos, disse ele, *papai era muito dedicado à causa, uma obrigação*. Ele estava sob uma pressão tremenda ao dirigir o moinho. Aos 59 anos, ele descreveu a amargura da obrigação.

> *O trabalho me ocupa e me amarra, tanto em termos de comprometimento mental quanto emocional. Estou exausto emocionalmente. Acho que, neste ponto, o que eu gostaria era não ter todo mundo me puxando. Não ter as pressões. Isso realmente se tornou mais e mais algo. Cansei de sempre ser colocado na posição de sempre ter que fazer coisas para todos. Sempre outro conjunto de fardos, não prazeres. Eu fico longe das pessoas, porque eu sinto a pressão, o aperto em você. Ao olhar para trás, sucumbi ao caminho mais fácil. Eu senti realmente uma grande obrigação. Acho que estou com raiva disso. Estou muito zangado com isso. Minha mãe e meu pai tiraram vantagem despropositada de mim. Sempre foi "você tem uma obrigação". Estou cansado dessa palavra! Não há palavra que eu odeie mais do que obrigação. Eu não quero a obrigação. Não vejo isso como um privilégio. Isso me deixa segurando a bagagem, como sempre. Nunca tive a oportunidade de curtir o que gosto, pois tenho feito o que todo mundo quer ou espera que eu faça, e eu faço!*

A palavra "obrigação" está relacionada à "ligadura" médica, um nó, e carrega um prefixo intensificador: obrigar as pessoas é amarrá-las, amarrá-las ao que, de outra forma, poderiam escolher fazer. Ao impor obrigações a ele, os pais de William restringiram-no a um determinado modo de vida. Eles usaram vínculos de afeto e apoio como ligaduras, de forma que se ele quebrasse suas restrições, ele quebraria os vínculos. Em sua obediência, William amarrou suas próprias ideias e sentimentos firmemente dentro de si mesmo e construiu uma personalidade "prestativa", que é cortês, complacente e útil. Ele engoliu as obrigações e elas o engoliram.

A dissipação do halo de exclusão, que William colocou em seus pais, mostra que é possível escapar das restrições da identidade outorgada, embora isso raramente aconteça. Pessoas em situação de outorga acostumam-se a tomar decisões e fazer planos sem consultar seus sentimentos e, por causa desse descaso, normalmente

levam anos para perceber que sentem qualquer insatisfação com suas vidas (Ginzberg et al., 1951). Reabrir-se, tomar consciência de que ainda existe uma variedade de opções, é uma tarefa tão difícil que raramente acontece. O que está envolvido requer uma autoexploração considerável para saber quem eles realmente são e para rastrear, compreender e resolver conflitos com seus pais. Berzonsky (1985) conjeturou que aqueles poucos indivíduos outorgados que podem eventualmente seguir seus próprios caminhos podem ser mais capazes de aceitar e fazer uso das circunstâncias mutantes; ele os rotulou de outorgados evolutivos, em contraste com o tipo rígido, muito mais numeroso, que não vacila diante das restrições parentais que eles próprios criaram.

De acordo com a hipótese de Kroger (1995), a outorga de William é rígida. Kroger relatou que os adolescentes cujas primeiras lembranças envolviam "proximidade com outros significativos em um ambiente familiar" (p. 324) eram mais propensos a realizar uma outorga rígida. As três primeiras lembranças de William relataram memórias de estar em casa com familiares. Ele deve, portanto, achar difícil mudar para um curso escolhido por ele mesmo depois que seu pai e avô lhe jogaram a bola. As dificuldades envolvidas puderam ser notadas quando, aos 35 anos, William conseguiu reabrir sua identidade outorgada o suficiente para questioná-la:

> *Às vezes me pergunto por que devo dirigir o moinho. Sintonize em cerca de dois anos e direi para onde estou indo. Eu gostaria que mudanças ocorressem em minha liberdade e gostaria de ficar um pouco mais de tempo com minha família. Não estou feliz com a situação em que me encontro. Estou muito infeliz com a pressão. Estou infeliz porque estou trancado. Chego a um ponto em que estou sufocando, apenas sufocando. Eu não sei o que fazer. Realmente não sei o que fazer. Muitas vezes, pensei em ir para a universidade local para fazer seus testes de carreira. O que devo ser? Preciso de orientação para escolher minhas oportunidades. Eu gostaria de testar algumas outras coisas que gostaria de fazer. Eu brinquei com a ideia de mudar de carreira; mas seria uma grande decepção para minha mãe e meu pai. Eu simplesmente não decidi para onde estou indo. Sei onde estive e acho que consegui tudo o que sempre quis realizar. Mas vale a pena em termos do que você desiste?*

Essas dúvidas surgiram em William em um momento em que ficou chocado com a morte de um amigo próximo. Suas dúvidas expressam renovação (Williams

& Savickas, 1990) no sentido de que ele despertou o autoquestionamento que a outorga havia silenciado. Ele resolveu essa crise específica decidindo manter o que havia estabelecido, persistindo em vez de inovar sua ocupação ou abrir novos caminhos em sua carreira.

Conteúdo da construção de carreira

A identidade vocacional outorgada de William traçou as linhas entre as quais ele construiu sua carreira outorgada. Adaptou-se ao que estava disponível dentro das restrições impostas pela obrigação e legado de dever (Grotevant, 1992), interessando-se por aquelas atividades que lhe permitiam lidar ativamente com o que vivera passivamente em sua família. Seu interesse por pedras preciosas permitiu-lhe transformar a tensão em intenção e a preocupação privada em ocupação pública (Savickas, 1995). Suas tentativas de domínio ativo são facilmente evidentes em seu modelo, história favorita e hobbies, bem como claramente reconhecíveis em suas escolhas educacionais e vocacionais.

Modelo. A família controladora de William não permitia que ele fosse independente ou tomasse decisões. Ele não podia explorar suas preferências, muito menos escolher por si mesmo. Seus pais fizeram as escolhas, e elas não eram em absoluto negociáveis. A parte de William era ouvir respeitosamente, aceitar a carreira outorgada e comprometer-se com uma obrigação. Portanto, as necessidades que impulsionaram seu movimento ao longo da vida o levaram a buscar o domínio dessa questão, tornando-se autônomo e convincente. Mas seu ambiente de desenvolvimento não modelou nem apoiou esses objetivos, então William procurou inspiração em outro lugar. Ele encontrou sua solução na literatura que ofereceu um modelo, Tom Sawyer (Twain, 1884). Claro, William foi fortemente influenciado pela orientação de seu pai e até ia trabalhar regularmente com ele. Mas quando leu sobre Tom Sawyer e se imaginou sendo como ele, estava conscientemente escolhendo seu próprio modelo, um que abordasse os problemas propostos por sua diretriz. Essa escolha teve o efeito de fortalecer a autoimagem de William enquanto ele se imaginava vivendo as aventuras de Tom. Tom era uma espécie de estrategista e vigarista, sempre tentando ficar rico, um menino imaginativo e ousado cujas façanhas culminaram na fuga despreocupada da sombria respeitabilidade de sua aldeia. No entanto, no final das contas, sua consciência o levou de volta para casa. William, de forma um tanto semelhante, "escapou" para a cidade por um tempo,

mas voltou para tornar a necessidade de seu pai uma ação de filho. Os hobbies de William também mostraram um esforço precoce em sua luta ao longo da vida para se tornar dono de si.

Hobbies. Quando estava no nono ano, a primeira entrevista de William começou com o que ele fazia depois da escola. William respondeu que fazia fantoches e apresentava espetáculos de fantoches na escola, escrevendo os roteiros, recrutando cinco ou seis colegas como fantocheiros e organizando a apresentação. Quando questionado sobre como começou a se interessar por fantoches, William disse que no sexto ano ele teve que fazer um relatório sobre um livro e *tropeçou neste livro sobre fantoches e o achou muito interessante*. Ele então começou a assistir séries de televisão que usavam marionetes, especialmente os *Thunderbirds* e *Stingray*. Ele disse que começou a fazer marionetes como as usadas nesses shows. Explicou que um fantoche controlado de cima por cordas é chamado de "marionette" e o fantocheiro é chamado de "manipulador". O interesse de William por marionetes ilustra como um hobby pode fornecer um meio e um contexto para a construção de si mesmo. William se transforma de fantoche de seus pais em manipulador de fantoches. É realmente um bom curso de terapia lúdica, mesmo que ele tenha acabado de *tropeçar* nele. Ele tinha sido o receptor passivo da modelagem e do script dos pais; então, com seus fantoches, ele se tornou o empresário que administrava o show. Ele delegou o trabalho a uma equipe que organizou, assim como, mais tarde na idade adulta, idealizou o negócio e, em seguida, recrutou investidores. Como ele disse, não fazia o trabalho operacional com os fantoches ou em transações comerciais. Ele é a mão e não a ferramenta.

Colecionar pedras preciosas foi um hobby de toda a vida, um hobby conferido por seu pai quando ele deu sua coleção a William e o ajudou a expandi-la. Na adolescência, William era um negociante:

> *Aos 15 anos, dirigia um negócio de pedras preciosas e enviava de 75 a 100 cartas por semana. Eu não precisava do dinheiro. Eu sempre quis ter uma grande coleção de pedras.*

Na faculdade, ganhou um bom dinheiro com isso e, aos 35 anos, a coleção valia várias centenas de milhares de dólares.

Um terceiro hobby era a música. Por insistência de sua mãe, William teve aulas de piano por 13 anos. Ainda assim, por diversão, ele tocou trompete e bateria.

No ensino médio e na faculdade organizou sua própria banda de jazz, que fazia dinheiro com shows. Embora não toque em público há mais de 30 anos, até hoje ele ainda é membro ativo de um sindicato de músicos. Uma quarta vocação era escrever. Ele foi repórter e editor de jornais do ensino médio, da faculdade e da cidade; um freelancer para serviços de notícias nacionais; e autor de muitos artigos em revistas de pedras preciosas.

Os hobbies de William de fazer fantoches, escrever, colecionar pedras preciosas e tocar música envolvem atividades estéticas solitárias. No devido tempo, ele transformou cada hobby estético em uma atividade comercial: sendo um empresário de teatro de fantoches, editando artigos de outros escritores, trabalhando para jornais, fazendo shows com sua banda e administrando um negócio de pedras preciosas. Seus hobbies estéticos podem ter começado como saídas expressivas, mas se tornaram trabalhos; em cada caso, o que havia começado para o prazer tornou-se uma vocação secundária.

História favorita. Embora seus interesses profissionais fossem claramente estéticos e expressivos, a história favorita de William forneceu um roteiro para se adequar ao legado de dever imposto por seus pais. Para cumprir sua obrigação e reprimir seus sentimentos, William se mantinha ocupado. A história "A *pequena locomotiva*" (Piper, 1954) mostrou que ele deveria enfrentar os desafios e se manter ocupado. Além disso, esse roteiro cultural proporcionou a William um exemplo de conquista por meio da autoconfiança e do máximo esforço, recompensado pelo reconhecimento social. Aos 40 anos, William disse: *Ainda fico empolgado com a história "A pequena locomotiva". Gosto de ser "A pequena locomotiva", especialmente quando os grandes motores não podem*. Aos 59 anos, ele disse:

> *Tive cinco ou seis projetos em andamento há dois anos. Eu tinha assumido muito, como sempre faço, mas desta vez me pegou. Peguei meu livro "A pequena locomotiva", que encontrei em um Walmart, coloquei-o para fora e disse: "Ok, aqui está uma lista do que deve ser realizado", e coloquei antolhos para que cada projeto chamasse minha atenção, definisse uma meta e a cumprisse; pegava a próxima meta e a cumpria, cumpria e cumpria. Agora estou quase no fim de vários projetos.*

A pequena locomotiva forneceu a William um roteiro de como ser focado, ocupado, realizador e que lutava para ser autônomo, *para ser meu próprio dono*.

Interesses expressos. No nono ano, William declarou que queria ser *consultor tributário e contador - combinados*. Ele relatou que *eu poderia então fazer os livros para o moinho do meu pai*. Quando perguntado por que essa ocupação o atraiu, ele respondeu, *porque eu quero*. Em seu *Rotter Incomplete Sentence Blank* (Rotter & Rafferty, 1950) no nono ano, escreveu que sua maior ambição era ser contador, mas também escreveu que secretamente queria ser um inventor de inovações e brinquedos. Aos 25 anos, seu *Rotter Incomplete Sentence Blank* revelou que sua maior ambição era ser um executivo. Ele apontou que sua carreira está em primeiro lugar em sua mente, seus padrões são altos, sua motivação é ótima, mas todas as suas habilidades ainda estão para ser determinadas e o futuro é incerto. Ele também escreveu que planejava secretamente se aposentar cedo.

Interesses inventariados. No nono ano, o *Work Values Inventory* de William (WVI; Super, 1970) tinha um perfil bem definido. Seu valor mais forte era extrínseco ao trabalho em si; ele queria um bom pagamento. Diante disso, ele então valorizou a liberdade para ser o tipo de pessoa que escolhe. No trabalho, queria autonomia para trabalhar do seu próprio jeito e fora do trabalho queria independência para viver do seu jeito. Além de definir suas próprias funções, William valorizava cargos em que tinha autoridade para planejar e delegar trabalho para outras pessoas. No terceiro ano do ensino médio, William fez o WVI novamente. Esse perfil, também bem definido, mudou significativamente em relação ao perfil do nono ano. Seu perfil de valores no último ano do ensino médio foi definido pelo máximo em estética, significando um trabalho que permita fazer coisas bonitas. Esse escore elevado em estética foi seguido de perto por criatividade e segurança. No nono ano, estética, criatividade e variedade foram seus escores mais baixos. No terceiro ano do ensino médio, gestão e realização - ambas elevadas no nono ano- tornaram-se seus valores menos preferidos. Essa inversão pode refletir um esforço de desenvolvimento de William quando estava no último ano do ensino médio para se tornar independente dos pais e outras figuras de autoridade e não se conformar com os papéis e regras sociais. A valorização de criatividade e de segurança coincide com a possibilidade de um conflito de independência-dependência. É difícil encontrar um emprego que ofereça segurança e incentive a expressão pessoal. Mais frequentemente, o preço da autoexpressão é a incerteza quanto aos resultados. Aos 35 anos, William respondeu ao WVI pela terceira vez. O perfil resultante, novamente bem

definido, mostrou estética muito baixa, mas criatividade, independência, modo de vida e estímulo intelectual muito elevados. A segurança havia se tornado muito menos importante, substituída pela busca de prestígio conquistado por meio do bom desempenho no trabalho.

Os valores de trabalho de William no ensino médio, certamente no terceiro ano, não correspondiam à sua intenção expressa de buscar um diploma de contabilidade. Em contraste, seu nível superior de inteligência fornecia a habilidade mental geral necessária para ter sucesso no treinamento para uma profissão. Ele também mostrou grande aptidão para raciocínio numérico e abstrato, bem como velocidade e precisão administrativas acima da média. Demonstrou significativamente menor aptidão para raciocínio verbal, mas, ainda assim, acima da média. Não é surpreendente, dada sua carreira subsequente, que no ensino médio seu padrão de aptidão profissional se assemelhasse aos da engenharia, ciências e contabilidade, ao invés do padrão das profissões verbal-linguísticas. No *Kuder Preference Schedule-Vocational Form CH* (Kuder, 1956), aplicado no nono ano, o perfil de interesse vocacional de William, novamente bem definido, mostrou um conflito intenso entre atividades que envolviam autoexpressão autônoma e atividades que requeriam adesão heterônoma às regras. Por um lado, William pontuou acima do percentil 95 para atividades computacionais e de escritório. Por outro lado, pontuou no percentil 94 para atividades musicais, percentil 75 para atividades literárias e percentil 56 para atividades artísticas. Este perfil inconsistente indica que William preferia atividades rotineiras, que exigissem atenção aos detalhes juntamente com comportamento consciencioso, deferente e responsável. Ao mesmo tempo, gostava de atividades criativas e imaginativas que lhe permitissem ser rebelde e colocar individualidade no seu trabalho. Para combinar essas duas tendências opostas, William parece ter preferido atividades que exigiam pouca sociabilidade ou envolvimento emocional, além de permitir uma atitude cínica e desiludida. Seu perfil no *Kuder* indicou interesse acima da média por atividades persuasivas (percentil 68) e pouco (percentil menor do que 20) interesse por atividades ao ar livre, mecânicas e científicas, sem qualquer interesse por atividades de serviço social. Quanto ao RIASEC (Holland, 1997), o perfil de William mostrou forte semelhança com os tipos Artístico e Convencional, moderada semelhança com o tipo Empreendedor e mínima semelhança com os tipos Realista, Investigativo e Social. Seu código seria Artístico-Convencional-Em-

preendedor (ACE) ou talvez Convencional-Artístico-Empreendedor (CAE). Este código pode refletir suas lutas com uma identidade vocacional outorgada, no sentido de que os pais queriam que ele fosse Convencional e ele queria ser Artístico.

Os interesses ocupacionais de William no *Strong Vocational Interest Blank* (revisado) (Strong, Campbell, Berdie, & Clark, 1966), também aplicado no nono ano, apresentavam o mesmo código ACE. Ele tinha um padrão principal, música, junto com dois padrões terciários, estrutura e contatos de negócios. Nas escalas profissionais, ele pontuou A para Músico; B + para sócio em empresa de contabilidade, contador certificado (C.P.A.) sênior e funcionário de escritório; e B para contador e corretor de imóveis. Ele pontuou C para ocupações Investigativas e Realistas (psicólogo, médico, químico, físico, engenheiro, gerente de produção e veterinário), bem como C para ocupações Sociais (professor, líder religioso, diretor da YMCA, administração pública e superintendente escolar).

William era intelectualmente talentoso, pontuando 120 no *Otis Mental Ability Test* (Otis & Lennon, 1967) e no percentil 63 no teste de raciocínio verbal dos *Differential Aptitude Tests* (Bennett, Seashore e Wesman, 1966). A partir dessa avaliação vocacional, um orientador pode concluir que, ao se formar no colégio, William era intelectualmente talentoso, mas psicologicamente conflituado, porque se sentia atraído por ocupações criativas e convencionais. Dados os seus valores de trabalho e interesses vocacionais, um orientador provavelmente se concentraria em como William poderia integrar suas tendências opostas em um trabalho. Um orientador pode sugerir que William explore negócios artísticos como curador de museu, bibliotecário de coleções especiais, arquivista, crítico, fotojornalista, negociador de antiquário, repórter de jornal, editor de livros, historiador de arte e até joalheiro. Esses tipos de ocupações permitiriam a William trabalhar em ambientes criativos e artísticos, mas ofereceriam a ele a segurança de um papel bem definido que exigiria conscienciosidade e atenção aos detalhes. A posição não deve exigir contato interpessoal extenso do tipo exigido por vendas ou ensino, nem deve envolver quaisquer tarefas mecânicas ou científicas. O trabalho ideal possibilitaria sua conformidade com as regras familiares, bem como sua necessidade de autoexpressão criativa. Em suma, permitiria que ele fosse criativo em um ambiente estruturado. Não se pode deixar de notar que a posição de William como negociante de pedras preciosas atende a todas as especificações contraditórias.

A avaliação vocacional de William mostra claramente que um orientador de carreira deve se esforçar para distinguir entre conquista da identidade com comprometimento com os objetivos escolhidos por ele mesmo, e outorga da identidade com comprometimento com os objetivos dos pais. É fácil confundir os dois porque ambos mostram uma identidade vocacional estável e forte compromisso com os objetivos. Além disso, os clientes geralmente não percebem que suas identidades estão outorgadas. Alguns pesquisadores usaram medidas objetivas para tentar distinguir entre identidades autoconstruídas e identidades outorgadas, com pouco sucesso (Brisbin & Savickas, 1994), provavelmente por causa da negação do cliente e falta de autorreflexão. O retrato de vida de William sugere uma alternativa interessante: o uso de técnicas projetivas para diagnosticar a outorga. Essas técnicas contornam a consciência e podem subverter salvaguardas defensivas, como negação e repressão. Embora as técnicas projetivas raramente sejam usadas por orientadores de carreira, certamente pareciam úteis no caso de William. Podem ser particularmente úteis para administrar a indivíduos que exibem perfis de interesse vocacional inconsistentes (Nauta & Kahn, 2007).

Vislumbres de sua identidade outorgada abundam em suas respostas ao *TAT* no nono ano. William respondeu ao cartão *TAT 1* dizendo que *o menino está aborrecido por ter que tocar o instrumento, mas ele irá até à professora e pedirá que ela trabalhe com ele*. Para o cartão *TAT 2*, ele disse:

> *A filha voltou da faculdade e parece meio aborrecida na fazenda. Ela provavelmente foi para a cidade e viu como eles faziam as coisas lá. Ela parece meio aborrecida por ter que voltar para casa para isso.*

Para o cartão *TAT 4*, ele respondeu:

> *A garota está querendo ir a algum lugar e o herói não quer que ela vá. Ela tenta mantê-lo longe.*

Para o cartão *TAT* 6BM, ele disse:

> *Ele não queria fazer o que sua mãe disse. A profissão que sua mãe queria que ele tivesse. Ele poderia ter sido uma grande decepção para sua mãe. Ela diz que não vai perdoá-lo. Ele parece muito triste com isso, mas ele pode estar feliz com o*

> *que fez. Ou apenas pensa em mudar seus hábitos. Talvez ele tenha seguido seus caminhos, no entanto.*

Três anos depois, no terceiro ano do ensino médio, ele responde a este mesmo cartão:

> *Parece que o homem na foto fez algo que temia, e ele informou sua mãe, eu imagino, e ele não tem certeza do que ela vai dizer sobre o que ele fez. Parece-me que ela está apenas se mantendo em silêncio e não dizendo nada sobre ele ter tomado alguma atitude quanto a isso.*

Aos 25 anos, esta foi sua resposta ao cartão *TAT 1*:

> *Ele teve alguns problemas nos estudos ou está tentando descobrir se está interessado em enfrentar o desafio de um instrumento. Não parece que ele está muito feliz com o que está pensando.*

Questionado sobre como o menino chegou a esta situação, William disse:

> *Meu palpite é que ele foi colocado lá por seus pais e não parece que ele está muito feliz por estar na situação. Ele parece tão sério preocupado com isso que provavelmente vai se submeter-ceder e aprender. Se ele vai trabalhar duro é outra história. Ele provavelmente se conformará com isso.*

Se os orientadores pudessem diagnosticar a presença de outorga, e isso é muito importante porque os indivíduos outorgados não estão inclinados a buscar aconselhamento e, quando o fazem, sua negação e comprometimento enganam os orientadores, então os orientadores teriam disponível um extenso repertório de intervenções úteis, incluindo autoexploração, esclarecimento de valores, retreinamento de atribuição, instrução para tomada de decisão e treinamento de assertividade.

Educação. A partir do ensino médio, William exibiu tentativas de representar seu perfil RIASEC ACE em atividades que integrariam seus interesses inconsistentes. O pilar para essa integração parece ter sido seu talento persuasivo. Ele usou suas habilidades de negociação para integrar forças opostas, estivessem elas dentro de si mesmo ou no ambiente. No ensino médio, as matérias favoritas de William eram contabilidade e datilografia. Embora pensasse seriamente em se tornar músico, decidiu fazer faculdade para estudar contabilidade. As atividades extracurriculares passaram a incluir diversos meios para que ele praticasse organização, persuasão e

negociação. Ele ocupou cargos em várias organizações escolares, tocou na banda, escreveu para o jornal, editou o jornal, produziu estatísticas para times esportivos, formou um clube de pedras preciosas e dirigiu projetos de arrecadação de fundos. Essas atividades foram tipicamente caracterizadas como Artísticas porque envolviam música, escrita ou artefatos culturais. Seus interesses Convencionais o levaram a impor uma estrutura a essas atividades por meio de editar, colecionar e fazer registros. O estilo Empreendedor que ele exibiu ao organizar e dirigir essas atividades mostrou seu espírito Tom Sawyer e que, de fato, ele era *uma pequena locomotiva que era capaz*.

Carreira Profissional. A carreira que William imaginou inicialmente em pensamentos de Tom Sawyer e do roteiro fornecido pela pequena locomotiva, e mais tarde ensaiada em hobbies e atividades escolares, foi coerente com suas aspirações ocupacionais. Ele se via como um negociador. Aos 25 anos ele aspirava a *uma posição que me trará sucesso, me dará prestígio, me dará a habilidade de trabalhar com as pessoas, de resolver seus problemas, de fazer com que desejem que eu resolva seus problemas*. Ele se via como um negociador, pois não podia estar com seus pais quando eles impunham obrigações a ele.

Por volta dos 50, ele criou seu nicho, que integrava seus talentos Convencionais, Artísticos e Empreendedores. Ele usou atributos Convencionais na operação do moinho. Usou atributos Artísticos em seu negócio de pedras preciosas e escreveu artigos para revistas sobre pedras preciosas. Usou atributos Empreendedores para estruturar negócios imobiliários inovadores e desenvolver novas oportunidades de investimento.

> *Eu estruturo as principais transações imobiliárias e de terrenos do ponto de vista tributário e comercial. Tenho uma habilidade única, um talento especial para fazer transações comerciais. Gosto de moldar as coisas, gosto de estruturar as coisas. Gosto de fechar negócios. A criatividade está em estruturar o negócio, não em fechá-lo. Estou interessado na fase de negociação. Tenho a capacidade de inspirar confiança nos outros.*

Por meio de suas negociações, agora podia fazer o que antes não conseguia; havia dominado ativamente o que uma vez experimentou passivamente. Como ele se adaptou à obrigação e às opções outorgadas? De duas maneiras principais. Primeiro, ele aceitou a escolha ocupacional de seus pais, mas a moldou para ade-

quá-la a si mesmo. Isso pode ocorrer porque, felizmente para William, a ocupação do proprietário de empresa é flexível, permitindo que os executivos exerçam suas funções de maneira diferente, em oposição a uma ocupação rígida em que todos devem trabalhar da mesma maneira. Como proprietário do moinho, William enfatizou seu papel de negociador com os principais clientes. Paralelamente, estruturou negócios imobiliários nos quais poderia ser negociador. Ele organizou suas atividades ocupacionais para maximizar sua autonomia, trabalhando sozinho tanto quanto podia. No processo, ele transformou o que passivamente experimentou em sua família em uma força. Ele não podia negociar com os pais, então aprendeu a ser um negociador com o mundo.

Em seu hobby ou segunda profissão, vemos ainda mais claramente a manifestação do autoconceito de William como negociador (Super, 1940). William começou a construir sua coleção de pedras preciosas no nono ano, com a ajuda e incentivo de seu pai, e na idade adulta, tornou-se um pequeno negócio no qual ele comprava e vendia espécimes e coleções raras.

> *Gosto de vender. Na verdade, gosto de comprar e negociar; não gosto do ato físico de vender e comprar. É a negociação.*

Ele encontrou pedras preciosas que as pessoas queriam, e vendê-las a elas as deixou felizes. Além de realizar seus valores de autonomia e negociação, aqui também conquistou reconhecimento social. Ele era nacional e internacionalmente conhecido pelos artigos que havia escrito sobre colecionar pedras preciosas e havia conhecido colecionadores de destaque. Lidar com e escrever sobre pedras preciosas implementa totalmente todos os aspectos do tipo de personalidade vocacional de William. Ele coleciona pedras (Convencional), escreve artigos (Artístico) sobre elas e negocia (Empreendedor) com elas. Além disso, o hobby

> *principalmente preenche os humores. Isso me relaxa, que é o principal motivo de um hobby. Quando fico com raiva, não digo nada, vou lidar com as minhas pedras. É recreativo. Posso sentar e me perder em um problema sem nenhuma pressão que não eu mesmo. Quando estou sob pressão, desço e lido com pedras.*

Escrever artigos sobre pedras preciosas nos traz de volta à questão da identidade vocacional outorgada de William. William se saiu bem em seu trabalho em jornal.

Se tivesse liberdade de escolha da ocupação, ele teria escolhido o jornalismo em vez dos negócios? Parece que os valores de William teriam se encaixado bem em qualquer um desses, mas como ele persistiu no jornalismo durante toda a faculdade e ainda escreve hoje, talvez este tenha sido o seu caminho não seguido. Aos 59 anos, William disse, na entrevista final,

> *Estou tão acostumado a reagir a situações que não penso. Vou continuar a administrar o moinho. Todos os dias eu faço o que tenho que fazer. É a isso realmente que se resume.*

Essa declaração fornece um resumo vívido do que a identidade vocacional outorgada de William forjou.

CAPÍTULO CINCO

As aventuras de um Buscador

Se eu não for por mim, quem será por mim? Se eu for apenas para mim, o que serei? Essas duas questões profundas são atribuídas a Hillel, o famoso rabino que viveu de 70 AC a 10 DC. Sua primeira pergunta concentra-se na agência, ou na sensação de que se pode produzir os resultados pretendidos. A segunda pergunta concentra-se na comunhão, ou no sentido de que se deve formar parcerias com outras pessoas. As perguntas, como um par, nos levam a refletir sobre os modos duais de se ser humano e como combinamos agência e união em nossas próprias vidas. É claro que o imperativo moral é integrar agência e união em uma generatividade que seja produtiva e compassiva. Infelizmente, nem todos são capazes de integrar agência e comunhão para se tornar um agente que coopera e contribui com a comunidade. A vida de algumas pessoas é seriamente comprometida por eventos e circunstâncias que as levam a enfatizar demais a agência. As narrativas de vida de atores individualistas enfatizam a inquietação, a competitividade, a independência e a oposição à autoridade. Essas qualidades podem produzir sucesso profissional, mas, às vezes, sem muito prazer ou satisfação pessoal.

O próximo retrato de vida ilustra como a agência absoluta pode ser expressa no trabalho. No retrato de vida de Paul Dempsey, encontramos alguém que buscava compulsivamente novas aventuras sempre que um empregador tentava controlá-lo. A necessidade de Paul de controlar seu próprio destino surge quando sua mãe morre, deixando-o sozinho - privando-o de um porto seguro e uma base segura. Inicialmente incapaz de formar novas parcerias, ele foi forçado a confiar apenas em si mesmo. Paul passou décadas competindo com os outros para mostrar a eles e a si mesmo que podia viver sozinho. Usou a atividade e a aventura para esconder, de si mesmo e dos outros, suas necessidades não correspondidas de conexão e cooperação. Quando colegas de trabalho e patrões se aproximavam demais ou ameaçavam sua autonomia, Paul encontrava uma maneira de passar para uma nova aventura. Felizmente para Paul, sua necessidade de controle no trabalho foi modulada em casa pela profunda união e afeição que sentia por sua esposa e filhos.

Ao ler este capítulo da perspectiva da Teoria da Construção de Carreira, reconheça como o *esquema de apego ansioso-evitativo* de Paul capacitou-o,

como ator social, a organizar e manter uma disposição de personalidade extrovertida e questionadora das normas. Preste especial atenção em como uma tragédia familiar interrompeu o que antes era um apego seguro. Essa perspectiva sobre a vida de Paul gera insights e hipóteses sobre as consequências de um esquema de apego ansioso-evitativo para a vida. Uma consequência forjada por sua necessidade de liberdade e flexibilidade é a sua estratégia adaptativa de evitar compromissos e exigir liberdade. Como um agente motivado, ele enfrentou desafios e fez escolhas usando um *esquema de promoção* e *ajustamento defensivo* para, como ele disse, "aceitar as coisas como elas vêm" e "apenas esperar e lidar com os problemas conforme eles surjam". Como um autor autobiográfico, Paul deliberou *com um esquema meta-reflexivo* para conceber uma identidade vocacional opositora e compor uma história de carreira de um Buscador que experimentou uma moratória perpétua (cf., Marcia, 2002).

Você também pode considerar como o esquema de apego ansioso-evitativo de Paul Dempsey difere do esquema de apego seguro de Robert Coyne (Capítulo 3) e do esquema de apego ansioso-ambivalente de William Garrod (Capítulo 4). Robert concebeu sua identidade e se tornou "um condutor", enquanto William aceitou uma identidade outorgada e tornou-se "conduzido". Paul compôs uma identidade inquieta, sem uma direção ou destino específico, e continuou "conduzindo". Improvisou uma carreira ao se conduzir habilmente por uma série de aventuras, cada uma delas permitindo-lhe se recompor e controlar as ameaças à sua autonomia. Agora, vamos permitir que Paul Dempsey nos instrua generosa e francamente sobre como um homem que, quando adolescente, acreditava pertencer apenas a si mesmo, se adaptou com êxito aos desafios sociais do trabalho e do casamento.

PARTE I

Retrato de vida de Paul Dempsey: Não é um trabalho, é uma aventura

Quando Paul estava no ensino fundamental, perdeu a mãe em razão de um problema cardíaco. Essa perda traumática é responsável por muito mais sobre ele quando menino e depois como adulto do que ele poderia imaginar. Na meia-idade,

ele lembrava apenas o suficiente sobre sua mãe para tornar o impacto de sua morte suficientemente aparente:

> *Ela era alta e esguia, com cabelos loiros como os meus. Ela era boa em costura e me fazia fantasias para as peças da escola. Na verdade, ela fez a maioria das minhas roupas pelo tempo que pôde. Eu ia a lugares com ela. Passamos muito tempo com minha tia, sua irmã, e meus avós que moravam perto. Sempre me senti muito amado por ela. Éramos muito próximos. Ela sempre me abraçava e conseguia cuidar de mim, embora estivesse doente o tempo todo e parecesse muito cansada. A última lembrança que tenho dela é que ela estava deitada no sofá, doente, enquanto eu enfeitava a árvore de Natal. Chorei muito quando ela morreu, não conseguia entender direito o que tinha acontecido.*

Como aluno do 9º ano, Paul descreveu o relacionamento próximo com sua mãe e lembrou que ela se preocupava muito com ele. *Ela não queria que eu fizesse coisas como esportes e aprendesse a nadar. Ela tinha medo o tempo todo.*

Família

Os pais de Paul se casaram quando ambos tinham cerca de 30 anos. Sua mãe continuou a trabalhar como secretária por vários anos, até que problemas de saúde a forçaram a pedir demissão. Paul relembrou, aos 40 anos, como sua mãe parecia ser solitária: *Meu pai nunca estava por perto para ajudar em nada. Ele não estava lá.* Descreveu seu relacionamento como frio:

> *Eles não eram tão amorosos um com o outro como eu achava que deveriam ser. Eles nunca discutiam, mas também nunca se beijavam ou se abraçavam. Eles eram apenas duas pessoas que viviam sob o mesmo teto. Eu via outras crianças cujos pais estavam juntos e eles iam a lugares juntos e faziam coisas juntos e eu não conseguia entender por que não podíamos fazer essas coisas.*

A partir da descrição de Paul do relacionamento de seus pais, não se pode determinar até que ponto ele poderia ter considerado seu pai responsável pelo que ocorreu e se a morte dela fomentou o ressentimento que ele relatou ter em relação a seu pai nos anos seguintes. Tudo o que ele sabia era que era mais próximo

dela do que dele e que, quando ela morreu, sentiu como se não houvesse mais ninguém que se preocupasse com ele, *eu estava sozinho*. Paul admirava sua tia, um espírito livre, que trabalhava como enfermeira. Infelizmente, Paul raramente a via porque *ela viajava por todo o país. Ela trabalhava em um lugar até que se cansasse daquilo e então ela simplesmente ia embora*.

O pai de Paul sempre foi praticamente um estranho para ele. Tendo trabalhado em uma variedade de empregos desde o momento em que concluiu o oitavo ano, o pai de Paul conseguiu comprar uma pequena lanchonete na época em que Paul nasceu e permaneceu lá desde então. Embora houvesse vantagens em possuir um empreendimento, isso exigia que ele estivesse em seu posto desde o amanhecer até o anoitecer todos os dias, exceto segunda-feira.

> *Realmente não consigo me lembrar muito sobre meu pai durante a minha infância. Ele estava trabalhando o tempo todo. Ele já estava na lanchonete quando eu me levantava de manhã e não voltava à noite até eu ir para a cama.*

O pai de Paul, dando continuidade à tradição de sua própria juventude, não se envolvia de forma significativa com a família. Entrevistado durante a nono ano de Paul no colégio, o pai de Paul se referiu às suas origens.

> *Meu pai era um homem pobre. Isso significava que todos nós tínhamos que trabalhar duro. Todos nós tivemos que sair e lutar pelo que tínhamos. Nada foi entregue a nós em uma bandeja de prata. Quaisquer centavos ganhos eram poupados. Era uma luta. Em vez de ir para o ensino médio, tive que me contentar com a faculdade dos duros golpes.*

Olhando para trás, aos 35 anos, Paul relatou que: *É uma coisa engraçada de se dizer, mas eu realmente sinto que porque ele não estava lá durante aqueles primeiros anos é provavelmente a razão pela qual as coisas são como são.*

Após a morte de sua esposa, o pai de Paul providenciou para que uma viúva que morava ao lado trabalhasse algumas horas por dia cuidando da casa e de Paul. Como Paul declarou durante sua entrevista no nono ano:

> *Ela não é tão amigável quanto minha mãe era. Certamente não é o arranjo mais maravilhoso do mundo, mas eu me dou*

> *bem com ela. Ela é bem velha e não gosta de crianças. Mesmo com aquela idade eu pude ver que eu realmente não era desejado lá; que eu estava apenas no caminho dela. As coisas simplesmente já não eram as mesmas.*

Até meados de seu primeiro ano no ensino médio, Paul foi subjugado à governanta dominadora, cuja palavra não era questionada por seu pai.

> *Ela estava sempre lá vendo tudo o que eu fazia. Isso realmente me amarrava. Nunca achei que pudesse fazer muitas das coisas que as outras crianças faziam. Eu estava sufocado. Ela tinha todo o tipo de ideias antiquadas. Por exemplo, tive que usar um casaco pesado até meados de junho. Sempre foi uma questão de "você não deveria fazer isso, não deveria fazer aquilo". Sempre senti pressão porque ela estava sempre observando. Isso me deixou um pouco rebelde. Eu acho que quanto mais "não faça" você coloca em uma pessoa, mais ela quer o que é proibido de ter. Além disso, aqui estava eu em busca de aceitação e nada do que fazia parecia agradar a ela ou a meu pai.*

Paul precisava chegar em casa cedo e não ficar acordado até tarde. A governanta obrigou-o a frequentar a escola dominical, onde as medalhas que ganhou por frequência dificilmente compensavam *a obrigação injusta que impunham a mim*.

Olhando para trás, aos 40 anos, Paul descreveu as reações de seu pai a ele durante a adolescência como *distantes, frias, não protetoras, injustas e tensas*. Outra restrição importante imposta a Paul cerca de um ano após a morte de sua mãe e continuando em seu primeiro ano no ensino médio foi a insistência de seu pai para que ele trabalhasse na lanchonete todos os dias depois da escola e nos finais de semana. Qualquer dinheiro que ele ganhasse não deveria ser gasto. Apesar dos 25 dólares por semana que ganhava por seu trabalho, ele relatou, aos 14 anos, que também não gostava dessa obrigação:

> *Eu não posso ir esquiar. Não há diversão depois da escola. Eu tenho que ter toda a minha diversão depois que escurece. Tenho muitas outras coisas que poderia fazer. Eu não queria estar lá, estar amarrado daquele jeito, eu queria estar com meus amigos e especialmente não queria estar sob a supervisão de meu pai. Sentia que precisava fugir de tudo para fazer o que queria.*

Crescimento de carreira

Infeliz com o relacionamento que tem com seu pai, resistente às tentativas periódicas de seu pai de controlar seu comportamento à distância, sentindo-se não aceito por uma governanta dominadora, distante de avós que eram muito velhos para cuidar de si mesmos e inseguro sobre onde e a quem realmente pertencia, Paul ansiava por uma proximidade e aceitação que não conseguia encontrar entre seus parentes. Os professores do ensino fundamental não tornaram as coisas melhores.

> *A escola que frequentei no ensino fundamental tinha uma atmosfera fria e impessoal. As crianças recebiam muito pouca atenção pessoal. Nunca consegui realmente ser próximo de nenhum dos professores.*

Essas circunstâncias mudaram, no entanto, quando sua classe do sétimo ano se mudou para um prédio menor:

> *Estar lá me deu uma sensação confortável. Nem tudo era concreto e aço. A professora se interessava por cada aluno. Eu poderia realmente ser próximo dela.*

Os anos do ensino médio de Paul foram felizes para ele:

> *Eu realmente me dava bem com os professores. Minhas notas eram excelentes. Na verdade, tirava acima de 90 em todas as matérias. Um professor era de caça e pesca, e eu era ativo no clube de caça.*

O clube de caça concentrou sua atenção na pontaria e arco e flecha. Ele já gostava de pescar, armar armadilhas, fazer armas de fogo e atirar com sua arma de pressão. No ensino médio, acrescentou o tiro ao alvo em argila e depois se tornou um líder no clube de caça e armadilha. Outra fonte de felicidade e estabilidade durante os primeiros anos do ensino médio de Paul era sua amizade com colegas que compartilhavam seus interesses e entusiasmos:

> *Construíamos aeromodelos, íamos à mesma igreja, íamos e voltávamos da escola juntos. Gostávamos de jogar futebol e beisebol. Éramos inseparáveis. Onde quer que eles estivessem, eu estava. Aonde quer que eu fosse, eles iam. Víamos as coisas da mesma maneira. Eu poderia me relacionar com meus amigos, um grupo do qual eu poderia ser próximo. Tornei-me*

> *dependente de amigos ao invés da família. Eu sentia que pertencia mais a eles do que à minha família.*

Como ele relatou muitos anos depois - Todo mundo tem que pertencer a alguma coisa, a alguém. Ele até atribuiu suas boas notas ao relacionamento que tinha com seus amigos.

Infelizmente para Paul, ele perdeu o contato com os amigos quando estava prestes a entrar no ensino médio. Seu pai comprou uma casa em um bairro mais próximo da lanchonete e com um colégio melhor. Paul estava muito triste. Mais uma vez Paul se sentia sozinho, um estranho em casa, na escola e entre seus novos colegas. O ressentimento de Paul em relação a seu pai ressurgiu quando ele declarou seu principal problema da seguinte maneira: *Minha família não se interessa o suficiente por mim*. Ele gostaria que seu pai passasse mais tempo com ele e, como não o fazia, Paul começou a rejeitá-lo como mentor e confidente:

> *Eu não falaria com ele sobre meus problemas. Ele é como um estranho para mim. Ele grita comigo de vez em quando, mas isso não me incomoda. Eu acho que ele nunca teve interesse em mim, então por que eu deveria me preocupar com o que ele tem a dizer? Ele me dá um pouco de dinheiro, mas não o suficiente para me sustentar.*

Aos 25 anos, Paul relatou:

> *Eu gostaria que meu pai tivesse passado mais tempo comigo. É importante, especialmente para um menino, ter a influência do pai. Sempre busco orientação de homens mais velhos porque não tive essa orientação quando era menino.*

Por exemplo, Paul disse que admirava *o tio de minha esposa porque ele tinha um negócio próprio. Ele me ensinou muito sobre mecânica*. Paul não tinha problemas com figuras de autoridade como mostrado por outro exemplo. Ele disse que havia dois policiais em meio período e três soldados estaduais na cidade. Aos dezesseis anos, ele gostava de beber com os três soldados, não tendo problemas para ser atendido porque estava com eles e agia como mais velho.

Exploração de carreira

Os interesses de Paul e a energia para persegui-los parecem ilimitados durante seus primeiros e últimos anos do ensino médio. Durante a entrevista no nono ano, seu pai reclamou:

> *Bem, ele precisa fazer uma coisa e persistir nela mais do que faz. Ele tende a pular de uma coisa para outra. Claro, ao ficar mais velho, ele pode se concentrar em uma coisa e ser bom nisso. Acho que é uma questão de idade. Quer dizer, acho que ele acabará se decidindo por algo. Eu não acho que ele vai continuar assim.*

Seu pai continuamente dizia: Ele vai de uma coisa a outra. O que ele faz é inteligente, mas ele perde o interesse.

Há a fotografia e até seu próprio quarto escuro no porão da casa do pai, onde passa muito tempo embora não seja caseiro, nunca tem ninguém lá. Consequentemente, a maioria de seus hobbies o mantém em movimento ou lida com viagens rápidas, de acordo com sua memória mais antiga: nas férias, íamos dar uma volta na casa do meu avô a cerca de 40 quilômetros de distância. Eu me sentia muito feliz. Seu hobby especial era fazer aeromodelos, com os quais participou de competições como membro de um clube dedicado a essa atividade. Paul também fez modelos de carros de corrida e brincou com pistas de ferrovias. Ele fez seu próprio carro de corrida de caixa de sabão e participou de corridas locais. Apesar de não ter nenhum interesse especial por esportes, aprendeu a patinar e a nadar e ficou satisfeito com as novas conquistas. No inverno ele ia esquiar e no verão gostava de fazer caminhadas na floresta. Aos doze anos ele aprendeu a dirigir um carro, aos quatorze ele possuía um caminhão-plataforma e aos dezesseis ele dirigia um reboque.

Durante sua entrevista inicial, Paul explicou como ele estava economizando dinheiro de seu trabalho na lanchonete para fazer uma viagem a Montana nas férias de Páscoa. Ele iria com sua tia visitar um primo. Eu quero muito fazer a viagem. Quando perguntado "Por quê?" Paul respondeu: Apenas para ter uma aventura, eu acho. Eu gosto de fazer coisas só por fazer. Questionado sobre outros exemplos, respondeu: Eu realmente não posso dizer. Quer dizer, fazer novas conquistas, fazer coisas que nunca fiz e tudo mais. Isso meio que dá a sensação de superioridade, pode-se dizer.

Além de estar em movimento, Paul gostava de ler histórias de mistério e quaisquer livros relacionados com eletricidade, um de seus principais interesses:

> *Quando eu era criança, vi minha mãe ligando um interruptor. Quando coloquei um grampo de cabelo no interruptor, tomei um pequeno choque. Daquele momento em diante eu me perguntei o que o fizera pular daquele jeito. Isso ficou na minha mente. Embora ninguém tenha prestado muita atenção aos meus pequenos experimentos elétricos com plugues e tomadas e baterias, com o passar do tempo fui progredindo e fui conhecendo mais a respeito. Você nunca aprende o suficiente sobre eletricidade.*

Antes de entrar no ensino médio, ele ansiava pela faculdade, onde planejava se formar em engenharia elétrica: *acho que também posso tentar o mais alto em eletricidade, tendo o céu como limite.* Seu pai havia prometido dar-lhe toda a educação que ele pudesse pagar. No nono ano, Paul selecionou um currículo pré-universitário e queria estudar engenharia elétrica ou ciências elétricas na faculdade. Quando questionado sobre o que seria uma vida de sucesso para ele, Paul profeticamente respondeu: *Você terá sucesso se fizer o que desejar fazer.* Durante sua entrevista no nono ano, Paul disse que se ele não fizesse algo com eletricidade, provavelmente faria vendas, mas *não seria em uma loja onde eu ficaria enfiado o dia todo esperando as pessoas entrarem. Em vez disso, eu sairia para vender, então eu poderia ir e vir quando quisesse.*

Quando Paul chegou ao último ano do ensino médio, estava totalmente alienado de seu ambiente acadêmico: *faço o máximo de trabalho que posso e o que não faço não me incomoda. Se estou com vontade de ir para a escola, eu vou, e se não estou com vontade, não vou.* Embora gostasse de desenho mecânico e loja de automóveis, ele parou de se preocupar com suas notas e considerava a escola irrelevante para seus limitados objetivos vocacionais:

> *Então talvez eu não fale perfeitamente, mas devo me preocupar com isso? Eu não tento com muito afinco. É um pouco tarde para isso. Não consigo ver onde a escola vai me fazer bem. Está aqui, e eu tenho que ir, então eu vou. É sobre isso.*

O vice-diretor, que o repreendeu por causa do cabelo comprido e por usar botas e macacão, avisou-o: *Se você sair da linha mais uma vez, vou expulsá-lo. Paul ficou longe de casa tanto quanto pôde.*

> *Só fico ali o tempo suficiente para comer e dormir. Meu pai não está muito em casa e acho que não tenho ninguém com quem me preocupar, a não ser comigo mesmo. Eu estava na rua o tempo todo. Passava as minhas tardes com a turma na esquina falando sobre garotas, bebia um pouco, jogava cartas por dinheiro no fundo da pista de boliche, ia a bares.*

Como ele disse 20 anos depois,

> *Eu estava fazendo o que queria e ninguém me impedia. Meu pai não estava por perto, então ele realmente não sabia o que estava acontecendo. Depois que minha mãe morreu, eu fiquei muito confuso, não sabia que direção tomar. Não sabia a que lugar pertencia. Por fim, tornei-me mais próximo de meus colegas do que da minha família, e me senti isolado como um parente pobre. Eu estava esperando que meu pai se envolvesse mais comigo, para interferir quando eu precisasse, mas ele nunca o fez. Eu senti como se estivesse preso à sua vida. Por fim, decidi que só pertencia a mim mesmo e não iria procurá-lo para nada. Acho que estava procurando companhia como eu tinha com meus amigos antes de nos mudarmos, alguém de quem eu pudesse ser realmente próximo. Mas eu nunca encontraria isso novamente. Provavelmente foi por isso que me casei tão jovem.*

Em muitos aspectos um adulto antes de seu tempo, autossuficiente por necessidade e devido a uma rebelião ressentida, Paul aprendeu muito *nas ruas* onde fumava, bebia e atirava com armas de fogo. Ele agia e parecia mais velho do que sua idade. Aos 25 anos, Paul disse que no ensino médio ele *se graduou em meninas*. Ele tornou-se sexualmente ativo aos quatorze anos: *passei por dezoito namoradas em um ano*! Quando questionado sobre como se sentia em relação a namoro, ele respondeu que, quando adolescente, levava garotas a motéis em vez de ao cinema. Aos dezesseis anos, ele começou a dirigir um reboque sem licença e a transportar produtos para a cidade, onde passava as primeiras horas da manhã bebendo em bares, cercado por mulheres muito mais velhas do que ele. Seu pai ainda estava disposto a pagar a faculdade, mas Paul desistiu desses planos dizendo que: *Eu simplesmente não quero ter que ir*. Além disso, *a engenharia elétrica é um trabalho principalmente interno*, um lugar em que ele não queria estar. Quando questionado, ainda no último ano do ensino médio, a descrever a si mesmo, Paul afirmou:

> *Eu sou uma espécie de idiota genérico. Eu faço o que quero fazer. Eu conduzo minha própria vida e sinto que todos deve-*

> *riam cuidar das suas. Se eu realmente quero fazer algo, vou até o fim. Se eu realmente não quiser, em princípio, fazer algo, ora, eu não faço ou apenas faço pela metade. Do contrário, para falar a verdade, nunca paro para pensar. Do jeito que eu me sinto, pensar é ruim para você. Então, eu nunca faço isso. Eu me concentro na minha própria vida e deixo que todo mundo cuide da sua.*

À medida que se aproximava a formatura, Paul pensou em depois fazer uma viagem de carro pelos Estados Unidos, ele entraria na Força Aérea: *Uma ambição minha é viajar e conhecer o país. Tenho uma necessidade real de viajar.* Como um finalista do ensino médio, ele colocou mil milhas por semana em seu carro. Seu fascínio por carros, junto com sua aptidão excepcional para construir e consertar máquinas, despertou seu interesse em se tornar um mecânico e, eventualmente, possuir sua própria oficina, mas mesmo essas aspirações foram silenciadas pelo fato de que como apenas um aluno de último ano do ensino médio, ele já estava ganhando 300 dólares por semana como motorista de caminhão. Como um finalista, ele resumiu sua visão do futuro dizendo, *apenas espere e resolva os problemas conforme eles surgirem.*

Durante seu último ano, Paul conheceu uma garota um ano mais velha que ele. Ela ficou fascinada por um garoto do ensino médio tão familiarizado com o jeito do mundo: *eu agia como muito mais velho do que era, já estava em todo lugar. Eu poderia fazer qualquer coisa que quisesse sem restrição, acho que ela me via como um aventureiro*. Era importante para Paul o fato de que ele podia *sentar e conversar horas a fio com ela*, havia uma abertura real. Sua nova amiga íntima o convenceu a terminar o ensino médio, e eles se casaram logo após a formatura:

> *No começo foi realmente uma festa. Gostávamos de carros velozes, bebendo, festejando. Estávamos ambos trabalhando, mas tínhamos muito tempo um para o outro. Comíamos fora sempre que tínhamos vontade.*

Seu estilo de vida mudou com a chegada da filha, e pouco mais de um ano depois, com o nascimento de um filho. Trabalhando como mecânico para uma concessionária de automóveis e com sua esposa em casa com os filhos, Paul apreciava suas novas circunstâncias:

> *Era como pertencer a um grupo familiar de novo, me senti seguro. Havia algo sólido no que tínhamos.*

O único problema era a insatisfação de Paul com seu trabalho. Durante os primeiros cinco anos de casamento, Paul trabalhou primeiro como motorista de caminhão e depois como mecânico para a Patrulha Rodoviária Estadual. Por causa de suas excelentes habilidades mecânicas, o gerente da oficina o tornou também responsável por manter grandes quantidades de equipamentos em funcionamento. Dadas essas responsabilidades extras, Paul ficou insatisfeito com sua remuneração, que mal lhe permitia pagar a hipoteca e os pagamentos do automóvel. Os esforços para aumentar sua renda incluíram trabalhar como mecânico em uma oficina local e como chef de um serviço de catering. Trabalhos suplementares como esses continuaram mesmo depois que ele renunciou ao cargo no Estado e foi trabalhar como aprendiz de telhados. Esta nova posição de tempo integral acabou sendo quase tão desagradável quanto seu emprego anterior.

Aos 25 anos, Paul se viu em uma dispensa sazonal e ficou desempregado. Ele viu muito pouca chance de progresso, reclamava do *trabalho sujo*, sentiu-se desprezado pelos donos da casa e ficou especialmente ressentido com o desrespeito de seus patrões por ele: *Ninguém nunca me deu um tapinha nas costas e me falou sobre o bom trabalho que fazia*. Sua família mal conseguia sobreviver, às vezes sendo forçada a comer qualquer comida que pudesse trazer de uma viagem de caça. A tensão aumentou entre ele e sua esposa, e por um curto período Paul mudou-se de casa. O fato de que ele e sua esposa estavam tentando comercializar suas próprias armas de fogo e a loja de suprimentos de caça ao lado contribuiu para a deterioração da situação: *Exigia fins de semana. Exigia noites*. Ele atribuiu o problema de estômago que começou a sentir à pressão de um negócio que se tornara grande demais para ser realizado em regime de meio período. Lembrando-se do preço que seu pai tinha que pagar para viver seu negócio seis dias por semana, Paul vendeu todo o seu estoque e decidiu seguir em uma nova direção, na qual pudesse se sentir livre.

Eu não podia trabalhar internamente. Prefiro estar do lado de fora, onde posso me mover e me sentir livre. Parece muito melhor. Não quero ficar na barra da saia de ninguém.

Estabelecimento de carreira

Convencido há muito tempo de que sua cidade natal tinha pouco a oferecer a eles, Paul e sua esposa venderam a casa e se mudaram para o outro lado do país:

> *Foi a melhor coisa que já fiz. Senti a emoção de mudar para uma nova área, uma nova casa e, eventualmente, um novo emprego. Foi realmente um ano emocionante.*

Em pouco tempo, ele foi contratado por um serviço de remoção de árvores da região. Satisfeito com seu trabalho, a empresa primeiro lhe deu o cargo de chefe de equipe e depois o de supervisor para todas as equipes. Aos 35 anos, ele contabilizou suas promoções da seguinte forma:

> *Apenas siga em frente e faça o que for preciso. Não sei o suficiente para desistir. Uma coisa é certa, não levo nada muito a sério. Não vejo coisas que acontecem como uma questão de vida ou morte. Quando o clima no inverno ficou difícil, fechei o escritório e tirei duas semanas de férias no Havaí. Você não pode levar a vida tão a sério. Acima de tudo, você não pode se permitir perder a confiança. Você tem que acreditar em si mesmo, independentemente do que aconteça. As coisas sempre vão mudar. Você tem que ser capaz de pegar o que está à mão e fazer o que puder com isso.*

Ele finalmente conseguiu o cargo de gerente na empresa e ficou satisfeito com quase todos os aspectos de seu trabalho: o fato de ser permanente e de oferecer todos os dias uma variedade de desafios. Ele relatou: *O dia passa rápido. Não há tempo para ficar sentado. Estou aprendendo novos truques todos os dias. É um jogo totalmente novo todas as vezes que vou trabalhar.* Ele gostava especialmente de que, *se houver um problema, posso ir direto ao proprietário. Ele ouve você, tenta entender seu ponto de vista.* Ele também gostava do relacionamento que tinha com os 75 homens que trabalhavam para ele. Tentou não *dominá-los* e acreditava que seu respeito por ele era inspirado não tanto por sua autoridade formal, mas por como ele se comportava com eles. Havia pressão, com certeza, mas

> *quando ficava demais, eu fazia algo selvagem para aliviá-la. Por exemplo, eu dirigia um caminhão pelo pátio por meia hora. Algumas noites eu pegava minha motocicleta e seguia os fios de transmissão de energia por um tempo.*

Por mais importante que seu trabalho fosse para ele, claramente ficava em segundo plano em relação à sua casa e família, com quem desfrutava inúmeros passatempos. Ele e a esposa faziam um cruzeiro todos os anos. A família inteira passava grande parte do tempo na floresta com suas motos de neve. Eles tinham um trailer de viagem e iam acampar pelos Estados Unidos. Ele se deliciava com algumas das aventuras que ele e seus amigos costumavam fazer, como ir a quase 160 quilômetros de distância apenas para tomar um café ou entrar no carro sem um destino específico em mente e terminar em algum lugar novo. Paul continuou a obter profundas satisfações de seu casamento, estava satisfeito com o relacionamento que tinha com sua esposa, que não me incomodava ou me amarrava, e tinha orgulho das realizações de seus filhos. Como pai, ele tentou não dizer não aos meus filhos. Os primeiros anos, quando ele foi forçado a passar muito tempo fora de casa em uma variedade de empregos mal remunerados, foram como um pesadelo:

Eu só queria não ter perdido tanto da infância dos meus filhos como meu pai fez com a minha. Espero ter me recuperado a tempo de fazer com eles a mesma coisa que ele fez comigo. Eu me sinto enganado. Eu realmente sinto. Sinto como se parte da minha infância tivesse sido roubada porque ninguém estava lá para me ajudar a aproveitá-la.

Embora um líder em sua comunidade - ele era Juiz de Paz e Presidente do Comitê Municipal - e um funcionário altamente considerado em uma empresa em expansão que achou por bem dar-lhe responsabilidades crescentes, a principal busca de Paul permaneceu o que sempre foi, por uma liberdade e uma alegria infantil que ele nunca conheceu em sua juventude. Ele relatou, aos 40 anos, *eu não deixo as pessoas me dominarem*. Esperava se aposentar em 15 ou 20 anos, quando *venderia a casa, compraria um pequeno trailer e viajaria com minha esposa*. Ele queria *ser capaz de mudar minha vida sempre que eu quisesse e seguir em uma direção diferente*, totalmente livre de convenções, o oposto de seu pai, cuja vida representou pouco mais do que uma sobrevivência estéril para ele e uma angústia para seu filho: *procuro me divertir ao máximo, desde que não faça mal a ninguém*. Exemplos disso foram as vezes em que ele

subiu em sua motocicleta ou em sua moto de neve para escapar de um ambiente que sempre ameaçava destruí-lo:

> *Eu saio para o deserto onde não há ninguém por perto, onde não há nada por perto, apenas silêncio completo. Você olha ao redor e pode ver o cervo correndo pela floresta. Pode haver uma sensação fantástica de liberdade quando você não está preso a janelas e portas.*

Por razões não muito difíceis de entender, ele se recusava a ser acorrentado por qualquer coisa ou pessoa, não saltava por obstáculos que não fossem de sua própria autoria, em seu esforço não totalmente malsucedido, de reivindicar para si pelo menos tanto quanto tinha sido frequentemente a ele negado.

Gerenciamento de carreira

Infelizmente, depois de nove anos no serviço de remoção de árvores, Paul foi demitido de um emprego em que fora muito bem-sucedido, substituído por duas pessoas cujos salários somados eram muito menores do que o seu. Desnecessário dizer que foi um choque:

> *Fiquei muito chateado naquele dia. Sentei-me em uma cadeira e disse a mim mesmo: "Aqui estou, com 40 e tantos anos, e não tenho emprego. Estou com sérios problemas aqui. Como vou pagar minhas contas? Vejamos esta coisa de forma realista. Não é o fim do mundo. Vou arranjar outro emprego". Então comecei a fazer contas. Dado o fato de que eu não tinha que fazer tudo isso, dirigir para o trabalho e ter minhas roupas lavadas a seco todos os dias, e que eu não teria que pagar nenhum imposto sobre o seguro-desemprego e que eu tinha oito semanas de indenização no bolso, quando terminei e descobri o que tinha sobrado, na verdade ganhei dinheiro! Então disse: "Bem, acho que vou tirar o verão de folga e passá-lo com as crianças", e foi o que eu fiz. Meu filho e eu andamos de motocicleta durante todo o verão na floresta. Minha filha e eu visitamos museus e fizemos todos os tipos de coisas juntos. Nos divertimos muito durante o verão. Então as crianças voltaram para a escola, e eu disse: "OK, agora é a hora de ir trabalhar. "Quando entrei na indústria, eu era ou subqualificado ou superqualificado. Ou era muito jovem ou muito velho. Então aqui me vi não empregável e disse, "Verei o que posso fazer".*

Um bom amigo veio em seu auxílio com um trabalho como mecânico de ônibus que durou apenas três meses, seguido de um trabalho como agente de uma corretora de mercadorias que faliu quatro meses depois, devendo muito dinheiro a ele: "Aqui estamos. Agora o que vamos fazer? Eu disse: "Bem, vamos jogar fora isso e ver até onde podemos chegar."

Ele levou isso longe o suficiente para pegar o que aprendeu com a corretora falida que lhe devia ressarcimento para se tornar um agente representante de dois corretores de frete diferentes. Ele trabalhava por comissão como um contratado independente que combinava os clientes expedidores com as transportadoras. Ele amava a variedade e a liberdade. Ele poderia trabalhar em ambiente externo, de seu carro, ao prospectar novos clientes, fornecia transportadoras, combinava expedidores com transportadoras, negociava com expedidores e transportadoras, despachava caminhões, agendava entregas, resolvia problemas e gerenciava conflitos.

Um dia ele recebeu um telefonema do presidente da maior das corretoras:

> *"Ei, estou com um problema. Tenho que te ver imediatamente. Pegue o próximo avião e venha aqui. Tenho que falar com você". Achei que era problema. Seu despachante me pegou no aeroporto e me levou ao escritório. Eu disse: "Puxa, Charlie, qual é o problema?" Ele disse: "Não quero nem falar com você sobre isso. Vamos tratar disso depois do almoço". Então, tivemos um almoço muito chique, voltamos para o escritório e sentamos lá enquanto sua secretária trazia café. Eu disse a ele: "Ok, agora qual é o problema?" Ele disse: "Tenho grandes problemas, alguns dos quais você já ouviu falar, outros não. Tenho 50 agentes trabalhando para mim e tenho problemas com 49 deles. Você é o único com quem não tenho problemas. Você é o único agente que já gerou lucro para mim".*

O lucro que o presidente mencionou resultou da engenhosidade de Paul. Ele havia descoberto uma maneira de transportar um certo tipo de material de isolamento pela estrada. Todos ficaram satisfeitos:

> *Muitos caras estavam fazendo duas viagens por semana, ganhando muito dinheiro. Esses motoristas realmente ganharam algum dinheiro com isso. Eles estão recebendo uma porcentagem disso. Eu estou recebendo uma porcentagem. Smith continua me alimentando com pistas e cargas e tudo o mais. Estamos indo muito bem!*

Nesse ponto, Paul estava trabalhando fora de sua casa. Ele tinha mais negócios do que poderia cuidar sozinho, então ele contratou um sócio.

> *Trabalhamos nos fins de semana por cerca de três meses, resolvendo tudo isso com esses caras e conseguindo dinheiro para eles. Agora eles estão comprometidos conosco. A reputação se espalhou. As empresas de transporte são muito famintas. Eles estão sempre procurando por mais trabalho, mais trabalho, mais trabalho. Contratei várias outras empresas de transporte rodoviário.*

Outro exemplo da engenhosidade de Paul foi quando soube que uma certa grande empresa de papel estava três meses atrasada em suas entregas. Eles precisavam de seis vagões ou 18 caminhões de papel entregues o mais rápido possível. Sua proposta de que trailers refrigerados fossem usados foi recebida com um ceticismo inicial:

> *Ele diz: "Não, não posso usá-los porque têm ondulações no chão." Eu disse: "Olha, tudo bem. Que tal se colocarmos o piso de madeira nos trailers? Ele disse: "O que você quer dizer?" Eu disse:" Bem, tenho algumas ideias em mente. Ok, hora de colocar as cartas na mesa. Eu sei por que você precisa de mim agora. Você tem 15 pés de neve e eles não podem mover nenhum vagão para lugar nenhum. Mas o que acontece quando os interruptores derretem e o gelo derrete e as estradas ficam vazias e secas?" Por isso, ele diz: "Assumirei este compromisso com você: qualquer percentual da minha carga que você leve para fora daqui durante o inverno, eu lhe darei no verão". Então eu disse: "Ok, vamos tentar".*

Mas como ele iria conseguir o painel que ele precisava para cobrir o chão?

Eu parei para ver esse cara em uma nova madeireira localizada na beira da estrada. Eu disse a ele: "Olha, se eu enviar um trailer aqui, vai levar 12 metros, ou dez placas de madeira compensada para fazer o chão do trailer. Mas o trailer não tem 2,5 metros de largura, então vamos tem que cortar isso". Ele me diz: "Vou te dizer uma coisa. Já que você vai usar muito disso, vou cortar para você de graça!" Eu disse: "Ótimo! Sem problemas!" O cara estava tão feliz na serraria que cortava as placas com antecedência e colocava o compensado na frente, deitando-as no chão para que quando os caras passassem no meio da noite, eles

apenas pegavam as 10 placas de compensado, as jogavam na parte de trás do caminhão e seguiam em frente. Nesse ínterim, os trailers foram muito melhorados e, em vez de pisos corrugados, começaram a fazer o que chamavam de piso de 'barra em T'. Então, de repente, eu disse a esse cara no interior do estado: "Você pode querer dar uma olhada em alguns desses. Alguns deles podem não precisar de madeira compensada". Ele disse: "Tudo bem, antes de você compensar mais um desses, deixe-me dar uma olhada neles". Então, de repente, passou de um ponto em que eles nunca carregavam trailers refrigerados a um ponto em que ele só carregava trailers refrigerados! Vou te contar, destruí a indústria de doces e a indústria de peixes da região. Esses caras não começariam a transportar peixes ou doces quando podiam transportar papel. Transformamos isso em uma mudança de faixa de tráfego de $ 6,5 milhões por ano. Lembre-se, eu estava recebendo entre 8% e 10% desse dinheiro. Nós realmente ganhamos muito dinheiro com isso!

Paul estava exatamente onde queria estar. Seu negócio estava florescendo. Ele tinha aproximadamente 60 caminhões à sua disposição. Ele era o maior transportador de bronze, latão, cobre e maquinário de sua região. Ele havia tirado o escritório de sua casa porque tinha mais de uma dúzia de pessoas trabalhando para ele. Só suas contas de telefone chegaram a US $ 25.000 por ano. A única desvantagem era que ele não estava feliz por estar tão ocupado em seu escritório e não na estrada. Ele decidiu reduzir. Uma das pressões indesejáveis era sua competição. Outros não puderam deixar de notar seu sucesso e então tentaram imitá-lo.

> *Quando você tem sucesso, todos tentam copiar o que você faz. Eles acham que também podem fazer isso sem o meu envolvimento. Eles tentaram reduzir minha taxa, reduziram-na. Eu ainda aguentei por vários anos. No que me diz respeito, eles poderiam ter toda a carga que quisessem, mas se você não conseguir caminhões para transportá-la, eventualmente você terá que nos ligar! Eu disse aos clientes: "Ei, vocês são fofos. Vocês estão aprendendo. Vocês estão fazendo o que têm que fazer, mas quando ficarem parados, me liguem e então discutiremos o que vou cobrar de vocês para movimentá-los. Mas lembrem-se, se vocês não me ligarem primeiro, minhas taxas dobram antes de vocês saírem pela porta!" Às vezes, eles*

> *tinham um pequeno ataque cardíaco. Eles engoliam em seco e finalmente diziam:» OK, venha e pegue. Temos que tirar isso daqui!" Irritei pra caramba muitas pessoas, mas com o que eu me importava?*

Havia outras moscas no creme também.

> *Há muitos indivíduos estúpidos por aí dirigindo caminhões. Eles estão cansados, muito cansados porque estão trabalhando muitas horas. Eles estão frustrados. Eles estão irritados. Eles estão exasperados. Eles tendem a descontar tudo nas pessoas com quem entram em contato. A linguagem deles pode ser muito desagradável. As coisas podem ficar um pouco complicadas de vez em quando!*

Em um esforço para neutralizar quaisquer calúnias sobre ele em que as pessoas estivessem prontas para acreditar, Paul decidiu que deveria ser totalmente aberto com todos. Quer fossem motoristas de caminhão, funcionários ou investigadores do Departamento de Transporte, Paul era escrupulosamente honesto e mantinha registros cuidadosos de suas transações.

> *Agentes, corretores, seja o que for, têm as reputações mais horríveis do mundo. Todos que já lidaram com eles pensam que são um bando de vigaristas. Não é verdade. Não é verdade no meu caso. Sou muito estúpido para ser!*

Solicitado aos 54 anos para descrever essa estratégia, ele explicou:

> *Tento ser o mais honesto possível, o que nem sempre é fácil. Sou extrovertido, às vezes extrovertido demais. Às vezes sou um agitador. O que quer que você diga, você tem que estar pronto para viver com isto. Nunca me achei realmente competitivo. Nunca me prostituí para superar outra pessoa. No ramo de caminhões, eu sabia quanto tinha de cobrar para ter uma vida confortável para mim e meus motoristas, e tornei isso conhecido logo de cara. Eu não me importava com o que as outras pessoas estavam fazendo. Eu poderia ter ganhado mais dinheiro se fosse mais competitivo, mas não queria fazer assim!*

Enquanto isso, os negócios começaram a desacelerar. Dezenas de empresas de transporte rodoviário que estavam no mercado há anos haviam falido. A competição havia se tornado tão intensa que apenas as maiores empresas, que ganhavam

dinheiro de outras maneiras, conseguiam absorver o dinheiro perdido no transporte de cargas. Paul, caracteristicamente, avaliou a situação e tomou uma decisão.

> *Eu tirei alguns anos de folga! Comecei a trabalhar com barcos e brincar perto do oceano. Comecei a entregar barcos para cima e para baixo na costa. Isso é parte do que estou fazendo agora. Mas me cansei de ficar sentado sem fazer nada, então voltei a trabalhar, desta vez para a empresa que originalmente me demitiu há dez anos. Nesse momento, eles estavam perdendo cerca de $ 500.000 por ano. Eu e o presidente mudamos tudo em seis meses. Portanto, agora era uma organização com fins lucrativos. Então seus três irmãos o demitiram!*

Paul continuou por um tempo com esta empresa, embora tenha visto o futuro escrito na parede:

> *O vice-presidente executivo e eu não nos demos bem. Ele era um verdadeiro idiota, um daqueles caras que dirigia empresas de transporte por caminhão em todo o país. Ele tinha trabalhado com outras empresas e foi desligado porque era muito ruim. Para mostrar como ele era míope, certa vez me disse: "Não posso assinar sua conta de despesas esta semana". E eu disse: "Qual é o problema?" Ele respondeu: "Não alugamos Cadillacs quando viajamos". Eu respondi: "Ah, sim! O que você aluga?" Ele disse: "Alugamos Fords". Eu disse: "Oh, que bom. Não entro nessas coisas muito bem. Preciso de algo grande". Discutimos a taxa de cada carro, apenas uma diferença de seis dólares, e depois o fato de que na última viagem eu dirigi 200 milhas e ele dirigiu apenas seis. Como eu disse a ele, eu precisava estar confortável, precisava impressionar algumas pessoas e precisava chegar lá ligeiro. Acontece que ele pagava 40 centavos por milha, enquanto eu não cobrava nenhuma milhagem! Ele jogou a conta de despesas para mim e não quis assinar. Então, levei o assunto ao gabinete do presidente e disse: "Você precisa fazer alguma coisa a respeito desse idiota!" Então, ele liga para o gerente do escritório e diz: "Olha, de agora em diante, se eu não estiver aqui, ele pode assinar sua própria conta de despesas. Basta pagar a ele. Não se preocupe com isso. Eu cuidarei disso". Foi isso. Dali em diante, nunca mais houve dúvidas. Mais tarde, quando o idiota assumiu a empresa, ele tentou me incomodar por um tempo e, quando me recusei a cooperar, fui porta afora.*

Paul estava agora "aposentado" de novo, mas não se contentava em ficar zanzando pela casa. Então, quando lhe ofereceram um emprego como supervisor de uma empresa de gás engarrafado no sul para trabalhar em tempo integral durante os seis meses agitados do ano, ele aceitou. Em uma semana, ele e sua esposa colocaram sua casa à venda e em um mês compraram a casa onde moram desde então. Após três anos, Paul comprou uma loja de armas de fogo e assumiu o controle. Este empreendimento foi bem-sucedido, mas não atraente o suficiente para afastá-lo do trabalho com os barcos de que sempre gostou. Com sua licença de mestre, Paul recebeu uma oferta de trabalho como mecânico náutico. Ele o manteve desde então:

> *Fazemos tudo. Fazemos encanamento. Fazemos elétrica. Fazemos geradores e motores a diesel e a gás. É realmente bom. Algumas pessoas trazem barcos grandes de verdade das Bahamas para o inverno e os levam de volta em abril. É muito divertido. Nós temos bons momentos fazendo isso. Trazemos muitos barcos bem aqui, bem atrás do meu próprio barco na minha doca.*

Neste momento ele também passa tempo na pequena lagoa onde seu barco está ancorado, a apenas 50 pés de uma espaçosa varanda traseira, de onde ele pode ver as idas e vindas de outros barcos, às vezes reclamando daqueles que desrespeitam os limites de velocidade e vão embora, o que causa problemas a embarcações menores, Paul assumiu outra aventura. Ele havia acabado de começar a treinar policiais no uso de armas de fogo, outra paixão sua. Ele pretendia vender equipamentos de treinamento para os departamentos de polícia locais, para que os trainees pudessem praticar com armas equipadas com acessórios altamente sofisticados. Por que essa nova virada?

> *As pessoas te dão ideias. A maioria delas não dará nenhum dinheiro. A maioria nunca vai dar certo. Mas ei! Podemos discutir isso. Você meio que cai nesta e diz: "Isso não vai ser um trabalho, será uma aventura!"*

Até mesmo uma reviravolta nos acontecimentos que ameaçava encerrar essa aventura é levada a sério:

> *No dia seguinte em que minha esposa conseguiu um emprego de tempo integral, e agora tínhamos cobertura total de seguro saúde, eu tive um ataque cardíaco. Nenhum de nós tinha pro-*

> *blemas médicos. Eu parei de fumar e ganhei 18 quilos entre junho e outubro. Talvez aquilo tenha algo a ver com isso. O ataque cardíaco foi tão forte que o coração se soltou do revestimento ao redor do coração. Você podia ouvir o atrito do coração enquanto batia contra o revestimento. Eu tenho uma artéria que está 100% bloqueada, duas que estão bloqueadas cerca de 75% ou algo assim, e uma que está praticamente aberta. Tenho tomado medicamentos e em dieta desde então. Além disso, também desenvolvi diabetes.*

Apesar dessa mudança em suas circunstâncias, elas o desaceleraram apenas um pouco. Aos 59 anos, ele continua ativo em vários deveres cívicos e associações de voluntários e continua a ter uma visão otimista:

> *Parece não haver um fim à vista. Eu gostaria de viajar mais. Gostaríamos de pegar nosso barco e subir a costa leste, através dos Grandes Lagos e descer o Mississippi. Temos amigos em toda a costa, em Charleston, em Norfolk, em Baltimore. Assim que minha esposa se aposentar, partiremos. Eu nos vejo em muito boa forma naquele momento.*

Sua perspectiva é evidente na maneira como ele descreve o final da vida de seu pai:

> *Ele trabalhou até uma semana antes de morrer, aos 84 anos. Quando vendeu a lanchonete, foi trabalhar dirigindo um táxi. Foi ótimo! Ele amava! Ele podia conversar com seus amigos e estar fora de casa, e ele achava isso ótimo. Mas depois que ele teve vários acidentes com seu carro, a empresa de táxis decidiu que não queria mais que ele dirigisse e o colocou para trabalhar na garagem. Ele amava isso também. Isso deu a ele algo para fazer todos os dias. Como ele disse: "Tenho que ter um motivo para me levantar de manhã, certo?*

A descrição de Paul da vida profissional de seu pai certamente inclui um sentimento semelhante à maneira como ele mesmo lidou com as várias transições em sua própria vida. Cada uma delas exigiu uma flexibilidade que o deixava ainda sobre os próprios pés, permitindo-lhe continuar imperturbável. Nas mãos de uma pessoa como Paul, a vida se torna muito parecida com um jogo de xadrez, um desafio que nunca termina, mesmo quando um jogo em particular termina em xeque-mate. Sempre haverá outro jogo com novos movimentos e resultados diferentes. Quando

Paul descreve como tem sido sua vida profissional para ele e relata experiências que outras pessoas podem achar angustiantes, a impressão principal é que ele é uma pessoa que não é definida pelos eventos. Seu envolvimento enérgico no mundo do trabalho não parece indicar questões não resolvidas do passado. Seu senso de valor próprio não parece depender de nenhum resultado em particular. Ele não é impulsionado por uma dúvida que pode transformar fracassos momentâneos no abismo do desespero ou sucessos momentâneos na fuga dos Serafins. Os erros sempre podem ser corrigidos; as vitórias sempre dão lugar aos reveses. Isso não quer dizer que o tempo que passa no trabalho seja destituído de paixão, mas que, por falta de ansiedade, ele pode ser apaixonado por muitas coisas. Sua energia não é desperdiçada com pânico e, portanto, pode ser gasta para servir aos objetivos do momento. Apesar de um rastro de incertezas quando o próximo passo a ser dado não estava claro, Paul nunca pareceu estar arruinado, perdido ou de alguma forma desesperado. Esta trilha incluiu ser demitido como gerente de empresa de um serviço de remoção de árvores, ser dispensado novamente após três meses em outra empresa, perder um emprego de quatro meses em uma empresa que faliu, anos de trabalho autônomo como agente de frete o que terminou quando toda a indústria começou a vacilar, um emprego de curta duração como mecânico em uma empresa de ônibus até que ele foi demitido novamente e, finalmente, seu retorno a viver e trabalhar em torno de barcos em uma situação de trabalho que considera completamente agradável.

Como pode ser essa a história de trabalho de um homem que relata que sua carreira foi gratificante? Existem várias razões. Ele conhece bem a fortuna financeira. Tem desfrutado de respeito e admiração em sua comunidade e fora dela. Ele criou uma família que viveu junto de uma maneira que nunca havia conhecido em sua infância. Ele se aventurou a assumir riscos que seu pai nunca havia assumido e abraçou a vida como sua mãe nunca o faria, para grande consternação de seu filho. Se olharmos profundamente, podemos encontrar em Paul o que pode ser denominado um espírito indomável, uma habilidade incomum de dar um passo atrás e examinar suas opções sem pânico, uma recusa em se ver como vítima e uma curiosidade insaciável sobre o que cada novo capítulo de sua vida pode trazer. Como ele disse quando estava no décimo segundo ano, *espere e trate dos problemas quando surgirem*.

Paul foi um analista perspicaz, cujas decisões não foram tomadas com pressa frenética, cujos planos sempre incluíram etapas e passagens preparadas por lições previamente aprendidas, seja dolorosamente ou com pouco esforço. Sua criatividade não era fantasiosa, os riscos que corria nunca eram temerários. Ele tem um ar de confiança, tanto na orientação das relações humanas quanto para resolver problemas complexos em motores de barcos. Como o homem que está convencido de que os momentos mais sombrios apenas anunciam o amanhecer, Paul tem certeza de que novos desafios aparecerão no horizonte e que os limões mais cedo ou mais tarde serão transformados em limonada. Ele aprendeu o suficiente para saber que, na situação mais angustiante, sempre se pode sobreviver. É uma visão a que sua esposa se acostumou. É uma lição que ele demonstrou aos filhos. Talvez ainda mais do que eles, seu público principal tem sido seu pai, a quem faltava o senso de perspectiva de Paul e que teria se beneficiado acima de tudo de sua sabedoria duramente conquistada.

Talvez com o tempo, Paul deixe de lado suas noções juvenis sobre o que a vida exige. Mesmo agora, ele pode dizer: *Estou orgulhoso de ter sobrevivido todo este tempo. Eu encontrei paz dentro de mim. Eu não estou mais lutando contra mim mesmo*. E enquanto seu casamento durar, enquanto suas válvulas de segurança de uma existência cheia de pressão permanecerem disponíveis para ele, e enquanto ele puder continuar a agir de acordo com apenas alguns de seus sonhos, Paul continuará a saborear suas aventuras.

PARTE II

O retrato de vida de Paul Dempsey conta uma história complexa moldada por múltiplas influências e forças. Na segunda metade deste capítulo, considero o retrato de dois pontos de vista diferentes, primeiro da perspectiva dos processos e conteúdo de autoconstrução e, em seguida, da perspectiva dos processos e conteúdo da construção de carreira.

Autoconstrução

Como Paul construiu um self para sobreviver ao ambiente frio e isolado de sua juventude? Eu abordo essa questão sobre a autoconstrução - ou como ele moldou quem era e o que se tornou - examinando o processo e o conteúdo de sua

autoconstrução (Bruner, 2001). Para os nossos propósitos aqui, os *processos de autoconstrução*, compreendidos de forma ampla, referem-se a *como* Paul se construiu como ator social, agente motivado e autor autobiográfico. Em contraste, o conteúdo da autoconstrução, compreendido de forma ampla, refere-se a *quem* Paul se tornou, ou seja, os resultados da autoconstrução em termos de características e motivos pessoais duradouros. Antes de avaliar a personalidade e os motivos de Paul, consideremos primeiramente os processos que ele utilizou para se constituir.

Processos de Autoconstrução

Três processos entrelaçados para a autoconstrução são a auto-organização do ator social, a autorregulação do agente motivado e a autoconcepção do autor autobiográfico. Como uma prévia, o esquema de apego ansioso-evitativo de Paul e a orientação extrovertida e questionadora de normas para relacionamentos e regras, inclinou-o a um foco de promoção em progresso e aventura, usando uma estratégia de adaptação orientada para o presente que, no devido tempo, moldou um esquema meta-reflexivo e uma estratégia de identidade vocacional de um Buscador.

Ator Social. Pesquisadores notaram que a perda precoce de um dos pais frequentemente prediz um esquema de apego evitativo na meia-idade (Klohnen & Bera, 1998), ainda mais para filhos únicos, porque eles não têm irmãos com quem forjar vínculos de apego relativamente próximos e seguros. Os contornos do retrato de vida de Paul se assemelham muito à descrição conceitual do protótipo ansioso-evitativo descrito pela primeira vez por Bartholomew (1990). Por exemplo, Paul idealizou sua mãe, mas não conseguiu fornecer narrativas claras de episódios específicos que sustentassem essa brilhante avaliação. Além disso, Paul descreveu seus pais em termos polarizados; idealizando sua mãe calorosa enquanto depreciava seu pai frio. Incapaz de reconhecer os traços negativos e positivos de cada um dos pais, ele exagerou nas suas descrições unilaterais. Esse comportamento corresponde intimamente à observação de Fraley, Davis e Shaver (1998) de que desdenhar adultos pode evitar emoções de apego por não perceber, elaborar ou lembrar experiências relacionadas ao apego.

Paul poderia já ter formado um esquema de apego seguro antes que a morte de sua amada mãe arrancasse dele sua figura primária de apego. Paul, então, pareceu sofrer um intenso reavivamento da infância, durante a qual ele primeiro procurou por proximidade e depois se tornou emocionalmente distante, o que não é incomum

quando a morte interrompe uma conexão primária e o sobrevivente não consegue obter o que profundamente necessita. Paul lutou brevemente por apoio e buscou proximidade com outras pessoas antes de desistir. Lutou para manter contato com seu pai, uma figura de apego com quem não podia contar como apoio emocional. No entanto, Paul rapidamente parou de buscar conforto em seu pai frio, insensível e rejeitador, porque sabia que não seria viável. Quando, já adulto, ele declarou: *eu nunca quis nada de meu pai e nunca pedi nada*, ele pode ser perdoado por seu descaso deliberado pelas muitas vezes que ele certamente ansiava pelo afeto de um pai indisponível. E quando ele acrescentou, *eu posso fazer isso por mim mesmo*, é razoável supor que pelo menos uma parte dessa afirmação equivale a uma eventual especulação. Paul renunciou a um pai que *tentou me governar com mão de ferro*, que *nunca me deixou saber quando estava satisfeito com qualquer coisa que eu fazia*. No devido tempo, Paul rejeitou o conselho de seu pai e disse a ele para sair de sua vida e *nunca mais voltar*. A mágoa pela rejeição de seu pai era muito dolorosa para Paul reconhecer, então ele escondeu sua angústia sob um verniz de rebelião e animosidade. O fracasso do pai em confortar Paul pode ter sido ainda mais traumático do que a morte de sua mãe. Ela se foi, mas seu pai poderia estar lá; ainda assim, ele escolheu estar física e emocionalmente indisponível para Paul.

Na falta de apoio emocional de seu pai, Paul olhou para os avós que não respondiam por serem frágeis; então se voltou para uma tia que era receptiva, mas morava longe. Na família de Paul, sua mãe era a única que não era rejeitadora, insensível ou indisponível. Vivenciando relações contenciosas com seu pai e a indisponibilidade de parentes, Paul perdeu a confiança de que teria acesso a um cuidador que o apoiasse dentro da família. Em seguida, ele se voltou para uma cuidadora moralizadora, uma governanta que dava sermões em vez de abraços. Então, em sua busca incomum por proximidade, Paul olhou para fora de casa. Ele a encontrou, temporariamente, em um grupo de pares antes de se mudar para um novo bairro. Por um tempo, ele se conectou com uma professora na escola fundamental e depois com outro no primeiro ano do ensino médio. O interesse dos dois professores nele provavelmente significou mais para Paul do que ele estava disposto a reconhecer. Por fim, ele se uniu à esposa, uma mulher que o ajudou a se sentir profundamente conectado a ela e aos filhos.

No entanto, houve um tempo, antes de se casar com ela, em que Paul conhecia muito bem a extensão de sua dependência. A morte de sua mãe, que foi tão imobilizante, seu desejo de um pai que pudesse ocupar seu lugar e a angústia por se afastar dos amigos cobraram seu preço e se fundiram em um desejo profundo de evitar a dependência emocional em relação a qualquer pessoa. Essa perda de fé desativou seu apego seguro à mãe. Como um jovem adolescente, Paul parou de buscar apoio emocional e então organizou seu comportamento interpessoal em torno da suposição de que os outros continuariam a rejeitá-lo. Para evitar novos abandonos, Paul se absteve de intimidade e evitou afeição em encontros interpessoais. Em vez disso, Paul investiu enorme esforço para manter um distanciamento que manifestava indiferença aos relacionamentos e desinteresse pela intimidade.

Paul emergiu de seus anos de formação com uma conclusão central: *Eu só pertenço a mim mesmo*. Claro, ele superou esse medo honestamente. Ele acreditava que deveria fazer as coisas por si mesmo, ou então nunca conseguiria. Como outras grandes convicções, esta acarretava conclusões secundárias, especialmente: *se dependo dos outros, estou pedindo traição e, se tiver sucesso, será sozinho*. Consequentemente, Paul sentia-se desconfortável com proximidade e dependência interpessoal, preferindo a negligência à atenção punitiva. Paul "podia negociar, mas não sentir", em contraste com William Garrod (Capítulo 4), que "podia sentir, mas não negociar" (Fosha, 2003, p. 221). A evitação de Paul, sendo particularmente baixa em ansiedade, produziu nele, a princípio, uma contradependência que desprezava a intimidade e a proximidade, depois um impulso compulsivo para a autossuficiência e, eventualmente, um sentimento confiante de independência e autocontrole. Como ele havia dito: *Você não pode se permitir perder a confiança. Você tem que acreditar em si mesmo, independentemente do que aconteça*. Em algum lugar, talvez até mesmo sem o saber, havia o medo de reviver seus sentimentos de impotência em face à morte de sua mãe ou de depender demais de outra pessoa para orientação ou nutrição. Com tão pouca proximidade interpessoal gratificante, Paul decidiu-se por um modelo funcional de relacionamentos que o protegia de necessidades não satisfeitas por pensar tanto em si mesmo e tão pouco nas outras pessoas.

Como ator social, Paul deixou a infância com uma estrutura de personalidade que Gough (1987) chamou de orientação Gamma para relacionamentos e regras.

Isso significa que Paul combinou uma orientação extrovertida para outras pessoas e experiência interpessoal com uma orientação de questionamento das normas em relação às normas sociais e valores convencionais. Paul sabia ser inovador, franco, versátil e esperto. Ele se considerava forte e competente, mas tendia a desvalorizar os outros como fracos e incompetentes. Por causa dessa atitude, empregadores e supervisores acreditavam que ele era impulsivo, perturbador, rebelde, cabeça-dura e intolerante - especialmente quando Paul apontava falhas nas normas tradicionais e absurdos nas rotinas estabelecidas. Felizmente para Paul, seu ceticismo fomentou uma criatividade que lhe permitiu produzir novas ideias, produtos e serviços, além de ganhar a reputação de ser um dos gerentes mais inovadores em seu campo.

Agente Motivado. Paul pode ter aprendido a se regular em relação aos ideais de foco na promoção a partir das interações com sua mãe e, mais tarde, a repudiar as obrigações de foco na prevenção e narrativas de advertência de um pai tenso. Paul se concentrou no que queria fazer. Escolheu metas de promoção para trazer novas situações e aventuras, não metas de prevenção para manter alguma situação atualmente estável, mas insatisfatória. Sua estratégia priorizou flexibilidade, mente aberta, curiosidade e criatividade, mas o fez sacrificando comprometimento, certeza e análise cuidadosa e vigilante.

Paul suprimiu sua necessidade de conforto interpessoal concentrando-se em atividades externas. Encontrou consolo em ações que trouxeram "distração" à medida que ele passava de "imobilizado a móvel". Indivíduos como Paul, que preferem movimento e ação, geralmente se descrevem "como um viajante" (Blatt & Levy, 2003, p. 114). À medida que Paul viajava pela vida, encontrou uma série de desafios que testaram repetidamente sua aptidão para o que ele via como desafios em um *mundo cão*. Ao se ajustar defensivamente a esses desafios e transições, ele carecia da visão de uma carreira voltada para o futuro e planejada. Evitou o planejamento estratégico e a preparação em favor da manobra tática e da engenhosidade do dia a dia. A postura de Paul era *tomar as coisas como elas vêm*. Com mais experiência de vida, ele resumiu sua visão sobre o futuro dizendo, *apenas espere e lide com os problemas conforme eles surjam ... Eu simplesmente nunca paro para pensar. Do jeito que eu me sinto, pensar é ruim para você. Então, eu nunca faço isso*. Vendo a vida de uma perspectiva de tempo orientada para o presente, Paul demonstrou pouca preocupação e curiosidade de carreira. Paul

evitou a ansiedade, a incerteza e a responsabilidade pessoal associadas à tomada de decisão planejada, adiando escolhas até que a situação exigisse um novo curso de ação. Em vez disso, ele se ajustou usando forte controle e confiança de carreira quando chegou a hora de procurar soluções, às vezes respondendo de forma reativa, impulsiva ou indiferente com suas escolhas ditadas por desejos hedonistas ou gratificação imediata. Ditada por demandas e consequências situacionais, sua estratégia foi uma abordagem não reflexiva para resolver problemas específicos em situações particulares. O curso de sua vida foi moldado por pressões externas e circunstâncias fortuitas, não experimentadas como totalmente deliberadas nem totalmente intencionais. Estava ausente a sensação de ter escolhido, embora, é claro, ele fizesse escolhas - muitas vezes com base nos ajustamentos defensivos do pensamento ansioso e redução da tensão.

Autor autobiográfico. Ao longo de sua vida, Paul encontrou uma multiplicidade de opções de carreira e vida sem base para escolher, porque ele via suas circunstâncias como predeterminadas pelo destino e fatores além de seu controle. Após uma escolha, ele não assumia compromisso com uma posição identitária, focando em sua reputação. Passando pela vida como um Buscador (Josselson, 1996), a estratégia de Paul se assemelhava ao que Berzonsky (1989) denominou um estilo evitativo de processamento de identidade no qual ele priorizava a liberdade de movimento, ao contrário de um pai que rigidamente permaneceu no lugar. Paul não se identificava com um pai que fornecia uma orientação negativa sobre como viajar pela vida.

Em uma tentativa de resistir às intrusões de seu pai e manter algum autocontrole, Paul encenou os piores temores de seu pai em relação ao filho. Ele se tornou uma espécie de espírito livre por sair com a turma errada, ficar fora a noite toda, transar com várias garotas e aventuras na escola. Quando possível, ele se retirava para lugares onde não poderia ver nem ouvir outras pessoas; lá ele estava livre para fazer suas próprias coisas e ser ele mesmo, alheio a um mundo que poderia consumi-lo. Esse padrão de comportamento não é exclusivo de Paul. Indivíduos com identidade negativa geralmente crescem em um ambiente de desenvolvimento que gera sentimentos de ansiedade e isolamento. Além disso, costumam ter pais distantes e desvinculados (Marcia, 1980). Lembre-se de que, quando solicitado a descrever seu pai em uma palavra, Paul respondeu: *distante, frio, não protetor,*

injusto e tenso. Não querendo ser como seu pai, Paul pode ter visto a escolha de uma identidade negativa como a única opção disponível. Embora doloroso e confuso para Paul e seu pai, a desidentificação resultante foi consciente ou inconscientemente escolhida como estratégia de sobrevivência. A rebelião de Paul e sua determinação em forjar uma identidade à parte dos desejos de seu pai valeram a pena em uma autonomia ilusória, mas custou-lhe mais do que ele jamais saberá.

A estratégia de identidade negativa de Paul significava que, mesmo depois de ter tomado decisões, ele "não tinha uma direção ocupacional ou ideológica definida" (Marcia, 1980, p. 181). Ele viveu em uma moratória perpétua, assumindo apenas compromissos de curto prazo após uma breve exploração do contexto, não de si mesmo (Berzonsky, 2004). A identidade negativa de Paul e a moratória perpétua frustraram a autorregulação ativa ao construir metas de vida, planejando um futuro densamente povoado de eventos antecipados e interpretando experiências por meio de uma estrutura coerente e integrada para criar significado.

Conteúdo da autoconstrução

O grande residual de sentimento associado à tentativa de seu pai de dominá-lo à distância e aos esforços contínuos de sua cuidadora para restringir suas idas e vindas explicam grande parte da maneira como Paul viveu sua vida. Ele não apenas se ressentia dessas experiências originais de intromissão alheia, mas cada episódio de confronto e rebelião lembrava a Paul o abandono de sua mãe por morte e uma vulnerabilidade que ele tentava ao máximo negar. Seu ressentimento levou a uma resolução que permeou toda a vida de Paul, de ser ele mesmo, porque ele pensava que ninguém mais o aceitaria.

Autossuficiência. Como um aluno do último ano do ensino médio, Paul poderia corretamente alegar, *eu levo minha própria vida*. E suas altas pontuações no *Dynamic Personality Inventory* (*DPI*; Grygier & Grygier, 1976) nas Escalas de Autossuficiência e Iniciativa, feito aos 40 anos, apoiam essa declaração. No *Thematic Apperception Test* (*TAT*; Morgan & Murray, 1943), também feito aos 40 anos, Paul descreve um herói com cabeça de touro que está no comando (Cartão 4), outro herói que segue seu próprio caminho, apesar do efeito sobre um outro que precisa de sua companhia (Cartão 6BM), um filho rebelde e cabeça-dura que se recusa a acatar os conselhos do pai (Cartão 7BM) e outro herói que segue seu próprio caminho e é destruído no processo (Cartão 13MF). Cada uma dessas

imagens, independentemente do custo, leva à garantia de que ninguém mais determinará seu destino. Grande parte da vida de Paul pode ser entendida como uma tentativa de manter uma distância segura de seu pai por meio da desidentificação. Esse motivo ficou evidente na resposta de Paul, aos 40 anos, ao cartão 8BM do *TAT*, no qual um filho jura que, ao contrário de seu pai, não será liquidado pela vida. Sua sobrevivência dependerá de até que ponto o filho assegurará uma diferença entre ele e o pai. A desidentificação de Paul se estendeu da família para o mundo do trabalho, onde ele a generalizou para supervisores e empregadores, que muitas vezes sentiram o impacto da decepção de Paul com eles.

A visão positiva de Paul de si mesmo e a visão negativa dos outros produziram um paradoxo na visão de um psicólogo que leu um rascunho do retrato de vida de Paul: "Paul parece estar passando por uma luta para romper com o comportamento de tipo dependente, mas não está claro de quem ele era dependente". Pode haver confusão porque Paul não parecia estar inibindo sentimentos e comportamentos relacionados ao apego. Em vez de inibir sentimentos sobre as pessoas, Paul os desativou e sentia uma indiferença fria e desinteressada. Paul era emocionalmente inexpressivo porque seus processos mentais e autorregulação do afeto estavam projetados para evitar a criação de sentimentos, não porque ele reprimisse seus sentimentos. Ele bloqueou as respostas emocionais, ele não as escondeu. Além disso, minimizou suas chances de ansiedade e rejeição ao restringir o contato com as pessoas e nunca se colocar em situações em que tivesse que confiar nos outros mais do que em si mesmo. Seus altos escores na Escala de Isolamento (Seclusuin Scale) do DPI indicou que ele se mantinha afastado das pessoas como uma defesa. Dessa maneira, Paul realmente experimentou muito pouca angústia. Quando sentimentos de ansiedade ou rejeição surgiam, Paul usava o comportamento hipercinético para se desligar e se distrair.

Competitividade hipercinética. Paul usava o movimento para escapar do caldeirão da pressão no trabalho e em outros lugares. Quando sentia a pressão, dirigia um caminhão ao redor do estacionamento, dirigia sua moto de neve pela floresta, conduzia sua motocicleta pelo interior ou fazia uma viagem. A interpretação automatizada para o perfil de Paul no *Minnesota Multi-phasic Personality Inventory* (MMPI-2; Butcher, Graham, Tel-legen, & Kaemmer, 1989) (escala 9 = 100, pontuações baixas em K, 2 e 7), feito aos 40 anos, o descreveu como uma

pessoa hipercinética que organiza a vida em torno da competição que ele considera que se potencializa quando lhe permite demonstrar sua própria força e a fraqueza dos outros. A narrativa descreveu Paul como:

> *pessoa enérgica com interesses amplos e tendência a se envolver em várias atividades. Inquieto, gosta de mudanças e tem pouca tolerância à monotonia. Toma decisões com rapidez, muda-as com frequência, e geralmente mantém um alto nível de atividade, às vezes até à exaustão.*

A interpretação explicou que essa forma de evitação provavelmente levaria a uma preocupação excessiva com os padrões de desempenho, sucesso, poder e controle. A interpretação também sugeriu que, se forçado a uma posição submissa ou dependente, Paul se sentiria ameaçado.

Os escores de Paul no DPI aos 40 anos levariam a considerá-lo impulsivo e mutável. Ele não ficava quieto. Ele também era irritadiço e apresentava capacidade inibitória insuficiente. Ambiguidade, incerteza e indecisão eram intoleráveis para ele. Por um lado, a competitividade de Paul tornou-o extremamente consciente do desempenho dos outros em comparação com ele (*TAT* Cartão BM). Por outro lado, ele não estava totalmente certo de que tinha o necessário para lidar com as novas responsabilidades que lhe foram atribuídas com base em seu desempenho superior no trabalho (*TAT* Cartão 14). Ele não tinha certeza se as recompensas da dedicação às tarefas, de seguir os limites, valiam o custo (*TAT* Cartão 1). Frequentemente tinha fantasias de como seria a vida quando os deveres impostos pelos outros terminassem, quando a jornada de trabalho terminasse, e mais uma vez ele pudesse ser livre para mover-se no seu próprio ritmo e do seu próprio jeito (*TAT* Cartão 9). De acordo com o relatório narrativo do MMPI, Paul "passa muito tempo em fantasias e sonhos pessoais". Esta interpretação coincide com seus escores elevados nas escalas *DPI* que sugerem imaginação vívida (Ph) e aspirações tingidas de fantasia (Pi).

Somatização. Se Paul não conseguisse seguir em frente, ele somatizava. As pressões que sentia, bem como seus efeitos, ficaram evidentes em suas respostas ao MMPI, que incluíam queixas como tonturas, náuseas e problemas de memória e concentração. Ele foi descrito posteriormente como uma "pessoa desorientada, perplexa, inquieta e hiperativa", e como alguém que "em face do estresse emocional e pressões pode tender a desenvolver queixas somáticas". Quando as

pressões aumentaram e Paul não conseguia seguir diante, ele foi forçado a lidar com elas através da somatização. Seu perfil no MMPI sugeriu esse padrão, com elevações modestas nas escalas 1 e 3 com um vale intermediário em 2, a chamada conversão em V. Alguns psicólogos interpretam esse padrão como reflexo de um conflito psicológico decorrente da relutância em admitir necessidades intensas de dependência (Bradley, Prokop, Margolis, & Gentry, 1978). Os indivíduos com esse conflito podem manter a atividade e o esforço por longos períodos restringindo seus afetos, de forma que o conflito emocional não fique aparente. Por exemplo, quando Paul e sua esposa conduziam seus negócios de meio período com armas de fogo e suprimentos de caça, ele acabou indo parar em um hospital com várias queixas somáticas. Ele relatou depois, *estou em um momento em que apenas relaxaria, faria as coisas que eu quero, não seria como meu pai que viveu o seu negócio*. Na meia-idade, ele ficou descontente com o número crescente de responsabilidades no trabalho: *Não estou buscando promoção. Eu gostaria que houvesse menos obrigações e responsabilidades envolvidas*. Seu desejo por uma vida menos estressante já aparecia no que ele relatava quando estava no último ano do ensino médio: *Algum dia eu quero ser capaz de sentar e relaxar e simplesmente deixar o mundo andar como ele quiser*. Em suma, a personalidade que Paul desenvolveu para se adaptar ao trabalho e aos colegas de trabalho usava estratégias de evitação, autoconfiança compulsiva, manobras de distração e somatização para atender a expectativa de que outras pessoas não eram confiáveis. No que diz respeito aos relacionamentos íntimos, esse tipo de personalidade tem sido associado à maturidade reprodutiva precoce e estratégias de acasalamento de curto prazo durante a adolescência (Fraley, Davis, & Shaffer, 1998); lembre-se de que Paul relatou ter tido 18 parceiras sexuais diferentes em um ano. O estilo de relacionamento de Paul pode ter levado a uma preferência por várias parceiras, crença no sexo sem amor e um mínimo de afeto durante o sexo. Em vez disso, Paul teve a sorte de se casar com uma mulher que se colocou à disposição dele de maneiras que não ameaçavam sua autonomia. Sua esposa proporcionava um relacionamento estável e realmente gostava de suas diversas atividades e aventuras. Ela foi a resposta à pergunta dupla que a vida lhe colocava: "Se eu não for por mim, quem será por mim? Se eu for apenas por mim, o que serei?" (Hillel, 1897, p. 26). Sua esposa tem sido uma parceira que o enche de coragem (*TAT* Cartão 4) e aceita sua necessidade de se virar sozinho enquanto busca proximidade (*TAT*

Cartão 3BM). Ela criou um lar onde Paul sempre se sentiu bem-vindo e enraizado. Essa mesma segurança e estabilidade foram menos evidentes na carreira de Paul.

Construção da carreira

Nesta seção, eu examino como Paul manifestou sua personalidade no mundo do trabalho, concentrando primeiro no processo pelo qual desenvolveu sua carreira e, em seguida, no conteúdo dessa carreira. Ao considerar o processo, eu me concentrei em como a personalidade de Paul, com sua evitação de compromissos, competitividade autossuficiente e energia inquieta, o levou a uma série de empregos, cada um dos quais vistos como uma aventura. O retrato de vida de Paul fornece uma visão incomumente clara do que acontece quando um esquema de apego evitativo molda uma vida de trabalho, levando a uma estratégia de processamento evitativo de construção de carreira e uma moratória de identidade perpétua.

Processo da construção de carreira

A carreira de Paul, embora bastante bem-sucedida de uma perspectiva objetiva, poderia ser chamada de insegura e instável. Miller e Form (1951) caracterizaram os padrões de carreira como seguros ou inseguros. Os padrões de carreira seguros são estáveis e convencionais, mostrando um movimento ordenado de um nível profissional para outro ou de uma posição para outra. Em contraste, os padrões de carreira inseguros são instáveis, mostrando vários períodos de tentativas à medida que o indivíduo passa por uma série de empregos e profissões, alguns não relacionados. O padrão de carreira de Paul consiste em uma sequência repetitiva de entrada em posições em um emprego potencialmente vitalício, mas, após um período de experiência, ele opta por mudar para outra posição.

O padrão errante de múltiplas tentativas na carreira de Paul tomou forma com o uso do "experimentar" como o principal comportamento de coping de carreira. Super, Kowalski e Gotkin (1967) identificaram a experimentação como um comportamento de coping positivo no final da adolescência e no início da idade adulta, em contraste com os comportamentos negativos de andar à deriva, hesitar e estagnar. "Experimentar" significa movimento tentativo de um trabalho para outro relacionado, em um processo de eliminação ou reinício em uma posição. Isso normalmente resulta na "estabilização" ou estabelecimento em uma posição mais ou menos permanente. No entanto, para Paul, experimentar não levou à estabilização

na idade adulta jovem; em vez disso, continuou ao longo de seu curso de vida e compôs a história de sua carreira como um Buscador.

Embora experimentasse continuamente, Paul experienciou sucesso objetivo significativo e satisfação subjetiva com esse movimento porque ele implementou efetivamente sua autoconcepção como um aventureiro e seu arco do personagem de imobilizado para móvel. De uma perspectiva subjetiva, Paul reconhecia em seu padrão de carreira um tema coerente, que ele mesmo articulou no final de sua entrevista final, quando disse:

> *Tive alguns poucos empregos e, ainda assim, pelo menos eu acho, tenho estado razoavelmente estável no que diz respeito aos empregos. Tive cerca de quatro empregos importantes na minha vida, a maioria relacionada com a indústria de transporte rodoviário.*

Ele explicou ainda que sua principal atração para o transporte rodoviário era o fato de que *gostava de ficar sozinho na estrada onde era meu próprio patrão*. Analisar esta frase temática em três frases - sozinho, meu próprio patrão e na estrada - revela o significado das ideias de controle.

Sozinho. Paul baseou sua carreira na ilusão de que todos os homens são ilhas. Lembre-se de que, no início da adolescência, ele *decidiu que eu só pertencia a mim mesmo*. Paul se sentia extremamente ameaçado em situações de trabalho em que os supervisores esperavam submissão ou dependência. Ele organizou sua vida profissional em torno do autoaperfeiçoamento competitivo, não de parcerias cooperativas. Ele se deleitou em extrair uma submissão relutante de colegas de trabalho e empregadores. Esse padrão de elevar sua própria autoestima às custas dos outros manifestou seu esquema de apego, no qual ele se posicionou como positivo e os outros como negativos. Ele desempenhou esse modelo de trabalho de relacionamento com uma abordagem competitiva e compulsiva da atividade que serviu para iludir outras pessoas, criar conflito com colegas e minimizar o tempo para amigos ou eventos sociais, (Hazan & Shaver, 1990; Hardy & Barkham, 1994). Em outras palavras, Paul usava o trabalho para evitar relacionamentos e ficar sozinho.

Meu próprio chefe. Como consequência de se sentir sozinho no mundo, exceto por sua esposa e filhos, Paul exibiu uma necessidade imperiosa de ser dono de si. Ele afirmou que *você terá sucesso se fizer o que quiser*. Para permanecer

ileso a demandas de outros sobre ele, Paul assumiu total e completa responsabilidade por sua própria carreira. Além disso, procurou empregos em que estivesse no controle - aquele que tomava as decisões. Ele era intolerante com ambiguidade, incerteza e indecisão porque elas o faziam se sentir fora do controle. E Paul se orgulhava de sua capacidade de tomar decisões em uma fração de segundos, até 200 por dia. Obviamente, seu autoconceito irrequieto e sua implementação vocacional no trabalho dificultavam o controle dos supervisores. Paul reclamou aos 25 anos que *ninguém sequer deu um tapinha nas minhas costas e me disse que bom trabalho eu fiz*. Essa reclamação recorrente pode ser rastreada até sua adolescência, quando relacionamentos com figuras de autoridade no trabalho faziam ressurgir a raiva e o ressentimento de Paul em relação a seu pai. O fetiche de Paul contra figuras de autoridade foi formulado pela primeira vez em suas reclamações sobre o estilo de supervisão de sua cuidadora. Lembre-se de que Paul reclamava que ela sempre *estava lá assistindo a tudo o que eu fazia*. Ela o *sufocou* com suas *ideias antiquadas*. Em sua mente, ele queria aceitação, mas nada do que fazia parecia agradar a seu pai ou à governanta. Reagiu a eles, e a todos os supervisores subsequentes, com rebelião.

Na estrada. Para ficar sozinho e autônomo, Paul evitou assumir compromissos. Ele preferia apenas se manter em movimento. Durante os anos do ensino médio, teve dificuldades acadêmicas porque não conseguia ficar parado por tempo suficiente para estudar. Ele já exibia o que seria um padrão vitalício de energia hipercinética, aceleração psicomotora, expansividade emocional e tédio com a rotina. A necessidade de liberdade de Paul era onipresente; ele odiava se sentir preso. Já adulto, ele se lembra: *Meu quarto favorito era a varanda onde ele dormia mesmo no inverno. Lá eu não me sentia confinado. Eu me sentia mais livre*. Ele se recusou a entrar no negócio de seu pai porque, *eu prefiro estar do lado de fora, onde posso me mover e me sentir livre*. No trabalho, ele queria ir e vir quando bem entendesse: *Minha necessidade mais importante é ser livre*. Em sua carreira, Paul recusou-se a ficar na barra da saia de qualquer empregador. Ele não queria, ou talvez não pudesse assumir compromissos que o vinculassem a um empregador ou ocupação.

Em suma, o motivo de vida de Paul de movimento desenfreado constitui um tema de carreira subjetivo coerente que elucida um padrão de carreira objetivo

bem-sucedido, porém instável e inseguro. Seu tema de inquietação pode ser adequadamente expresso pelo aforismo "Meu jeito ou a estrada". Paul saltou de um emprego para outro em busca de autonomia e entusiasmo, não de segurança ou permanência. Em contraste com seu pai, Paul certificou-se de que seu próprio trabalho nunca se tornaria monótono. A aversão pela vida organizada de seu pai foi em parte responsável pelo movimento irrestrito de Paul em direção a novas aventuras. No primeiro ano do ensino médio, relatou gostar de aventura, *fazer coisas que nunca fiz antes*. Paul seguia seus impulsos e ficava entusiasmado com alguma coisa por um curto período e, depois, passava para a próxima. Ele parecia nunca se estabelecer, preferindo seguir em frente ao invés de ficar. Ele se lembrou do que seu pai havia decidido e jurou que o mesmo nunca aconteceria com ele. O padrão de carreira instável de Paul foi previsto em comentários feitos por seu pai quando Paul tinha 14 anos:

> *Ele precisa fazer uma coisa e se apegar a ela mais do que o faz. Ele vai de uma coisa a outra. O que ele faz é inteligente, mas ele perde o interesse.*

Conteúdo da construção de carreira

Ao considerar o conteúdo da carreira, o leitor pode considerar como os trabalhos de Paul podem ser alinhados como contas no fio da aventura. Paul construiu sua carreira aproveitando oportunidades de se envolver em novos empreendimentos. Já no nono ano, ele anunciou essa intenção quando, durante sua primeira entrevista, aos 14 anos, declarou:

Eu sou um garoto do tipo aventureiro. Eu gosto de fazer as coisas apenas por fazer. Quer dizer, fazer novas conquistas, fazer coisas que nunca fiz antes e tudo mais. Isso dá a sensação de superioridade, pode-se dizer, se souber fazer as coisas. No nono ano, Paul identificou John Wayne como seu modelo. Quando questionado sobre por que admirava Wayne, Paul respondeu que ele é "um aventureiro". Paul também admirava muito sua tia viúva, um espírito livre que *tinha viajado e trabalhado por todo o país, até que se cansava daquilo e simplesmente ia em frente*. Empregada como enfermeira, ela modelou uma abordagem de trabalho que atendia as necessidades de autonomia, atividade e aventura de Paul. Embora na escola fundamental ele dissesse que pensava em se tornar um médico, ele não seguiu sua tia na área médica.

Aptidões e interesses. Os resultados de uma bateria de testes vocacionais administrada a Paul no nono ano mostraram um jovem muito talentoso. Sua pontuação no *Otis Mental Ability Test* (Otis & Len-non, 1969) colocou-o no percentil 95 nas normas nacionais e em 14º em sua turma de 468 alunos. No DAT (*Differential Aptitude Tests* - Bennett, Seashore, & Wesman, 1956), mostrou forte aptidão para ocupações científicas e técnicas, conforme sugerido pelos seguintes escores: raciocínio mecânico no percentil 95, raciocínio abstrato no percentil 82, relações espaciais no percentil 80, raciocínio verbal no percentil 80 e habilidade numérica no percentil 65. Ele atingiu o percentil 81 no *Nelson-Denny Reading Test* (Nelson, Denny, & Brown, 1960).

No *Work Values Inventory* (WVI; Super, 1970), os escores de Paul mostraram consistência em três aplicações, uma delas focada na variedade e no retorno econômico. O primeiro *WVI*, aplicado no nono ano, indicou seus valores mais elevados como criatividade, supervisores justos e associados amigáveis. No terceiro ano do ensino médio, o *WVI* mostrou o mesmo trio de valores de trabalho, acrescido por uma nova apreciação do retorno econômico e da independência. Aos 35 anos, seu *WVI* ainda mostrava um forte valor no retorno econômico de seu trabalho, junto com desejo tanto por um senso de mestria de sua parte quanto pelo reconhecimento de outras pessoas por suas realizações. Ele também parecia estar ainda mais preocupado com a liberdade de escolher seu próprio estilo de vida.

Os resultados do *Strong Vocational Interest Blank - Revised* (SVIB; Strong, Campbell, Berdie, & Clark, 1966) indicaram que os interesses de Paul se assemelhavam aos de homens empregados como químicos, engenheiros, aviadores, carpinteiros e gerentes de produção. Ele pontuou muito diferente dos homens empregados no serviço social e ocupações administrativas. Seus resultados no *Kuder Preference Schedule - Vocational Form CH* (Kuder, 1956), indicaram forte interesse em atividades mecânicas (percentil 95), persuasivas (percentil 83) e científicas (percentil 78), juntamente com uma aversão à música (percentil 6), atividades ao ar livre (percentil 17), artísticas (percentil 27) e atividades administrativas (percentil 36). Seu perfil no *Kuder* produziu um código RIASEC de Realista-Empreendedor-Investigativo (REI), *refletindo um empreendedor no mundo concreto da mecânica, máquinas e ferramentas, não no mundo abstrato das finanças ou da ciência*. O código REI previu com precisão seu interesse ao longo da vida

em trabalhar como um líder ou um consultor independente que resolveu problemas práticos e gerenciou crises. The *Occupations Finder - Form R* (Holland, 1994) listou uma única ocupação para seu código REI, em seu nível de habilidade (VI): comandante de navio. No nível de habilidade V, a lista de ocupações incluía engenheiro de materiais, supervisor geral, gerente de produção, gerente de projeto e técnico de tráfego. O nível IV incluía mecânico e capitão de navio, enquanto o nível III incluiu fornecedor de barcos. É fácil concluir que a bateria de testes de aptidão e inventários de interesse claramente anteciparam empregos e projetos que Paul acabaria por ocupar. Seus interesses expressos também apontavam para ocupações realistas e empreendedoras.

Interesses expressos. No ensino fundamental, Paul pensava em ser médico, mas mais tarde descreveu isso como uma *fantasia passageira*. Na nona série, Paul mostrou interesses Empreendedores ao declarar que queria ser o representante de turma e, eventualmente, o presidente da classe. Também no nono ano, demonstrou interesses Realistas ao afirmar que gostaria de fazer engenharia elétrica porque a *eletricidade sempre se mostrou interessante e o trabalho paga muito bem*. Se se tornasse engenheiro eletricista, esperava entrar no campo das comunicações, talvez trabalhando em um estúdio de televisão ou na ferrovia. Explicou que se ele não entrasse em engenharia elétrica, *provavelmente conseguiria um emprego com uma empresa do ramo de eletricidade ou com um eletricista*. Se ele não fizesse algo com eletricidade, provavelmente daria aulas de oficina mecânica ou faria vendas. No *Rotter Incomplete Sentence Blank* (Rotter & Rafferty, 1950) aplicado no nono ano, Paul escreveu que gostava de *eletricidade*, ele sempre quis ser *eletricista* e sua maior ambição é se tornar *engenheiro elétrico*. No terceiro ano do ensino médio, ele escreveu que gosta de *dirigir, pescar e caçar* e que sempre quis ser *mecânico de automóveis* e queria saber mais sobre como *trabalhar com carros*.

De acordo com seu modelo aventureiro de John Wayne, os interesses expressos de Paul sempre se centraram na busca por novas aventuras. Como previu com precisão em seu *Rotter Incomplete Sentence Blank* (Rotter & Rafferty, 1950), *meu futuro me trará muitas emoções*. Consequentemente, a maioria de seus hobbies o mantinham em movimento, com viagens rápidas. Suas primeiras recordações anunciavam o tema de carreira de dar um passeio: *aos domingos*,

íamos dar um passeio até a casa da minha avó a cerca de 40 quilômetros de distância. Eu me sentia muito feliz. Aos doze anos aprendeu a dirigir um carro, aos quatorze ele tinha um caminhão e aos dezesseis ele dirigia um reboque. Durante sua primeira entrevista aos 14 anos, Paul explicou como estava economizando dinheiro de seu trabalho para fazer uma viagem a Montana nas férias de Páscoa. Ele queria ir com sua tia visitar um primo. *Eu quero muito fazer a viagem*. Quando perguntado "Por que?" Paul respondeu: *Apenas para ter uma aventura, eu acho. Eu gosto de fazer coisas assim só por fazer*. Questionado sobre outros exemplos, ele respondeu:

> *Eu realmente não sei dizer. Quer dizer, fazer novas conquistas, fazer coisas que nunca fiz e tudo mais. Isso meio que dá a sensação de superioridade, pode-se dizer.*

Paul mostrou um interesse duradouro por aventura. De acordo com Campbell, Hyne e Nilsen (1992), que identificaram sete orientações distintas de carreira, o interesse em aventurar-se é expresso em correr riscos, competir com os outros e praticar atividades físicas. Os aventureiros costumam buscar estimulação. "Eles gostam de vencer, mas também são resilientes na derrota" (Campbell, Hyne, & Nilsen, 1992, p. 55). Paul mostrou orientações secundárias em relação aos dois grupos de interesse mais estreitamente alinhados com Aventura, a saber, Influência e Produção (lembrando em certo grau os tipos RIASEC Empreendedor e Realista). Influência, que enfatiza a liderança e não vendas, envolve assumir o controle e aceitar a responsabilidade pelos resultados. Semelhante a Paul, os influenciadores "gostam das trocas em uma disputa verbal" (Campbell, Hyne, & Nilsen, 1992, p. 53). Produção envolve trabalho ao ar livre onde se podem ver resultados concretos. Portanto, Paul mostrou uma orientação profissional duradoura para a aventura, que ele implementou com influência sobre as pessoas para produzir resultados tangíveis.

Paul manifestou melhor seu interesse por aventura quando viajava. Movimentar-se pelo país, mesmo em viagens curtas, satisfazia seu desejo por novidade e mudança e muito mais. Lembre-se de que, no nono ano, ele explicou que gostava de viajar *apenas para ter uma aventura ... fazer coisas que eu nunca fiz ... isso meio que dá a você uma sensação de superioridade*. Como aluno do terceiro ano do ensino médio, Paul declarou: *Uma ambição minha é viajar e ver o país. Tenho uma necessidade real de viaja*r. Teria sido uma surpresa

se Paul não tivesse se envolvido em uma "indústria de viagens" que permitia que ele se movesse enquanto fazia outras coisas se moverem. Paul sempre foi atraído por objetos em movimento. Quando jovem, ele competiu na corrida de caixa de sabão, operou uma ferrovia e construiu modelos de aviões e carros de corrida. Quando adulto, ele teve motocicletas, veículos de neve, caminhões, carros e um trailer. Ele adorava dirigir, patinar, nadar, esquiar, caminhar e fazer cruzeiros. Em suma, Paul implementou seu interesse duradouro pela aventura mantendo-se em movimento, tanto em seu trabalho quanto em seus hobbies.

Educação. Paul não encontrou nenhuma aventura na escola, um lugar onde tinha que ficar quieto e fazer o que lhe mandavam. Ao contrário do mundo prático em que ele prosperou, a escola não despertava os interesses de Paul nem envolvia seus talentos. Quando Paul chegou ao último ano do ensino médio, estava totalmente alienado de seu ambiente acadêmico: *faço o máximo de tarefas que posso e o que não faço não me incomoda. Se estou com vontade de ir para a escola, vou, e se não estou com vontade, não vou*. Embora gostasse de desenho mecânico e oficina, ele parou de se importar com suas notas e considerou a escola irrelevante para seus objetivos vocacionais limitados.

Carreira profissional. Paul parece ter dominado ativamente o sentimento de estar preso às opiniões de seu pai, ao ser remunerado para saborear mudanças e aventuras. Semelhante a muitos antes dele, Paul transformou seu tormento em seu elemento. Aos 35 anos, quando

> *Que eu sobrevivi por tanto tempo. A indústria de transporte de caminhões é uma indústria em mudança, muda todos os dias. Há uma grande mudança nos empregos. Não existe permanência, mas existe uma grande disponibilidade de empregos. Você tem que ser flexível. Já tentei outras coisas, sempre voltei ao transporte. Tem sido, talvez, o caminho mais fácil de seguir e ainda o mais desafiador. Encontrei desafios maiores lá do que em outros empregos. Tive outros empregos nos quais ficava completamente entediado, então tentei outras coisas.*

Os que observam de forma objetiva a carreira de Paul, veem um padrão inseguro e instável. Em contraste, a perspectiva subjetiva do tema de carreira, revela que Paul seguiu um curso constante em direção à aventura e ao desafio e para longe da rotina e da permanência. Paul se comprometeu a ser dono de si, sem ter certeza

de que qualquer outra pessoa, exceto sua esposa, o teria. Por meio da aventura, ele provou repetidamente a si mesmo e aos outros que poderia sobreviver sozinho, livre da dependência de qualquer pessoa ou coisa. Essa busca intencional por aventura e autorrealização tornou a carreira de Paul instável, mas altamente bem-sucedida.

Perguntado no encerramento de sua entrevista final se algo importante havia sido esquecido, Paul respondeu falando sobre uma área a que ele havia se vinculado e se comprometido totalmente, não com um trabalho, mas com seus filhos. Ele deu a eles o que perdeu quando sua mãe morreu.

> *Meus filhos são muito importantes para mim e seus pontos de vista são muito importantes para mim, embora às vezes, como digo, eu provavelmente seja um pouco mais rigoroso do que deveria - eu realmente faço, você sabe, os mantenho bem perto, mas eu sinto que tem que haver ... algum tipo de equilíbrio entre liberdade e disciplina porque se não houver, então as mesmas coisas podem acontecer com eles como quase aconteceu comigo. E eu estava muito feliz com o fato de não ter tido problemas ou de não ter grandes problemas quando era jovem porque não tinha quaisquer restrições.*

Sentado no deck da linda casa de Paul, olhando para o canal a apenas 15 metros de distância, onde seu barco está atracado, e ouvindo a conversa animada de um casal apaixonado preparando o almoço na cozinha, é difícil imaginar as muitas tempestades pelas quais ele navegou. Paul resistiu à perda da mãe ainda muito jovem, sentindo-se indesejado em casa, movendo-se sem rumo, sem orientação e sem pertencer a nenhum lugar por muito tempo. A tristeza e a solidão de Paul certamente devem ter feito com que ele perdesse o rumo em muitas noites escuras. E, no entanto, dessa jornada surgiu uma determinação e resiliência que o levaram ao sucesso não apenas no mundo do trabalho, mas em seu próprio lar. Quebrado, mas nunca vencido, Paul tinha todo o direito de sorrir de satisfação enquanto revia a vida que viveu contra todas as probabilidades. Recusando-se a ser um prisioneiro de sua dor, ele havia estabelecido seu próprio curso em cada conjuntura, nunca derrotado por contratempos momentâneos, nem em dívida com os outros por uma única migalha.

CAPÍTULO SEIS

A inquietação de um Andarilho

O poeta Samuel Taylor Coleridge usou a metáfora de um jardim para explicar seu ponto de vista sobre a promoção do desenvolvimento humano. Um visitante da casa de Coleridge afirmou que os pais deveriam criar seus filhos dando-lhes total liberdade, permitindo que desenvolvessem todo o seu potencial. Coleridge não rebateu o ponto enquanto conduzia o visitante pelo seu jardim de flores abandonado, quando o visitante perguntou por que estava tomado por ervas daninhas. "Bem, você vê", disse Coleridge, "eu não queria infringir a liberdade do jardim de forma alguma. Eu estava apenas dando ao jardim uma chance de se expressar e escolher sua própria produção" (Fadiman & Bernard, 2000, p. 134). Deixadas para evoluir por si mesmas, as crianças não podem atingir seu pleno potencial. De forma semelhante a outros organismos vivos, as crianças precisam de um ambiente acolhedor para crescer, um nicho ecológico descrito tão elegantemente por Erikson (1968) que insistiu que as raízes psicossociais do desenvolvimento humano repousam na esperança que surge quando as crianças aprendem a confiar em seus pais. As crianças precisam se apegar a cuidadores amorosos e empáticos que as recebam no mundo e lhes assegurem que pertencem à sua família. Quando esses cuidadores confiáveis atendem a maioria das necessidades de uma criança, ela aprende a confiar nas outras pessoas e a enfrentar o futuro com otimismo. As crianças que veem seu lar como um porto seguro desenvolvem um senso de esperança e se aventuram a explorar um mundo que seja coerente com os valores familiares e compromissos ideológicos. Crianças que carecem de uma base de operações segura, compreensivelmente, acham muito mais ameaçador explorar seu ambiente e enfrentar estranhos.

A capacidade psicossocial de ter fé nas pessoas e esperança no futuro também impacta a construção da carreira. A confiança e o otimismo com que se enfrenta o mundo geram um interesse pelo trabalho e por como será a vida no futuro, levando a uma atitude de preocupação com a carreira - a dimensão cardinal na adaptabilidade de carreira. A preocupação com a carreira abrange as atitudes vocacionais voltadas para o futuro a que os teóricos da carreira se referiram com uma variedade de termos, como perspectiva temporal de futuro (Ginzberg, Ginsburg, Axelrad & Herma, 1951), planejamento (Super & Overstreet, 1960), antecipação (Tiedeman

& O'Hara, 1963), orientação (Crites, 1978), consciência (Harren, 1979) e aspiração (Holland, 1985).

O próximo retrato de vida ilustra como a preocupação com a carreira pode não se desenvolver. Na história da família Montgomery, encontramos dois pais que parecem distantes, indiferentes e rejeitadores. Essa parentalidade inadequada resultou em Fred ter formado um esquema de apego desorganizado, tornando quase impossível para ele se conectar com outras pessoas. Uma crise persistente de confiança alimentou a luta ao longo da vida de Fred para se conectar com outras pessoas que o aceitassem e o confortassem. Fred começou sua vida com pouco senso de esperança e começou sua carreira sem planejamento prévio porque seus pais não cuidaram do "jardim infantil". Dado um solo tão estéril do qual extrair alimento, não se podia esperar que Fred florescesse cedo. Crescendo no caos primordial de um lar desorganizado, deletério e angustiante, Fred reagiu sentindo-se confuso, agindo com cautela e buscando segurança. Além disso, ele não tinha uma visão clara do futuro e seu lugar nele. Somente por meio de seu eventual sucesso em um local de trabalho onde se sentia um tanto seguro, ele finalmente conseguiu começar a florescer mais tarde na vida.

Ao ler este capítulo na perspectiva da Teoria da Construção de Carreira, reconheça como o *esquema de apego desorganizado* de Fred e a *disposição de personalidade introvertida e que questiona as normas* o levou como um agente motivado a fazer escolhas ocupacionais e enfrentar situações vocacionais com, no máximo, *estratégias de prevenção* e, na pior das hipóteses, com fragmentação mal adaptativa. Fred raramente pausava como um autor autobiográfico para refletir sobre si mesmo, e, quando o fazia, era com um esquema de reflexividade *fraturado* que não abordava adequadamente as circunstâncias da carreira nem delineava um curso de ação intencional. Sem uma identidade vocacional coerente, sua história de carreira vagamente concebida como um Andarilho era tematicamente pouco desenvolvida e carente de substância. Vagamente enraizada nas areias da desconfiança, a narrativa forneceu pouca sustentação para extrair um significado positivo de eventos negativos, nem para direcionar seus movimentos de carreira. Agora considere os detalhes de como a carreira errante de Fred Montgomery começou com antecedentes de negligência familiar e terminou com consequente estagnação e frustração.

PARTE I

Retrato da vida de Fred Montgomery: Às vezes dói

Foi ideia dela que nos olhássemos. Ela disse que queria olhar para mim, que se eu me mostrasse para ela, ela se mostraria para mim. Depois de cochichar de um lado para outro sobre o que íamos fazer, ela apagou as luzes, levantou-se e fechou a porta, acendeu a luz novamente e sentou-se na cama no estilo indiano. Nós dois puxamos nossos pijamas, e ela olhou para mim primeiro. Ela não me tocou nem nada, apenas olhou. Então eu disse: "Agora me mostre o seu". Aqui estava eu, com dez anos e nunca tinha visto o corpo nu de uma menina. Quando pedi a ela que me mostrasse o seu, esperava ver um pênis. Depois que ela abaixou as calças o suficiente para que eu pudesse vê-la, eu disse "Bem, onde está?" Então ela colocou os dedos lá, eu acho que para abri-lo. Então eu olhei bem no rosto dela e disse: "Por que você não tem um pênis? Alguém o cortou?" Fiquei sentado ali por alguns instantes, perplexo. Então puxamos nossas calças, apagamos a luz, rastejamos para debaixo das cobertas e fomos dormir. Eu mal podia esperar para contar a um garoto mais velho que eu conhecia e admirava, tudo sobre o que aconteceu. Alguns dias depois, eu me encontrei com ele e quando eu disse a ele, tudo o que ele fez foi rir. Isso me fez sentir como uma criança!

A memória de Fred de ambos os incidentes, relatada aos 40 anos, resume muito de como ele se sentiu durante sua infância e adolescência: incerto em seus relacionamentos com mulheres, constrangido por situações sexuais de qualquer tipo, sentindo-se objeto de ridículo, uma criança ingênua despreparada para as realidades da vida e incapaz, por si próprio, de fazer muito a respeito delas. As coisas ficaram melhores durante os anos em que ele consultou um psiquiatra. Fred não guardava mais o ressentimento que sentia em relação aos pais. Mesmo assim, ele ainda se lembrava de sua incapacidade de ouvi-lo quando precisava ser ouvido, de insistir que ele fizesse mais do que apenas passar na escola e de ensiná-lo a funcionar razoavelmente bem no mundo exterior. Claro, essas acusações envolviam

a insistência irreal de Fred de que seus pais não fossem o tipo de pessoa que eram, eles próprios vítimas de origens relativamente pobres.

Família

O pai de Fred tinha quase 50 anos quando seu filho nasceu. O mais velho de sete filhos, ele teve que abandonar a escola e trabalhar aos 16 anos, logo após a morte de seu pai. Depois de ajudar na fazenda da família, ele foi trabalhar na ferrovia, onde colocou trilhos, instalou dormentes e construiu vias ferroviárias. Após 17 anos nesse trabalho, ele e sua esposa voltaram a trabalhar na agricultura, trabalho que ele conhecia melhor e preferia, embora nem a fazenda nem seus pequenos aposentos fossem seus. Doze anos depois, ele e sua família mudaram-se para a cidade, onde trabalhou por um baixo salário como operário em uma construtora. Perto da aposentadoria, quando seu filho entrou no primeiro ano do ensino médio, a empresa fechou, deixando seu pai desempregado e com a vitalidade tirada dele por uma vida de labuta. Ele então passou o resto de seus dias em casa, assumindo as tarefas domésticas para sua esposa, que trabalhava em tempo integral como garçonete. Quando o pai de Fred não estava fazendo as camas ou lavando os pratos, ele jogava paciência e usava uma velha televisão para se distrair de sua existência monótona.

Fred se preocupava com o pai, sentia pena de um homem idoso que nunca tivera uma vida fácil e desejava poder largar a escola e trabalhar para a família, como seu pai fizera tantos anos antes. Como um aluno do nono ano, Fred disse: *Meu pai é velho e eu sou jovem. Ele fez mais do que sua parte no trabalho.* Durante seu último ano, Fred relatou: *Meu pai fica sentado o tempo todo e fica farto de tudo. Entramos em discussões muito facilmente.* Havia pouco o que um filho pudesse fazer por um pai que havia trabalhado muito durante toda a vida, mas no final teve que viver com uma renda tão baixa que teve que depender dos ganhos de sua esposa. Em sua entrevista, o pai de Fred, então já um homem idoso preparado para morrer, disse: *Não resta muito para mim, não adianta mais planejar.* Fred trazia seus amigos da vizinhança para casa depois da escola, e seu pai *bondoso* pôde desfrutar da companhia deles. Durante seu último ano de escola, Fred relatou:

> *Todos os caras parecem pensar que tenho a melhor família. Temos reuniões sociais regulares em minha casa, jogamos pi-*

> *nocle com meu pai. Meu pai sempre gostou de crianças, não importa a idade que tivessem.*

Essa alegria também incluía seu filho. Os dois pregavam peças na mãe de Fred e trocavam piadas sujas durante a adolescência de Fred. Eles compartilhavam amor pela música, por versos e canções, bem como uma empatia por aqueles que sofriam e quase não sobreviviam. À medida que os dois envelheciam, no entanto, seus bons momentos juntos ocorriam com menor frequência. O pai de Fred ficava, com frequência, sozinho com lembranças que o amarguravam, sem estar em posição de agir de acordo com a esperança de que a vida fosse de alguma forma diferente para seu filho.

> *Eu não me importo com o que ele faça, contanto que ele possa fazer uma carreira por si mesmo. Eu odiaria vê-lo acabar como eu. Fui escravo de alguém durante toda a minha vida e pergunto: por que ele deveria ser?*

E acrescentou: *Fred tem todas as oportunidades do mundo que eu não tive*. Seu filho parece não ter concordado. O primeiro golpe contra ele foi a imagem de um pai cujos sonhos não levaram a lugar algum, cujos verdadeiros interesses que ocasionalmente o entusiasmavam foram frequentemente perdidos ao longo do caminho. Ele não ficou surpreso ao saber, após a morte de seu pai, que sua mãe se casara com ele por piedade.

> *Ela sentiu pena dele. Ele estava envelhecendo e não tinha uma família. Depois que ele morreu, ela se casou com o homem com quem havia terminado quando era adolescente para se casar com meu pai.*

Foi mais fácil para ela do que para o filho experimentar uma nova vida. Os casamentos, ao contrário do relacionamento pai-filho, às vezes podem ser vistos como um erro infeliz, em vez de um infortúnio irreparável.

A mãe de Fred, assim como seu pai, também teve que trabalhar durante toda a vida. Como a mais velha de 12 irmãos, ela abandonou o sonho de se tornar professora quando, aos 17 anos, foi forçada a deixar o ensino médio, antes do último ano, para se contentar, pelo menos inicialmente, com o papel de dona de casa em uma fazenda. Desde muito jovem estava acostumada com pais cansados de suas tarefas; com a distância que separava as famílias agricultoras umas das outras e que

obrigava os membros da família a dependerem uns dos outros e não dos amigos da vizinhança para contato social; a permanecer indefesa, quando um ano um celeiro e, no ano seguinte, a casa, foram totalmente queimados; com *coisas simples* da vida, como aulas de costura no Four-H e bailes noturnos às sextas-feiras; e, com uma pobreza financeira que excluía filmes na cidade ou os pequenos luxos de que outras pessoas de sua idade desfrutavam.

A mãe de Fred, com um marido 20 anos mais velho que ela, descobriu que a vida de casada pouco diferia de tudo que ela já conhecia. Como sua mãe anteriormente, ela nunca reclamou, explicando que: *Meu pai sempre foi o chefe da nossa família*. Ela silenciosamente apoiou seu marido trabalhador, acatou suas decisões e aceitou sua posição subordinada na casa. Ficou encantada com sua cozinha, localizada no porão da pequena casa, onde o fogão a lenha era usado para assar e aquecer o resto dos aposentos lotados. Ela não tinha vizinhos com os quais conversar; nenhum estranho, de qualquer idade, perturbava sua rotina habitual de ver seu filho pequeno cortando fotos de tratores que encontrava em vários jornais agrícolas, esperando o ônibus escolar de sua filha mais velha voltar no final da tarde, servindo biscoitos e leite ou chocolate quente às crianças, e depois saía para ajudar o marido na ordenha antes que a família finalmente se sentasse para jantar. Quando o marido decidiu trabalhar na cidade grande, ela concordou com relutância: *Levei muito tempo para me acostumar a morar na cidade. Eu estava acostumada a espaços abertos. As casas aqui pareciam tão próximas*. Por não precisar mais ajudar o marido nas tarefas domésticas, ela foi trabalhar como garçonete. Ela passava o dia de folga semanal lavando as roupas da família e tentando arrumar o apartamento de cinco peças normalmente descuidado. Como um calouro do ensino médio, Fred reclamou:

> *Minha mãe e eu não temos tempo para fazer nada juntos. Em seu dia de folga, ela me chuta para fora de casa. Ela não quer ninguém por perto quando ela lava a roupa e faz o trabalho doméstico. Ela diz que não consegue se concentrar no que está fazendo. Ela gosta das coisas calmas.*

Quatro anos depois, Fred fez um reporte semelhante.

> *É tudo que posso fazer para chamar a atenção dela. Ela tem o hábito incrível de parecer ouvir o que estou dizendo e, quando chego à parte mais importante bem no meio de uma frase, ela*

> *começa a falar com outra pessoa, como se ela não estivesse ouvindo nada. Esse tipo de coisa acontece desde quando eu tinha três anos. Às vezes me pergunto se ela sabe que estou vivo.*

Aos 25 anos, Fred disse que era o filho favorito de seus pais porque era muito quieto e só falava quando eles lhe faziam alguma pergunta. Lembrou-se de sua mãe o desencorajando *de melhorar* e notou novamente a falta de envolvimento de seus pais com ele, sua aparente despreocupação sobre seu paradeiro presente ou futuro: *Quando eu tinha 11 anos, eu dormia fora com uma gangue de caras todas as noites da semana durante o verão. Ninguém nunca soube o que estávamos fazendo*. Essa falta de supervisão dos pais incluía, é claro, as atividades educacionais de Fred.

> *Meus pais sempre foram tolerantes demais. Minha irmã e eu os tínhamos na palma da mão. Sempre podíamos deixar de fazer tudo o que deveríamos fazer, especialmente o dever de casa. Se as coisas fossem diferentes, eu teria tirado melhores notas, teria concluído meus estudos. Meus pais permitiam que eu fizesse apenas o suficiente para passar de ano.*

Durante a infância e a adolescência de Fred, exceto pela refeição da noite, havia poucas reuniões familiares, nenhum tempo juntos para jogar, assistir a eventos esportivos ou fazer piqueniques. Com uma mãe que estava ausente no trabalho a maior parte do tempo e com um pai que era uma vítima da idade avançada e, também, desempregado, Fred ficou por conta própria durante o final da infância e durante a adolescência. Aos 35 anos, relatou que, quando criança, *acho que eu era tolerado*.

Quando solicitado, aos 40 anos, a relatar algumas de suas primeiras recordações sobre sua família, Fred contou uma história sobre rivalidade entre irmãos.

> *Minha irmã é quatro anos mais velha que eu. Quando eu nasci, ela ficou ressentida porque era a filhinha do papai. Quando eu tinha cerca de um mês, ela tentou se livrar de mim. Morávamos perto de uma ferrovia e ela ia me levar e me colocar nos trilhos. Ela foi pega antes de chegar lá, mas por alguns minutos minha mãe e meu pai ficaram muito tensos sobre para onde ela havia ido com o bebê.*

No entanto, sua irmã era a única pessoa na casa de Fred com quem ele realmente se envolveu durante a infância. Ela não foi apenas sua primeira companheira de brincadeiras, mas também sua mãe substituta:

> *Ela sempre foi uma das pessoas mais importantes da minha vida. Minha mãe trabalhava muitas horas, fazia muitas horas extras e simplesmente não tinha tempo para nos criar. Minha irmã é quem me criou. Ela me ensinou como recortar figuras de revistas. Nós dois passamos muito tempo brincando com suas bonecas. Às vezes, passávamos nossas tardes olhando catálogos e escolhendo as coisas que gostaríamos de ter.*

Certa vez, quando sua irmã foi visitar a avó que morava a 19 quilômetros de distância, Fred ficou tão triste que seus pais o levaram ao médico.

> *Depois que o médico escutou o que estava acontecendo, ele disse a meu pai que eu estava com saudades de casa. Meu pai disse: "Como pode ser? Ele está em casa conosco". Então o médico disse: "Traga aquela garota para casa, e este menino ficará bem".*

Durante os primeiros 12 anos de vida, Fred gostava da companhia de sua irmã, confiava no interesse dela por ele e em seu julgamento sobre as coisas. Quando completou 16 anos, no entanto, ela largou a escola para trabalhar em uma fábrica. Um ano depois, ela se casou e mudou-se de casa. Essa sequência de eventos fez com que Fred se sentisse abandonado pela única pessoa confiável de sua vida e o levou a buscar o apoio de seus colegas e, eventualmente, de novas amizades do sexo feminino.

Crescimento de carreira

A vida com pessoas fora do círculo familiar nunca foi fácil para Fred, como ele explicou aos 25 anos: *Eu não estava acostumado a me misturar com outras pessoas. Eu era menor do que as outras crianças da minha idade e me sentia muito isolado do resto da classe*. Sua inquietação fora de casa se refletiu no que ele recordou sobre seus primeiros dias na escola:

> *Minha irmã me levou na sala de aula. Quando ela ia sair, eu comecei a chorar e me agarrei nela como se fosse morrer. A professora então disse a ela para se sentar comigo até que eu me acalmasse. Isso continuou por cerca de duas semanas,*

> *até que minha irmã começou a reclamar por estar atrasada em sua própria aula. Quando a professora dela mandou um bilhete para casa, meu pai perguntou à minha irmã por que ela havia se atrasado para a aula e, quando ela disse a ele, ele disse: "Basta disso. Fred, apenas entre na sua sala de aula e fique lá por si mesmo".*

Apesar de Fred seguir essa diretriz, seus anos de ensino fundamental continuaram sendo estressantes, marcados por dificuldades com as matérias escolares.

Ainda mais problemático era seu fascínio especial e seus sentimentos de medo em relação aos membros do sexo oposto: no segundo ano, *eu tinha uma queda terrível pela minha professora. Sempre que eu era detido depois da escola, o namorado dela entrava e eles se beijavam ali mesmo, junto ao quadro-negro*. Em casa, onde a nudez era proibida, sua mãe nunca permitiu conversas sobre sexo. Fred não tinha certeza sobre as diferenças entre homens e mulheres, e qualquer curiosidade que ele pudesse ter sobre eles permanecia insatisfeita. A tentativa de sua tia de desencorajá-lo de brincar com as bonecas de sua irmã o deixou vagamente ciente de certas diferenças entre meninos e meninas, mas muito permanecia um mistério mesmo aos 40 anos.

> *Por algum motivo, não conseguia falar com as meninas da minha classe. Eu não sabia o que dizer. Eu sabia que elas eram diferentes dos meninos, mas todo o negócio nunca foi realmente explicado para mim.*

Ele se lembrou de uma namorada especial no primeiro ano:

> *Escrevíamos bilhetes de amor para lá e para cá. Então, um dia, eu a vi tirar sujeiras do nariz e comê-las. Daí em diante ela não era mais minha namorada.*

Três anos depois, ele se apaixonou por outra garota, o que durou até o oitavo ano: *nunca a deixei saber o que eu sentia por ela e, quando ela se mudou, nunca mais a vi*. No ano seguinte, como calouro no ensino médio, Fred experimentou outra atração romântica.

> *Eu tinha uma queda por uma das irmãs do meu amigo. Eu a acompanhava da escola para casa, se você pode chamar assim. Na verdade, ela ficava de um lado da rua e eu do outro, tímido demais para ir até lá e andar ao seu lado.*

Seu extremo desconforto com a pessoa que ele considerava tão atraente continuou por cerca de um ano. O tênue "relacionamento" finalmente terminou com um acontecimento previsivelmente doloroso:

> *Eu tinha conseguido convidá-la para ir ao cinema, mas na tarde seguinte, quando fui buscá-la, ela não estava lá. Ela foi para a casa da sua amiga. Bem, a mãe dela ligou e a fez voltar e ir ao cinema comigo. Eu não gostei nada disso. Eu preferia não ter um encontro com ela do que deixar sua mãe obrigá-la a ir. Durante o filme não trocamos uma palavra, e depois, meu melhor amigo, que também tinha uma queda por ela e que por acaso estava no cinema na mesma hora, acabou levando-a para casa. Isso fez eu me sentir muito abatido.*

No entanto, não demorou muito para que Fred desenvolvesse uma queda por outra garota que nunca saberia de seus sentimentos.

> *Ela tinha 17 anos e estava dois anos à minha frente na escola. Ela tinha o cabelo platinado mais bonito que eu já vi fora de um filme. Sempre que eu me masturbava, eu a imaginava me seduzindo e me mostrando como fazer sexo.*

Depois que ela se formou na escola, Fred realmente encontrou com um novo amor.

> *Às vezes falávamos ao telefone por uma hora ou mais. Às vezes, ela dizia: «Tenho que desligar» e eu tentava fazer com que ela falasse mais um pouco. Ela nunca desligou na minha cara ou me disse para não ligar. Quando eu desligava o telefone, meu pai perguntava se ela iria sair comigo e que ele me daria todo o dinheiro que eu precisasse para um encontro. Isso seria muito constrangedor, ele me ouvindo ao telefone com ela, me fazendo de grande operador de todos os tipos de dinheiro, quando ele sabia muito bem que eu estava mentindo para ela. Isso me fez sentir tão pequeno por dentro que cheguei ao ponto de não ligar mais para ela de casa. Em vez disso, ia a um telefone público para fazer a ligação.*

Parece que Fred era muito mais livre em seus contatos telefônicos com a namorada do que em outras ocasiões, quando se encontraram cara a cara:

> *Quase todas as manhãs, eu ficava com meus amigos junto ao poste de telefone perto da escola, fumando cigarros antes*

> *do início das aulas. Ela passava com as amigas, ficava com o rosto todo vermelho e dizia: "Oi, Fred" e eu dizia: "Bom dia, Margaret". Tinha pena dela ter que se aproximar de mim com todos os meus amigos por perto. Eu queria deixá-los e levá-la para a escola, mas não sabia como ela reagiria a isso. Eu ficava me perguntando se as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse sido mais assertivo com ela. Eu nem dei um beijo de boa noite nela depois do baile. Minha irmã me disse para não fazer isso no primeiro encontro. Acredite que isso se tornou o assunto de toda a maldita escola.*

Pouco depois soube que Margaret ia se casar e que ele não poderia mais telefonar para ela: *Foi aí que decidi que não ia perseguir mais garotas, que se quisessem um relacionamento, elas teriam que vir atrás de mim!* No verão após o último ano de Fred no colégio, ele teve relações sexuais com uma garota que mal conhecia.

> *Ela era apenas alguém que meu amigo e eu pegamos de carro. Enquanto meu amigo estava fora do carro mijando, começamos a nos beijar. Sou grato a ela até hoje por quão tolerante ela foi comigo. Não tive problemas para obter uma ereção, embora estivesse meio bêbado na hora, mas tive problemas para encontrar o local certo. Meu amigo sentou-se no banco de trás e me disse mais tarde que devo ter levado uma hora e meia para finalmente ejacular.*

O desconforto que Fred relatou ter em seus contatos com meninas, o constrangimento que sentiu ao saber que seu pai tinha ouvido suas conversas ao telefone e a preocupação que ele tinha em ser menor do que seus amigos, eram sentimentos que se estendiam às suas atividades em sala de aula também. Incapaz de progredir muito em matemática e com os pais dificilmente em posição de ensiná-lo, Fred relembrou, aos 35 anos, um evento particularmente doloroso que ocorreu durante o quarto ano: *Como eu era muito lento em matemática, meu professor quis fazer de mim um exemplo. Ela me apelidou de "idiota" e disse a todos os outros na classe para me chamarem assim*. Mais tarde, no colégio, ele foi convidado a ler um poema na frente de sua turma de oratória.

> *Quando cheguei à palavra "busto"*, me senti muito constrangido e, em vez disso, disse deliberadamente "impulso"*. Bem, a classe inteira começou a rir e eu fiquei arrasado por dias. Eu tive vergonha de dizer essa palavra na frente de meninos e meninas. Em casa, certas palavras não eram permitidas, como "babaca", por exemplo. Quando perguntei à minha mãe o que significava a palavra, pensei que ela fosse me mandar embora de casa!*

Exploração de carreira

Durante o ensino médio, Fred continuou a se sair mal em matemática, gostava menos ainda de ciências, teve um desempenho aceitável em história e negócios em geral, mas gostava particularmente de inglês, e lia dois livros para cada um indicado - seu livro favorito era uma biografia de Will Rogers (Yagoda, 1970). Aos 43 anos, Fred lembrou-se vividamente de uma das poucas ocasiões na escola em que se sentiu orgulhoso de si mesmo. Tratava de "A Balada do Leste e do Oeste"** (Kipling, 1889), um verso sobre dois adolescentes que eram filhos de líderes guerreiros.

> *Eu estava sentado no fundo da sala lendo A Balada do Leste e do Oeste quando de repente o professor de inglês apareceu para ver o que eu estava fazendo. Quando ele percebeu o que eu estava lendo, ele não disse uma palavra, mas quando a aula acabou, ele disse: "Fred, quero falar com você". Esperei que todos fossem embora e depois fui até sua mesa. Ele me diz: "Você estava realmente lendo aquele livro lá ou apenas estava com uma página dele aberta?" Eu disse: "Não. Eu leio esse poema cerca de uma vez por semana. Eu realmente gosto dele. Me dá arrepios nas costas". Então ele se inclinou e disse: "Você já pensou em se tornar um professor de inglês?" Eu disse: "Não. Minhas notas em matemática não são boas o suficiente". Então, ele disse: "Bem, qualquer pessoa que consegue ler A Balada do Leste e do Oeste e ficar arrepiada deve ter algo a seu favor em inglês!" Nunca me esqueci disso. Isso realmente inflou meu ego.*

Não o suficiente, porém, para inspirá-lo a dedicar mais tempo ao estudo. Os outros professores não o envolviam nas discussões das aulas, eram distantes e exigiam muito. No terceiro ano do ensino médio, Fred descreveu seus anos de

---

* *No original, "bust" e "boost"*

** *"The Ballad of the East and West" no original.*

ensino médio como *muito difíceis*. Como aluno do último ano, datilografia era a sua melhor matéria porque *a professora é muito simpática e fala com a gente*. Ao longo de seus anos de ensino médio, Fred raramente trazia trabalho da escola para casa, raramente discutia suas atribuições ou seu curso de estudos com a família, não tinha nenhum interesse particular nas atividades extracurriculares da escola e imaginava que poderia obter notas pelo menos para passar sem fazer lição de casa, desde que prestasse atenção suficiente nas aulas.

Como aluno do último ano do ensino médio, Fred relatou ter pensado muitas vezes em largar a escola e ir trabalhar:

> *De vez em quando, tenho uma vontade repentina de parar, mas sempre desisto. Se eu continuar, serei o primeiro da minha família a se formar. Além disso, tenho uma prima que se formou no ensino médio e não gosto da ideia de ela se formar e eu não.*

Assim, Fred continuou a frequentar a escola com seus colegas. Em 3 de maio do último ano de Fred, o conselheiro do ensino médio enviou para casa uma carta dizendo que ele deveria ser aprovado em todas as matérias para se formar, mas as coisas estavam quase sem esperança em Matemática Financeira, valendo meio crédito. O conselheiro insistiu: *Ele precisa de encorajamento para continuar lutando até o fim*. No final, Fred foi reprovado no exame final da matéria. Ele ficou desapontado, mas ainda achava que se formaria porque um professor lhe disse que seria possível.

Uma das muitas razões pelas quais Fred tinha se saído mal na escola era a quantidade de tempo que passava trabalhando na barraca de hortifrutigranjeiros de seu tio no mercado central da cidade: tempo integral durante os verões a partir do sétimo ano, e meio período depois da escola e nos finais de semana durante seus últimos dois anos no ensino médio. Antes desse emprego, ele passava a maior parte do *tempo de lazer andando com amigos depois da escola, parando para tomar uma coca, jogando fliperama, vasculhando as prateleiras de revistas e depois ia para casa*. Embora ganhasse muito pouco e trabalhasse horas excessivas, sua mãe estava satisfeita por Fred ter um emprego regular e o desencorajou a buscar um pagamento melhor em outro lugar:

> *Minha mãe sempre enfatizou a importância de conseguir um emprego e mantê-lo, independentemente dinheiro que você*

> *ganhe. Desde que eu tinha 13 anos ela me desencorajava de melhorar. Tudo o que ela queria para mim era que eu estivesse em algum lugar onde pudesse trabalhar todos os dias.*

Atendendo aos desejos de sua mãe, Fred estabeleceu uma rotina de trabalho com seu tio. Sua barraca de produtos ao ar livre era uma dentre cerca de 20 barracas que circundavam 30 açougues cobertos. Cada barraca vendia frutas e vegetais semelhantes, com a diferença de que as barracas pertenciam a indivíduos de vários grupos étnicos que falavam línguas diferentes. As condições de trabalho ao ar livre eram de muito frio no inverno e muito calor no verão. E, claro, as longas horas de Fred tomavam muito o tempo ou a energia para os trabalhos escolares e as atividades sociais usualmente apreciadas por pessoas da sua idade.

> *Era uma verdadeira chatice, mover produtos dos caixotes de armazenamento para a barraca, carregar coisas até o carro para os idosos e limpar o local. Meu tio me disse que no primeiro dia em que fui trabalhar lá ele achou que eu não aguentaria o dia todo, muito menos sete anos [dos 13 aos 20 anos].*

No final de seu último ano, Fred estava ansioso para comprar a barraca de hortifrutigranjeiros de seu tio ou possuir uma barraca de verduras ao lado da barraca do seu tio. Ele calculou quanto custaria e pensou que, se pudesse economizar a maior parte do dinheiro que esperava ganhar nos próximos anos, estaria em condições de realizar seu sonho de cuidar de sua família.

> *Eu gostaria de comprar uma propriedade grande o suficiente para colocar duas casas nela, uma para mim e meus pais e outra para minha irmã e sua família. Teria que ser fora, por causa das regras de zoneamento.*

Só mais tarde Fred se arrependeria de tanto tempo que passou trabalhando na barraca de hortifrutigranjeiros.

> *Eu não deveria ter ficado lá tanto tempo. Eu culpo meus pais por isso. Eles só se importavam com o fato de eu estar fora das ruas e não com o fato de que, quando tinha apenas 13 anos, trabalhava 36 horas por semana a um dólar por hora.*

Aos 35 anos, ele acreditava que dois momentos importantes de sua vida envolveram sua ligação com o mercado.

> *A primeira foi quando deixei minha gangue de bairro e fui trabalhar no mercado, onde fiquei isolado. Se isso não tivesse acontecido, talvez eu tivesse tido mais oportunidade de me relacionar com as garotas da vizinhança. Outro ponto decisivo foi quando deixei o emprego. Foi um trabalho muito difícil e me fez sentir melhor comigo mesmo quando finalmente o deixei.*

Depois de terminar o ensino médio, Fred continuou trabalhando para o irmão de sua mãe.

> *Ele me tratava como se gostasse da minha companhia - não apenas me tolerava. Ele era um grande contador de histórias. Ele fazia os personagens parecerem vivos. Ele me dava um contato físico que parecia dizer "Eu te amo". Não consigo me lembrar de minha mãe ou meu pai tentando me tocar dessa forma.*

Foi durante o trabalho no mercado que Fred conheceu e logo se casou com sua primeira esposa, que trabalhava em outra banca: *foi meu primeiro caso sexual de verdade e me senti na obrigação de casar com ela.* Embora na época do casamento ela tivesse apenas 16 anos, dois anos mais jovem que ele, ela era mais experiente sexualmente:

> *Ela gostava de todos os tipos de coisas que eu nunca tinha feito antes, e quando ela me pediu para fazer sexo anal, eu recusei. Fiz um grande alarido por isso ser sujo e a rebaixei por me pedir para fazer isso.*

As tensões entre eles aumentaram enquanto ela insistia em sua liberdade de sair todas as noites e sugeria que ele se envolvesse sexualmente com outras mulheres. Quando ele finalmente o fez, com uma estranha no banco de trás do carro de um amigo, o casamento acabou.

> *Depois que terminamos, eu estava realmente uma bagunça. Fiquei tão deprimido que nem aparecia para trabalhar metade do tempo. Todo mundo me disse que eu era um tolo por me casar com ela. Sua própria mãe me disse que eu era bom demais para ela.*

Por fim, Fred largou o emprego no mercado porque *eu queria esquecê-la, para fugir do local onde poderia encontrar minha esposa.* Ela andava por lá.

Estabelecimento de carreira

Aos 21 anos, Fred estava divorciado, desempregado, bebia em excesso e se sustentava fazendo biscates. Esse período nocivo chegou ao fim depois de cerca de um ano, quando um de seus amigos sugeriu que ele se candidatasse a um emprego em uma fábrica local: *Eu não tinha ideia do que esse trabalho exigia. Na verdade, achei que não seria capaz de fazer isso e que os patrões me colocariam de volta na rua antes que eu pudesse me virar*. Para seu alívio, ele descobriu que seu novo trabalho exigia mais prática do que habilidade e que em pouco tempo se tornou mais um aborrecimento do que um desafio. Embora inicialmente se opusesse aos sindicatos e tivesse sido forçado a ingressar na unidade local contra sua vontade, Fred logo começou a participar de reuniões e se ofereceu para participar de vários comitês. Por conta de sua participação ativa, foi indicado para a diretoria executiva e, posteriormente, eleito vice-presidente do sindicato.

> *A coisa toda foi muito gratificante para mim. Primeiro, ganhei o respeito e a admiração das pessoas com quem trabalhava. Segundo, os empregadores saíam de seu caminho para dizer "bom dia" para mim, em vez de serem frios e apenas passarem como se eu não estivesse lá. Terceiro, nas reuniões eu me encontrava com um bando de homens e mulheres e conversávamos sobre muitas coisas, até mesmo sobre nossos problemas pessoais.*

Foi durante esse período relativamente feliz que Fred conheceu sua segunda esposa, quatro anos mais velha que ele, casada e mãe de dois filhos quando do início do namoro: *Na verdade, eu a conhecia há anos. Ela morava bem perto de mim, no quarteirão seguinte*. O caso começou com algumas cervejas no andar de baixo, na varanda dos fundos, logo envolveu ela dando aberturas sexuais a ele e, finalmente, um contato sexual no andar de cima, no quarto dele, todas as tardes, *assim que chegava em casa do trabalho*. Os dois se casaram logo depois que ela obteve o divórcio e, em dez meses, seu primeiro filho nasceu, com Fred, então, com 24 anos. Com o nascimento de mais dois filhos e tendo que sustentar os dois filhos do casamento anterior, Fred também trabalhou meio período como segurança para sobreviver. Embora Fred continuasse gostando de seu trabalho na fábrica, ele aprendeu que as substâncias com que trabalhava lhe causavam infecções no ouvido. Aos 29 anos, depois de quase oito anos na fábrica, Fred demitiu-se e conseguiu um emprego como atendente de cuidados pessoais em uma unidade

de Alzheimer em um asilo privado. Uma posição que ele ainda ocupava aos 60 anos. Como atendente, Fred alimentava, dava banho, fazia a barba, movimentava, passeava e colocava fraldas em pacientes. Como tinha que trabalhar à noite, trocou seu emprego noturno de meio período como segurança por um trabalho de meio período limpando um cinema pela manhã.

Embora ficasse fora de casa grande parte do dia e cinco noites por semana, Fred passava tempo suficiente com a esposa para perceber que o casamento deles estava se deteriorando: *eu não suportava que ela ficasse resmungando e brigando o tempo todo. Ela era tão diferente das meninas com quem eu trabalhava no asilo*. Ao flagrá-lo em meio a uma aventura sexual, sua esposa o expulsou de casa. Sem ter para onde ir, exceto para a casa de sua mãe e tão angustiado que considerou seriamente o suicídio, Fred internou-se em um hospital público, onde permaneceu por três semanas. Ele recebeu tratamento psiquiátrico pelos próximos cinco anos. Relembrando essa experiência, aos 56 anos, Fred disse:

> *Gostaria que alguma pessoa sábia tivesse me colocado em terapia quando eu tinha 12 anos. Eu estava confuso sobre sexo naquela época. Era sempre um não-não, algo pelo qual não assumia nenhuma responsabilidade ou sobre o qual sabia muito. É por isso que minhas fantasias sempre envolviam mulheres mais velhas da vizinhança me seduzindo. Nunca foi diferente, nunca fantasiei com garotas da minha idade. Eu nunca poderia me relacionar com elas.*

Além de ser ofuscada por questões sexuais, a vida de Fred também foi obscurecida por outro problema, não independente - sua falta de autoafirmação. Como calouro do ensino médio, ele relatou: *Acho que não tenho muitos inimigos. Eu não acho que poderia ser odiado por ninguém porque eu não falo muito*. Quando estava no último ano do ensino médio, ele disse: *Sou muito tímido para falar sobre como as coisas por aqui podem ser melhoradas*. Sempre que Fred encontrava uma nova situação ou entrava em conflito com uma pessoa em posição de autoridade, ele se descrevia como *língua presa*:

> *Quando criança, eu adorava ir ao banco e ver as pessoas usarem uma máquina especial que contava dinheiro para você. Você simplesmente jogava o dinheiro trocado na bandeja, e ele descia por essas fendas, e números apareciam na frente conforme o dinheiro passava. Um dia, enquanto eu estava olhando*

> *a máquina, um guarda veio e me disse para sair dali. Ele me fez sentir pequeno, muito mal comigo mesmo.*

Fred se lembrou com alegria, aos 35 anos, de uma ocasião no colégio em que ele se recusou a atender ao pedido de outra pessoa:

> *O professor da minha turma de comércio me disse que eu faria melhor em cursar agricultura, já que estava trabalhando com produtos agrícolas. Quando eu disse a ele que não queria mudar, ele disse: "O que você espera obter com o comércio?" Eu respondi, "Vou aprender como me vender." Ele nunca mais me questionou daquele dia em diante, e realmente me senti bem. Eu tinha de alguma forma inflado meu ego.*

Mais tarde, na época em que era vice-presidente do sindicato de sua fábrica, ele relatou: *Até agora sempre fui tímido. Nunca defendi meus direitos quando se tratava de empregadores. Eu posso lidar com isso muito bem agora*. No entanto, ele rejeitou a oferta de seu empregador de torná-lo supervisor: *Eu disse a eles que não era um líder e que não queria esse tipo de responsabilidade*. Houve outros exemplos de como foi difícil para Fred, ao longo dos anos, se manter firme, ser autônomo ou correr os riscos associados à autoafirmação. Por exemplo, ele atribuiu o colapso de seu segundo casamento em parte à falta de autoafirmação: *eu não fui assertivo o suficiente com ela. Disseram-me que o cara com quem ela está agora a domina com mão de ferro*.

Fred admirava seu único amigo íntimo, o marido de sua irmã, *por seu autocontrole, pela responsabilidade que ele tinha e pela maneira como a aceitou*. Para Fred, seu cunhado *era mais ou menos meu ideal, quase o homem perfeito, eu diria*. Ao contrário de seu cunhado, Fred foi detido por uma atitude pessimista e complexo de inferioridade. Fred explicou, aos 35 anos, o que ele queria dizer com isso.

> *Sempre tive uma atitude pessimista, olhei para o pior. E eu fico muito nervoso na multidão ou falando com as pessoas ou começando algo novo, com medo de ser o primeiro ou o segundo a começar, ou mesmo o vigésimo. Ah ... acho que isso se chama complexo de inferioridade. Coloque-me em uma nova situação e eu fico travado para falar.*

Embora seu trabalho fosse o lugar onde se sentia mais bem-sucedido, ele ainda expressava um autoconceito vocacional negativo. Por exemplo, com cerca de 40 anos quando seu primo sugeriu que ele frequentasse uma faculdade comunitária para se tornar auxiliar de enfermagem, Fred respondeu:

> *Oh não, de jeito nenhum. Eu sou apenas um limpador de bunda comum, não quero ser um limpador de bunda profissional. Estou satisfeito em ser apenas o pequeno limpador de bunda que sou.*

Apesar de sua inibição social e sentimentos de inferioridade, parece que aos 40 anos Fred finalmente começou a abordar as duas questões principais de sua vida: como lidar com seus impulsos sexuais e agressivos. Vislumbrou um futuro melhor e mudou-se da casa de sua mãe para um apartamento que alugou. Ele havia se tornado cada vez mais confortável com seus sentimentos sexuais, bem como com seus relacionamentos com outras pessoas. Seu trabalho, em particular, veio a ser uma oportunidade importante para experimentar um relacionamento com os outros e expressar uma empatia que nunca teve no relacionamento com seu pai e que era especialmente aparente no relacionamento que ele tinha com os seus próprios filhos. Tendo superado um começo ruim, ele esperava encontrar obstáculos menos difíceis do que os que sempre achou.

Gerenciamento de carreira

Infelizmente, aos 59 anos, Fred descobriu que suas circunstâncias reproduziam com exatidão tudo o que ele sabia quando era jovem. Cada passo, cada gesto, tudo o que ele vê, pensa, sente e deseja, pode ser imaginado por qualquer um que esteja em seu lugar. Mas quem iria querer? Quem gostaria de saber o que era ter um pai desanimado demais para fazer qualquer coisa, exceto suportar uma morte em vida? Fred nunca foi capaz de afastar aquela imagem dele, nem mesmo uma mais nítida e comovente.

> *Jamais esquecerei como bati a porta do carro em seus dedos. Foi uma das coisas mais traumáticas da minha vida. Uma vez, quando contei a história a uma garota com quem trabalhei, ela disse: "Deve ter sido horrível. Posso ver em seus olhos, a maneira como você está se sentindo, exatamente como os dedos de seu pai na porta".*

Foi fácil observar em Fred os resíduos de imagens, sons e sentimentos que cercaram o sofrimento prolongado de seu pai após um derrame:

> *Nos estágios finais de sua doença, ele me pediu para usar uma espingarda nele. Ele apontou para o armário. "É isso aí, Fred. Ninguém vai se sentir mal". Acho que não disse nada. Eu apenas o encarei.*

Apesar da morte de seu pai, sua marca em Fred foi tão clara quanto o passo fossilizado de um dinossauro. Fred relatou que sempre teve *dificuldade para encontrar o túmulo de meu pai*, até que um de seus filhos o apontou para ele nos fundos da igreja que frequentava: *Eu sabia que ficava na esquina, mas não conseguia encontrar.*

Talvez uma das razões pelas quais ele não conseguia encontrar o túmulo de seu pai foi a situação em que ele pensou que estaria se algum dia o encontrasse. Mesmo desejando desesperadamente cumprir sua devoção ao pai, em função de um de seus últimos pedidos, ele ficou bloqueado.

> *Meu pai me pediu, quando estava vivo, para nunca colocar flores em seu túmulo. Mas esta semana eu o fiz. Eu plantei uma florzinha. É a primeira vez. Eu tinha feito isso antes no túmulo de minha mãe, mas não no dele. Achei que foi há tanto tempo que ele disse que talvez ele me perdoe por ir em frente e fazer isso.*

A mãe de Fred se foi, mas também não foi esquecida, e suas imagens sempre lançam uma sombra de dor.

> *Minha mãe foi enterrada ao lado de meu padrasto, sobre o que não tenho dúvidas. Eles tinham ficado juntos antes de ela se casar com meu pai e, depois que ele morreu, eles voltaram a ficar juntos. Eles se davam muito bem. Nunca vi minha mãe e meu pai se abraçando ou se beijando, mas minha mãe e meu padrasto estavam se abraçando e se beijando o tempo todo. Então, quando minha irmã me perguntou onde eu achava que minha mãe deveria ser enterrada, eu disse: "Acho que ela deveria ser enterrada ao lado de Art!" Eles sempre pareceram estar mais confortáveis juntos.*

Outro legado que sua mãe deixou foi saber como seria para ele trabalhar cuidando de pacientes com demência. No final das contas, Fred fez esse trabalho

por mais anos do que ele conseguia se lembrar. Seu turno começava às 15h15 e terminava pouco antes da meia-noite. No ambiente do asilo em um andar com 14 residentes, todos os treinamentos anteriores de Fred em casa com o pai vieram à tona. Não havia nada lá que ele não estivesse preparado para fazer, e ele trabalhou com um espírito que honrou a si mesmo e àqueles a quem serviu.

> *Uma das mulheres com Alzheimer tinha sido professora. Eu a admiro. Eu não a conhecia naquela época, mas ela devia ter uma personalidade incrível! Sinto muito afeto por ela. Ela não reconhece os filhos, mas fala sobre eles como se ainda fossem crianças. Há um paciente que vive dizendo que vai para casa amanhã. Uma mulher começa a chorar assim que me vê. Mesmo sendo tarde, ela me pergunta: "Posso ir para a cama?" e eu tenho que colocá-la na cama. Ela está paralisada da cintura para baixo. Você tem que usar um elevador Hayes para tirá-la da cadeira.*

Havia pacientes que precisavam de banho, outros precisavam fazer a barba, a maioria deles tão distraídos que não prestavam atenção aos cuidados de Fred. Depois de dar-lhes comida com uma colher e antes de colocá-los na cama, trocava suas fraldas porque estavam todos incontinentes: *Dificilmente alguém pede uma comadre. Eles apenas fazem nas calças*. Houve um paciente que se destacou dos demais, e com bons motivos.

> *Eu não o via há quatro anos e não sabia que ele havia voltado para a unidade. De repente lá está ele, apontando para mim: "Esse é Fred Montgomery. Ele costumava cuidar de mim!" Este novo cuidador, que eu estava treinando, não podia acreditar, seu queixo caiu. "Santo Cristo, esses pacientes o conhecem tão bem!" Isso foi uma verdadeira massagem para o meu ego. Muitos auxiliares não dizem aos pacientes quais são seus nomes, para que eles não possam delatá-los se algo der errado. Nunca me senti assim.*

Que melhor lugar, que melhor posição, para representar o amor que ele sentia pelos menos afortunados, tanto uma parte dele quanto suas impressões digitais. Claramente, ele não estava onde estava por acidente, e ele manteve o curso em função do que, provavelmente, ele mais admirava em si mesmo:

> *Os pacientes veem compaixão em mim. Se você tem algo no olho e está esfregando, meu olho começará a lacrimejar por empatia com você. Isso esteve lá durante toda a minha vida. E às vezes pode doer.*

Refletindo mais sobre sua extraordinária capacidade de empatia para com os menos afortunados, Fred lembrou de um incidente envolvendo o marido de sua sobrinha, que trabalhava como agente penitenciário:

> *Eles têm um termo, "ser cagado", que se refere a presos pegando suas próprias fezes, colocando em um copo de isopor, fazendo uma pasta com isso e então quando o guarda chega perto de sua cela, jogam o conteúdo na cara dele. Bem, um dia isso aconteceu com o marido da minha sobrinha. Por acaso, eu o estava visitando na época e ele voltou para casa chateado. Ele realmente estava se sentindo mal. Ele disse: "Ele atingiu meu uniforme, pelo menos não no rosto. Disseram-me para ir ao vestiário e fazer uma higienização hospitalar". Quando ele me contou essa história e foi tomar outro banho, fiquei sentado à mesa da cozinha sem saber o que dizer. Acabamos indo para o centro para tomar uma bebida em um bar local. Foi quando contei a ele sobre um incidente no trabalho em que um residente realmente tolo disse a um dos cuidadores que tinha algo para mostrar a ele. Antes que ele percebesse, o paciente pegou a cueca que estava escondendo com suas próprias fezes e a puxou para baixo sobre a cabeça do atendente. Depois que contei essa história a ele, ele disse: "Tio Fred, acho que não estou tão mal. Fico feliz que você esteja aqui para me dizer que outra pessoa passou por coisa pior do que eu passei". Ele realmente estava se sentindo desanimado com a coisa toda!*

Se Fred sabia de alguma coisa, era o que é se sentir humilhado. Sentimentos de humilhação o assombravam por toda parte, inclusive no trabalho, onde suas responsabilidades superavam em muito a sua autoridade e onde seu compromisso com o bem-estar de seus pacientes era às vezes questionado ou até mesmo depreciado sem base. Uma das enfermeiras que trabalhava com ele no segundo turno era especialmente humilhante.

> *Ela me disse que eu não trabalho, porra! Eu sou o único homem nesse turno, e todas as mulheres parecem gostar de me assediar, mas ela é a pior. Se ela estiver de bom humor, ela*

> *falará comigo, caso contrário, será "Não fale comigo hoje" ou "Tente falar comigo amanhã". Às vezes, ela reclama que preciso usar um elevador para colocar e tirar meus pacientes da cama. Ela diz: "Conseguimos e não passamos a porra do dia inteiro fazendo isso com um elevador Hayes também!" Outra enfermeira geralmente nem fala comigo e, quando o faz, diz: "Quando você vai fazer a porra do trabalho?" Esse é um dos motivos pelos quais tento chegar cedo e trabalhar o máximo possível antes que essas enfermeiras comecem seus turnos. Uma vez, cortei um paciente quando o estava barbeando. Foi apenas um corte, nada de mais. Mas então essa enfermeira gritou: "Você cortou Louis quando o barbeou esta noite?" Então eu disse: "Sim, Mary, e disse a ele que gostaria que fosse você!" Eu sinto que qualquer problema que ela pudesse me causar, ela faria em um piscar de olhos.*

Fred claramente não era indiferente à opinião feminina. Na verdade, grande parte de sua vida desperta, no trabalho ou em qualquer outro lugar, girava em torno de suas interações com as mulheres. Ele era consumido acima de tudo por aquelas de quem se aproximaria, se apenas o encorajassem. Ao contar sobre sua vida, aos 56 anos, Fred não conseguia falar por muito tempo sem se lembrar de um incidente envolvendo uma mulher, geralmente cheio de sentimentos de medo e cautela ou frustração e arrependimento, mas, às vezes, prazer e dedicação. O que acontecia entre ele e as mulheres era o que mais importava para ele; tudo o mais era pano de fundo. Era com as mulheres que ele se encontrava mais envolvido, pensando em cada nuance de sua interação. Assim tem sido, ao que parece, desde o momento em que ele se sentiu machucado quando uma mulher o abandonou; ele permaneceu determinado a encontrar maneiras bem-sucedidas de se aproximar de uma mulher. Este drama foi representado muitas vezes com as enfermeiras cujas críticas ele temia e de que se ressentia e, às vezes, com pacientes do sexo feminino em circunstâncias que poderiam suscitar sentimentos e impulsos tabu:

> *Nunca tentei explicar isso à minha supervisora, mas nunca gostei de andar com essa paciente em particular porque seus seios são muito grandes. Aqui estou eu com minhas mãos sob seus braços para segurá-la, e seus seios estão apoiados em meus braços. Dê-me qualquer outra coisa para fazer! E se ela perceber que é um homem andando com ela e de repente sentir meu braço peludo? Eu não preciso desse absurdo.*

Fred ficava muito mais confortável com mulheres como amigas e apenas ocasionalmente se aventurava em território traiçoeiro. Já se passou muito tempo desde que ele tentou transformar um relacionamento com uma mulher em algo mais do que uma amizade.

> *Ela era uma enfermeira que cuidava de pacientes do sexo masculino. Ela contou que tinha namorado e que falavam em se casar. Então eu disse: "Bem, se você realmente quer fazer isso, Chris, por que não pensa em mim?" Ela disse: "Fred, eu me sentiria como se estivesse me casando com meu avô!" Ela é apenas dois anos mais velha que meu filho mais velho. Eu realmente gostava dela. Eu costumava pegá-la e carregá-la. Ela é uma coisa tão pequena. Eu só queria protegê-la, eram sentimentos paternais que eu tinha por ela. Só a vi duas ou três vezes desde que ela saiu para trabalhar com um médico local.*
>
> *Uma vez, quando ela voltou para uma visita, eu dei em cima dela, apesar de que ela já era casada. Sentamos no escritório e apenas conversamos, mas eu dei em cima dela, e chorei depois. Era como, por que eu fiz papel de idiota? Nunca vou esquecer a última noite em que ela trabalhou comigo. Saímos para tomar alguns drinques. Quando ela entrou em sua caminhonete e foi embora. Eu a observei subir a colina. No dia seguinte, quando fui trabalhar, fui colocar a chave na porta para entrar e de repente comecei a chorar. De repente, pensei: "Chris não vai mais estar aqui". De repente, não sei de onde ela veio, mas minha chefe de unidade entrou no vestiário e disse: "Fred, farei tudo o que puder para trazê-la de volta". Ela realmente colocou os braços em volta de mim! Quando eu disse: "Mas ela é apenas dois anos mais velha que meu filho mais velho!" Ela me diz: "Fred, o amor não conhece limites de idade!" Jamais esquecerei o que ela fez por mim. Nunca me senti tão fortemente ligado a uma mulher como com a Chris.*
>
> *Meu Deus, quantas vezes hesitei! Sempre me penitenciei por não ter sido mais forte do que eu fui. Se ela estivesse aqui agora, eu me desculparia por nunca ter falado com ela com força suficiente para que ela realmente acreditasse em mim. Ela sentava no meu colo de propósito, apenas para chatear outra garota que estava interessada em mim. Eu deveria ter dito: "Não quero que você faça isso apenas por esse motivo. Quero*

> *que você sente no meu colo pelo resto da minha vida!" A mulher perfeita para mim seria alguém como ela. Ela despertou algo em mim, algum tipo de presente interior. Aprendi a me expressar mais com ela do que com qualquer outra pessoa em minha vida. Eu realmente senti que me abri com ela. Espero um dia encontrar alguém tão bom ou melhor que ela.*

Nunca foi difícil para Fred ver uma variedade de imperfeições em si mesmo. Ele permanece dolorosamente ciente delas, todas levando à grande conclusão de que ele não é um homem genuíno e que, quando se trata de seduzir mulheres ou mesmo de se relacionar com elas como um adulto, ele não estava jogando em igualdade de condições.

> *Uma vez eu estava relembrando com minha namorada, Ginny, sobre o ensino médio. Uma vez no vestiário após a aula de ginástica, os caras começaram a me provocar sobre o tamanho do meu pênis. Esse cara que era realmente bem-dotado gritou: "Lá vai ele, pau-de-agulha, fodedor de insetos!" Eu aceitaria bem, mas foi muito constrangedor. Quando contei isso à minha namorada, ela disse: "Agora sei que nunca vou querer ir para a cama com você!"*

A falta de autoconfiança e a baixa autoestima de Fred eram mais aparentes em seus relacionamentos com mulheres, especialmente quando se comparava desfavoravelmente a outros homens que considerava muito mais ousados do que ele. Foi então que o medo pronunciado de rejeição o imobilizou. Frequentemente, ele era dolorosamente lembrado de tudo o que nunca ousou fazer.

> *Outro dia eu estava lendo o horóscopo para os nascidos sob o signo de Áries. Eu chamo isso de "horroróscopo!" Ele previu que este mês eu seria como uma espécie de supervendedor ou algo assim, um cara superconfiante. Pensei comigo mesmo: "Eles devem estar falando sobre outra pessoa!" Afinal, não sou o único nascido sob o signo de Áries. Eu só queria ser esse tipo de cara. É o tipo de pessoa que eu sempre quis ser.*

A reação de Fred ao horóscopo - *eles devem estar falando de outra pessoa* - não foi diferente de sua reação às avaliações favoráveis que os outros faziam dele. Como as avaliações não coincidiam com suas próprias avaliações, ele ficava perplexo e as repelia de maneira tão decisiva quanto um goleiro de futebol:

> *Certa vez, no trabalho, meu chefe e essas duas enfermeiras, Sue e Carol, não conseguiam se lembrar de certo tipo de medicamento. De repente, foi como se um livro se abrisse em minha mente, e eu disse a eles o tipo de medicamento em que estavam tentando pensar e descrevi seu efeito. Eu fiquei lá perplexo! De onde, diabos, veio isso? Sue continua me dizendo que memória maravilhosa eu tenho, tipo, "Deixe isso com ele; ele pode nos dizer!" Sue me dá o crédito de ter mais inteligência do que sinto que tenho.*

Existem outros exemplos de como Fred se recusou a acreditar em coisas boas sobre si mesmo, a concordar com as avaliações positivas dos outros:

> *Certa vez, quando saí com uma mulher que tinha tesão por mim, ela me disse: "Sabe, acho que, exceto por meu pai, me sinto mais próxima de você do que de qualquer outro homem com quem já estive. " Achei que ela tinha bebido muito!*

A falta de confiança de Fred, sua falta de assertividade e seu medo de avaliações negativas por outras pessoas tornaram seu mundo interpessoal um lugar traiçoeiro. As pessoas não eram confiáveis.

> *Sou visto como um coração mole e as pessoas farão o melhor para tirar vantagem de mim. As pessoas buscam o que desejam para si mesmas. Elas não se importam genuinamente com os outros, especialmente comigo. Se tiverem uma chance, elas dirão coisas para me envergonhar.*

Elas nunca foram uma fonte de conforto ou nutrição.

> *Como disse meu pai: "Toda a ajuda de que você precisa, você encontrará bem na ponta do seu braço". Cuidado com as mulheres, elas estão sempre procurando maneiras de usar você. Conte comigo fora desse jogo! Mais cedo ou mais tarde você será dispensado.*

Houve, entretanto, uma ocasião em que as convicções mais profundas de Fred foram severamente testadas. Envolvia a mesma mulher que uma vez disse a ele o quão próxima ela se sentia dele e cujas palavras de afeto ele rejeitou de imediato como se estivesse falando bobagem:

> *Foi durante a semana do meu aniversário. Ela me diz: "Se nenhum de nós ficar preso na plantão esta noite, vou levá-lo*

> *até A Taverna e lhe pagar uma bebida de aniversário". Eu fico tipo, "Ok. Tudo bem". Bem, nós dois saímos de lá naquela noite e descemos para A Taverna para alguns drinques. A certa altura, ela se levanta e vai para a sala dos fundos com uma garçonete que eu conhecia. Achei que provavelmente estavam fumando um baseado. Mas de repente ela apareceu com este bolo em camadas quase tão grande quanto a mesa com "Feliz aniversário, Fred!" nele. Nesse momento, mais 15 pessoas, quase todas as pessoas de todo o prédio, entraram. Os caras foram me dando apertos de mão. As meninas estavam beijando minha bochecha. Todos estavam me desejando um feliz aniversário. Não pude acreditar. Eu me senti maravilhoso.*

A celebração foi quase mais do que ele poderia aguentar. De alguma forma, suas memórias finais tiveram de ser adaptadas à sua visão mais costumeira de si mesmo e de seu valor para os outros. Afinal, era disso que ele dependia para dar sentido a todo o seu mundo durante toda a sua vida. Ele não conseguia entender um mundo no qual as pessoas faziam um espalhafato por ele, no qual os outros o tinham em alta estima, onde ele era totalmente acolhido. Assim, suas palavras finais sobre o que realmente aconteceu em sua festa surpresa foram: *Ela acabou tendo que pagar tudo do próprio bolso. Todos deveriam contribuir, mas ninguém o fez*. Esta história exemplifica a convicção de toda a vida de Fred de que aqueles que deveriam ter contribuído para seu bem-estar nunca o fizeram.

PARTE II

O retrato de vida de Fred Montgomery conta uma história complexa moldada por múltiplas influências e forças. Na segunda metade deste capítulo, considero o seu retrato de dois pontos de vista diferentes, primeiro da perspectiva dos processos e conteúdo da autoconstrução e, em seguida, da perspectiva dos processos e conteúdo da construção de carreira.

Autoconstrução

Indivíduos como Fred repetem sem mestria, constantemente, a busca por um terreno sólido no qual se enraizar. Pelo retrato de vida de Fred, é claro que sua história tinha uma maneira de se repetir. É como se ele organizasse o presente como uma réplica vívida do que havia sofrido quando criança. Fred normalmente

interpreta mal o calor genuíno e os sorrisos de aprovação oferecidos por outras pessoas como os sorrisos condescendentes de antigamente. Elogios generosos o intrigavam ou incomodavam porque seus dias de outrora raramente os incluíam. Parece que aquilo a que estava acostumado quando criança influenciou suas percepções quando adulto. Novas experiências foram interpretadas usando expectativas e convicções absolutamente obrigatórias do seu passado, mas de pouca relevância para suas circunstâncias presentes. Como frutas que nunca caem muito longe da árvore, as vidas humanas parecem nunca ser muito mais do que as sementes que as formaram originalmente.

Dadas essas circunstâncias, como Fred construiu um self para sobreviver quando sempre *esperava pelo pior*? Abordo essa questão sobre a autoconstrução - ou *como* ele moldou quem era e o que se tornou - examinando o processo e o conteúdo de sua autoconstrução (Bruner, 2001). Para os nossos propósitos aqui, os processos de autoconstrução, compreendidos de forma ampla, referem-se ao *como* Fred se moldou como ator social, agente motivado e autor autobiográfico. Em comparação, o *conteúdo da autoconstrução*, compreendido de forma ampla, refere-se a *quem* Fred se tornou, ou seja, os resultados da autoconstrução em termos de características e motivos pessoais duradouros. Antes de avaliar a personalidade e as motivações de Fred, vamos primeiro considerar os processos que ele usou para se constituir.

Processos da Autoconstrução

Três processos entrelaçados para a autoconstrução são a auto-organização do ator social, a autorregulação do agente motivado e a autoconcepção do autor autobiográfico. Como uma prévia, o esquema de apego desorganizado de Fred e a disposição introvertida e de questionamento das normas levou a uma desmotivação (Ryan & Deci, 2000), defendida por um esquema de foco em prevenção e reforçado por uma estratégia de identidade vocacional difusa como um Andarilho, resultante de um esquema de reflexividade fragmentado.

Ator Social. No modelo de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968), cada bebê primeiro encontra uma crise de confiança versus desconfiança. Depois de estabelecer um relacionamento com um cuidador confiável, a criança generaliza essa confiança para outras pessoas e investe esperança no futuro. Tendo aprendido a depender de outros confiáveis, a criança encontra a próxima tarefa epigenética -

desenvolver autonomia e autocontrole. Infelizmente, alguns indivíduos como Fred Montgomery não conseguem se vincular com segurança a um cuidador confiável. As experiências precoces de relacionamento de Fred foram isoladas e difíceis. Ele nunca teve um porto seguro para lidar com sua dor. Como resultado, Fred passou toda a sua vida procurando um outro confiável, incapaz de sequer conceber tornar-se autônomo, semelhante ao cunhado que Fred admirava.

Os pais de Fred falharam em fornecer proteção e segurança na forma de um ambiente acolhedor que lhe permitisse dar continente a suas experiências emocionais (Bion, 1962) e expressar seu potencial interno (Winnicott, 1986). Acolhimento, que antecede o apego, é a sensação de que alguém nos envolve e nos apoia para que não caiamos ou falhemos (Josselson, 1996). Em poucas palavras, Fred tinha dificuldade de se sentir abraçado pela mãe, que é o relacionamento mais fundamental de que um bebê precisa. Sobrecarregada pelas circunstâncias e incapaz de oferecer cuidados, a frágil mãe de Fred achou difícil cuidar dele. Em vez disso, ela se afastou dele, evitando o contato ou fazendo-o com hesitação. Os esforços de Fred para obter proximidade e conforto apenas irritaram sua mãe, levando Fred a suprimir sua necessidade de proteção e nutrição. Mesmo quando seu pai se encarregou de Fred, ele pouco fez para abrir novos horizontes, encorajar seus interesses intelectuais ou prepará-lo para um mundo em que ele mal se entendia. Fred ficou com medo de se aventurar no mundo exterior, hesitando em todos os lugares, e só conseguiu reduzir sua ansiedade buscando conforto, proteção e afirmação em substitutas maternas.

Em termos do modelo de Bowlby (1982), o padrão desanimado de Fred de alta evitação e alta ansiedade pode ser chamado de *esquema de apego desorganizado*, às vezes referido como apego desorientado. Não se conectar de forma segura com seus pais foi uma catástrofe que prendeu Fred em uma solidão com acúmulo de medos profundos e experiências difíceis. Ele sofreu - sem reparo - ataques regulares e traumáticos de medo, desamparo, humilhação, vergonha e abandono. A perda da mãe foi desorganizadora porque deixou Fred com uma falta avassaladora de regulação de afeto parental. Separado de uma mãe que não conseguia conter suas ansiedades, Fred nunca aprendeu a se conter, o que o levou a se internar em um hospital psiquiátrico. Incapaz de controlar suas próprias emoções, os sentimentos de Fred eram inacessíveis, opressores e confusos. Incapaz de engolir sua mágoa, sua mágoa o engoliu. Em seu ambiente familiar sombrio, Fred permanecia com

um medo implacável e uma incerteza persistente, dificultando sua vida. No devido tempo, todas essas dificuldades se repetiram em seus relacionamentos com outras pessoas. Vendo a si mesmo e aos outros como negativos em seu desanimado modelo de relacionamento de trabalho, Fred não tinha certeza se deveria se aproximar ou se afastar das pessoas. Por um lado, ele queria relacionamentos, mas, por outro lado, não sabia como entrar em contato com os outros, o que dizer que poderia ter feito a diferença, como manter uma conversa ou como convidar outros para a sua vida. No final, essa confusão resultou em comportamentos de evitação social, fazendo com que ele vivesse dentro de seu próprio mundo.

Durante a infância, o esquema de apego desorganizado de Fred o levou a desenvolver uma estrutura de personalidade e um padrão de reputação fragmentados. No modelo cúbico de disposições de personalidade de Gough (1990), Fred se assemelha ao tipo Delta por ser introvertido na orientação interpessoal e questionar normas, valores e regras sociais. Ele exemplifica a caracterização dos tipos Delta que funcionam em um baixo nível de integração: retraídos, tímidos, quietos, distantes, preocupados, autodestrutivos e mal organizados. Semelhante ao tipo de personalidade Delta, Fred parecia focado em conflitos internos profundos e excessivamente absorvido em seus próprios devaneios. Ele parecia socialmente desajeitado, ineficaz para lidar com a frustração, desprovido de significado pessoal e sujeito à descompensação e fragmentação do ego (Domino & Domino, 2006; Gough, 1987).

Agente Motivado. Sem apoio familiar nem incentivo adequado, um menino pode achar o mundo tão perigoso que cada impulso se torna um "melhor não", cada pensamento uma confusão e cada gesto um estudo de cautela. As aspirações de Fred nunca foram discutidas em casa. Ele não tinha um mentor ao lado encorajando-o a aproximar-se de seus pares masculinos e femininos, ninguém lá para ajudá-lo a processar suas trocas, seus pensamentos, seus sentimentos, suas intenções. Ele não sabia como lidar nem com pequenas mudanças nas circunstâncias, quais esforços poderia fazer para melhorar sua vida, como lidar com problemas e experiências escolares estressantes, nem o que é necessário para ter sucesso no trabalho. Não conseguia identificar riscos ao mesmo tempo viáveis e salutares - aqueles que poderiam fazê-lo sentir-se mais satisfeito consigo mesmo. O ambiente familiar ao qual ele se adaptou era uma matriz social desorganizada. Quando ele foi para o

mundo exterior, parecia despreparado para lidar com as situações e apenas fez o que sempre fizera.

Sem uma base segura para explorar o mundo, Fred não conseguia formar as atitudes, crenças e competências necessárias para compor um plano de vida e construir ativamente uma carreira. As tentativas de autorregulação e controle de impulso no presente precedem a preparação para o futuro. Com um foco regulatório baixo tanto em questões de promoção quanto de prevenção (Higgins, 1997), Fred abandonou as tentativas de autorrealização, e, ao invés disso, concentrou-se em evitar erros e possíveis perigos perseguindo, de forma segura, objetivos com alto grau de segurança.

Vivendo o momento, Fred nunca desenvolveu os recursos de adaptabilidade de preocupação com o futuro, controle para adiar a gratificação, curiosidade sobre as possibilidades, nem confiança na implementação de planos. Ao invés de olhar para frente e ao redor, Fred optou por não olhar para as possibilidades de carreira, apenas buscou não se machucar nos detritos da vida diária. As reações típicas de Fred a tarefas de desenvolvimento vocacional, transições ocupacionais e problemas laborais, raramente eram de enfrentamento integrativo, o que poderia tê-lo levado a maior estabilidade em um nível superior de desenvolvimento pela resolução de problemas. Temeroso e preocupado, ele costumava reagir a dificuldades pessoais desconcertantes com respostas superficiais de ajustamento defensivo ou reações emocionais mal adaptativas, cometendo repetidamente os mesmos erros. Para reprimir seu nervosismo crônico e preocupação, Fred se afastou ou permaneceu passivo em situações sociais. Na ocasião, sua falta de motivação o deixava sem interesse em fazer nada e suas respostas fragmentadas desadaptativas produziram um desânimo extremamente doloroso.

Autor autobiográfico. A formação de uma identidade é considerada uma das tarefas de desenvolvimento mais importantes (Erik-son, 1968) e que Fred negligenciou. Para desconsiderar as questões de formação de identidade e proteger sua autoestima, Fred usou a estratégia cognitiva de autolimitação, *apenas aceitando as coisas como elas vêm*, na crença de que as coisas se resolveriam e as circunstâncias escreveriam a história de sua vida (Berzonsky, & Ferrari, 2009).

O esquema de apego desorganizado de Fred e as respostas mal-adaptativas às tarefas de desenvolvimento o predispuseram a essa *difusão de identidade*.

Mesmo depois de ter tomado decisões, Fred "não tinha uma direção ocupacional ou ideológica definida" (Marcia, 1980, p. 181). Quando forçado a tomar uma decisão ou agir, ele reagia às demandas externas imediatas com ajustamento defensivo ou fragmentação mal-adaptativa. Na falta de um porto seguro em casa, Fred nunca se reconciliou com a necessidade de crescer. Ele permaneceu uma criança assustada, com sua ansiedade impedindo a formação de uma identidade vocacional.

Indivíduos com identidades difusas, como a de Fred, frequentemente emergem de ambientes de desenvolvimento com uma mãe que induz sentimentos de abandono e isolamento junto com um pai distante e desligado (Marcia, 1980). Se os pais realmente são o ponto de referência final para encontrar nosso caminho no mundo, Fred certamente estava perdido. Desde a infância, seus pais não forneceram uma base confiável para explorar o mundo, nem lhe garantiram que seriam um porto seguro se as coisas dessem errado. Preso no presente com pouco senso de futuro, Fred não explorou seus valores e interesses, nem moldou seus objetivos e metas.

Fred sofreu todas as características clássicas de viver com difusão de identidade: perdido, sem rumo, isolado, passivo, emocionalmente instável, sentindo-se vazio, sem sentido, com baixa autoaceitação, insatisfeito com seu lugar no mundo e com comprometimentos fracos. Apesar de ser atormentado por essas questões, Fred finalmente conseguiu um ajuste superficial à vida em seu trabalho como atendente. Seu andar no asilo forneceu o que Kroger e Marcia (2011) descreveram como "um contexto definidor para fornecer externamente o que está faltando internamente" (p. 35).

Conteúdo da autoconstrução

Fred foi o recipiente passivo de circunstâncias profundamente perturbadoras durante seus anos de formação, porque sua mãe e seu pai eram mal preparados para cuidar dos filhos. Em aspectos importantes, eles abandonaram Fred, deixando-o exposto a "acidentes" em tudo o que acontecesse fora de casa. Olhando para trás, o médico de família que diagnosticou Fred como com "saudades de casa" ofereceu uma visão perspicaz. Como consequência da saudade de casa, Fred evitou as relações e a comunicação interpessoais, levando ao retraimento e ao isolamento que caracterizariam toda a sua vida. Fred até se gabou uma vez de que era o filho favorito porque ficava quieto, evitando falar até que seus pais lhe fizessem uma pergunta. Claro, raramente o faziam.

Dois dos psiquiatras de Fred ao longo dos anos se perguntaram se Fred deveria ser diagnosticado com um transtorno de personalidade esquizóide. Esse transtorno tem critérios que se sobrepõem ao transtorno de personalidade esquiva, tornando o diagnóstico diferencial complicado. Do nosso ponto de vista, duvidamos que Fred tenha experimentado um transtorno de personalidade esquizóide, mas as características de um transtorno de personalidade esquiva parecem explicar suas experiências. Embora ambos os transtornos de personalidade evitem relacionamentos interpessoais próximos e provoquem distanciamento de outras pessoas, eles diferem no fato de que os indivíduos evitativos desejam esses relacionamentos, mas temem humilhação, rejeição e constrangimento, enquanto os pacientes esquizóides sentem pouca necessidade ou desejo de relacionamentos interpessoais próximos (American Psychiatric Association, 2013). Fred queria se conectar com outras pessoas, mas era frustrado por uma sensação de inadequação pessoal e intenso medo da rejeição social.

O retrato de vida de Fred exibe o padrão generalizado de inibição social e sentimentos de inadequação que caracterizam uma personalidade evitativa. Fred ruminava sobre proximidade e rejeição de outras pessoas e, infelizmente, essa apreensão perpetuou sua falta de jeito social e comportamento inadequado. Por exemplo, aos 35 anos, ele afirmou

> *Normalmente sou reticente na presença de mulheres. Sinto-me mais relaxado na companhia de homens. Tenho a sensação de que posso ofender uma mulher ao dizer maldição ou inferno.*

No domínio interpessoal, Fred queria ter relacionamentos, o que distingue sua abordagem dos transtornos da personalidade esquizóide, mas a intensidade de sua ansiedade temerosa de ser envergonhado, criticado e rejeitado o levou a evitar a interação social. O desconforto causado por esse temor e ansiedade, que ele chamou de nervosismo, provocava sentimentos dolorosos de inferioridade, necessidades de dependência insatisfeitas e inibição social generalizada.

Sentimentos de inferioridade. A autodescrição de Fred como tendo complexo de inferioridade é provavelmente correta. Ao fazer o diagnóstico de transtorno de personalidade esquiva, a característica clínica mais marcante é a ansiedade em falar com outro ser humano (Kaplan, Sadock e Grebb, 1994). Considere as notas de campo da primeira entrevista com Fred:

> Fred se atrasou para a entrevista, dizendo que havia esquecido. Fred manteve uma aparência quase inexpressiva em seu rosto durante a entrevista. Ele manteve o queixo baixo e olhou para cima com os olhos. Seu rosto estava pálido e ele parecia fisicamente desconfortável. A entrevista pareceu embaraçá-lo um pouco. Embora fosse bastante cooperativo, ele não parecia gostar do que estava acontecendo.

Essas notas, junto com os dados da entrevista e os resultados dos testes, sugerem que Fred experimentava os sentimentos de inferioridade que caracterizam uma personalidade esquiva. Ele compartilhava da falta de sofisticação dos pais e ficava constrangido com as muitas deficiências de sua casa. Sabia que sua família era diferente das famílias de seus colegas no que se referia à condição socioeconômica, e só mais tarde percebeu que a diferença ia muito além da questão de renda. Seus sentimentos de inadequação na escola e no trabalho o deixavam preocupado, temeroso e tenso. Ele estava com medo de competir por medo de falhar. Talvez porque se sentisse inferior aos outros, Fred desenvolveu necessidades de dependência, inibição social e depressão que também caracterizam personalidades evitativas.

Necessidades de dependência. Durante a infância de Fred, uma irmã mais velha que era responsiva à sua necessidade de segurança emocional forneceu um apego substituto. Chamamos de apego substituto, em vez de apego secundário, porque o relacionamento inseguro de Fred com seus pais impedia um apego primário a eles. Fred se envolveu profundamente com a irmã, passou a compartilhar seus interesses e atividades femininas e nunca mais se recuperou de seu abandono. O casamento dela, que a fez deixar a casa, significou o fim de seu apego a uma figura protetora com quem ele podia contar, bem como o início de sua busca por um substituto entre seus professores e colegas. Essa busca por uma base segura tornou-se o objetivo principal de seu *leitmotiv*, conforme revelado em suas primeiras recordações. Quando perguntado sobre suas primeiras recordações, Fred, a princípio, disse que *eu realmente não sei dizer*. Quando solicitado a tentar, falou sobre seu avô: *Lembro-me de correr pelo chão da cozinha quando ele abria os braços. Ele dizia aqui vem meu homenzinho e abria os braços*. Quando questionado sobre o que essa memória significava para ele, Fred disse que *acho que eu estava querendo carinho*. Em sua segunda recordação, ele contou como procurou sua mãe em busca de proteção depois de ignorar a advertência de seu pai

> *Pare de pegar o copo com os dentes e beber dessa maneira. Eu o ignorei e o vidro quebrou na minha boca. Lembro-me de ficar debaixo da mesa da cozinha e abraçar as pernas da minha mãe porque ele estava atrás de mim com um cinto.*

A paixão precoce de Fred por uma professora e sua busca constante por uma garota para confortá-lo eram parte integrante de um esforço para ter a garantia de uma mãe que ele nunca teve e para ter a certeza de que sua irmã não estava tão longe, afinal. A importância dessa busca foi sugerida pelos escores na escala Om no *Dynamic Personality Inventory* (Grygier & Grygier, 1976), feito aos 40 anos, que indicava a necessidade de Fred de envolvimento emocional com outra pessoa e, como ele disse, *seu desejo de conexão*. Isto foi sugerido ainda pela extensão de seu desespero suicida após o rompimento de seus dois casamentos.

Exceto por seu cunhado, a quem admirava por sua autonomia e apreciava por sua autoridade, nunca houve nenhum outro homem em sua vida que ele buscasse com tanta avidez quanto a enorme sucessão de mulheres. O pai de Fred nunca pode mostrar uma linha orientadora, já que ele era um *escravo* no trabalho, desanimado em casa e digno de pena por parte de sua esposa. Nunca tendo alcançado um senso estável de confiança interpessoal ou esperança para o futuro, a vida de Fred tornou-se uma busca por alguém com quem pudesse contar. Ele não poderia pular essa tarefa de desenvolvimento e apenas contar consigo mesmo como o cunhado que ele admirava. Assim, Fred passou sua vida procurando aceitação e orientação de outras pessoas. Isso explica por que ele era tão dependente da opinião de outras pessoas, geralmente mulheres que eram menos ameaçadoras porque eram mais velhas ou mais novas do que ele.

Inibição Social. Em função de sua inibição social generalizada, Fred achou difícil satisfazer suas fortes necessidades de atenção e apoio. A timidez e o isolamento social de Fred atrapalhavam repetidamente sua busca por conexão. Em muitos aspectos importantes, Fred permaneceu imobilizado durante grande parte de sua vida em função de sua preocupação em ser criticado ou rejeitado em situações sociais. Sabemos, pelo retrato de vida de Fred, que ele era reticente e constrangido, especialmente em grupos, e que evitava situações sociais que exigiam que ele conhecesse novas pessoas. Além do problema, havia sua tendência, por causa de sua sensibilidade e desconfiança, de interpretar erroneamente a motivação dos

outros. Tendo sido recompensado por seus pais por ficar quieto, ele achava difícil falar, mesmo em situações bastante familiares. Ele evitava expressar suas opiniões ou deixar que as pessoas soubessem muito sobre ele, permanecendo quieto e inibido em situações interpessoais novas em função de seus sentimentos de inadequação.

Fred ficou particularmente em conflito quando sua inibição social colidiu com seu desejo de conexão com mulheres que poderiam lhe fornecer a atenção e o apoio que ele tanto ansiava. Seu medo de ser envergonhado ou ridicularizado, como foi quando aos dez anos de idade a menininha o deixava perplexo e o menino mais velho ria dele, restringia seus esforços para estabelecer relacionamentos íntimos. Sentindo-se socialmente inepto, pessoalmente desagradável e inferior aos outros, Fred permaneceu relutante em se arriscar a iniciar novos relacionamentos que poderiam ser constrangedores. Sua dependência incomum de possíveis parceiras, juntamente com a urgência de sua necessidade de aceitação, tornava difícil para ele se sentir confortável com as aberturas. Fred desejava o calor e a segurança da companhia humana, mas sua timidez o paralisava quando tentava aproximar-se dos outros. Parte de seus sentimentos de estranheza e inferioridade pode ser explicada pela vergonha em torno dos impulsos e contato sexuais. Os "fatos da vida" - como alguém lida com impulsos sexuais e desejos problemáticos e o que é necessário para se apaixonar - nunca foram discutidos em sua casa. Suas próprias inibições nessa importante área de sua vida ficaram evidentes em muito do que ele relatou. Além disso, suas respostas ao *Thematic Apperception Test* (*TAT*; Morgan & Murray, 1943), aos 35 anos, sugerem que a ideia de contato sexual não era muito agradável para ele. Ele considerava o sexo perigoso, ilícito sob quaisquer circunstâncias e potencialmente destruidor. Suas respostas ao *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI-2; Butcher, Graham, Tellegen, & Kaemmer, 1989), feito aos 40 anos, sugere que estava crivado de conflitos sobre sexualidade e dependência, bem como preocupado com a adequação masculina. Assim, suas necessidades emocionais por uma mãe / irmã substituta eram frustradas por medos igualmente fortes de contato sexual, tornando impossível encontrar conforto em seu relacionamento com qualquer mulher. Isto também exacerbou sua necessidade de relacionamentos de suporte de qualquer tipo. Sua pontuação na Escala de Dependência do *Dynamic Personality Inventory* (*DPI*; Grygier & Grygier,

1976) indicou uma dependência de substitutos dos pais, necessidade de orientação e uma atitude dependente.

Depressão. Obviamente, os dolorosos sentimentos de inferioridade de Fred, as necessidades de dependência não satisfeitas e a inibição social generalizada tornaram difícil para ele se adaptar com sucesso às tarefas da vida de trabalho, amizade e intimidade. Seus escores no *DPI* indicaram rigidez, falta de impulso e autoconfiança e uma tendência a ceder sob estresse. Seu *MMPI*, feito aos 40 anos, mostrou elevações maiores do que um escore T de 75 em quatro escalas diferentes. O código "2547" de Fred refletiu sua depressão, passividade, ressentimento e timidez. A narrativa do *MMPI* relatou as seguintes características de personalidade: sentimentos de inadequação, conflito sexual, rigidez e falta de autoconfiança. Fred também foi descrito como excessivamente sensível, constrangido, solitário e tímido. Apenas dentre os membros de sua família e os pacientes em seu andar é que Fred conseguia se mover com mais segurança. Nesses dois ambientes, ele criou um refúgio especial para si e para aqueles que o cercavam. E enquanto ele for capaz de manter tais circunstâncias, ele nunca precisará enfrentar um mundo interno e externo que poderia exigir muito mais dele. Como o jovem que ele viu, aos 35 anos, no Cartão #14 do TAT, ele pode *se acalmar para dormir* com sonhos que não sejam de todo inquietantes. Mas a cada dia que acorda, ele se sente infeliz e desanimado porque a vida não funcionou bem para ele. Cheio de arrependimentos e culpa em relação ao passado, sentindo-se ineficaz no presente, e com pouca esperança no futuro, Fred enfrenta cada dia fazendo o melhor que pode. Como escreveu o dramaturgo grego Menandro (342-290 aC): "Vivemos não como desejamos, mas como podemos" (Allinson, 1921, p. 317).

Construção da carreira

Para examinar como Fred manifestou seu personagem no mundo do trabalho, eu me concentrei primeiro nos processos pelos quais ele construiu sua carreira e, em seguida, no conteúdo dessa carreira. Ao considerar o processo, considerei como o personagem de Fred, com seu esquema de apego desorganizado e inseguro, o impedia de construir objetivos vocacionais e planejar sua carreira, o tempo todo concentrando seu interesse no trabalho apenas nas recompensas extrínsecas de dinheiro e segurança. Em seguida, discuto como Fred finalmente encontrou-se em

uma posição ocupacional adequada e a transformou em um porto seguro para si mesmo, quase uma casa longe de casa onde todos os dias ele poderia dar aos outros o cuidado que quando criança ele procurava para si mesmo.

Processo da construção da carreira

A imaturidade vocacional de Fred quando adolescente e a estagnação de sua carreira como adulto ilustram a importância de uma perspectiva de futuro. A adaptabilidade da carreira na adolescência e na idade adulta jovem depende de uma orientação futura que estimula o comportamento exploratório e mantém uma prontidão para tomar decisões educacionais e vocacionais ajustadas. Fred nunca desenvolveu as atitudes de planejamento e as competências de autodeterminação necessárias para delinear sua carreira, porque estava atolado no presente, preocupado em passar ileso pelo dia. Planejar seu futuro no trabalho, ou em qualquer outro lugar, não era uma questão importante. Quando pensava no futuro, Fred simplesmente presumia que o futuro iria repetir o presente que ele suportou e o passado que sua família havia sofrido. Em vez de planejar uma carreira, Fred esperava que sua vida profissional consistisse no trabalho desmoralizante que esmagou seu pai e monopolizou sua mãe. Consequentemente, ele esperava pouco do trabalho, vendo-o como um meio de sobrevivência e um lugar para conhecer mulheres. O trabalho não lhe prometia identidade ou significado pessoal - nem mesmo muito retorno econômico. Embora executasse as atividades de trabalho, ele nunca se comprometeu com seu emprego ou empregador.

A baixa motivação de Fred para o trabalho e a falta de planejamento de carreira podem ser facilmente detectadas em cada uma de suas entrevistas. Durante o ensino médio, Fred não ousava ter ambições. Quando questionado sobre o que gostaria de tirar da vida e quais seriam alguns dos motivos para viver, Fred respondeu: *Não consigo pensar em nenhum*. Quando questionado sobre que tipo de coisas ele gostaria que seu trabalho lhe proporcionasse, ele novamente disse, *eu não sei*. Seus pais também não tinham uma visão para o futuro do filho. Durante a entrevista com os pais, sua mãe, quando questionada sobre suas esperanças e ambições para o filho, respondeu: *Bem, não sei*. A única ambição de seu pai para Fred era que ele terminasse o ensino médio, o que Fred quase fez. Porém, mesmo no nono ano, Fred já pensava em desistir da escola. Ele não tinha ideia do tipo de currículo que seguiria nos próximos três anos e relatou que estava *apenas aceitando as coisas*

como elas aparecem. Ele não viu muita aplicação prática para as matérias que estudou na escola. Ele estimava que as chances de ele se formar eram *meio a meio*. Ele pensava que, se largasse a escola, entraria para a Força Aérea, mas não conhecia ninguém na Força e não tinha ideia do que isso envolvia.

> *Não sei se gostaria ou não, mas não tenho escolha. Não tenho nenhuma ambição agora. Talvez eu fique na Força Aérea alguns anos, economize todo o meu dinheiro e compre uma barraca de produtos agrícolas.*

A ideia de explorar uma carreira nunca lhe ocorreu porque não tinha uma base segura para se aventurar pelo mundo.

Obviamente, Fred raramente olhava para frente para considerar o que o futuro poderia trazer. Pior ainda, ele raramente olhava para si mesmo, então Fred possuía um autoconhecimento mínimo. No nono ano, quando solicitado a se descrever, tudo que ele conseguiu dizer foi: *Não sei que tipo de cara eu sou*. Quando pressionado a descrever seus pontos fortes, Fred disse: *Não sei quais são os meus pontos fortes*. A única coisa que ele admitiu gostar em si mesmo foi *eu não tenho muitos inimigos*.

Quando, aos 25 anos, foi questionado sobre planos futuros, ele disse algo semelhante ao que havia dito no nono ano: *Estou tocando de ouvido. Bem, acho que vou começar a planejar mais no futuro, em cerca de seis meses. Talvez eu compre uma barraca de hortifrutigranjeiros*. Quando questionado se achava que planejar sua vida seria útil, Fred respondeu: *Bem, eu não tenho um ofício especializado nem nada, quer dizer, simplesmente não sou qualificado em nenhum tipo de trabalho especializado com que possa planejar. Então, é preciso obter uma habilidade ou aceitá-la como ela vier*. Portanto, aos 25 anos, Fred ainda estava *levando como der*. Isso continuou verdadeiro aos 35 anos, quando Fred relatou que seus objetivos de carreira nunca foram claros para ele e, mesmo naquela época, ele não tinha um objetivo de carreira de longo prazo. Quando questionado sobre quanta certeza ele tinha de que estaria no mesmo emprego daqui a dez anos, ele respondeu, *muito incerto* - e ele estava correto.

Conteúdo da construção da carreira

O modelo de Fred era Will Rogers, um homem caloroso e amigável que nunca conheceu uma pessoa de quem não gostasse e, certamente, alguém que não abandonaria um bebê nos trilhos da ferrovia. Parece que Will Rogers serviu de objetivo e exemplo para Fred em sua busca pela aceitação das outras pessoas. O mesmo pode ser hipotetizado para o poema favorito de Fred, porque conta a história de inimigos que eventualmente se aceitam. No poema intitulado *A Balada do Leste e do Oeste*, Rudyard Kipling (1889) descreveu como dois meninos, um, filho de coronel, que montava uma égua, e o outro, filho de um ladrão, que montava um pangaré, forjaram um vínculo. Apesar de suas diferentes posições na vida, eles se tornaram irmãos de sangue depois que *se olharam nos olhos e lá eles não encontraram nenhuma falha*. O interesse de Fred por Will Rogers e irmãos de sangue sugere que ele poderia, se se sentisse seguro, ser atraído para um trabalho onde pudesse se conectar com as pessoas e conquistá-las. No entanto, conforme observado anteriormente, Fred expressava poucos interesses profissionais. Durante sua primeira entrevista no nono ano, ele não relatou nenhum interesse profissional. Na primavera, no nono ano, ele disse que gostaria de um trabalho ao ar livre. Em março do primeiro ano do ensino médio, e novamente em outubro do segundo ano do ensino médio, ele não tinha certeza de nenhum interesse vocacional, mas pensava em ingressar na Força Aérea depois do ensino médio. Em janeiro de seu último ano, disse que poderia trabalhar no mercado de produtos agrícolas. Embora Fred não expressasse preferências vocacionais cristalizadas, seus interesses inventariados eram surpreendentemente bem definidos.

Interesses inventariados e habilidades. Fred respondeu ao *Work Values Inventory* (*WVI*; Super, 1970) três vezes: uma no nono ano, depois novamente no terceiro ano do ensino médio e novamente aos 35 anos. O que ele considerava importante no trabalho permaneceu bastante estável nessas três ocasiões. Em todas as vezes, ele valorizou um bom salário, um supervisor amigável e a aceitação de outras pessoas. No ensino médio, ele valorizou a independência, mas, à medida que amadurecia, seu foco na independência foi substituído por um desejo crescente de segurança e rotina. Ele nunca valorizou um trabalho que envolvesse criatividade, variedade, estimulação intelectual ou desafios às habilidades.

Quando aluno do nono ano, o perfil de Fred no *Kuder Preference Schedule - Vocational Form CH* (Kuder, 1956) indicou forte interesse em atividades Literá-

rias (percentil 86) e Persuasivas (percentil 78), juntamente com algum interesse em Serviço Social (percentil 59), Artístico (percentil 57) e atividades ao Ar Livre (percentil 56). Ele rechaçou (percentil abaixo de 33) atividades Administrativas, Científicas, Mecânicas e Computacionais. A conversão desse perfil para um código RIASEC resulta em um tipo de personalidade vocacional de Empreendedor-Social-Artístico (ESA). Combinado com seu nível de aptidão e realização acadêmica, este código e suas variações parecem se adequar a posições Empreendedor-Social-Realistas, como governanta, garçom, barbeiro; posições Social-Empreendedor-Artísticas como diretor de creche, supervisor de recreação, atendente de instituição infantil; e posições Social-Empreendedor-Realistas, como auxiliar de enfermagem, auxiliar de home care, atendente em hospital-dia e atendente de hospedagem. Esses empregos se assemelham ao que ele ocupou como atendente de um asilo por mais de 29 anos. Os interesses persuasivos de Fred provavelmente ilustram a visão de que interesses vocacionais podem expressar soluções para problemas no crescimento, no caso dele uma mãe que não o ouvia quando ele falava, bem como os problemas de ficar *nervoso em multidões ou falar com as pessoas* e ficar *travado para falar em novas situações*. A capacidade de Fred de superar, até certo ponto, sua ansiedade social, é indicada pelo sucesso como vice-presidente sindical e por ter sido recrutado por seu superior como supervisor.

Os dois maiores interesses ocupacionais de Fred no *Strong Vocational Interest Blank-Revised* (Strong, Campbell, Berdie, & Clark, 1966) coincidiam com seu interesse em atividades Persuasivas e Literárias. Ele obteve escore A tanto em vendas de imóveis quanto em autor-jornalista. Seus próximos escores mais altos foram B + para artista, médico e fazendeiro. Claro, algumas dessas ocupações podem ser irrealistas para Fred em função de sua aptidão acadêmica geral e realizações. Ele pontuou no percentil 15 no *Otis-Lennon Mental Ability Test* (Otis & Lennon, 1967), no percentil 24 no *Nelson-Denny Reading Test* (Nel-son & Denny, & Brown, 1960), no percentil 10 no *Differential Aptitude Test* (DAT; Bennett, Seashore, & Wesman, 1966) para capacidade numérica, e no percentil 10 no *Test of Mechanical Comprehension* (Bennett, 1940). No entanto, no DAT para Raciocínio Verbal ele pontuou no percentil 33 e seu escore no DAT para Raciocínio Abstrato foi ainda maior, caindo no percentil 50. No geral, as habilidades avaliadas de Fred sugerem que ele poderia ter feito mais na escola,

se apenas se sentisse mais seguro lá. A nota mais alta em seu histórico escolar foi 73 no nono ano e no primeiro ano do ensino médio em estudos sociais e em inglês no segundo ano do ensino médio. Suas únicas outras notas acima de 70 foram no segundo ano do ensino médio para vendas no varejo e para datilografia.

Carreira profissional. Quando os orientadores pensam na afirmação clássica de Super (1963) de que a escolha de uma profissão implementa um autoconceito, quase sempre pensam em autoconceitos positivos. Por exemplo, pessoas acolhedoras e dominantes frequentemente implementam seus autoconceitos em profissões como professor, conselheiro, enfermeiro ou religioso. A afirmação de Super, no entanto, vale também para autoconceitos negativos. Os indivíduos que se avaliam negativamente podem converter essa autoavaliação em atividades destrutivas, como ladrões ou traficantes de drogas. Fred conseguiu evitar um resultado tão desastroso em função de sua coragem e interesse social. Fred trabalhava em uma atividade construtiva, que manifestava seu autoconceito negativo como *simples limpador de bunda comum*, mas ainda assim permitia que ele fizesse uma contribuição social cuidando de *pacientes enfermos*.

O comportamento vocacional de Fred como atendente de um asilo se assemelha ao previsto para indivíduos com transtornos de personalidade esquiva (Kaplan, Sadock, & Gregg, 1994). O relatório descritivo do MMPI de Fred revelou com precisão sua estreita gama de interesses e possibilidade de realizar atividades domésticas. Agindo de forma tímida e ansioso por agradar, Fred permaneceu à margem, envolvido em tarefas que implementam os aspectos nutritivos de sua personalidade – passear com pacientes e trocar suas fraldas, bem como alimentá-los, dar banho, fazer a barba e movimentá-los. Seus pacientes apreciavam seu tratamento, e ele tinha um justificado orgulho de sua habilidade em trabalhar com eles e agradá-los. Claro, isso não significava que gostasse de si mesmo ou de sua ocupação. Fred gostaria de conseguir uma posição melhor no asilo. Aos 35 anos, Fred afirmou que não gostava de seu trabalho por causa das tarefas, da falta de variedade e das condições físicas do trabalho. Além disso, ele não gostava de seu supervisor, dos benefícios e da carga de trabalho. Ocasionalmente, nos 20 anos seguintes, Fred se candidatou a outras posições no asilo, *mas alguém sempre me batia*. Ele atribuiu sua falta de progresso na carreira à insuficiência de treinamento e conhecimento. É claro que pensamos que seus pais tiveram um papel em sua estagnação

profissional (cf., Super, Kowalski, & Gotkin, 1967), incluindo o conselho de sua mãe sobre *conseguir um emprego e mantê-lo, independentemente de quanto dinheiro que você ganhou* e seu desencorajamento a melhorar: *tudo o que ela queria para mim era um lugar onde eu pudesse trabalhar todos os dias*. Claramente, o período de três décadas de Fred como atendente de um asilo mais do que satisfez a ambição de sua mãe para ele.

No entanto, Fred frequentemente ruminava sombriamente sobre sua falta de progresso na carreira e se sentia ressentido por sua posição na vida. Por trás da reflexão e ressentimento de Fred sobre o que o destino lhe havia oferecido, estava o sonho de um mundo muito diferente, no qual ele se tornaria um campeão para sua família e um defensor de indivíduos desafortunados. Seu autoconceito ideal parece ser o de um salvador. Desde o início ele pensava em encontrar um lugar de refúgio para sua família, onde seus pais pudessem terminar seus dias e onde sua irmã e o marido pudessem desfrutar dos privilégios de uma comunidade especial. Embora esse sonho específico nunca tenha se realizado, ele ainda permanece. Seu mundo era sustentado pela esperança de um milagre como o que ele descreveu aos 35 anos para o cartão *TAT* 8BM, no qual uma figura divina intervém em nome de uma pessoa que atirou em si mesma sem querer. Um refrão semelhante apareceu em sua resposta ao cartão *TAT* 13MF. A vida do herói é dedicada ao serviço e à salvação de uma jovem que esteve doente por toda a vida e cuja sobrevivência depende de toda a perspicácia que o médico adquiriu ao longo de anos de educação médica. De maneira profunda, Fred, ao longo dos anos, foi capaz de realizar pelo menos parte desse autoconceito ideal porque, em grande medida, ele se tornou uma espécie de salvador para os pacientes de seu andar.

Claramente, a ocupação de Fred implementou seu autoconceito, mas fez ainda mais por ele. O trabalho de Fred permitiu que ele se tornasse mais inteiro, mais completo, enquanto ele dominava ativamente o que passivamente havia sofrido quando criança. Seu trabalho permitiu que curasse parte da dor que sentia, dando aos seus pacientes enfermos o cuidado que ele desejava quando criança. O papel ocupacional de Fred em um contexto definido permitiu-lhe repetir e melhorar seu papel na trama familiar de sua infância e juventude (Chusid & Cochran, 1988). Ao reconstituir esta trama, ele enfatizou temas de apego e pertencimento - a própria essência da família. Fred utilizou, implícita e inconscientemente, o cenário de sua

trama familiar e sua posição infantil nessa trama para dar sentido e interpretar a trama profissional que viveu, com seu objetivo central de encontrar uma figura materna para cuidar dele. Seus deveres profissionais repetiam, com conteúdo ligeiramente diferente e novos personagens, a trama que ele havia vivido em sua família. Nesse sentido, o trabalho compensou o que ele perdeu na infância, permitindo-lhe representar um papel dramático mais gratificante. O papel era mais gratificante não por ser radicalmente diferente, mas por transformar a passividade em atividade, fazendo pelos outros o que não foi feito por ele. Desse modo, sua tensão se transformou em intenção e sua preocupação em profissão, explicando, em parte, por que todos os dias ele se apresentava cedo para trabalhar.

Ao longo de sua vida profissional, Fred fez o possível, geralmente com sucesso moderado, para criar para si uma família substituta. Seu grande envolvimento no mercado de hortifrutigranjeiros proporcionou-lhe essa oportunidade. Suas atividades sindicais podem ser vistas de maneira semelhante, assim como a tentativa de Fred de se envolver em uma comunidade solidária. Ele ficou satisfeito com o respeito e admiração que conquistou de patrões mais afetuosos do que seus pais e de colegas de trabalho que discutiam problemas pessoais com ele, como sua irmã havia feito anos antes. Em vez de reproduzir sua desconectada família de origem no trabalho, Fred foi capaz de vivenciar uma "família de trabalho" mais afetuosa e atenciosa.

Seu trabalho atual como atendente em um asilo é provavelmente o melhor exemplo de como Fred conseguiu se virar com relação à sua busca incessante por um ambiente acolhedor. Entre os pacientes em seu andar, Fred consegue agir com muita segurança. Ele criou um refúgio especial para si mesmo e para aqueles que o cercam. Nesse ambiente, ele se sente em casa, pois atende de forma extraordinária as necessidades dos pacientes. Além disso, os pacientes valorizam a atenção e o amor que ele lhes dá. Ele se encontrou naqueles de quem cuida e, ao cuidar deles, tornou-se a figura atenciosa que jamais poderia encontrar para si mesmo. O que também torna sua posição tão atrativa para ele é que não envolve risco de rejeição. Ao contrário do pretendente deprimido que ele descreveu aos 35 anos no Cartão *TAT* 6BM, cuja necessidade de possuir uma mulher se torna sua ruína, Fred sempre pode ter certeza da recepção de seus pacientes, porque eles dependem dele para proteção e manutenção. Ele age como o mentor que nunca teve, como o professor

compreensivo que nunca encontrou na escola e como o porta-voz do indivíduo oprimido que tantas vezes sentiu que era.

O domínio ativo de Fred sobre o que havia sofrido passivamente transforma seu tormento em seu elemento. Em seus primeiros anos, um pai desanimado e uma mãe inacessível não conseguiram se vincular com ele e nutrir seu desenvolvimento. Agora, Fred se vincula com os pacientes idosos e lhes dá o apoio que quando criança ele ansiava para si, e fornece a orientação e a segurança que quando adolescente ele nunca recebeu. Ele se tornou para os outros a pessoa nutridora que ele não poderia encontrar para si mesmo. Ao fazer isso, Fred transformou seu autoconceito negativo de limpador de bunda em um trabalho significativo como cuidador. Seu trabalho permite que ele se relacione com os outros e expresse uma empatia que nunca recebeu de seus pais. No asilo, todo o treinamento anterior em casa com o pai veio à tona. Ele está preparado para atender a todas as necessidades de seus pacientes, e o faz com uma dignidade que enobrece a si mesmo e àqueles a quem serve. Ele criou um ambiente e uma posição nele, onde pode representar o amor que sente pelos menos afortunados. Claramente, ele não está onde está por acidente, e ele manteve o curso porque seu trabalho expressa sua empatia pelos abandonados e permite que ele atue como seu salvador de muitas pequenas maneiras. Aos 59 anos, Fred entendeu profundamente o que seu modelo Will Rogers quis dizer quando disse: *O que você ganha mantém a vida, mas o que você dá faz uma vida*.

CAPÍTULO SETE

UMA PERSPECTIVA CONJUNTA DOS ESTUDOS DE CASO

Os estudos de caso relatados neste livro foram apresentados para fins expositivos e didáticos, não para validar proposições na Teoria da Construção de Carreira (TCC). A densidade de detalhes nas histórias de carreira dos participantes foi usada para ilustrar, explicar e demonstrar as proposições da TCC. O presente capítulo revisa e compara os retratos de vida em conjunto para compreender algo mais geral sobre o quão bem a TCC compreende carreiras. Essa perspectiva conjunta sobre os casos trouxe à tona temas à medida que eles se referiam a teoremas da TCC. Conectar as particularidades dos quatro estudos de caso aos conceitos e proposições de TCC ajudou a explorar e questionar a teoria. A discussão a seguir considera as formas pelas quais personalidade e trabalho interagem para examinar como a personalidade é formada nas famílias, expressa em interesses vocacionais, implementada em ocupações e mantida em carreiras. Descrevo como cada um dos quatro participantes organizou sua vida em torno de um problema que o preocupava e das soluções que o ocuparam. Também considero a eficácia de uma técnica para articular temas de carreira, nomeadamente traçar uma linha de construção de carreira desde memórias de infância, passando por modelos adolescentes e ocupações adultas. Desse modo, traçamos a trajetória de como cada participante relacionou seu mundo interno com o externo - primeiro na brincadeira, depois por meio de hobbies e, finalmente, no trabalho.

Metateoria

A metateoria da TCC conecta modelos conceituais e construtos importantes geralmente estudados de forma separada. Ela fornece uma perspectiva ampla, embora teoricamente integrada, sobre como as funções de autoconstrução de organização, regulação e concepção operam juntas na formação do ator social, agente motivado e autor autobiográfico. Os metaconceitos de agência e comunhão fornecem um modelo em grande escala para integrar conceitos pré-existentes e teorias de médio alcance bem estabelecidas. Ver os retratos de vida da perspectiva da metateoria revela como os modos fundamentais de agência e comunhão condicionam os esquemas psicológicos relativos ao apego, motivação e reflexividade e

suas estratégias psicossociais relacionadas de disposição, adaptabilidade e identidade. O delineamento prospectivo dos estudos de caso permitiu observar como os pares de esquema psicológico e estratégia psicossocial se relacionam entre si em suas respectivas dimensões de ator, agente e autor. As observações resultantes sugerem que os esquemas de apego levam a disposições; esquemas de motivação regulam estratégias de adaptabilidade; e esquemas de reflexividade moldam estratégias identitárias. Além das relações entre os pares de esquema e estratégia dentro de cada uma das três dimensões, o delineamento prospectivo possibilitou a observação das relações entre as dimensões que revelaram como os primeiros padrões de esquemas e estratégias prefiguraram padrões posteriores e previram resultados de desenvolvimento a longo prazo. Para apenas um exemplo, considere a relação entre o esquema mais básico de apego e a estratégia mais avançada de desempenho de identidade. Ao considerar como os esquemas de apego condicionam as estratégias identitárias, a TCC propõe que o apego seguro se associa a assumir compromissos de identidade após exploração; o apego ansioso-ambivalente associa-se a assumir compromissos sem exploração; o apego ansioso-evitativo associa-se à exploração contínua sem assumir compromissos; e o apego desorganizado associa-se a nem explorar, nem comprometer-se.

O ator social que se auto-organiza

Premissa A da TCC: Os indivíduos co-constroem um self psicológico como um ator social dentro de suas famílias, organizando um esquema de apego e uma estratégia disposicional.

Os casos neste estudo mostraram que onde você termina depende muito de onde você começa. Nas palavras de T. S. Eliot (1943, Parte I, Linha 1), "No meu início está o meu fim". Para a TCC, a história da carreira de um indivíduo começa em casa porque o que acontece na infância é um presságio do futuro. Os participantes deste estudo tornaram-se quem eram interagindo com as pessoas de suas famílias; e as mensagens de sua família permaneceram em suas mentes para sempre. O apego aos pais teve uma influência profunda em suas vidas, condicionando a maneira como davam sentido às experiências e sugerindo estratégias de vida que levaram para a idade adulta. Durante os tempos de transição e trauma, sem perceber

totalmente, eles usaram seus esquemas de apego para avaliar situações presentes e, então, reagiram com padrões de comportamento já bem praticados.

Cada um dos quatro esquemas de apego prototípicos refletiu-se claramente na vida dos quatro participantes. Os seus retratos de vida mostraram como os indivíduos recriam de forma metódica e desconhecida o mundo de sua infância na vida adulta. Estabilizado pelo suporte de sua família, Robert tornou-se cuidadoso e competitivo. Moldado pela lealdade a mensagens familiares, William ficou entediado e ocupado. Ignorado e invalidado por um pai desconectado, Paul tornou-se zangado e aventureiro. Preso na solidão e no medo por sua família, Fred tornou-se cauteloso e exausto.

Pelo que pode ser observado nos estudos de caso, o relacionamento com os pais teve um forte efeito determinante na construção da carreira e no comportamento de desenvolvimento vocacional. No entanto, o relacionamento com a mãe e o pai funcionou de forma diferente na vida dos quatro participantes. As interações dos participantes com suas mães afetaram profundamente sua experiência de si mesmos e do mundo ao seu redor, particularmente evidente em seus relacionamentos interpessoais.

Robert teve um relacionamento caloroso e amoroso com sua mãe. No entanto, quando os filhos de seu irmão foram morar em sua casa, sua mãe teve pouco tempo para Robert, forçando-o a buscar satisfações importantes fora de casa. Ali, o incentivo e a esperança de sua mãe de que ele se sairia bem de maneiras que ela nunca havia feito, foram menos evidentes e tornaram-se menos influentes em sua motivação. A mãe de William era indulgente com ele e talvez superprotetora. Ao mesmo tempo que seu filho sentia seu estímulo, estava ciente de suas expectativas em relação a ele e passou a ter prazer em suas realizações. Embora ele pudesse ter se refreado sob as restrições e às vezes se sentido incompreendido, ele tinha certeza da boa vontade dela para com ele e, talvez, de compartilhar o valor que ela atribuía a realizações. Paul teve um relacionamento excepcionalmente próximo com sua mãe, mas a sua morte prematura quando ele tinha nove anos de idade o sujeitou a um trauma do qual ele mal se recuperou. Ele experimentou um abandono materno que agravou sua vivência da adolescência. Da mesma forma, Fred se sentiu abandonado por uma mãe cujo trabalho fora de casa e responsabilidades domésticas a deixavam com pouco tempo ou energia para ele. O relacionamento

de cada participante com sua mãe, sua primeira companheira, teve um impacto considerável, se não exclusivo, sobre suas impressões de como os relacionamentos interpessoais podem ser gratificantes.

Embora o relacionamento mãe-filho possa ter moldado muito do modelo de funcionamento interno das relações interpessoais de cada participante, o relacionamento do participante com seu pai pode ter sido ainda mais influente na construção da carreira e no comportamento vocacional do filho. Para cada participante, as expectativas do pai e a insistência para que seu filho se comportasse de acordo com as regras familiares foram importantes na sua socialização, preparando-o para a sobrevivência fora da família. Dessa experiência veio a atitude do filho para com as pessoas com autoridade e a confiança (ou falta dela) de que ele poderia atender às demandas de outros sem perder sua integridade pessoal.

A quantidade e a qualidade do contato de cada participante com seu pai pareceram determinar até que ponto o pai servia como um guia com quem o participante se identificava. Um pai distante, ausente ou hostil não está em posição de servir como um guia positivo para seu filho. Apenas William e Robert estavam confiantes sobre a aceitação de seu pai, embora ambos exigissem obediência e esperassem muito de seus filhos. Robert teve o que poderia ser descrito como um relacionamento afetuoso e amoroso com seu pai. Mesmo assim, o pai de Robert disse-lhe para não ser como ele e, com o apoio dos membros da família, Robert agiu de acordo com essa advertência. William passou muito tempo com seu pai, mas o relacionamento centrou-se mais no respeito de William por seu pai e na forte identificação com sua ocupação do que em encontros informais, amorosos e afetuosos. Para Paul e Fred, a ausência de contato amoroso tornou quase impossível para eles realmente incorporarem as expectativas de seus pais e seguirem suas orientações. Paul mal conheceu seu pai geralmente ausente. Ele via seu pai como um estranho que vivia a vida como uma luta e se sentia escravizado pelo trabalho. Na primeira oportunidade, Paul procurou outras normas para orientar seu comportamento, rejeitando as reprovações de seu pai e as tentativas de regular a conduta de seu filho à distância. Ao lidar com figuras de autoridade fora de casa, como professores e empregadores, Paul, na melhor das hipóteses, os reconhecia superficialmente e seguia de má vontade suas regras. Fred relatou uma crescente falta de intimidade com seu pai e muitas vezes se sentia culpado pelo tratamento que deu ao pai em

uma situação difícil. Da mesma forma que a Robert, a Fred foi dito por seu pai para não ser como ele, mas Fred não teve o incentivo nem a confiança para agir de acordo com essa advertência. Fred nunca superou os sentimentos de culpa paralisantes que seu relacionamento paterno despertou nele. Em suma, os relacionamentos paternos dos participantes - construtivos para Robert e William e destrutivos para Paul e Fred - determinaram muito do que eles fariam de suas carreiras.

Notavelmente, as carreiras que os participantes construíram sugerem uma relação entre os quatro esquemas de apego e os quatro padrões de carreira descritos por Super (1957). Esquemas de apego seguro levam ao conforto com a intimidade e a autonomia que podem contribuir para um padrão de *carreira estável* no qual a pessoa entra em uma ocupação congruente e se estabiliza rapidamente, como Robert fez no campo da contabilidade. Um esquema de apego ansioso-ambivalente, caracterizado por preocupação com relacionamentos, pode levar a um padrão de *carreira convencional*, como o seguido por William. Um esquema de apego ansioso-evitativo parece capaz de produzir um padrão de *carreira de tentativas múltiplas*, marcado por um histórico de trabalho desconectado de mudanças frequentes de emprego sem estabilização, como o experimentado por Paul. E, finalmente, um esquema de apego desorganizado, caracterizado por comportamentos de evitação social, pode levar a um padrão de *carreira instável*. Ver a si mesmo e aos outros de forma negativa, certamente pode produzir frustrações repetidas e fazer com que indivíduos como Fred sigam em diferentes direções sem encontrar muito sucesso.

Modelos

A TCC propõe que, para abordar problemas, dificuldades e conflitos com os pais, as crianças incorporam e ensaiam características de modelos que demonstram uma maneira de resolver os problemas. Os retratos de vida ilustraram como os participantes, como atores sociais, modelaram sua autocriação e papéis de vida nas estratégias apresentadas por seus heróis, que lhes forneceram fontes culturais de si mesmos. Em muitos aspectos importantes, os participantes tornaram-se semelhantes a quem admiravam. Considere Robert. Quando menino, refletindo sobre a vida de seu pai e de seu irmão, Robert pode ter concluído que os homens não realizam seus sonhos. Ao invés disso, eles devem aceitar os empregos que estiverem disponíveis e, em seguida, temporariamente ou mesmo permanentemente, perder esses em-

pregos devido a circunstâncias fora de seu controle. A linha orientadora masculina traçada por seu pai e percorrida por seu irmão provavelmente parecia um destino para Robert. Para evitar destino semelhante, Robert identificou pelo menos um modelo que retratou uma solução, a saber, um tio que era consciencioso, estabelecia metas, concluiu o ensino médio, aprendeu uma profissão na escola noturna, subiu na hierarquia e era bem remunerado em um emprego seguro. Em outras palavras, o tio de Robert fez o que seu irmão e pai não fizeram. Semelhante ao seu tio, Robert terminou sua educação na escola noturna e se esforçou para ser bem-sucedido em uma profissão que recompensasse seu planejamento e conscienciosidade. Como modelo, o tio de Robert mostrou a ele como dominar ativamente o que seu pai e irmão continuavam a sofrer.

Como uma linha orientadora, o principal papel desempenhado pelo pai de William parece ter sido conectar William com o trabalho no moinho da família. Com seu pai, William aprendeu a negar suas próprias ambições - talvez para música ou jornalismo - *porque a necessidade de um pai exige a ação de um filho*. William encontrou sua solução para os problemas propostos por sua linha orientadora quando leu *As Aventuras de Tom Sawyer* (Twain, 1884), história sobre um jovem que idealizou muitos esquemas e projetos empreendedores. De forma semelhante a Tom Sawyer, William tornou-se um jovem audaz cujas façanhas culminaram na fuga despreocupada da sombria respeitabilidade de sua aldeia. No final das contas, a consciência de Tom o levou a voltar para casa. De maneira semelhante, William "escapou" para a cidade por um tempo, mas voltou para o moinho, onde desempenhou o papel de negociador ardiloso, assim como Tom Sawyer.

Quando adolescente, Paul não mais se identificou com um pai tenso que fornecia uma orientação sobre como andar pela vida evitando riscos e se contentando com uma sobrevivência estéril. Inicialmente imobilizado pela dominação desapegada de seu pai, Paul priorizou a liberdade de ir e vir - o oposto de seu pai, que permaneceu fixado no mesmo lugar. No nono ano, Paul nomeou John Wayne como um modelo que ele via como um *aventureiro*. Paul também admirava muito sua tia, um espírito livre *que tinha andado por todo o país, viajando e trabalhando até que se cansou disso e simplesmente seguira em frente*. Ela modelou uma abordagem de trabalho que poderia atender às necessidades de autonomia, atividade e aventura de Paul. Paul seguiu o exemplo de seus modelos,

desfrutando de aventuras como consultor independente que resolvia problemas práticos e gerenciava crises. Como Paul explicou, ele se tornou *um menino do tipo aventureiro* que gostava de estar em movimento.

Paralelamente à experiência de Paul, Fred nunca encontrou o pai de que precisava. A linha orientadora fornecida pelo pai de Fred traçou uma trajetória de insatisfação no trabalho e desânimo em casa. Para tentar se livrar da tortura e da ruína, Fred escolheu como modelo Will Rogers, um homem caloroso e amigável que nunca conheceu uma pessoa de quem não gostasse, e certamente um homem que não abandonaria um bebê nos trilhos da ferrovia. Parece que Will Rogers serviu de exemplo e objetivo para Fred em sua busca pela aceitação de outras pessoas.

Se alguém estiver disposto a considerar uma correspondência em algumas funções entre um supervisor e um pai autoritário, a teoria do apego sugere ideias sobre diretrizes no trabalho. Na socialização de novos funcionários, os gerentes podem promover o comprometimento organizacional e a adaptação ao trabalho, oferecendo suporte relacional na forma de conexões com funcionários mais antigos e supervisores. Para promover o desempenho no cargo, os supervisores podem oferecer mais do que suporte instrumental. Eles podem tentar fornecer aos funcionários refúgios seguros quando estão ansiosos com seu desempenho, bases seguras para encorajá-los quando assumem tarefas desafiadoras e parcerias cooperativas quando se deparam com conflitos interpessoais.

Estratégias disposicionais

Seguindo seus esquemas de apego, os participantes formaram disposições para atuar em contextos sociais. Os esquemas de apego construídos pelos quatro participantes certamente pareceram servir como a base de suas disposições de personalidade vocacional. Com base em seu esquema de apego, ensaiaram comportamentos e hábitos que, no devido tempo, moldariam suas características pessoais e estabeleceriam suas disposições. Pareciam dar a outras pessoas o que receberam de suas famílias.

A TCC vê quatro disposições de personalidade (Gough, 1987) como fluindo da fonte do esquema de apego: Alfas extrovertidos e aceitadores da fonte do apego seguro, introvertidos e aceitadores Betas do apego ansioso-ambivalente, extrovertidos e questionadores Gammas do apego ansioso-evitativo, e introvertidos e questionadores Deltas de um apego desorganizado. Os retratos de vida mostraram

o ajuste perfeito entre esquemas de apego e estratégias disposicionais. O esquema de apego autônomo e seguro de Robert permitiu-lhe desenvolver uma disposição Alfa (extrovertida, aceitadora) caracterizada por uma personalidade saudável e relacionamentos interpessoais gratificantes. O esquema de apego ansioso-ambivalente de William levou a uma disposição Beta (introvertida, aceitadora) de conformidade na qual ele carecia de assertividade e colocava as necessidades dos outros à frente das suas. O esquema de apego ansioso-evitativo de Paul produziu uma disposição Gamma (extrovertida, questionadora) de contradependência através da qual ele evitou proximidade interpessoal e se esforçou compulsivamente pela autossuficiência. O esquema de apego desorganizado de Fred levou a uma disposição Delta (introvertida, questionadora) que o tornou um prisioneiro de seu passado, prendendo-o em um mundo perigoso que provocou medos profundos e produziu experiências difíceis.

O Agente Motivado que se autorregula

Premissa B da TCC: No final da infância, os indivíduos se tornam agentes motivados que direcionam suas próprias vidas para posições congruentes na sociedade por meio da autorregulação, isto é, o processo pelo qual os indivíduos adaptam suas percepções, sentimentos e ações na busca de um objetivo.

Foco Motivacional

No devido tempo, os atores sociais tornam-se agentes que focam sua motivação com uma estratégia persistente de autorregulação concentrada em objetivos de promoção ou prevenção. Os dois focos diferem porque, em termos simples, a promoção se concentra no que se deseja fazer, enquanto a prevenção se concentra no que se deve fazer. Para os participantes do presente estudo, os esquemas de apego condicionaram a formação de esquemas motivacionais. Os esquemas de apego e as estratégias disposicionais dos participantes os levaram a construir orientações motivacionais consistentes com os papéis sociais que haviam se preparado para representar.

Dado seu apego seguro e disposição diligente, a estratégia de autorregulação de Robert equilibrou as metas de promoção e prevenção que definiram um caminho a seguir. Ele era competitivo, mas cuidadoso, ao combinar o que queria fazer com

o que deveria fazer. Dado seu apego preocupado a agradar seus pais e disposição convencional, William se concentrou nas motivações e objetivos que lhe permitiam evitar ameaças e fracassos. Ele estava entediado e ocupado enquanto jogava pelo seguro. Claro que Paul nunca jogou pelo seguro. Com o distanciamento de seu pai e uma personalidade corajosa, Paul perseguiu implacavelmente as metas de promoção e permaneceu zangado e aventureiro. Com uma abordagem temerosa da vida engendrada por seus pais e uma personalidade inquieta, Fred permaneceu cauteloso e cansado. Em vez de se concentrar em metas de promoção ou prevenção, ele carecia de motivação em todas as áreas de sua vida, preferindo permanecer apático e evitar catástrofes.

Adaptabilidade

Os resultados do presente estudo sugerem que os focos motivacionais dos indivíduos influenciam o desenvolvimento e o uso de recursos de adaptabilidade. Por exemplo, o equilíbrio entre desejos de promoção e deveres de prevenção, presentes no foco motivacional de Robert, levou a recursos de adaptabilidade bem desenvolvidos. Lembre-se de que ele disse, *eu gosto de planejar*. Sua estratégia de adaptabilidade incluía preocupação com o futuro, controle para adiar a gratificação, curiosidade sobre as opções e confiança na implementação de planos. Quando confrontado com decisões educacionais e vocacionais, a disposição de Robert de olhar à frente e olhar ao redor o preparou para fazer escolhas ajustadas e, em seguida, implementar essas escolhas em um trabalho estável e satisfatório.

O foco em prevenção de William no que ele deveria fazer restringiu seu desenvolvimento de recursos de adaptabilidade à preocupação com seu futuro e curiosidade por uma exploração em profundidade dos objetivos dos pais, limitando, assim, suas respostas adaptativas a olhar para a frente, e não ao redor. O foco em promoção de Paul em jogar para vencer o levou a desenvolver fortes recursos de controle e confiança, mas não de preocupação e curiosidade. Paul não olhava para o futuro, ele apenas olhava ao redor para lidar com os problemas à medida que surgiam. Fred viveu no presente e, com pouca noção de futuro, não desenvolveu os recursos de adaptabilidade. Ao invés de olhar para a frente e ao redor e procurar por ocupações adequadas, Fred optou por não olhar; em vez disso, ele apenas permaneceu atento para não se machucar, *aceitando as coisas como aconteciam*.

Atividades no papel de trabalhador e interesses

Como agentes que conduzem suas próprias vidas por meio de esquemas motivacionais e estratégias de adaptabilidade, os indivíduos implementam seus autoconceitos desenvolvendo interesses e selecionando atividades de trabalho para perseguir seus objetivos de carreira. Os interesses vocacionais e as preferências de atividades de trabalho surgem através da interação de aptidões herdadas, constituição física, oportunidades de observar e desempenhar vários papéis e avaliações da extensão em que os resultados do desempenho de papéis satisfazem as necessidades e contam com a aprovação dos pares e supervisores. O desempenho de papéis por crianças e adolescentes ocorre tipicamente em passatempos e atividades escolares, tanto curriculares como extracurriculares.

Passatempos. Os interesses das crianças são moldados primeiro por dotações biológicas, reforço dos pais e recursos oferecidos por objetos na casa e na vizinhança. Então, seus objetivos motivacionais e recursos de adaptabilidade os direcionam a preferir algumas atividades e evitar outras. Conforme as crianças crescem, elas testam o potencial de diferentes atividades para atender às suas necessidades. Com base nesses testes práticos de interesse e habilidade, elas geralmente formam preferências por passatempos. Super (1940) sugeriu que

> *os passatempos são escolhidos de acordo com as necessidades presentes de um indivíduo em uma determinada situação e com base nas maneiras possíveis pelas quais esse indivíduo pode atender a essas necessidades naquela situação (p. 114, itálico no original).*

Envolvendo-se em passatempos, crianças e adolescentes manifestam interesses, aprendem habilidades e desenvolvem competências que servem de ensaio para ocupações específicas. Para conceituar a relação entre os principais passatempos de um indivíduo e a eventual profissão, Super (1940) propôs uma "teoria individualizada" que distinguia entre os passatempos que sustentam ou equilibram uma atividade profissional.

Um passatempo de suporte se assemelha à atividade profissional em termos de interesses e habilidades exigidas. Por exemplo, os passatempos adolescentes de Robert de colecionar selos, jogar cartas e jogos de tabuleiro, bem como sua participação em equipes esportivas, apoiaram sua atividade profissional adulta porque essas atividades

o ajudaram a desenvolver a consciência e a competitividade que ele exibia como um C.P.A. Tanto os seus passatempos quanto sua atividade profissional refletem seu tipo de personalidade vocacional RIASEC Convencional-Realista-Empreendedor. Os passatempos adolescentes e adultos de Paul também apoiavam sua atividade profissional. Os passatempos adolescentes de Paul de competir em corrida de caixa de sabão, operar uma ferrovia e construir modelos de aviões e carros de corrida foram as primeiras manifestações de seu interesse pela aventura. Quando adulto, ele continuou a buscar aventura em atividades físicas que envolviam experimentar coisas novas, correr riscos e competir com outras pessoas - especialmente quando ele podia se mover de um lugar para outro em carros, caminhões, motocicletas, motos de neve, caminhões, barcos e trailers. Em suma, o interesse duradouro de Paul por aventura o manteve em movimento em sua atividade profissional na indústria do transporte e em seu passatempo com veículos recreativos. O tipo de personalidade vocacional RIASEC de Paul, Realista-Empreendedor-Investigativo representa seus passatempos e sua atividade profissional como consultor independente que resolvia problemas práticos e gerenciava crises.

Enquanto um passatempo de suporte se assemelha à atividade profissional, um passatempo de equilíbrio difere da atividade profissional em termos de interesses e habilidades exigidas. Super (1940) concluiu que os indivíduos escolhem passatempos de equilíbrio porque trabalham em atividades profissionais que não escolheriam se tivessem liberdade de escolha. Visto desta perspectiva, um passatempo de equilíbrio proporciona uma catarse no exercício de habilidades e interesses que não podem ser expressos na atividade profissional. O caso de William ilustra como um passatempo pode suplantar uma atividade profissional. O negócio de pedras preciosas de William era um passatempo compensatório muito mais satisfatório do que sua atividade profissional, e muitas vezes ameaçava tomar o seu lugar. Quando se dedicava ao comércio de pedras preciosas, William sentia-se intrinsecamente satisfeito e livre de reclamações de pessoas intrusivas. No devido tempo, ele transformou sua coleção (Convencional) estética (Artística) em um negócio (Empreendedor) que implementou totalmente seu tipo de personalidade vocacional RIASEC de Artístico-Convencional-Empreendedor (ACE).

A desmotivação de Fred e os recursos de adaptabilidade insuficientes o desvincularam do mundo do trabalho, como ele havia se desvinculado dos pais

durante a infância. Com relação aos interesses recreativos e profissionais, Fred era principalmente despreocupado, entediado e desengajado. Ele expressava poucos interesses profissionais além de talvez trabalhar ao ar livre ou em um mercado de hortifrutigranjeiros. Em termos de interesses recreativos, quando criança, Fred e sua irmã brincavam com bonecos e recortes de fotos de revistas de coisas que eles queriam. A partir da sétima série, ele trabalhava muitas horas - em tempo integral durante o verão e em tempo parcial depois da escola e nos finais de semana. Ele passava seu pouco tempo livre saindo com amigos, bebendo coca cola em um mercado, jogando fliperama e vasculhando as prateleiras de revistas. Como adulto, as oportunidades vocacionais de Fred eram de nível não qualificado, forçando-o a aceitar o emprego que estivesse disponível e, então, expressar seus interesses sociais nesse contexto ocupacional. Como atendente de uma casa geriátrica, ele continuou sua busca ao longo da vida por relacionamentos gratificantes, tornando-se amigo de seus colegas de trabalho e pacientes. Os resultados de seu inventário de interesse indicaram seu tipo de personalidade vocacional RIASEC como Empreendedor-Social-Artístico. Seu trabalho permitia que ele expressasse seus interesses de relacionamento (Social), mas suas tentativas ao longo de três décadas de conseguir uma promoção (Empreendedor) foram frustradas.

A tipologia RIASEC de tipos personalidade de Holland (1997) fornece uma classificação coerente das atividades recreativas e profissionais. Quando os adolescentes saem de casa, eles preferem atividades profissionais que fazem uso das capacidades e interesses característicos que eles ensaiaram em seus passatempos e com seus pares. Um trabalho conveniente permitirá que reconheçam no trabalho, até certo ponto, suas principais preferências recreativas. Em suma, as atividades de lazer de muitos indivíduos durante a infância e a adolescência proporcionam um importante ensaio para as ocupações adultas. Para outros, o lazer pode corrigir casos de identidade equivocada.

Experiências escolares. Além das atividades recreativas, as atividades escolares fornecem outra fonte para a construção de carreiras. Enquanto as atividades recreativas estão mais relacionadas à satisfação e frustração no trabalho, as atividades escolares estão mais relacionadas a sucesso e fracasso no trabalho. As primeiras experiências das crianças na escola geralmente refletem o grau em que suas experiências anteriores em casa as prepararam para o mundo exterior. Elas

também provocam impressões duradouras desse mundo e de como alguém pode lidar com seus requisitos às vezes arbitrários. Em grande medida, as experiências escolares podem determinar poderosamente a percepção de si mesmo de um jovem como um sucesso ou fracasso, e definir o tom para muitas experiências futuras. Além disso, a escola que frequentam também pode determinar como e com quem passam o tempo livre.

Na escola, Robert e William encontraram sucesso, mas não satisfação. Robert inicialmente teve um período relativamente fácil e agradável no ensino fundamental. Essas circunstâncias mudaram quando ele entrou no meio menos estruturado do ensino médio. Lá, e depois na faculdade, ele ficou muito mais envolvido com esportes e atividades sociais do que com atividades acadêmicas. Sua carreira em contabilidade o trouxe de volta ao ambiente estruturado onde havia florescido. William estava entediado com o novo ambiente acadêmico que não o desafiava. Eventualmente, William foi capaz de se perder em atividades extracurriculares e funcionar academicamente em um nível superior. William se formou na faculdade e obteve um diploma de pós-graduação, mas suas experiências educacionais tendiam a ser mais uma questão de perseverança do que de deleite.

Paul e Fred não encontraram sucesso nem satisfação na escola. Paul via a escola como um meio indiferente às suas necessidades de atenção pessoal, de aceitação e até de afeição. Por um tempo, ele teve um professor no ensino fundamental que se relacionava afetuosamente com ele e uma professora no ensino médio que se tornou uma espécie de substituta do pai, mas no último ano estava totalmente alienado do meio acadêmico, acreditando que a escola era irrelevante e não mais tendo intenção de continuar sua educação. Os pais de Fred não foram muito longe profissional ou educacionalmente. Suas perspectivas limitadas e situação socioeconômica levaram Fred a concluir que os assuntos escolares não tinham maior relevância e que os esforços acadêmicos não teriam retorno futuro. Fred foi incapaz de desafiar seu destino sociodemográfico.

Apego e interesses. Os resultados do presente estudo certamente apoiam o apelo feito por Brown, Lum e Voyle (1997) para uma reavaliação da teoria da escolha profissional de Anne Roe (1956). Os pesquisadores que foram atraídos pela teoria de Roe acharam difícil testá-la porque requer estudos de longo prazo que relacionam o cuidado dos pais com o comportamento adulto. Os quatro retratos de

vida aqui fornecem esta perspectiva longitudinal e apoiam a conceitualização de Roe de que os estilos parentais determinam o desenvolvimento das necessidades psicológicas que, por sua vez, moldam os interesses profissionais.

Roe identificou três estilos parentais chamados aceitar, proteger e evitar, que a TCC alinha com os esquemas de apego resultantes. Pais aceitadores compartilham amor e satisfazem necessidades para que seus filhos aprendam a se tornar capazes de satisfazer suas próprias necessidades, como visto no caso de Robert, cujas preferências profissionais, de acordo com a previsão de Roe, seriam nos grupos de serviços, negócios e organização - que incluem seu trabalho como contador e presidente da empresa. A ansiedade produzida pela concentração emocional na criança por pais superprotetores impõe condições de conformidade aos valores parentais e expectativas de realização em troca de amor, como visto no caso de William, cuja preferência profissional, de acordo com a previsão de Roe, seria nos agrupamentos de cultura geral, artes e entretenimento que incluem editores, artistas, curadores de museus, críticos de arte e executivos de publicidade - todos os quais se encaixando no negócio de pedras preciosas de William, mas não de administração do moinho. O estilo evitativo dos pais tem duas categorias. Com o estilo evitativo de evasão, os pais podem ser insensíveis às necessidades emocionais de seus filhos sendo frios, críticos e exigentes, como visto no caso de Paul, cuja preferência ocupacional, de acordo com a predição de Roe, seria nos grupos de atividades ao ar livre e ciências que inclui consultores especialistas, engenheiros, inventores, empreiteiros, agentes municipais e capitães de navios - que abrangem todos os muitos empregos de Paul. O estilo evitativo negligente pode levar à privação emocional, como visto no caso de Fred, cuja preferência ocupacional, de acordo com a previsão de Roe, estaria no grupo de serviços no nível não qualificado que inclui atender necessidades pessoais de outras pessoas - que se encaixou na ocupação de Fred como atendente de uma casa geriátrica. Consistente com a conceituação de Roe, cada um desses quatro estilos parentais representados no presente estudo produziu necessidades e disposições psicológicas distintas que levaram a diferentes orientações ocupacionais.

O autor autobiográfico que se autoconcebe

Premissa C: Depois de construir um self psicológico como um ator social e, em seguida, perseguir objetivos como um agente motivado, os indivíduos compõem uma identidade vocacional e criam uma história

de carreira para impor continuidade e coerência a suas ações ao longo do tempo.

Reflexividade

As deliberações reflexivas permitem aos indivíduos mediar os efeitos dos sistemas sociais e estruturas culturais em sua agência pessoal e cursos de ação. Este raciocínio autobiográfico fornece os meios pelos quais os indivíduos compõem uma identidade vocacional e criam uma história de carreira com a qual (a) compreender a si mesmo em relação aos contextos sociais, (b) reconhecer padrões em narrativas autodefinidoras, (c) determinar e planejar projetos que levem em consideração circunstâncias sociais objetivas; e (d) guiar a ação condicionando respostas a situações sociais específicas. Esses diálogos internos autoconcebidos são moldados pelo esquema reflexivo do indivíduo (Archer, 2003).

Os esquemas reflexivos dos participantes do presente estudo coincidiram com seus esquemas de apego. Parece que o esquema reflexivo evolui de modelos de funcionamento das relações familiares e, em seguida, faz a mediação entre o esquema de apego inicial e as estratégias de identidade posteriores. No presente estudo, o apego seguro parece ser um precursor necessário da capacidade de pensamento reflexivo autônomo sobre histórias de vida e funcionamento emocional (Main, 1991). Robert, que construiu um esquema de apego seguro, usou a reflexividade autônoma em deliberações intencionais, autocontidas e instrumentais. Ele estabeleceu seus próprios objetivos e dirigiu suas ações de forma independente, sem a necessidade de validação por outros indivíduos.

O apego inseguro causado por ansiedade ou evitação pode levar à reflexividade comunicativa, meta ou fragmentada. Por exemplo, com um esquema de apego ansioso-ambivalente, William usou a reflexividade comunicativa na qual seus diálogos internos só levaram à ação depois de serem concluídos e confirmados por seus pais. Suas deliberações se concentraram em replicar o modo de vida familiar e reproduzir o status quo. Paul usou deliberações meta-reflexivas para criticar e se desvencilhar dos valores parentais. Em vez de se comprometer com alguma coisa, ele ficou pensando e procurando. E, finalmente, a reflexividade fragmentada de Fred produziu diálogos internos que não abordavam adequadamente suas circunstâncias sociais, nem projetavam cursos de ação intencionais. Suas deliberações internas o deixavam desorientado e confuso.

Identidade

A TCC afirma que a autoria de si próprio [*] reflexiva produz identidade. Propõe que o pensamento reflexivo sobre o self em papéis sociais permite que se cave fundo no passado o solo a partir do qual a identidade cresce. A visão dos quatro modos distintos de reflexividade em relação às estratégias psicossociais para lidar com questões de carreira leva diretamente a tipos análogos de formação e funcionamento da identidade vocacional. Os quatro modos de autoria de si próprio reflexiva identificados por Archer (2012) relacionam-se diretamente a quatro tipos de narrativas de identidade vocacional. A TCC propõe que o esquema de reflexividade autônomo apoia a conquista da identidade e sustenta o funcionamento como um Desbravador. Por exemplo, Robert usou a reflexividade autônoma para narrar a história de um Desbravador que percorreu um curso de vida autodeterminado e alcançou sua identidade por meio da exploração e do compromisso com objetivos escolhidos por ele mesmo. Robert demonstrou reflexividade autônoma para "pensar e agir" (Archer, 2003, p.7). Ele não tentou reproduzir o modo de vida de seus pais. Em vez disso, ele estabeleceu seus próprios objetivos.

O esquema de reflexividade comunicativa forma a outorga da identidade e mantém o funcionamento como um Guardião. O caso de William ilustra o uso da reflexividade comunicativa para narrar a história de um Guardião que fazia escolhas para preservar o bem coletivo de sua família. William exibia reflexividade comunicativa ao "pensar e falar" (Archer, 2003, p. 7) enquanto reproduzia o modo de vida de seus pais e mantinha o status quo. Guiado pela tradição familiar, ele definiu prioridades claras dentro dos limites das expectativas de sua família.

O esquema de meta-reflexividade forma uma moratória de identidade e mantém o funcionamento como um Buscador. Por exemplo, Paul usou meta-reflexividade para narrar a história de um Buscador que evitava compromissos e exigia liberdade para continuar explorando. Paul rotineiramente se envolveu em meta-reflexividade para criticar e se desvencilhar dos valores de seu pai. Quando adolescente e adulto emergente, Paul experimentou diferentes estilos de vida; na idade adulta, continuou "pensando e pensando" (Archer, 2003, p. 7) em sua busca por novas aventuras e diferentes empregos.

---

* *Self-authorship no original)*

O esquema de reflexividade fragmentada forma a difusão da identidade e mantém o funcionamento como um Andarilho. Por exemplo, Fred usou a reflexividade fragmentada para narrar a história de um Andarilho que, assolado por sentimentos de vazio e falta de sentido, estava perdido e sem direção. Sem compromissos ideológicos definidos nem direção ocupacional, ele apenas "pensaria e falaria consigo mesmo" (Archer, 2003). Seu objetivo era apenas abandonar e aceitar as coisas como elas vinham. Felizmente, o asilo em que Fred trabalhava fornecia um contexto de definição que fornecia externamente o que faltava internamente em termos de uma história de autoria reflexiva. No trabalho, ele desempenhou o papel ocupacional de auxiliar de saúde seguindo o roteiro para narrar sua identidade vocacional e orientar seu comportamento. Cada um dos quatro casos do presente estudo percorreu um caminho reflexivo diferente para a formação e funcionamento da identidade.

Apego e identidade. Uma meta-análise de Arseth, Kroger, Martinussen e Marcia (2009) relatou ligações fracas a moderadas entre o esquema de apego e as estratégias identitárias. Com base em estudos transversais, eles concluíram que as experiências de apego e os modelos internos de funcionamento dos relacionamentos têm ligações com o desenvolvimento da identidade. Por exemplo, indivíduos com uma base segura fornecida por suas famílias provavelmente se sentirão seguros o suficiente para explorar o mundo do trabalho e cristalizar uma identidade escolhida por eles mesmos (Marcia, 1989).

Com base nos estudos de caso longitudinais relatados aqui, conclui-se que apego e identidade estão ligados no sentido de que são mutuamente determinados pelos modos de agência e comunhão de um indivíduo e, além disso, que o esquema reflexivo é o elo consequencial que media a conexão entre os esquemas de apego e as estratégias de formação da identidade. Apego seguro vincula-se a reflexividade autônoma, que produz mais coerência e continuidade em uma identidade narrativa com a qual interpretar o passado, explicar o presente e imaginar o futuro (Mikulincer & Shaver, 2013). Narrativas de identidade profundamente enraizadas em esquemas de apego seguro unem cenas separadas para reconhecer insights gerais, aumentar a autocompreensão e criar um sentido de vida. Em comparação, narrativas de identidade vagamente enraizadas em esquemas de apego inseguros tendem a vincular cenas separadas que retratam uma lição específica, sem uni-las em um insight geral.

Sendo o autor da sua história de carreira

As narrativas fornecem uma maneira de criar um script de identidade. Por meio da seleção reflexiva e da organização da experiência, as narrativas fundamentam uma identidade. Para a TCC, a identidade narrativa é uma história que os indivíduos constroem para explicar e direcionar suas vidas. Além disso, a carreira é uma história que as pessoas contam sobre suas vidas de trabalho. Essas histórias dão sentido às experiências, impondo ordem e estabelecendo objetivos superordenados. A TCC dá atenção especial a histórias sobre experiências da infância, vendo-as como atos de identidade nos quais as pessoas revelam tanto suas identidades pessoais quanto suas preferências de papel social. As primeiras recordações oferecem exemplos concretos de afirmações abstratas sobre uma vida que informam o que se deseja e precisa em ambientes profissionais. A TCC aconselha ouvir as primeiras recordações para a preocupação que é repetidamente entrelaçada ao longo da macronarrativa, recorrente como um tema que ecoa em uma *grand fugue*.

Para cada um dos quatro casos no presente estudo, uma primeira recordação pode ser vista como uma imagem de controle que é emblemática do tema de vida do participante. A primeira recordação de Robert de construir um boneco de neve com seu irmão mais velho revelou seu desejo de construir algo com o apoio de mentores. A primeira recordação de William o descreveu aceitando a responsabilidade quando as figuras parentais transmitem seus planos para ele. A primeira recordação de Paul anunciava o tema da carreira de cavalgar pela vida, sem saber para onde estava indo. A memória mais antiga de Fred o fazia buscar afeto. Para cada participante, a primeira recordação mostrou uma perspectiva fundamental para o posicionamento de vida (Martin, 2013), sugerindo que de onde eles vieram teve muito a ver com para onde eles foram.

Fio condutor das narrativas

As histórias contadas pelos participantes do presente estudo incluíram vinhetas que sustentam elementos do modelo para a prática do aconselhamento para a construção de carreira. Partindo da TCC, o discurso do aconselhamento concentra-se em primeiro compreender as narrativas dos clientes sobre si mesmos como atores sociais, agentes motivados e autores autobiográficos. Para entender um cliente, os profissionais fazem perguntas que estimulam a elaboração de histórias para gerar vinhetas sobre primeiras recordações, modelos, interesses manifestos e

histórias favoritas. Cliente e orientador, então, unem as cenas das micronarrativas em uma história macronarrativa compreensível e articulam seu tema traçando um fio condutor de desenvolvimento desde as primeiras recordações até os modelos adolescentes e, em seguida, as ocupações adultas. Na próxima etapa, cliente e orientador usam a nova perspectiva e percepções fornecidas pelo tema para reconstruir uma identidade vocacional com um significado mais profundo e um fio condutor mais longo. Finalmente, os clientes usam esse retrato da identidade vocacional como um guia para fazerem escolhas de carreira e agirem para levar uma vida mais satisfatória, que é o objetivo maior do aconselhamento para a construção de carreira (Savickas, 2015, 2019).

Os retratos de vida no presente estudo contêm numerosos exemplos de cenas micronarrativas curtas que podem ser unidas em uma longa história macronarrativa com um tema. O primeiro elo no fio condutor é entre as memórias mais antigas e os modelos. Robert construindo um boneco de neve com um mentor conecta-se a um tio que estabeleceu objetivos e trabalhou para se tornar engenheiro, indicando para Robert como construir sua própria carreira e cooperar com seu Conselho de Administração. Nas horas de lazer, Robert manifestava interesse por atividades convencionais que incluíam colecionar selos e jogar cartas e jogos de tabuleiro - que podem ser vistos como um ensaio para uma carreira de contador. Ele seguiu construindo uma empresa de contabilidade. William, sendo jogado na esfera da obrigação por sua família, virou-se para Tom Sawyer como um modelo que lhe mostrou como negociar. A principal atividade recreativa de William era negociar pedras preciosas - o que pode ser visto como um ensaio para sua carreira como empresário no comércio de pedras preciosas. Paul, inicialmente paralisado pela morte de sua mãe, se voltou para aventureiros como modelos, incluindo John Wayne, uma tia que era um espírito livre e um tio que tinha seu próprio negócio no campo da mecânica. Suas atividades de lazer incluíam dirigir veículos recreativos e estar em movimento - certamente um prelúdio de sua carreira como despachante de caminhões e de consertar barcos. E Fred, com uma recordação em que buscava nutrição e relacionamento, admirava Will Rogers - um "homem comum" que gostava das outras pessoas. O interesse manifesto de Fred estava centrado nos relacionamentos, incluindo brincar de boneca com sua irmã e sair com amigos. Ao conceituar um fio condutor, o CCC aconselha os profissionais a se concentra-

rem nos verbos. Nos quatro retratos de vida aqui apresentados, os verbos críticos foram construir, negociar, aventurar-se e cuidar. No final, Robert construiu uma firma de contabilidade, William negociou no comércio de pedras preciosas, Paul aventurou-se na indústria de transporte rodoviário de "movimento" e Fred cuidou de outras pessoas. Embora nada nos estudos de caso tenha se concentrado em intervenções de aconselhamento, os casos contêm vinhetas que apoiam o discurso sobre questões que estimulam a elaboração de histórias no aconselhamento para a construção de carreira.

Mestria ativa

Ao articular um tema de carreira, a TCC usa o paradigma narrativo para articular como um indivíduo passa do sofrimento passivo para a mestria ativa. Os fios condutores para os indivíduos, nos quatro retratos de vida aqui, personificam a hipótese de que a autoria de uma identidade envolve transformar preocupação em profissão. Cada um dos quatro participantes organizou sua vida em torno de um problema que o preocupou desde a família de origem e das soluções que acabaram ocupando-o no mundo do trabalho. Como observou o psicanalista William Stekel (1920), "Ser psiquicamente saudável significa superar o passado" (p. 16). Ao fazer e implementar escolhas de carreira, cada participante se esforçou para dominar ativamente o que anteriormente havia sofrido passivamente. O problema que eles desejavam resolver acima de todos os outros tornou-se sua principal preocupação e a base do arco em seus temas de carreira. Repetir o material temático com crescente mestria abasteceu a construção da carreira e o desenvolvimento vocacional, como pode ser facilmente reconhecido em cada retrato de vida.

Robert moveu-se do caos para a ordem. A formação e o trabalho em contabilidade foram uma forma de organizar o seu mundo. Ele foi capaz de sair do caos vivido durante a adolescência e a idade adulta jovem para a conscienciosidade e a competitividade. Sua preferência por planejamento e valores convencionais o ajudaram a evitar o caos, bem como serviu a quem contratou seus serviços de contabilidade. O caminho de Robert para a mestria se encaixa bem com o que McAdams (2008) chamou de padrão redentor. McAdams (2008) explicou que muitos indivíduos altamente produtivos e atenciosos, como Robert, retratam suas vidas como uma história de redenção. O resumo de McAdams (2008) de uma história redentora corresponde totalmente à vida de Robert. No início, Robert foi

abençoado com uma família carinhosa que incutiu nele valores essenciais para guiar sua vida. No entanto, durante a adolescência, várias coisas ruins aconteceram, incluindo caos em sua casa e decepção na escola. Felizmente, Robert foi capaz de alcançar bons resultados usando a conscienciosidade para transformar esse caos em metas e planos. Sua redenção das experiências negativas veio na forma de mobilidade social e realização da bondade interior. Ao longo de sua vida adulta, ele continuou a crescer e progredir.

William moveu-se da obrigação para a negociação. A identidade vocacional outorgada de William traçou as linhas entre as quais ele construiu sua carreira conferida. Adaptou-se à obrigação imposta pelos pais, interessando-se por atividades que lhe permitissem lidar ativamente com o que viveu passivamente em sua família. Ele deixou de ser puxado para puxar as cordas. Seu interesse em negociar permitiu-lhe transformar a tensão em intenção e a preocupação privada em ocupação pública. Sim, ele aceitou a escolha profissional de seus pais, mas a moldou para adequá-la a si. Como proprietário de um moinho, William enfatizou seu papel como negociador com os principais clientes. Paralelamente, realizou negócios imobiliários. Estruturou suas atividades ocupacionais para maximizar sua autonomia, trabalhando sozinho tanto quanto podia. No processo, ele transformou o que vivenciou passivamente em sua família em uma força. Ele não poderia negociar com os pais, então aprendeu a negociar com os clientes. Em seu passatempo ou segunda ocupação, vemos ainda mais claramente a manifestação do autoconceito de William como negociador. Em seu bem-sucedido negócio de pedras preciosas, ele gostava de vender, mas, como ele mesmo afirmou: *Na verdade, gosto de comprar e negociar; não gosto do ato físico de vender e comprar. É a negociação.*

Paul passou de paralisado a itinerante. Ao invés de ficar preso a qualquer trabalho, ele seguia em frente. Paul dominou o sofrimento e a imobilização que experimentou com a perda de permanência e lugar quando sua mãe morreu, apreciando mudança e aventura. Ele aprendeu a passar da solidão para o conforto de estar sozinho. Ele nunca passou de um estranho para um interno, mas permaneceu de fora como um aventureiro. Lidou com a impermanência e a imprevisibilidade tornando-se resiliente e flexível. Como ele disse, teve que fugir das coisas (sofrer) para fazer o que queria (mestria).

Fred moveu-se de precisar de cuidados para oferecer cuidados e de receber pouco para dar muito. Ele fez de seu local de trabalho quase uma casa fora de casa, onde todos os dias podia dar aos outros o alimento pelo qual, como uma criança negligenciada, ansiava. Claramente a profissão de Fred implementou seu autoconceito, mas fez ainda mais por ele. O trabalho de Fred permitiu que ele se tornasse mais inteiro, mais completo, ao controlar ativamente o que havia sofrido passivamente quando criança, oferecendo a seus pacientes enfermos o cuidado que quando criança ele desejava. O papel ocupacional de Fred em um contexto específico permitiu-lhe repetir e melhorar seu papel na trama familiar de sua infância e juventude. O papel profissional era mais gratificante, não por ser radicalmente diferente, mas por transformar a passividade em atividade por fazer pelos outros o que não foi feito por ele. Desse modo, sua tensão tornou-se intenção, explicando, em parte, por que a cada dia ele ia cedo para o trabalho para se tornar um campeão dos indivíduos infelizes. Ao reconstituir a trama de sua infância, Fred repetiu e consertou, com um conteúdo ligeiramente diferente e novos personagens, a trama anterior que vivera em sua família. Nesse sentido, o trabalho compensou o que ele havia perdido na infância, permitindo-lhe desempenhar um papel dramático mais gratificante. Ele se encontrou naqueles por quem se preocupava e, ao cuidar deles, tornou-se a figura atenciosa que jamais encontrou para si mesmo.

Comentários Finais

Os retratos de vida e materiais de estudo de caso aqui foram vistos da perspectiva da TCC. A densidade de detalhes forneceu muito mais do que poderia ser discutido, tanto da perspectiva da TCC quanto de outras teorias de carreira. Encorajo os leitores que preferem uma visão diferente das carreiras a analisar os retratos da perspectiva de teoremas e conceitos diferentes. Considerar os retratos de vida de múltiplas perspectivas pode levar a um melhor entendimento de várias teorias de carreira e suas interrelações. Além disso, os docentes podem demonstrar aos alunos de pós-graduação uma variedade de teorias de carreira, usando os retratos da vida como material didático, seja por meio de palestras ou de aprendizagem por descoberta. E, finalmente, os pesquisadores podem achar intrigante examinar mais detalhadamente as proposições da TCC com estudos quantitativos que investiguem, por exemplo, relações entre apego, adaptabilidade e identidade. Encerro oferecendo

minha profunda gratidão aos quatro participantes deste estudo que corajosamente compartilharam suas histórias de vida para avançar nossa compreensão das carreiras e como as pessoas as constroem.

REFERÊNCIAS

Adler, A. (1956). The individual psychology of Alfred Adler. New York: Basic Books.

Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. American Psychologist, 46, 331-341.

Allinson, F. G. (1921). Menander: The principal fragments. New York: G. P. Putnam Sons.

Allport, G. W. (1937). The functional autonomy of motives. American Journal of Psychology, 50, 141-156.

Allport, G. W. (1961). Pattern and growth in personality. New York: Holt, Rinehart, & Winston.

American Psychiatric Association (1994). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (4th ed.). Washington, DC: APA.

Angyal, A. (1965). Neurosis and treatment: A holistic theory. New York: John Wiley & Sons.

Archer, M. S. (2003). Structure, agency and internal conversation. Cambridge: Cambridge University Press.

Archer, M. S. (2012). The reflexive imperative in late modernity. Cambridge: Cambridge University Press.

Arseth, A. K., Kroger, J., Martinussen, & Marcia, J. E. (2009). Meta-analytic studies of identity status and the relational issues of attachment and intimacy. Identity: An International Journal of Theory and Research, 9, 1-32.

Bakan, D. (1966). The duality of human existence: Isolation and communion in Western man. Boston: Beacon Press.

Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. Journal of Social and Personal Relationships, 7, 147-178.

Bartlett, F. C. (1932). Remembering. Cambridge: Cambridge University Press,

Beall, L., & Bordin, E. S. (1964). The development and personality of engineers. Personality and Guidance Journal, 48, 23-32.

Bell, A. P. (1969). Role modeling of fathers in adolescence and young adulthood. Journal of Counseling Psychology 16, 30–35.

Bell, A. P. (1970). Role models in young adulthood: Their relationship to occupational behaviors. Vocational Guidance Quarterly, 18, 280-284.

Bell, A. P., et al. (1978). Sexual preference: Its development in men and women. Bloomington, IN: Indiana University Press.

Bennet, G. K. (1940). Test of Mechanical Comprehension-Form AA. New York: The Psychological Corporation.

Bennett, G. K., Seashore, H. G., & Wesman, A.G. (1966). Differential Aptitude Test fourth edition manual. New York: Psychological Association.

Berdie, R. F. (1943). Factors associated with vocational interests. Journal of Educational Psychology, 34, 257-277.

Berzonsky, M. B. (1985). Diffusion within Marcia's identity status paradigm: Does it foreshadow academic problems. Journal of Youth and Adolescence, 14, 527-538.

Berzonsky, M. B. (1989). Identity style: Conceptualization and measurement. Journal of Adolescent Research, 4, 267-281.

Berzonsky, M. D. (2004). Identity style, parental authority, and identity commitment. Journal of Youth and Adolescence, 33, 213–220.

Berzonsky, M. D., & Ferrari, J. R. (2009): A diffuse-avoidant identity processing style: Strategic avoidance or self-confusion? Identity: An International Journal of Theory and Research, 9, 145-158.

Bion, W. R. (1962). Learning from experience. London: Heinemann.

Blatt, S. J., & Levy, K. N. (2003). Attachment theory, psychoanalysis, personality development, and psychopathology. Psychoanalytic Inquiry, 23, 102–150.

Bordin, E. S. (1990). Psychodynamic model of career choice and satisfaction. In D. Brown & L. Brooks (Eds.), Career choice and development: Applying contemporary theories to practice (pp.102-144). San Francisco: Jossey-Bass.

Bordin, E. S., Nachmann, B., & Segal, S. J. (1963). An articulated framework for vocational development. Journal of Counseling Psychology, 10, 107-116.

Bowlby, J. (1969). Attachment and loss: Vol. 1. Attachment. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1973). Attachment and loss, Vol. 2: Separation. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. American Journal of Orthopsychiatry, 52, 664-678.

Bowlby, J. (1988). A secure base. New York: Basic Books.

Bradley, L., Prokop, C. K., Margolis, R., & Gentry, W. D. (1978). Multivariate analysis of the MMPI profiles of low back pain patients. Journal of Behavioral Medicine, 1, 253.

Bradley, R. W., & Mims, G. A. (1992). Using family systems and birth order dynamics as the basis for a college career decision-making course. Journal of Counseling & Development, 70, 445-448.

Brehm, J. W. (1966). A theory of psychological reactance. New York: Academic Press.

Brisbin, L. A., & Savickas, M. L. (1994). Career indecision scales do not measure foreclosure. Journal of Career Assessment, 2, 352-363.

Brockner, J., & Higgins, E. T. (2001). Regulatory focus theory: Implications for the study of emotions at work. Organizational Behavior and Human Decision Processes, 86, 35–66.

Brown, M. T., Lum, J. L., & Voyle, K. (1997). Roe revisited: A call for the reappraisal of the theory of personality development and career choice. Journal of Vocational Behavior, 51, 283-294.

Butcher, J. N., Graham, J. R., Tellegen, A., & Kaemmer, B. (1989). Manual for the restandardized Minnesota Multiphasic Personality Inventory: MMPI-2. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Campbell, D. P., Hyne, S.A., & Nilsen, D. L. (1992). Manual for the Campbell Interest and Skill Inventory. Minneapolis, MN: National Computer Systems.

Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1998). On the self-regulation of behavior. New York: Cambridge University Press.

Chusid, H., & Cochran, L. (1988). Meaning of career change from the perspective of family roles and dramas. Journal of Counseling Psychology, 36, 34-41.

Claudy, J. G. (1984). The only child as a young adult: Results from Project Talent. In T. Falbo (Ed.) The single child family (pp. 211-254). New York: Guilford Press.

Crites, J. O. (1969). Vocational psychology. New York: McGraw-Hill.

Crites, J. O. (1971). The maturity of vocational attitudes in adolescence. Washington, DC: American Personnel and Guidance Association.

Crites, J. O. (1978). Career Maturity Inventory theory and research handbook. Monterey, CA: CTB/McGraw-Hill.

Csikszentmihalyi, M., & Beattie, O. V. (1979). Life themes: A theoretical and empirical exploration of their origin and effects. Journal of Humanistic Psychology, 19, 45-63.

Domecka, M., & Mrozowicki, A. (2013). Linking structural and agential powers: A realist approach to biographies, careers and reflexivity. In J. D. Turk & A. Mrozowicki (Eds.) Realist Biography and European Policy (pp. 191-214). Leuven, Belgium: Leuven University Press.

Domino, G., & Domino, M. (2006). Psychological testing: An introduction (2nd ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

Dysinger, W. S. (1950). Maturation and vocational guidance. Occupations, 29, 198-201.

Eliot, T. S. (1943). The Four Quartets: No. 2 East Coker. New York: Harcourt, Brace and Co.

Erikson, E. H. (1963). Childhood and society (2nd ed). New York: Norton.

Erikson, E. H. (1968). Identity: youth and crisis. New York: Norton.

Eryigit, S., & Kerpelman, J. L. (2011). Cross-cultural investigation of the link between identity processing styles and the actual work of identity in the career domain. Child & Youth Care Forum, 40, 43–64.

Fadiman, C., & Bernard, A. (2000). Barlett's book of anecdotes. New York: Little, Brown and Company.

Fandakova, Y., Selmeczy, D., Leckey, S., Grimm, K. J., Wendelken, C., Bunge, S. A. & Ghetti, S. (2017). Changes in ventromedial prefrontal and insular cortex support the development of metamemory from childhood into adolescence. Proceedings of the National Academy of Science, 114, 7582-7587.

Florack, A., Keller, J., & Palcu, J. (2013). Regulatory focus in economic contexts. Journal of Economic Psychology, 38, 127-137.

Flugel, J. C. (1929). The psychoanalytic study of the family. London: Hogarth Press.

Ford, D. H. (1987). Humans as self-constructing living systems: A developmental perspective on behavior and personality. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Ford, D. H., & Lerner, R. M. (1992). Developmental systems theory: An integrative approach. Newbury Park, CA: Sage Publications.

Ford, M. E. (1992). Motivating humans: Goals, emotions, and personal agency beliefs. Newbury Park, CA: Sage Publications.

Ford, M. E., & Ford, D. H. (Eds.). (1987). Humans as self-constructing living systems: Putting the framework to work. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Fosha, D. (2003). Dyadic regulation and experiential work with emotion and relatedness in trauma and disordered attachment. In M. F. Solomon & D. J. Siegel (Eds.). Healing trauma: Attachment, trauma, the brain and the mind (221-281). New York: Norton.

Fraley, R. C., Davis, K. E., Shaver, P. R. (1998). Dismissing-avoidance and the defensive organization of emotions, cognition, and behavior. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.) Attachment theory and close relationships (pp.249-279). New York: Guildford Press.

Fraser, J. S., & Solovey, A. D. (2007). Second-order change in psychotherapy. Washington, DC: American Psychological Association Press.

Freud S. (1920). Beyond the pleasure principle. In J. Strachey (Translator & Editor) Complete Psychological Works (Standard Edition Vol. 3). London, Hogarth Press, 1954.

Freud, S. (1930). Civilization and its discontents. In J. Strachey (Translator & Editor) Complete Psychological Works (Standard Edition Vol. 21). London, Hogarth Press, 1961.

Friedman, M., & Rosenman, R. (1974). Type A behavior and your heart. New York: Knopf.

Ginzberg, E., Ginsburg, S. W., Axelrad, S., & Herma, J. L. (1951). Occupational choice: An approach to a general theory. New York: Columbia University Press.

Glass, D. (1977). Behavior patterns, stress, and coronary disease. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Glasser, W. (1965) Reality therapy. New York: Harper & Row.

Gottfredson, G. D., & Holland, J. L. (1996). Dictionary of Holland occupational codes (3rd ed.). Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.

Gough, H. G. (1987). CPI administrator's guide. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.

Gough, H. G. (1990). The California Psychological Inventory. In C. E. Watkins & V. L. Campbell (Eds.), Testing in counseling practice (pp.37-72). Mahwah, NY: Lawrence Erlbaum Associates.

Grant, H., & Higgins, E.T. (2013). To you play to win – or to not lose? Harvard Business Review, 91(3).

Griffith, J., & Powers, R. L. (1984). An Adlerian lexicon. Chicago: Americas Institute of Adlerian Studies.

Grotevant, H. D. (1992). Assigned and chosen identity components: A process perspective on their integration. In G. R. Adams, R. Montemayor, & T. Gulotta (Eds.), Advances in adolescent development (Vol. 4, pp. 73-90). Newbury Park, CA: Sage.

Grygier, T. G., & Grygier, P. (1976). Dynamic Personality Inventory. Montreal, Quebec, Canada: Institute of Psychological Research.

Haan, N. (1977). Coping and defending: Processes of self-environment organization. San Diego, CA: Academic Press.

Hardy, G. E., & Barham, M. (1994). The relationship between interpersonal attachment styles and work difficulties. Human Relations, 47, 263-281.

Harling-Stalker, L. L. (2009). A tale of two narratives: Ontological and epistemological narratives. Narrative Inquiry, 19, 219-232.

Harren V. A. (1979). A model of career decision making for college students. Journal of Vocational Behavior, 14, 119-133.

Hartman, B. W., Fuqua, D. R., & Hartman, P. T. (1983). The predictive potential of the Career Decision Scale in identifying chronic career indecision. Vocational Guidance Quarterly, 32, 103-108.

Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and work: An attachment-theoretical perspective. Journal of Personality and Social Psychology, 59, 270-280.

Higgins, E. T. (1997). Beyond pleasure and pain. American Psychologist, 52, 1280-1300.

Higgins, E. T. (1998). Development of regulatory focus: Promotion and prevention as ways of living. In J. Heckhausen and C. S. Sweck (Eds.) Motivation and self-regulation across the life-span (pp. 78-113). Cambridge: Cambridge University Press.

Higgins, E. T., Roney, C., Crowe, E., & Hymes, C. (1994). Ideal versus ought predilections for approach and avoidance: Distinct self-regulatory systems. Journal of Personality and Social Psychology, 66, 276-286.

Hillel. (1897). Pirke avot (Sayings of the Jewish fathers). Translated by Charles Taylor. Cambridge: Cambridge University Press.

Hogan, R. (1983). A socioanalytic theory of personality. In M. M. Page (Ed.), 1982 Nebraska symposium on motivation (pp. 55–89). Lincoln: University of Nebraska Press.

Holland, J. L. (1966). The psychology of vocational choice. Waltham, MA: Blaisdell.

Holland, J. L. (1985). Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments. (2nd ed). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Holland, J. L. (1994). The occupations finder-Form R (4th ed.). Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.

Holland, J. L. (1997). Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments (3rd ed). Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.

Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). Doing qualitative research differently. London, UK: Sage.

Ibarra, H., & Barbulescu, R. (2010). Identity as narrative: Prevalence, effectiveness, and consequences of narrative identity work in macro work role transitions. Academy of Management Review, 35, 135-154.

James, W. (1892). Psychology. New York: Henry Holt and Company.

Johnson, R.R., & Chang, C-H. (2010). Commitment and motivation at work: The relevance of employee identity and regulatory focus. Academy of Management Review, 35, 226-245.

Josselson, R. (1996). Revising herself: The story of women's identity from college to midlife. New York: Oxford University Press.

Josselson, R. (2017). Paths to fulfillment: Women's search for meaning and identity. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press.

Kaplan, H. I., & Sadock, B. J. (1991). Synopsis of psychiatry (6th ed.). Baltimore: Williams & Wilkins.

Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Grebb, J. A. (1994). Synopsis of psychiatry (7th ed.). Baltimore: Williams & Wilkins.

Kegan, R. (1994). In over our heads: The mental demands of modern life. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Kelly, G. A. (1955). The psychology of personal constructs. New York: Norton.

Kernberg, O. F. (1978). The diagnosis of borderline conditions in adolescence. Adolescent Psychiatry, 6, 298-319.

Kipling, R. (1889). The ballad of the East and West. New York: Alex Grosset & Company.

Klonen, E. C., & Bera, S. (1998). Behavioral and experiential patterns of avoidantly and securely attached women across adulthood: A 31-year longitudinal perspective. Journal of Personality and Social Psychology, 74, 211-223.

Kroger, J. (1995). The differentiation of "firm" and "developmental" foreclosure identity statuses: A longitudinal study. Journal of Research on Adolescence, 10, 317 — 337.

Kroger, J., & Marcia, J. E. (2011). The identity statues: Origins, meanings and interpretations. In S. Schwartz, K. Luyckx & V. Vignoles (Eds.), Handbook of Identity Theory and Research (pp. 31-53). Springer Science + Business Media.

Krout, M. H., & Krout-Tabin, J. (1951). Personal Preference Scales. Chicago, IL: Chicago Psychological Institute.

Kuder, F. G. (1956). Kuder Preference Record, Vocational Form CH - Examiner's manual (6th ed.). Chicago IL: Science Research Associates.

Kurman, J., & Hui, C. (2011). Promotion, prevention or both: Regulatory focus and culture revisited. Online Readings in Psychology and Culture, 5(3).

Kurman, J., Hui, C. M., & Dan, O. (2012). Changing the world through changing the self: Understanding a new control strategy through self-reported coping plans in two cultures. Journal of Cross-Cultural Psychology, 43, 15-22.

Lamiell, J. T. (2003). Beyond individual and group differences: Human individuality, scientific psychology and William Stern's critical personalism. Thousand Oaks, CA: Sage.

Lawrence-Lightfoot, S. (2005). Reflections on portraiture: A dialogue between art and science. Qualitative Inquiry. 11, 3-15.

Leary, M. R., & Tangney, J. P. (2003). The self as an organizing construct in the behavioral and social sciences. In M. Leary & J. Tangeney (Eds). Handbook of self and identity (pp. 3-14). New York: The Guilford Press.

Levin, I., & Levin, I. (1992). Working on the play and the role: The Stanislavsky method for analyzing the characters in a drama. Chicago: Ivan R. Dee.

Locke, E. A. (2007). The case for inductive theory building. Journal of Management, 33, 867-890.

Lofquist, L. H., & Dawis, R. V. (1991). Essentials of person-environment correspondence counseling. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Lopez, F. G. (1995). Contemporary attachment theory: An introduction with implications for counseling psychology. The Counseling Psychologist, 23, 395-415.

Luszczynska, A., Diehl, M., Gutiérrez-Doña, B., Kuusinen, P., & Schwarzer, R. (2004). Measuring one component of dispositional self-regulation: Attention control in goal pursuit. Personality and Individual Differences, 37, 555-566.

MacGregor, A., & Cochran, L. (1988). Work as enactment of family drama. Career Development Quarterly, 37, 138-148.

Main, M. (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) model of attachment: Findings and directions for future research. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.). Attachment across the life cycle (pp. 127-159). New York: Routledge.

Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.) Handbook of adolescent psychology (pp. 159-187). New York: Wiley.

Marcia, J. E. (1989). Identity diffusion differentiated. In M. A. Luszez & T. Nettelbeck, (Eds.). Psychological development: Perspectives across the life-span (pp. 289–294). Amsterdam; North-Holland: Elsevier Science.

Marcia, J. E. (2002). Identity and psychosocial development in adulthood. Identity: An International Journal of Theory and Research, 2, 7–28.

Marquard, O. (2001). Zukunft braucht herkunft: Philosophische betrachtungen über modernität und menschlichkeit [The future needs origins: Philosophical considerations about modernity and humanity]. In Philosophie des Stattdessen [Philosophy of the Instead]. Stuttgart, Germany: Reclam Philipp Jun.

Martin, J. (2013). Life positioning: An analytic framework for the study of lives and life narratives. Journal of Theoretical and Philosophical Psychology, 33, 1-17.

Matthews, K. A., & Siegel, J. M. (1982). The Type A behavior pattern in children and adolescents: Assessment, development, and associated coronary-risk. In A. R. Baum & J. E. Singer (Eds.), Handbook of health and medical psychology (Vol. 2, pp. 99-116). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Mayseless, O., Daniels, R., & Sharabany, R. (1996). Adults' attachment patterns: Coping with separation. Journal of Youth and Adolescence, 25, 667-690.

McAdams, D. P. (1995). What do we know when we know a person? Journal of Personality, 63, 365-396.

McAdams, D. P. (1999). Personal narratives and the life story. In L. Pervin & O. John (Eds.) Handbook of personality and research (2nd ed.; pp. 478-500). New York: Guilford Press.

McAdams, D. P. (2008). American identity: The redemptive self. The General Psychologist, 43, 20-27.

McAdams, D. P. (2013). The psychological self as actor, agent, and author. Perspectives on Psychological Science, 8, 272-295.

Menkel-Meadow, C. (2000). Telling stories in school: Using case studies and stories to teach legal ethics. Fordham Law Review, 69, 787-816.

Mikulincer, M., & Shaver, P. (2013). Attachment orientations and meaning in life. In J. A. Hicks & C. Routledge (Eds.) The experience of meaning in life: Classical perspectives, emerging themes, and controversies (pp. 287-304). New York: Springer Science+Business Media Dordrecht.

Miller, D. C., & Form, W. H. (1951) Industrial sociology. New York: Harper & Bros.

Minuchin, S. Montalvo, B., Guerney, B. G. Jr., Rosman, B. L., & Schumer, F. (1967). Families of the slums: An exploration of their structure and treatment. New York: Basic Books.

Molden, D. C., Lee, A. Y., & Higgins, E. T. (2007). Motivations for promotion and prevention. In J. Shah & W. Gardner (Eds.). Handbook of Motivation Science. New York: Guilford Press.

Morgan, C. D, & Murray, H. A. (1943). Thematic Apperception Test. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Mosak, H. H. (1977). On purpose. Chicago: Alfred Adler Institute.

Mrozowicki, A. (2010). The agency of the weak: Ethos, reflexivity and life strategies of Polish workers after the end of State Socialism. In M. S. Archer (Ed.) Conversations about reflexivity. London: Routledge, pp. 167–86.

Murray, H. A. (1938). Explorations in personality. New York: Oxford University Press.

Murray, H. A. (1943). Manual for the Thematic Apperception Test. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Nauta, M. M., & Kahn, J. H. (2007). Identity status, consistency and differentiation of interests, and career decision self-efficacy. Journal of Career Assessment, 15, 55–65.

Nelson, M.J., & Denny, E, C., & Brown, J. I. (1960). Nelson-Denny Reading Test: Forms A and B. Boston: Houghton-Mifflin.

Overton, W. F., & Muller, U. (2012). Meta-theories, theories, and concepts in the study of development. In I. B. Weiner (Series Ed.) & R. M. Lerner, M. A. Eastbrooks, & J. Mistry (Vol. Eds.), Handbook of psychology: Vol. 6. Developmental psychology (pp. 19-58). New York: Wiley.

Otis, A. S., & Lennon, R. T. (1967). Otis-Lennon Mental Ability Test technical handbook. New York: Harcourt, Brace, & World.

Oyserman, D., & Markus, H. R. (1990). Possible selves and delinquency. Journal of Personality and Social Psychology, 59, 112-125.

Parsons, R. (1909/1967). Choosing a vocation. New York: Agathon Press.

Peeler, G. H. (1996). Selling in the quality era. Cambridge, MA: Blackwell Publishers.

Piper, W. (1930). The little engine that could. New York: Platt & Munk.

Roe, A. (1956). The psychology of occupations. New York: Wiley.

Rotter, J. B., & Rafferty, J. E. (1950). Manual for the Rotter Incomplete Sentences Blank. New York: Psychological Corporation.

Ryan, R. M., & Deci, E. I. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new direction. Contemporary Educational Psychology, 25, 54-57.

Savickas, M. L. (1995). Examining the personal meaning of inventoried interests during career counseling. Journal of Career Assessment, 3, 188-201.

Savickas, M. L. (1995). Constructivist counseling for career indecision. Career Development Quarterly, 43, 363-373.

Savickas, M. L. (2002). Career construction: A developmental theory of vocational behavior. In D. Brown (Ed.) Career choice and development (4th ed; pp. 149-205). San Francisco: Jossey-Bass.

Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In R. W. Lent & S. D. Brown (Eds.). Career development and counseling: Putting theory and research to work (pp. 42-70). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.

Savickas, M. L. (2012). Life design: A paradigm for career intervention in the 21st century. Journal of Counseling and Development, 90, 13-19.

Savickas, M. L. (2013). Career construction theory and practice. In R. W. Lent & S. D. Brown (Eds.). Career development and counseling: Putting theory and research to work (2nd ed., pp. 147-183). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.

Savickas, M. L. (2014). Work values: A career construction elaboration. In. M. Pope, L. Flores, & P. Rottinghaus (Eds.).Values in vocational psychology (pp. 3-19). Charlotte, NC: Information Age Publishing.

Savickas, M. L. (2015). Life-design counseling manual. www.Vocopher.com [Free].

Savickas, M. L. (2019). Career counseling (2nd ed.). Washington, DC: American Psychological Association Press.

Savickas, M.L., & Porfeli, E. J. (2012). Career Adapt-Abilities Scale: Construction, reliability, and measurement equivalence across 13 countries. Journal of Vocational Behavior, 80, 661-673.

Shafer, L. F. (1936). The psychology of adjustment: An objective approach to mental hygiene. Boston: Houghton-Mifflin.

Shapiro, D. (1965). Neurotic styles. New York: Basic Books.

Shaver, P. R. & Mikulincer, M. (2002), Dialogue on adult attachment: Diversity and integration. Attachment & Human Development, 4, 243-257.

Scheslinger, V. J. (1963). Anal personality traits and occupational choice: A study of accountants, chemical engineers, and educational psychologists. Unpublished doctoral dissertation. University of Michigan.

Segal, S. J., & Szabo, R. (1964). Identification in two vocations: Accountants and creative writers. Personnel and Guidance Journal, 43. 252-255.

Sperry, L. Hartshorne, T. S. & Watts, R. E. (2010). Ethical considerations and options in publishing clinical case material. Journal of Individual Psychology, 66, 135-143.

Stanislavsky, C. (1924). My life in art. New York: Little, Brown and Company.

Stake, Robert E. (1994). Case studies. In Norman K. Denzin (Ed.) Handbook of qualitative research (pp. 236-247). Thousand Oaks, CA: Sage.

Stedmon, J., & Dallos, R. (2009). Reflective practice in psychotherapy and counselling. London, UK: McGraw-Hill Education.

Stekel, W. (1920). A contribution to the psychology of exhibitionism. Psyche and Eros: An International Bimonthly Journal of Psychoanalysis, 1, 1-17.

Stern, W. (1911). Methodological foundations of differential psychology. Leipzig, Germany: Verlag von Johann Ambrosius Barth.

Strong, E. K. Jr., Campbell, D. P., Berdie, R. F., & Clark, K. E. (1966). Strong Vocational Interest Blank for Men (Form T399). Stanford, CA: Stanford University Press.

Strutton, D., Pelton, L. E., & Lumpkin, J. R. (1995). Personality characteristics and salespeople's choice of coping strategies. Journal of the Academy of Marketing Science, 23, 132-140.

Super, D. E. (1940). Avocational interest patterns: A study in the psychology of avocations. Palo Alto, CA: Stanford University Press.

Super, D. E. (1954). Career patterns as a basis for vocational counseling. Journal of Counseling Psychology, 1, 12-20.

Super, D. E. (1957). The psychology of careers. New York: Harper.

Super, D. E. (1963). Self-concepts in vocational development. In D. Super, R. Starishevsky, Matlin, & J. Jordaan. Career development: Self-concept theory (pp. 17-32). New York: College Entrance Examination Board.

Super, D. E. (1970). Work Values Inventory. Boston, MA: Houghton-Mifflin.

Super, D. E. (1990). A life-span, life-space to career development. In D. Brown, L. Brooks, & Associates, Career choice and development (2nd ed.; pp.197-261). San Francisco: Jossey-Bass.

Super, D. E., & Bohn, M. J. (1970). Occupational psychology. Wadsworth Publishing Company.

Super, D. E., Kowalski, R. S., & Gotkin, E. H. (1967). Floundering and trial after high school: Career pattern study monograph IV. New York: Teachers College.

Super, D. E., & Overstreet, P. L. (1960). The vocational maturity of ninth grade boys. New York: Teachers College Press.

Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown & L. Brooks (Eds.) Career choice and development (3rd ed, pp.121-178). San Francisco: Jossey-Bass.

Taylor, C. (1989). Sources of the self: The making of the modern identity. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Tiedeman, D. V., & Field, F. L. (1961). Guidance: The science of purposeful action applied through education. Harvard Educational Review, 32, 483-501.

Tiedeman, D. V., & O'Hara, R. P. (1963). Career development: Choice and adjustment. New York: College Entrance Examination Board.¬

Toman, W. (1970). Birth order rules all. Psychology Today, December, pp. 45-49, 68-69.

Trapnell, P. D., & Paulhus. D. L. (2011). Agentic and communal values: Their scope and measurement. Journal of Personality Assessment, 94, 39-52.

Twain, M. (1884). The adventures of Tom Sawyer. Hartford, CT: The American Publishing Company.

Tyler, L. E. (1961). The work of the counselor (2nd ed.). New York: Appleton--Century-Crofts.

Underwood, B. J. (1957). Psychological research. New York: Appleton-Century-Crofts.

Van Matre, G., & Cooper, S. (1984). Concurrent evaluation of career indecision and indecisiveness. Personnel and Guidance Journal, 637-639.

Vondracek, F. W., Ford, D. H., & Porfeli, E. J. (2014). A living systems theory of vocational behavior and development. Amsterdam: Sense Publishers.

Vondracek, F.W., & Ford, D. H. (2019a). The living systems theory of vocational behaviour and development. In N. Arthur, R. Neault, & M. McMahon (Eds.), Career theory and models at work: Ideas for practice (pp. 433-441). Canadian Education and Research Institute for Counselling (CERIC).

Vondracek, F. W., & Ford, D. H. (2019b). Living systems theory of vocational behavior and development. In N. Arthur & M. McMahon (Eds.), Contemporary theories of career development: International perspectives (pp. 121-134). New York: Routledge.

Vondracek, F. W., Porfeli, E. J., & Ford, D. H. (2019). Living systems theory: Using a person-in-context behavior episode unit of analysis in career guidance research and practice. In J.A. Athanasou & H. Perera (Eds.), International handbook of career guidance (2nd). New York: Springer Publishing.

Vygotsky, L. S. (1978). Mind in society: The development of higher psychological processes. Cambridge, MA: Harvard University Press.

White, J. C. (1963). Cleanliness and successful bank clerical personnel - A brief. Journal of Counseling Psychology, 10, 192.

Welty, E. (1998). One writer's beginnings. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Williams, C., & Savickas, M. L. (1990). Developmental tasks of career maintenance. Journal of Vocational Behavior, 36, 166-175.

Winnicott, D. w. (1986). Holding and interpretation: Fragments of an analysis. London: Hogarth Press.

Wordsworth, W. (1807). My heart leaps up. Poems in Two Volumes. London: Longman, Hurst, Rees, and Orms.

Yagoda, B. (1970). Will Rogers: A biography. Norman, OK: University of Oklahoma Press

Anexo A

Teoria de Construção de Carreira
Premissas e proposições

O ator social que se auto-organiza

Premissa A: Os indivíduos co-constroem um self psicológico como um ator social no seio de suas famílias, organizando um esquema de apego e uma estratégia disposicional.

Proposições

1. As oportunidades que os indivíduos percebem para desempenhar atividades de trabalho são co-construídas por forças sociais na família e condicionadas por instituições sociais na comunidade, bem como pelo ímpeto impulsionado por escolhas e ações anteriores.

2. Desde a infância, os indivíduos aprendem a atuar como atores sociais na trama familiar, ao introjetar as influências parentais e coordenar suas emoções e intenções com as de seus pais, que servem como guias para movimentar-se no mundo social.

3. Ao ensaiar seu esquema de apego geralmente consistente, os indivíduos estabelecem representações mentais que organizam uma forma primária de pensar sobre o mundo social, bem como um roteiro para a interação interpessoal em papéis sociais e a realização de necessidades em atividades no papel de trabalhador.

4. Ao longo da vida, os indivíduos utilizam seu esquema de apego como modelo heurístico para orientar as relações interpessoais, focar a atenção, interpretar eventos e gerar expectativas.

5. A partir de seus esquemas de apego, os indivíduos formam estratégias disposicionais para desempenhar papeis sociais, incluindo o papel de trabalhador.

6. Juntos, os esquemas de apego e as estratégias disposicionais condicionam o modo como os indivíduos procuram satisfazer as suas necessidades básicas emocionais, sociais e profissionais.

7. Como parte da autoconstrução na primeira infância, os indivíduos selecionam modelos que apresentam características e comportamentos que seriam

úteis para resolver seus próprios problemas de crescimento e para satisfazer suas necessidades psicológicas.

8. A identificação como um processo central da autoconstrução ocorre quando um indivíduo imita comportamentos e incorpora as características dos modelos como uma parte permanente do self.

9. A escolha dos modelos é a primeira escolha de carreira porque imitar um modelo na fantasia e brincadeira, no devido tempo, mobiliza interesses e atividades que, através de repetição e ensaio, desenvolvem habilidades e preferências vocacionais.

10. Cada indivíduo sai da primeira infância com um esquema de apego para visualizar relacionamentos interpessoais, estratégias disposicionais para desempenhar papéis sociais e modelos que tanto causam quanto tratam de questões e preocupações não resolvidas.

O agente motivado que se autorregula

Premissa B: *Mais tarde na infância, os indivíduos começam a funcionar com mais frequência como agentes motivados que direcionam suas próprias vidas para posições congruentes na sociedade por meio de autorregulação, ou seja, os processos pelos quais os indivíduos adaptam suas percepções, sentimentos e ações na busca de um objetivo.*

Proposições

11. A busca de objetivos do agente autorregulado na vizinhança, na escola e no trabalho pode ser entendida como esforços do ator social para mover-se deliberadamente de uma posição no presente para posições futuras imaginadas.

12. Os principais construtos motivacionais na avaliação da adequação de posições possíveis são *necessidades* ou o porquê, *valores* ou o quê, e *interesses* ou como realizar valores que satisfaçam as necessidades.

13. No que diz respeito a formar e perseguir objetivos, o self como agente adota um esquema persistente de autorregulação que enfoca a motivação e molda estratégias de adaptação.

14. As crianças aprendem a autorregular suas ações e sentimentos com base em contingências de recompensa na regulação social fornecida pelos pais, especialmente em resposta às necessidades de nutrição e segurança de uma criança.

15. Esquemas de autorregulação, sejam eles focados em promoção ou prevenção, direcionam como as pessoas se adaptam às tarefas de desenvolvimento vocacional, transições ocupacionais e problemas laborais que envolvem escolher ou alcançar seus objetivos de carreira.

16. A maturidade vocacional indica o grau de desenvolvimento de um indivíduo em relação às expectativas sociais sobre a preparação e a participação em empregos, operacionalmente definida pela comparação entre as tarefas de desenvolvimento enfrentadas e as esperadas com base na idade cronológica.

17. A necessidade de se adaptar às tarefas de desenvolvimento vocacional, transições ocupacionais e problemas laborais ativa a autorregulação, isto é, a capacidade de alterar as próprias respostas de modo a mudar a si mesmo ou a situação a fim de implementar um plano ou alcançar um objetivo.

18. As estratégias de adaptação de carreira autorreguladas sucedem as características da personalidade de prontidão adaptativa, as capacidades psicossociais dos recursos de adaptabilidade, os comportamentos das respostas adaptativas e as consequências dos resultados da adaptação.

19. Como agentes que dirigem suas próprias vidas por meio de esquemas motivacionais e estratégias de adaptação, os indivíduos implementam seus autoconceitos construindo atividades de sua preferência e selecionando atividades de trabalho para perseguir seus objetivos de carreira.

20. As preferências por atividades de trabalho se desenvolvem por meio da interação entre aptidões herdadas, constituição física, oportunidades para observar e desempenhar vários papéis e avaliações da extensão em que os resultados do desempenho de papéis encontram aprovação de colegas e supervisores.

21. As profissões fornecem um papel central e um modo de vida para a maioria das pessoas, embora, para alguns, esse foco seja periférico, incidental ou mesmo inexistente. Então, outros papéis de vida, como aluno, pai, mãe, dona de casa, de lazer ou cidadão, podem estar no centro (Super, 1990).

22. Como os atores sociais diferem em características vocacionais e autoconceitos, eles se inserem em ambientes ocupacionais diferentes, que Holland (1997) definiu como ambientes RIASEC. Cada ocupação requer um padrão diferente de características vocacionais, com tolerância ampla o suficiente para permitir uma variedade considerável de indivíduos em cada ocupação.

23. As pessoas são qualificadas para uma variedade de ocupações com base na combinação de suas habilidades e interesses profissionais com requisitos e recompensas ocupacionais. As preferências pessoais por papéis de vida e ocupações, no entanto, estão profundamente enraizadas nas práticas sociais que envolvem os indivíduos e os colocam em posições sociais desiguais.

24. A escolha e o ingresso em um papel envolvem síntese e compromisso entre fatores individuais e sociais

25. O sucesso profissional depende da extensão em que as habilidades e ações de um indivíduo vão ao encontro dos requisitos das atividades de trabalho.

26. A satisfação no trabalho depende do estabelecimento em uma ocupação, de uma situação de trabalho e de um modo de vida em que se possa desempenhar os tipos de papel que o crescimento e as experiências exploratórias levaram o indivíduo a considerar adequados para atender necessidades, atingir valores e expressar interesses.

27. O padrão de carreira de um indivíduo - ou seja, o nível profissional alcançado e a sequência, frequência e duração dos empregos - é determinado pelo nível socioeconômico dos pais e pela educação, habilidades, preferências, autoconceitos e adaptabilidade da carreira da pessoa em relação com as oportunidades apresentadas pela sociedade.

O autor autobiográfico que se autoconcebe

Premissa C: *Atores sociais que buscam objetivos podem deliberar como um autor autobiográfico para conceber uma identidade vocacional e compor uma história de carreira que dê continuidade e coerência a suas ações ao longo do tempo.*

Proposições

28. Durante o final da adolescência e a idade adulta emergente, o "Eu" subjetivo delibera sobre o "Mim" objetivo para ser o autor de uma história de carreira sobre o self como um ator social e agente motivado.

29. No processo de autoconcepção de compor uma história de carreira, os indivíduos formam uma identidade vocacional que declara um argumento que justifica as escolhas profissionais relacionando seu mundo interno privado ao mundo externo público.

30. O posicionamento na carreira, seja na imaginação ou na realidade, situa uma identidade vocacional em uma determinada profissão, ou seja, o self em uma atividade no papel de trabalhador.

31. O raciocínio autobiográfico concentrado no intercâmbio entre disposições pessoais subjetivas e posições sociais objetivas permite que os indivíduos deliberem sobre estratégias de vida e planos de carreira em um processo de duas fases de reflexão retrospectiva e reflexividade prospectiva conhecida como biograficidade.

32. A biograficidade é um meio pelo qual os indivíduos podem mediar o efeito dos sistemas sociais e estruturas culturais e a agência pessoal e os cursos de ação, especificamente no que diz respeito às relações interpessoais e às ocupações que buscam, mantêm ou abandonam.

33. Autores autobiográficos diferem em seus esquemas reflexivos na deliberação sobre o projeto de vida e a construção da carreira.

34. Quatro esquemas reflexivos distintos produzem quatro diferentes estratégias para formar uma identidade vocacional e lidar com questões de carreira.

35. A partir do final da adolescência, os indivíduos dão sentido à sua vida de trabalho ao conceber uma identidade vocacional e compor uma história de carreira com um enredo ocupacional e um tema de carreira.

36. Uma história de carreira pode ser tão simples quanto um currículo, relatando uma linha de tempo das posições ocupadas.

37. Histórias de carreira mais elaboradas adicionam um enredo aos eventos para formar um todo significativo, conectando posições e eventos em termos de causa e efeito.

38. A padronização temática do enredo profissional realiza plenamente uma história de carreira ao acrescentar um motivo dominante para explicar por que as coisas aconteceram, especificar os meios para satisfazer as necessidades, destacar padrões recorrentes do comportamento vocacional e roteirizar cenas futuras.

39. Os temas de carreira de uma pessoa podem ser reconhecidos como uma instância individual do paradigma narrativo, ou seja, um padrão geral de passagem de passivo para ativo.

40. Embora as identidades vocacionais se tornem cada vez mais estáveis e as histórias de carreira se tornem mais coerentes a partir do final da adolescência,

proporcionando alguma continuidade na escolha e ajustamento, os enredos ocupacionais e os temas de carreira evoluem e podem mudar com o tempo e a experiência, à medida em que as situações em que as pessoas vivem e trabalham mudam.

41. Em resposta às mudanças provocadas por tarefas de desenvolvimento, transições profissionais e problemas laborais, autores autobiográficos redefinem enredos profissionais e estendem ou alteram temas de carreira para redirecionar ou revisar suas histórias de carreira de forma a reintegrar o self, revitalizar a identidade vocacional e reconstruir atividades de trabalho.

42. Uma história elaborada ou revisada destinada a direcionar a transição para uma nova cena, episódio ou capítulo de uma carreira, tanto é construída pela pessoa quanto é construtora de comportamento futuro.

43. Recontar as narrativas empodera os indivíduos como agentes motivados para realizarem escolhas e adaptarem-se a contextos de carreira e situações ocupacionais mutantes.

44. Em contraste marcante com orientação vocacional e educação de carreira, os diálogos da construção de carreira focam na singularidade do indivíduo para levar os autores autobiográficos a transformar reflexivamente os temas de carreira e estender seus enredos ocupacionais, identificando contextos adequados, roteiros possíveis e cenários futuros.

45. O discurso do Aconselhamento da Construção de Carreira propõe que a orientação vocacional e a educação para a carreira fomentem a *reflexão* dentro da perspectiva atual que pode levar a pequenas mudanças de primeira ordem; enquanto os diálogos da construção de carreira promovem a *reflexividade* a partir de novas perspectivas que podem levar a uma mudança transformadora de segunda ordem.

Anexo B

Inventários, Testes e Técnicas utilizadas no Estudo

Differential Aptitude Test (Teste de Aptidões Diferenciais)

Bennett, G. K., Seashore, H. G., & Wesman, A. (1966). *Differential Aptitude Tests fourth edition manual*. New York: The Psychological Corporation.

Bateria de testes projetados para medir oito habilidades diferentes entre alunos do oitavo ao décimo segundo ano. Os três testes usados neste estudo mediram o raciocínio abstrato, o raciocínio numérico e o raciocínio verbal. O teste de Raciocínio Abstrato- Forma A, consiste em 50 séries de formas geométricas mutáveis que medem o raciocínio sem o uso de palavras, fazendo com que os sujeitos identifiquem o princípio subjacente a cada série de formas. O teste de Habilidade Numérica – Forma A, consiste em 40 cálculos aritméticos que medem a compreensão das relações numéricas e a facilidade no manuseio de conceitos numéricos. O teste de Raciocínio Verbal – Forma A, consiste em 50 analogias verbais que medem a capacidade de pensar em palavras e formar generalizações.

Dynamic Personality Inventory (Inventário Dinâmico de Personalidade)

Grygier, T.G. (1976). Dynamic Personality Inventory. Londres, Inglaterra: National Foundation for Educational Research.

Mede a organização da personalidade em termos de desenvolvimento, seguindo a estrutura psicanalítica concebida por Karl Abraham e elaborada por M. H. Krout e J. Tabin no Chicago Psychological Institute. Originalmente chamada de Krout-Tabinn Personal Preference (Escala de Preferências Pessoais de Krout-Tabinn) (1951), foi revisada por Grygier em 1956 e novamente em 1976. Projetado para uso com aprendizes e candidatos a funcionários com 15 anos ou mais, consiste em 325 itens que incluem objetos, conceitos e atividades às quais o indivíduo responde "gosto" ou "não gosto". Os itens são pontuados em 33 escalas que medem mecanismos de defesa, força do ego, interesses e sublimações.

Kuder Preference Record Vocational (Kuder - Inventário de Interesses)*

Kuder, F. (1956). *Kuder Preference Record Vocational Form CH – Sixth Edition*. Chicago, IL: Science Research Associates

Mede preferências por atividades vocacionais em dez áreas amplas: ar livre, mecânica, computacional, científica, persuasiva, artística, literária, musical, serviço social e administrativo. É composto por 168 itens, cada um contendo um grupo de três atividades. De cada tríade de atividades, os indivíduos selecionam a atividade que mais gostam de fazer e a atividade que menos gostam de fazer. As pontuações para as dez escalas são ipsativas.

Minnesota Multiphasic Personality Inventory – 2 (Inventário Multifásico de Personalidade Minnesota) *

Butcher, J. N., Dahlstrom, W. G., Graham, J. R., Tellegen, A.M., & Kraemmer, B. (1989). The Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2 (MMPI-2) manual for administration and scoring. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.

Consiste em 567 itens de verdadeiro/falso que medem o estado psicológico de uma pessoa. Os itens podem ser pontuados por várias escalas clínicas que avaliam problemas de saúde mental, características de personalidade e traços gerais de personalidade. Os relatórios narrativos para cada participante foram preparados pelo Roche Psychiatric Service Institute.

Nelson-Denny Reading Test (Teste de Leitura Nelson-Denny)

Nelson, M. J., & Denny, E. C., & Brown, J. I. (1960). *The Nelson-Denny Reading Test Form A and B*. Boston: Houghton Mifflin Company.

Projetado para auxiliar no diagnóstico de dificuldades de leitura dos alunos. Consiste em duas partes: um teste de vocabulário de 100 palavras e um teste de capacidade de ler e compreender 9 parágrafos de aproximadamente 200 palavras.

Otis-Lennon Mental Ability Test - Fourth Edition (Teste de habilidade mental Ottis-Lennon – 4ª edição)

Otis, A. S., & Lennon, R. T. (1967). *Otis-Lennon Mental Ability Test technical handbook*. New York: Harcourt, Brace, & World.

Mede habilidade mental em estudantes de ensino médio utilizando questões de múltipla escolha sobre conteúdos variados.

Rotter Incomplete Sentences Blank (Frases Incompletas Rotter)

Rotter, J. B., & Rafferty, J. E. (1950). The Rotter Incomplete Sentences Blank. New York: The Psychological Corporation.

Uma técnica projetiva semiestruturada que pede aos respondentes que terminem 40 frases para as quais a primeira palavra ou palavras são fornecidas. O Rotter tem 40 frases a completar. Este estudo adicionou 17 frases destinadas a obter respostas orientadas para o trabalho. As frases adicionais são: minha maior ambição, minha família, a vida de uma pessoa, meus padrões, meus amigos, ganhar a vida, as pessoas pensam em mim, minha carreira, trabalho, admiro, sucesso, empregadores, a coisa principal na vida, escolher um emprego, professores, dinheiro, e eu sempre quis ser.

Strong Vocational Interest Blank – Revised (Interesses Vocacionais de Strong)

Strong, E. K., Jr. Campbell, D. P., Berdie, R. F., & Clark, K. E. *(1966). Strong* Vocational *Interest Blank for Men* (Form T399). Stanford, CA: Stanford University Press.

Utiliza 399 itens para medir similaridades com homens empregados em 130 ocupações diferentes.

Test of Mechanical Comprehension (Teste de Compreensão Mecânica)

Bennet, G. K. (1940). *Test of Mechanical Comprehension - Form AA*. New York: The Psychological Corporation.

Mede o reconhecimento e compreensão de forças físicas e elementos mecânicos em situações práticas. É composto por 60 itens, apresentados sem limite de tempo. A pontuação total é interpretada como quanta aptidão mecânica uma pessoa tem para uma ampla variedade de trabalhos, bem como para cursos de engenharia em faculdades e escolas de comércio.

Thematic Apperception Test (TAT - Teste de Apercepção Temática)**

Morgan, C. D, & Murray, H. A. (1943). Thematic Apperception Test. Cambridge, MA: Harvard University Press.

---

* *Os testes assinalados com asterico possuem versões brasileiras e/ou portuguesas. No Brasil sugere-se consultar a lista de testes favoráveis pela avalição do Conselho Federal de Psicologia, para obter um parecer atualizado de cada instrumento.*

Uma técnica projetiva para estudar a dinâmica da personalidade manifestada nas relações interpessoais. É composto por 31 imagens que apresentam uma cena semi-estruturada, suficientemente ambígua e com ação mal definida para exigir que os entrevistados se projetem na situação e a moldem de acordo com suas próprias necessidades e medos. O T.A.T. é projetado para trazer à tona as necessidades, esforços e pressões ambientais sentidas por um indivíduo. Na nona série, os participantes responderam a 16 cartões : 1, 2, 3BM, 4, 5, 6BM, 7BM, 8BM, 9BM, 10, 12BG, 13B, 14, 16, 20, 17BM. Na décima segunda série, os participantes responderam a cinco cartões: 2, 6BM, 7BM, 14 e 17BM. Aos 38 anos, os participantes responderam a 10 cartões 1, 3BM, 4, 6BM, 7BM, 8BM, 9BM, 13B, 14 e 17BM.

Work Values Inventory (Inventário de Valores do Trabalho)

Super, D. E. (1970). *Work Values Inventory*. Boston: Houghton-Mifflin.

Mede a força de 15 valores que afetam a motivação para o trabalho. As 15 escalas estão agrupadas em três categorias. Os cinco valores intrínsecos ao trabalho são criatividade, estética, estímulo intelectual, gestão e variedade. Os cinco valores conceituados como resultados do trabalho são realização, altruísmo, retorno econômico, prestígio e segurança. Os cinco valores vistos como concomitantes ao trabalho são as associações, a independência, as relações de supervisão, o entorno e o estilo de vida.

Glossário de termos-chave

AUTOBIOGRAFIA História de vida que atribui significado presente a experiências passadas.

BIOGRAFICIDADE Processo autorreferencial pelo qual os indivíduos organizam e integram experiências novas e às vezes intrigantes em suas autobiografias.

CONSTRUÇÃO DE CARREIRA Intervenção de aconselhamento de carreira que usa narrativas autobiográficas para roteirizar o próximo episódio de uma carreira. Compare com *educação para a carreira* e *orientação profissional*.

EDUCAÇÃO PARA A CARREIRA Intervenção em aconselhamento de carreira que utiliza métodos educacionais para ensinar e orientar indivíduos sobre como lidar com tarefas iminentes de desenvolvimento vocacional. Compare com *construção de carreira* e *orientação vocacional*.

CRÔNICA Sequência de eventos organizados pelo tempo que simplesmente termina, sem fechamento narrativo. Compare com *enredo*.

ACONSELHAMENTO Diálogo entre um indivíduo e um profissional de ajuda para capacitar esse indivíduo a funcionar de forma mais eficaz e alcançar objetivos.

ELABORAÇÃO DO ENREDO (EMPLOTMENT) Arranjo de diversos incidentes e diferentes episódios em um todo que impõe significado às partes.

IDENTIFICAÇÃO Forma de internalização na qual as características dos modelos são assumidas e incorporadas como parte da personalidade. Compare com *influências*.

IDENTIDADE Uma história que um indivíduo conta sobre si mesmo em algum papel ou contexto social.

INFLUÊNCIAS Forma de internalização em que os guias parentais são tomados em sua totalidade e introjetados na personalidade. Compare com a *identificação*.

INTERESSE Estado de tensão psicossocial entre as necessidades de um indivíduo e as oportunidades sociais para atingir metas que satisfaçam essas necessidades.

RETRATO DE VIDA Macronarrativa que organiza a perspectiva do cliente, autoconceitos, cenários preferidos, roteiro e conselhos para si mesmo em um retrato do enredo ocupacional, tema de carreira e arco de personagem.

MACRONARRATIVA Identidade narrativa que integra várias pequenas histórias em uma grande história que consolida autocompreensão, objetivos e desempenho em papéis sociais.

MICRONARRATIVA Pequena história sobre um incidente importante, figura significativa, momento de autodefinição ou experiência de mudança de vida.

IDENTIDADE NARRATIVA Uma autobiografia que dá sentido e propósito à vida.

ENREDO (PLOT) Explicações e finais que estruturam uma sequência de eventos em um todo coerente com começo, meio e fim. O final ou conclusão traz o fechamento narrativo que falta em uma crônica.

REFLEXÃO Pensamento sobre o passado e focando seriamente em memórias, experiências e cognições. É retrospectivo e traz o passado para o presente. Compare com *reflexividade*.

REFLEXIVIDADE Um processo cognitivo de segunda ordem de forte avaliação, isto é, avaliação autoconsciente do conhecimento consciente para determinar formas alternativas de agir no futuro. É prospectiva e conecta o presente ao futuro ao refletir sobre reflexões. Compare com *reflexão*.

HISTÓRIA Organização de eventos em uma sequência.

TEMA Padrão tecido por uma ideia central recorrente que fornece a unidade primária de significado usada para entender os fatos de um enredo.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL Intervenção em aconselhamento de carreira que usa inventários e informações para combinar indivíduos com posições adequadas. Compare com *educação para a carreira* e *construção de carreira*.